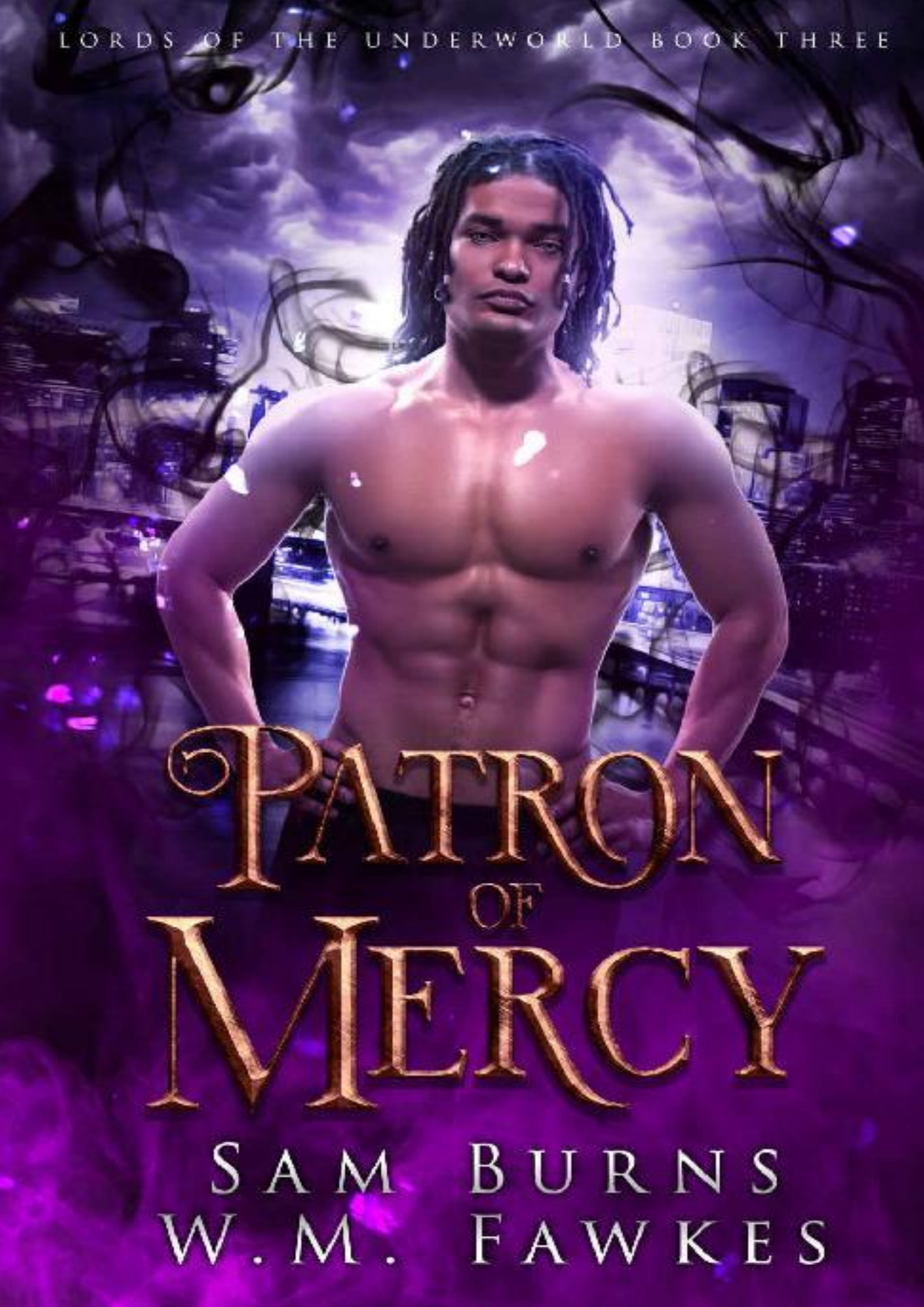
LORDS OF THE UNDERWORLD BOOK THREE



PATRON OF MERCY

SAM BURNS
W.M. FAWKES

Lords of the Underworld

Sam Burns & W.M. Fawkes

Staff

Revisão Inicial - Fanny Keepers
Revisão Final- Manon Crochan
Formatação - Nephrus

Lach passou os últimos milhares de anos contando apenas consigo mesmo. O que ele precisava, ele pegou. O que ele queria, ele ganhou com charme. Todos exceto um deus a quem ele deu as costas eras atrás, quando ele tinha um nome diferente e não sabia do que estava renunciando.

Thanos, deus da morte misericordioso, é um dos deuses mais gentis do panteão – facilitando a transição entre a vida e a morte para bilhões de mortais. Mas ele enfrentou uma eternidade solitária. Depois de ter seu coração quebrado pelo filho de um pescador, ele não conseguiu se conectar a mais ninguém.

Agora, Lach está voltando à vida de Thanos, arrastando-o para uma aventura que pode salvar o mundo... ou matar os dois.

Elenco e Glossário

Thanatos : Deus da morte misericordiosa.
Lach : Anteriormente Glaucus / Glaukos. Um humano antigo e imortal. Ocasionalmente confuso para um deus do mar. Na realidade, apenas um pirata do lixo.

Deuses

Charon: Ferryman para o submundo. Irmão de Thanatos.
Cronus: Titã, deus do tempo.
Dionísio: Deus do vinho e do teatro.
Eris: Deusa da discórdia. Irmã de Thanatos.
Gaia: Deusa titã da terra.
Hades: Deus do submundo
Hebe: Deusa da juventude. Filha de Zeus e Hera.
Hefesto: Deus do fogo e artesãos. Filho de Zeus e Hera.
Hera: Deusa do casamento. Rainha do Olimpo.
Hermes: Deus dos viajantes. Mensageiro. Filho de Zeus.
Hypnos: Deus do sono. Irmão de Thanatos.
Keres: Deusas da morte.
Nerites: Apenas Nereida. Consorte de Poseidon.
Perséfone: Deusa da primavera. Rainha do submundo.
Poseidon: Deus do mar.
Zeus: Deus do céu. Rei do Olimpo.

Outras

Alexia: mãe de Lach. *Falecido* .
Fidelis Filii: Os Filhos Fiéis. Culto.
Julian Bell: Vampiro e caçador da caça à cidade de Nova York.
Markos: pai de Lach. *Falecido* .
Martina Paget: Arqueóloga. Amigo de Lach.
Philon: O irmão mais novo de Lach. *Falecido* .

O chamado de deus

— Aqui estão os segredos que os deuses não querem que você saiba. Lach estava sentado no Hysteria às onze da manhã conversando com uma mulher atrás do bar que mal olhou para ele. Ela ainda tinha que dizer uma palavra.

Ele puxou a pistola de pederneira do coldre sob o paletó e a apoiou na madeira brilhante à sua frente. — Posso ter um desses? Ele perguntou, acenando para os lenços limpos do bar. Os caras dos guardanapos acabaram de deixar um lote novo na porta dos fundos.

Ela deu de ombros e jogou um para ele. Do bolso, ele pegou um pequeno kit de ferramentas e começou a limpá-lo. Uma pistola como a dele duraria a vida inteira, se bem cuidada, e dele durou muito.

— Obrigado. De qualquer forma, como eu estava dizendo, existem criaturas imortais em todo o mundo. Mas o que os deuses não lhe dirão é que se você matar um deles...

Dionísio se aproximou dele de algum lugar nas costas, apoiando os braços no bar.

— Cléo não está ouvindo você, disse ele, olhando de lado para Lach, um sorriso em seus lábios carnudos. Dionísio tinha um rosto amplo e franco. O ângulo de sua testa sempre apresentava um toque de desafio, e o brilho de seus olhos negros prometia muita diversão - ou loucura, dependendo do dia.

— Escute Dio, eu sei que você é um daqueles filhos de Zeus que querem nos deixar para baixo, mas você está me dizendo que não quer que Cléo aqui alcance a imortalidade? Você não a quer ao seu lado, espanando seus copos para sempre?

— Eu não quero que Cléo tenha uma ideia errada, saia e tente matar um Kere, e tenha a cabeça arrancada dos ombros. Largue a arma, Lach. Não é legal.

— Tenho todas as minhas autorizações, Dionísio. Enfim, isso é uma antiguidade.

— Não há transporte aberto em Washington, Lach. E eu não dou à mínima se é uma antiguidade. Meu bar, minhas regras.

Com um suspiro, Lach limpou o cano da pistola e a guardou novamente. Ele venceu um homem em um duelo, depois de atirar no peito do dono original e se afastar como o verdadeiro durão que ele era.

— Nem toda criatura imortal é horrível no nível Kere, você sabe, — disse Lach. Ele ganhou sua imortalidade em uma jogada tola para alimentar sua família. Depois de massacrar um dos bovinos premiados de Hélios, antes que as estradas pavimentadas fossem uma coisa, ele parou de envelhecer. Francamente, demorou um pouco para notar, mesmo com os olhares estranhos que ele tinha recebido de outros moradores. — Eu acho que você está acumulando recursos. Você sabe, isso é *exatamente* como você.

Dionísio riu alto. — Muito certo. — Ele acenou para Cléo. — O que você quer? Ele perguntou a Lach.

— Uísque duplo.

— São onze da manhã.

— Posso conseguir um triplo então? Um longo dia pela minha frente.

— Sem chance. Dionísio assinou algo para ela, e o estômago de Lach afundou enquanto observava os dedos do deus se moverem.

— Ela realmente não estava ouvindo.

— Ela realmente não estava. — Dionísio mal conteve sua risada. — Quero dizer, ela pode ler os lábios, mas Cléo, como quase todo mundo com bom senso, sabe que você é completamente cheio de merda. Não vale o esforço, realmente.

Cléo sorriu para ele e deu de ombros. Com uma mão firme, Dioniso bateu no ombro dele enquanto ela servia um uísque para ele e uma água para Dioniso.

— Como você chegou aqui? — Dionísio perguntou uma vez que ele tomou um gole. — Estamos fechados. Você sabe como o horário comercial funciona, certo?

Lach sorriu. Ele tinha o hábito de entrar em lugares onde não era permitido: templos antigos, hordas de dragões, boates fechadas. — Eu entrei pela porta dos fundos com o cara da lavanderia.

Dioniso olhou para ele. — Bem, você não mudou nada na última década. — Fazia tanto tempo que eles não se viam. Havia muito no mundo para cobrir, e Lach preferia o mar aberto a cidades que cresciam rápido demais para ele acompanhar. — O que você quer?

— Você pode fazer isso? — Lach perguntou. Dionísio levantou uma sobrancelha. — Você sabe, aquilo que você faz. Eu preciso entrar em contato com Hermes, e ele não atende o telefone.

— Ah, a *coisa*. Sim, claro.

Dionísio levantou-se, deu uma palmada no peito com o punho e limpou a garganta. — Hermes, — disse ele em voz baixa e estrondosa.

Ariadne, esposa de Dionísio, enfiou a cabeça pela porta do escritório. Ela tinha pele marrom clara e olhos escuros que nadavam de desejo enquanto olhava para o marido. — Você parece o Morgan Freeman, — disse ela.

— Morgan Freeman não se pareceria com ele? — Lach perguntou. — Dio é muito mais velho.

— Não, — disse Ariadne.

— Definitivamente não. Respeito ao mestre - concordou Dioniso, beijando os dedos e segurando-os.

Alguns segundos, eles esperaram, mas Hermes não veio. Todos os olímpicos poderiam chamá-lo - que tipo de deus mensageiro ele seria se não pudessem entrar em contato com ele? Era uma modulação em suas gargantas, um poder em seu sangue. Lach teve que confiar no celular e no rádio frequentemente irregular quando estava no mar.

— Eu não o vi por aí ultimamente. Ele está evitando o pai. Vou tentar de novo — disse Dioniso. — Hermes, — ele chamou.

Quando a segunda sílaba saiu de seus lábios, Ariadne deslizou até ele e passou os braços em volta do pescoço de Dionísio. Ela o puxou para um beijo - o tipo de beijo que era como um acidente - um acidente *sexy* - que você não podia deixar de encarar. Lach viu muito mais línguas deles do que ele desejaria.

De repente, Hermes estava lá. Ele gemeu, jogando a mão sobre os olhos. — Por favor, me diga que você não me chamou aqui porque está se sentindo voyeurista.

Dionísio e Ariadne não se separaram do beijo ardente, então Lach se inclinou ao redor deles e levantou a mão. — Não. Na verdade, você está aqui por mim. Eu preciso de você.

— Você Lach? — Os brilhantes olhos azuis de Hermes ficaram avaliando. Ele foi cortado do mesmo tecido que Zeus - com cabelos dourados e olhos como o céu. A maioria de seus filhos era parecida, como homenzinhos de gengibre, todos com a mesma forma, mas com pequenas variações no cozimento.

— Eu preciso falar com Thanatos.— Imediatamente, o vento saiu do deus. Hermes tinha uma certa reputação. Se alguém dizia que precisava dele, geralmente o pegava - não que Lach estivesse julgando. Definitivamente havia algum tipo de apelo em viver assim. Até o momento em que percebeu que tinha três mil anos e completamente sozinho.

Ariadne empurrou Dionísio para dentro do bar. Levantando as sobrancelhas, Cléo olhou para os dois.

— Por que vocês dois pombinhos não vão para o escritório? — Lach sugeriu.

Tudo o que recebeu em troca foi um grunhido, mas eles arrastaram os pés, quadris esbarrando em banquetas enquanto se dirigiam para a sala dos fundos.

Cléo olhou para Hermes e levantou uma sobrancelha. Ela sinalizou para ele. Sem hesitar, ele sinalizou de volta. Alguns deuses, aqueles mais conectados com a humanidade, aprendem idiomas rapidamente. Para Lach, sempre foi a parte mais difícil de ser imortal. Ele passou do grego antigo para os nórdicos. Houve um tempo em que, navegando no Atlântico, tinha interesse em aprender francês. Mas as línguas vieram mais lentas para ele - apenas de outra maneira ele não era tão bom quanto os deuses ao seu redor.

Lach não era um deus, mas outra coisa. Ele tinha a imortalidade - e a considerável proeza - de uma vaca, comprada por acidente. Poseidon havia mostrado ao mundo que pessoas como ele poderiam morrer. Homens do barco de Odisseu também mataram o gado de Hélios e, quando o navio afundou em uma tempestade, Poseidon os separou. Lach tinha feito um sólido ao deus do mar, então ele voltou para a costa quando Hélios pretendia matá-lo. Era isso - o acaso e a misericórdia de deuses divertidos mantinham Lach vivo.

Isso não os fez gostar dele - ele quebrou as regras sem se curvar para Zeus ou outro deus luxurioso - e não havia muitos humanos imortais para lhe fazer companhia. A maioria dos mortais tinha mais problemas do que valia.

Cléo colocou um Sprite na frente de Hermes e se afastou deles para reabastecer as prateleiras com licor o suficiente para levá-las ao fim de semana. Deixado por conta própria, Hermes apoiou o cotovelo no balcão e virou-se para olhar para Lach.

— Ok, você sabe que eu gosto de você, Lach, mas uh, Thanatos não vai querer falar com você.

Não há surpresas lá. Francamente, se suas posições fossem trocadas, Lach teria navegado para o outro lado do globo para se afastar de Thanatos. Inferno, ele praticamente sabia, embora isso fosse apenas porque ele era um pedaço de merda que não sabia o que tinha até que ele a perdeu. Ok, e então ele envelheceu alguns milhares de anos. Até o maior imbecil do mundo tem uma pequena perspectiva ao longo de milênios - Lach saberia.

— Eu sei. Mas é vida e morte.

Hermes olhou para ele como se ele tivesse enlouquecido.

— Estou falando sério — insistiu Lach. — Eu preciso da ajuda de Thanatos, ou muitas pessoas vão morrer.

— Você perdeu completamente o juízo, — disse Hermes. — Honestamente, você está sentado aqui em uma boate, bebendo durante o dia, e acha que vou comprar que o destino do mundo depende de mim para ligar para o seu ex? Ele está ocupado, Glaucus.

O último, Hermes disse gentilmente. Quase ninguém mais o chamava assim. Hermes queria dizer que ele estava falando com o homem que Lach tinha sido, aquele que cometera mais erros do que um hecatoncherie[1] poderia contar com todas as suas mãos. Um homem que não merecia chamar Thanatos.

— Ele ficará muito mais ocupado se todos morrerem.

— Faça as contas nessa, amigo. Só por um momento. Você ficaria surpreso com quantos espíritos Charon pode colocar no trem de cada vez.

Lach olhou para ele. — Seriamente? Deuses, você é um idiota.

Não era especialmente divino dar uma merda quando os mortais estavam em perigo, mas Lach estava no limite aqui, e ele fez promessas.

— Me dê seu maldito telefone chique — disse Lach, estendendo a mão.

Hermes revirou os olhos quando ele tirou do bolso. — Você precisa ter seu próprio smartphone, Lach. Isso não é mil novecentos e noventa.

— Meu telefone funciona bem.

A contragosto, Hermes ignorou. Não foi preciso mais do que uma pesquisa superficial da NPR para encontrar o problema - era primavera e as plantas não estavam crescendo. As árvores estavam florescendo fracamente, mas as plantas que voltavam todos os anos, não estavam e os agricultores tinham que semear em solo argiloso, que alimentava pessoas e animais.

— Ok, há uma seca. Isso não é... Hermes parou quando Lach pegou o telefone de volta. Ele procurou a BBC em seguida. O problema não estava apenas nos Estados Unidos. Foi global. Nada estava crescendo em qualquer lugar que deveria estar. Ele empurrou o telefone de volta para Hermes.

— É um padrão. E é divino. Eu tenho uma maneira de consertar isso, mas preciso falar com Thanatos. Você pode dizer isso a ele?

Hermes estava olhando para o rosto de uma garotinha no meio de um artigo. Magro e oco nas bochechas, seus olhos luminosos pareciam enormes. Ele durou menos de dez segundos antes de se encolher e enfiar o telefone de volta no bolso.

---

1  Hecatoncherie; na mitologia significa “aquele de cem mãos”

— Bem. Bem. — Hermes terminou sua bebida. — Vou dizer ao deus da morte que a humanidade está condenada se ele não falar com o ex. Isso está indo muito bem. Muito prazer em vê-lo, Lach. Verdadeiramente.

Pela primeira vez, Hermes não saiu correndo, mas arrastou os pés em direção à saída.

— Você é o melhor, Hermes, — Lach chamou atrás dele. Hermes acenou com a mão e deslizou pelas costas.

Sozinho com Cléo, Lach era o único que podia ouvir os sons abafados vindos do escritório do clube, mas não havia nada a fazer além de sentar e esperar.

Quando ele levantou a mão, Cléo virou-se para olhá-lo. — Posso pegar outro?

Ela olhou para ele como, apesar do fato de que eles não se conheciam, ela podia ver a merda rolando sobre ele em ondas. Mas ela serviu outra dose. Se Thanatos aparecesse, ele poderia precisar de um pouco de coragem líquida de qualquer maneira.

— Obrigado, — disse ele, as pontas dos dedos nos lábios. Ele estendeu a mão. Até Lach sabia disso.

Cléo deu um sinal de positivo e ele se acomodou para esperar.

Amor fraternal

O cara continua gritando: 'Você sabe quem eu sou?' e tentando entrar na minha cara. — Charon revirou os olhos enquanto mordia seu sanduíche e nem engoliu em seco antes de continuar falando. — Até que essa garotinha que morreu em um tiroteio, talvez com doze anos de idade, caminhe e diga 'eu sei quem você é' e dê um tapa na cara dele.

Thanatos estava agradecido todos os dias por ser o deus da morte misericordiosa. Tantas almas que ele recuperou estavam em paz. Alguns ficaram satisfeitos em ir com ele. Homens velhos irritados e crianças com ferimentos a bala não eram o seu tipo de acusação. Como o barqueiro que levou almas para Hades, seu irmão Charon teve que lidar com todos os mortos, não apenas com aquelas almas pacíficas que Thanatos lhe entregou.

— Você está bem? — Charon perguntou com outra boca cheia de almôndegas e queijo. — Você está mais quieto do que o habitual hoje.

Thanatos encolheu os ombros. — Parece um ano ruim, é tudo.

Charon se encolheu e assentiu, seu olhar flutuando no chão do trem. As pessoas iam e vinham enquanto comiam juntas, e Charon as dirigia com a praticidade de um homem que lidava com mais de cem mil passageiros por dia. Thanatos não sabia como ele conseguia.

Beber parecia figurar fortemente na equação.

Eles comeram em silêncio por alguns minutos, e Charon parecia ter coragem de dizer alguma coisa. Ele foi interrompido quando uma presença mais forte do que um dos espíritos dos que partiram embarcou no trem. Eles olharam ao mesmo tempo para encontrar um Hermes apreensivo.

— Heeey, pessoal. Gostaria de encontrar vocês juntos assim. Ele se contorceu sob a atenção deles, batendo um pé. Parecia que ele estava pensando em fugir.

Charon tomou um gole e pigarreou. — O que você precisa, Hermes? De volta às boas graças do papai e está aqui para exigir uma contabilidade?

Os olhos de Hermes se arregalaram e ele balançou a cabeça enfaticamente. — Não! Nada como isso. Eu e o velho, totalmente quietos. Ele ficou furioso com a Olympus, como se tivessem cancelado seu programa de TV favorito.

Thanatos ignorou Hermes em favor de assistir seu irmão. — Uma contabilidade de quê?

Os olhos de Charon se afastaram do encontro dos dele, então ele olhou para Hermes e levantou uma sobrancelha.

— Ei, não atire no mensageiro, certo? — Hermes perguntou, mãos levantadas em súplica. Ele sempre estava um pouco escorregadio, mas estava agindo de maneira mais nervosa do que o normal.

Thanatos o esperava, observando, aquela única sobrancelha levantada.

Depois de um momento, o deus mais jovem suspirou, colocou-se frustrado. — Charon absolutamente não me ajudou a libertar Prometeu da prisão. Ele nunca iria irritar Zeus assim. Está tudo em mim. Ele suspirou e murmurou baixinho: — Como todo o resto ultimamente.

Thanatos virou-se, os olhos arregalados, para exigir mais informações de seu irmão, mas Hermes interrompeu.

— Olha, eu tenho certeza que vocês têm muitas coisas para discutir, mas eu realmente preciso transmitir uma mensagem, — disse ele quando chegou à frente de Thanatos. Fora de alcance, ele observou distraidamente, caso ele se irritasse e agarrasse Hermes.

Ele franziu o cenho para isso. Quão ruim poderia ser a mensagem: ele esperava que Thanatos, de todas as pessoas, o atacasse? Entre seus companheiros deuses, Thanatos gostava de pensar que ele tinha a reputação menos violenta. Quando o silêncio se arrastou por mais de um minuto, ele suspirou e rolou a mão em um movimento circular. — Bem? Que mensagem?

Hermes respirou fundo. — Lach quer vê-lo e ele tem uma boa razão, então eu acho que você deveria ir, embora tenha certeza de que não vai querer e isso é totalmente compreensível da sua parte, mas...

Thanatos levantou a mão no sinal universal para parar Hermes. — Quem é Lach?

Ao lado dele, Charon soltou um som de raiva que era quase um rosnado. — Absolutamente, porra, não.

Thanatos olhou para o irmão. — Lach?

Mais uma vez, seu irmão não encontrou seu olhar.

— Glaucus, — interrompeu Hermes. — É o que Glaucus se chama agora.

Parecia impossível que, depois de tantos anos, esse nome ainda tivesse a capacidade de fazer Thanatos sentir como se tivesse sido atingido no plexo solar. O ar o deixou e o ichor em suas veias correu em seus ouvidos, alto o suficiente para abafar o barulho do trem ao seu redor.

A lembrança da última vez que vira o dono desse nome voltava com imagens brilhantes e raivosas, desgastadas e desbotadas nas bordas, mas não menos dolorosa por esse fato.

Sou imortal, Thanatos. Por que eu me amarraria à morte?

Aquela voz doce vomitando aquelas palavras venenosas; todas as inseguranças de Thanatos se resumiam em uma única pergunta. Por que, de fato, alguém iria querer se vincular à personificação da morte?

Hermes guiou as almas, mas ele era um mensageiro.

Charon transportou os mortos, mas não era nada além de um emprego para ele.

Thanatos era, inquestionavelmente e incontroversa, a própria morte. Ninguém iria querer amarrar-se a ele por muito tempo. Eles sempre se lembrariam do que ele era e, como Glaucus, o deixariam em paz. Seu doce, bonito e dourado Glaucus. Mas não dele. Não mais. Talvez nunca tivesse sido.

Nos milhares de anos desde que vira Glaucus pela última vez, tentara mais algumas vezes estabelecer um vínculo com outra pessoa, mas todos acabaram saindo. Ninguém o havia destruído tão completamente quanto Glaucus. Ele não achava que já havia conseguido juntar seu coração novamente o suficiente para ser quebrado novamente.

—... Você me ouviu, Hermes? — Charon estava dizendo, quase gritando - um comportamento excepcionalmente estranho de seu irmão. — Depois do que aquele idiota fez da última vez, ele não tem o direito de pedir nada.

Hermes não pareceu surpreso, apenas se resignou ao abuso, e foi isso que chamou a atenção de Thanatos de volta à situação em questão. Hermes era um bastardo manipulador, mas não era como Zeus. O modo oprimido de aceitar a raiva de Charon machucou Thanatos quase fisicamente. Como se ele pensasse que merecia.

— Charon— , Thanatos interrompeu.

Seu irmão girou para olhá-lo, olhos arregalados e brilhantes. — Não. Absolutamente não. Você se lembra do que essa bunda fez com você na última vez em que o deixou entrar?

— Eu faço.

— Eu estava pegando as peças por um século, Thanatos. Eu não vou deixar ele...

— Charon.

— Não!

Thanatos se levantou e colocou as mãos nos ombros do irmão. — Compreendo. Me desculpe, eu me apoiei tanto em você...

— Esse não é o problema

Ele tirou a mão direita do ombro de Charon e colocou um dedo nos lábios para interromper o fluxo de palavras. — Eu sei. Você é um bom irmão. Agradeço por você tentar me ajudar. Você não pode saber o quanto eu aprecio você. Mas Hermes não veio até aqui para me perguntar se isso não fosse importante.

— Isso é verdade — disse Hermes, sua voz esperançosa. Thanatos não sabia se a esperança era de afirmação ou não mais gritar, mas também fazia sentido. Com o pai e madrasta que ele tinha, Hermes certamente lidara com mais do que sua parcela de gritos. Quando Charon se virou para ele, ele se encolheu. Mas então ele respirou fundo, fortaleceu-se e, quando falou, sua voz estava mais forte. — Ele diz que tem uma maneira de consertar o que está acontecendo. Com as plantas. E como, hum, as pessoas estão indo . Morrendo de fome?

Hermes parecia confuso, como se não tivesse certeza do que ele queria dizer, ou se tivesse sido, não sabia por que. O deus mensageiro não era bem conhecido por sua caridade, então Thanatos entendeu sua confusão.

Depois de uma longa pausa, Hermes suspirou. — Olha, ele me mostrou essas fotos, e havia uma garotinha com grandes olhos castanhos, e quem diabos pode dizer não às crianças? Ela estava com fome, e imaginei se você poderia ajudá-lo a alimentá-la ou algo assim . — Ele levantou as mãos e se virou. — É isso aí. Eu disse que diria que ele quer vê-lo. Ele está no clube de Dionísio em DC. A decisão é sua se você deixar a criança morrer de fome. Não cabe a mim.

Ele saiu do trem no instante em que as portas se abriram, voltou um momento depois, bufando. —Muito engraçado, Charon, deixando-me entrar no Hades. Eu preciso voltar ao mundo superior. Tenho trabalho a fazer.

Charon deu de ombros indiferentemente, mas não disse nada. Ele ainda estava fazendo beicinho. Hermes se jogou em um assento voltado para eles, também fazendo beicinho.

Como sempre, de alguma forma, coube a Thanatos agir como o único adulto de um grupo de imortais antigos. Ele cutucou o sanduíche esquecido na direção de seu irmão. — Coma seu almoço.

AINDA ESTAVA CLARO quando ele chegou à Hysteria. Hermes não tinha dito nada sobre ir em um determinado momento. Glaucus - Lach - provavelmente estava do lado de dentro, agindo ridículo, parecendo bonito e impossível e como a coisa mais frustrante que Thanatos já conhecera.

Ele ficou lá e viu o sol se pôr.

As pessoas iam e vinham, e uma longa fila se formou ao redor do clube. As pessoas olhavam para ele e um ou dois tentavam falar com ele, mas ele não prestou muita atenção.

Toda vez que a porta se abria, ele ficava tenso, como se Lach fosse sair e imediatamente rasgar seu coração novamente. Ele poderia fazer isso? Thanatos era tão fraco?

Ele não podia sair. Massas de vidas estavam em jogo. Talvez eles não morressem imediatamente, mas os de curta duração não foram especialmente pensados para o futuro. Se as colheitas não crescessem em lugar nenhum por uma estação inteira, elas começariam a morrer de fome. Atingiria os pobres primeiro, as pessoas menos capazes de cuidar de si mesmas. Eles podem ter alguns meses, mas isso se move rapidamente. Se eles não fizessem nada, quando começassem a perceber, seria tarde demais. Ele não era o tipo de deus que poderia ignorar esse tipo de sofrimento.

Ainda...

— Eu sabia que você viria, — disse uma voz do nada. Aquela voz. Cheio de tanta autoconfiança e desprezo, como se tudo saísse de sua boca era uma piada às custas de outra pessoa. Thanatos sempre achou isso encantador, até que ele tinha sido a piada. — Que tal uma bebida?

Ele girou para olhar Glaucus - para Lach - e estreitou os olhos, recusando-se a reconhecer como os milênios haviam sido gentis com seu antigo amor. Ele engordou quilos de músculo, deixando-o menos magro e mais esguio. Ele era um pouco mais amplo, mas nada próximo de volumoso. Aquelas maçãs do rosto afiadas eram as mesmas. A boca larga, posta em um sorriso arrogante constante. Aqueles lábios perfeitos que tinham tomado os seus, sempre tão exigentes, como nenhum outro mortal jamais conhecera.

Ele balançou a cabeça, tentando limpar a névoa que sempre descia quando se envolvia nas lembranças desse homem, que tornara sua vida incrível por alguns anos e depois infeliz por muito mais tempo. Lembrando que Lach o estava observando, ele endireitou a coluna e tentou agir sem ser afetado. — Se isso é exatamente o que você acha que pode me manipular, eu vou embora.

Movendo-se mais rápido do que Thanatos teria pensado possível, Lach ficou na frente dele. — Sem bebida então? Que tal, ah, pizza? Eu conheço um lugar.

— Eu não estou aqui para comer. — Lach suspirou e se inclinou para frente, as olheiras sob seus olhos de repente muito mais proeminentes. — Apenas venha comer a pizza. Eu juro, vou lhe contar tudo.

Pizza Parley

Lach estava sentado sob uma luz forte em um banco de plástico em uma pizzaria suja a alguns quarteirões de distância do Hysteria. Não havia lhe ocorrido até chegarem lá que, embora ele não tivesse mais idéia do que Thanatos mais gostava, ele tinha certeza de que não era isso.

De alguma forma, ele sempre imaginou que sua reunião com Thanatos seria algo mais. Ele havia fantasiado sobre uma batida de lábios e membros emaranhados - sobre gritos e olhares ofensivos e um ar de queixas que envergonharia o Festivus dos Costanzas[2]. Ele esperava paixão ou raiva ou *algo assim* .

Em vez disso, eles se sentaram com pratos de papel em uma mesa que claramente não haviam sido varridos desde os últimos clientes, e nenhum deles disse nada. Thanatos pegou o porta-guardanapos, retirando guardanapos de papel pardo e esfregando a graxa de sua única fatia de vegetais.

— Oh, vamos lá agora — disse Lach, mudando de posição. — Essa é a melhor parte.

Thanatos lançou-lhe um olhar seco. Murchando, Lach pensou em encher o próprio rosto pela distração. Ele foi tão longe a ponto de pegar sua pizza antes de colocá-la novamente. Ele não estava lá para se esconder de Thanatos, e só tinha passado muito tempo antes que a paciência do deus com ele desaparecesse.

— Então, como você está? — ele perguntou. — Você está bem? Você parece bem.

— Glaucus.

— Hum, Lach. Agora é Lach. Se você quiser me chamar de Glaucus... - Teria ficado bem. Não era sua preferência. Seu nome próprio lembrava sua família, o mundo que estava perdido para sempre. E apenas os gregos pronunciaram certo de qualquer maneira. Mas Thanatos era grego, e ouvi-lo lembrou Lach do jeito que ele costumava dizer - quando ele gostava dele.

---

[2]Festivus dos Constanzas; aqui ele se refere a uma comemoração num episódio da série americana Seinfeld.

Lach ficou em silêncio enquanto observava a língua de Thanatos pressionar a parte interna de sua bochecha. Thanatos nunca tinha sido cruel, mesmo quando ele merecia; ele só podia imaginar as coisas que Thanatos estava pensando agora.

— Eu posso ver por que você prefere Glaucus. — Não houve mordida em suas palavras, mas um calafrio profundo se instalou no peito de Lach na entrega plana de Thanatos.

— Uh, bem, sim. — Seu dedo pressionou a borda do prato de papel, alisando as bordas recortadas. — Depois que deixei a Grécia, viajei para o norte. Passei algum tempo com os nórdicos. Naveguei para a Grã-Bretanha. Lach apenas trabalhou melhor lá, não um nome incomum, e eu...

— Lach.

— Sim?

— Eu não ligo.

O nariz de Lach se alargou quando ele respirou fundo. Debaixo da mesa, ele juntou as mãos entre os joelhos. — OK. Justo.

Ele não ficou surpreso. A última vez que se viram havia sido há tanto tempo, e embora o peso da culpa e da perda nunca tivesse desaparecido dele, não havia motivo para Thanatos ainda pensar nele. Lach não tinha queimado aquela ponte; ele o bombardeou e deixou uma cratera fumegante em seu rastro. E ele sabia exatamente o que estava fazendo como tinha feito. Thanatos não deveria ter perdido tempo pensando em um humano imortal arrogante que o machucara de propósito.

Ainda doía ouvir isso. Sua língua estava seca na boca. Sem saber como acompanhar, ele ficou quieto até Thanatos lhe atirar um osso. Ele ainda era tão generoso, pelo menos.

— Hermes disse que você tinha algo importante para me dizer, algo que pode ajudar as pessoas.

— Sim. — Lach olhou para sua pizza, glória gordurosa e tudo, e percebeu que não queria comê-la. Ele empurrou o prato em direção ao meio da mesa e se inclinou para frente nos cotovelos. — Nada está crescendo.

— Perséfone volta na primavera, e Demeter garante que as plantas cresçam para que os humanos não passem fome. Este é o acordo.

Lach levantou uma sobrancelha. Os seres humanos morriam de fome o tempo todo, em todo o lugar. Mas ele supôs que não era culpa de Demeter. Os seres humanos eram perfeitamente capazes de se machucar. Havia muita comida para passear, mas alguns lugares tinham muito e desperdiçavam, e outros não tinham o suficiente.

— Não sei o que lhe dizer. Talvez ela não esteja tão feliz em ver sua filha como costumava estar. Mas ela está se adaptando e, se nada começar a crescer, em alguns meses, as pessoas vão começar a morrer.

— E você tem alguma maneira de fazer as culturas crescerem? — Thanatos perguntou.

É certo que Lach não era conhecido por suas proezas agrícolas.

Lach passou a língua na ponta dos dentes, recostou-se e encolheu os ombros. — Não exatamente. Gaia disse que precisamos da foice de Cronus. Com seu poder, as mudanças de humor de Demeter não importariam.

— Ainda trabalhando para Gaia, hein? — Thanatos perguntou. Ele também se afastou da pizza intocada. — É bom saber que existem alguns relacionamentos que você pode manter para sempre.

Lach se encolheu. Francamente, manter um relacionamento com Gaia era fácil; ela não se importava com ele. Ela falava com ele, às vezes a cada poucos meses, às vezes com décadas entre as reuniões, e solicitava alguma coisa. Depois disso, foi uma troca simples. Ela daria riquezas a ele e Lach executaria suas tarefas. Era sempre estranho ter uma deusa falando de repente em sua cabeça, mas ele se adaptou. Havia algo libertador sobre isso, como se ela não estivesse *realmente* lá, então ele não podia *realmente* decepcioná-la. Nem uma vez em três mil anos ela perguntou como estava indo o seu dia.

— Bem, sim. Aí está - disse Lach, forçando um sorriso como se fosse uma piada. Thanatos não sorriu.

— Ainda não vejo o que isso tem a ver comigo. Por que você não perguntou a Hermes?

— Ele está fugindo.

Thanatos levantou a sobrancelha. — Não impediu você de enviá-lo para mim.

— E ele não conhece o submundo tão bem quanto você. Confie em mim - por acaso - eu perguntei. Ele disse que não sabia onde Hades mantinha Cronus. Você não foi minha primeira escolha.

Bem, Lach sempre fora um mentiroso; Por que parar agora? Quando Gaia o chamou para isso, seu primeiro pensamento foi que ele poderia transformá-lo em uma desculpa para ver Thanatos. Era uma noção absurda, com certeza terminaria em nada além de mágoa, mas foi à primeira vez em milênios que Lach tinha um motivo para alcançar o submundo.

Thanatos zombou. — Você sempre foi um bajulador.

— Você queria que eu ligasse primeiro? — Lach perguntou. A dureza no olhar de Thanatos o fez se endireitar em seu assento.

— Não.

Lach sorriu. — Acho que não.

Nos séculos passados, ele estava no meio de cemitérios quando atracou em cidades portuárias. Com o passar dos anos, os poderes dos deuses diminuíram. Uma vez, que eles poderiam viajar para qualquer lugar com um pensamento. Com o tempo, eles foram relegados para seus próprios domínios. Mas Lach já havia chamado Thanatos em um cemitério, e ele veio imediatamente. Toda vez que Lach se demorava em um desde então, ele pensava em pronunciar seu nome, se perguntando se ele viria ou não se ele já sabia que Lach estava lá, pensando nele. Mas ele nunca teve coragem de chamar. Agora, ele tinha uma desculpa. Ele duvidava que Thanatos viesse buscá-lo, mas, para o bem da humanidade, Lach esperava que ele aparecesse.

Inferno, mesmo naquele dia, mesmo com uma desculpa pronta, ele pensou que Thanatos não poderia vir. Lach ficou sentado no balcão do Hysteria por horas, até ficar bêbado. Cléo trouxe água para ele e passou o tempo suficiente para que, no momento em que ele partisse, abatido, ele estivesse sóbrio novamente.

A emoção que ele sentiu quando saiu e viu Thanatos o venceu. Sentado naquela barraca de pizza, ficou claro que ele estragou tudo desde o início.

— Então, você vai me ajudar a chegar a Cronus e a voltar novamente? — Lach perguntou.

Com isso, Thanatos riu alto. Estava crescendo, enchendo a pequena sala até que a maioria dos olhos se voltou para eles. — Sem chance.

Lach piscou. — Desculpe?

— Deméter está dando uma merda, e sua primeira opção é ir ver um titã assassino que comeu seus próprios filhos? Não. Isso é loucura. Ele mataria você mais cedo do que ajudá-lo. Gaia está fora de contato.

Thanatos deslizou da cadeira. Auto-composto, ele endireitou a jaqueta e abotoou a frente. O terno que ele usava parecia custar mais do que todo o guarda-roupa de Lach; grunge chique não era nada. A última vez que Lach o viu, suas roupas estavam penduradas em dobras soltas. Elas sempre foram melhores do que as de Lach, mas agora estavam firmes e na moda. Lach perdeu a túnica em que ele podia deslizar as mãos para dentro e aquele sorriso fácil que Thanatos salvou para ele.

Confuso, Lach levou um momento para perceber que Thanatos estava saindo.

— Espera! — ele chamou enquanto Thanatos se aproximava da porta. — Onde estamos indo?

— Nós?

— Sim, Thanatos. Eu fiz promessas.

Thanatos zombou. Lach tentou encolher os ombros. Não importa o que ele planejou, não se tratava de se reconectar com o ex. Havia pessoas para salvar.

— Apenas me dê um segundo — disse ele, levantando as mãos assim poderia impedir Thanatos. — Eu preciso de uma caixa para viagem.

O cara no balcão demorou demais para notá-lo, mas Thanatos se demorou, batendo no pé. Lach largou as três fatias - o vegetal de Thanatos e o havaiano de Lach - todos na mesma caixa. Quando Lach se juntou a ele na porta, Thanatos estava olhando.

— Tão bom que você não poderia deixar para trás?— Amargura apertou os lábios carnudos de Thanatos.

Lach lambeu o próprio nervosamente. — Um sim. Eu vou comer depois.

Thanatos revirou os olhos e se virou para ir embora. Mas ei, pelo menos ele esperou?

Crescendo um plano

Não fazia nenhum sentido. Milhares de anos se passaram. Não havia razão para olhar para o homem e fazer Thanatos sentir como se houvesse uma faca torcendo em seu intestino. Mas Lach tinha que ir e ser tudo o que ele já amou em Glaucus. Inteligente e trapaceiro, com um sorriso rápido e os planos mais ridículos e insanos.

Ir ver Cronus em Hades era possivelmente a pior ideia que Thanatos já ouvira, e Lach era conhecido por algumas horríveis na época. Cronus não tinha sido agradável de lidar, mesmo no auge, quando se convencera de que ficaria no poder para sempre. Milhares de anos depostos, todos eles passados presos no Tártaro, dificilmente o teriam tornado mais agradável.

No seu melhor dia, ele teria comido Lach inteiro. Possivelmente literalmente.

Thanatos duvidava que Cronus tivesse melhores dias. Ele pensou que poderia ter sido uma gentileza se Zeus simplesmente destruísse seu pai e dispersasse seus átomos componentes ao vento.

Ele suspirou e bateu o pé quando Lach se juntou a ele na porta da pizzaria. Apesar do nível de limpeza inferior ao ideal e do excesso de gordura, a pizza cheirava bem. Thanatos gostou de uma boa pizza. Infelizmente, seu estômago estava determinado a se alimentar, então a última coisa que ele queria era comida. Ele precisava obter a informação que Lach queria e fugir.

— Ok, então se não podemos visitar Cronus...

Thanatos bufou. — Visitar? Você acha que ele vai convidá-lo para uma boa xícara de chá? Ele está no Tártaro, não um palácio no exílio em algum lugar.

— Então quem *pode* nos ajudar? Alguém deve ser capaz. Lach parecia positivamente desesperado, e isso fez Thanatos amolecer. Talvez ele fosse o mesmo velho Lach, mas ele estava tentando fazer algo de bom. Pelo menos, ele disse que estava. Lach também sempre foi o único a jogar rápido e a esconder a verdade.

Era uma coisa boa que Thanatos conhecesse alguém que pudesse ter uma ideia do problema, e ela era fácil de encontrar.

O apartamento de Perséfone em DC era pequeno, já que ela passava pouco tempo lá. O mínimo possível, de fato. Ela viu isso como um paliativo, um lugar para dormir durante aqueles meses em que não podia ir para casa para o marido e os filhos.

Thanatos enviou um pedido de desculpas silencioso ao universo por levar Lach a ela, mas esperava que ela esquecesse que sabia disso. Ou, mais provavelmente, Perséfone simplesmente nunca estaria lá se ele viesse pedir mais favores.

Ele bateu suavemente, esperando que não fosse tão tarde que ela já estivesse na cama. Durante os meses dela no exterior, Perséfone tendia a dormir quando o sol dormia, e ele não tinha certeza de quanto tempo havia se posto.

Ela atendeu a porta e ele suspirou aliviado. Ela estava de pijama verde suave, cabelos puxados para trás e o rosto exibia sinais de exaustão. Havia anéis escuros sob seus olhos, e um aperto em sua boca que ele não estava familiarizado, mas ela sorriu para ele.— Thanatos. A que devo o prazer?

Ele franziu a testa e olhou para Lach, depois de volta para ela. — Não tenho certeza se prazer é a palavra certa, mas obrigado. É sempre bom ver você. Ele decidiu ir direto ao ponto em vez de perder seu tempo. — A estação de crescimento está realmente se mostrando um fracasso?

Ela se encolheu. — Ainda é cedo.

Era uma coisa curta, mas ele não começou a bater a cabeça no batente da porta. Ele suavizou sua voz ainda mais, sabendo que Demeter era um assunto delicado para ela, e perguntou: — Sua mãe?

Ela apertou os lábios, e o canto de um olho pareceu tremer com uma mente própria. — Não atendendo as ligações dela.

Droga. Lach estava dizendo a verdade, e havia um problema claro. Um problema que a foice de Cronus pode ser capaz de corrigir, exatamente como ele alegou. No entanto, isso não significava que ver Cronus era a melhor opção que lhes restava.

— Alguém conseguiu falar com Cronus desde a prisão?

Ela inclinou a cabeça e juntou as sobrancelhas. — Acho que não. Por quê?

Thanatos deixou seu olhar deslizar para Lach. — Ele acha que tem uma maneira de consertar isso e precisa da foice de Cronus.

— Isso, poderia funcionar - ela disse, sua voz distante e pensativa. — Mas não, ninguém jamais conseguiu ter uma conversa civilizada com ele que eu conheça. — Ela saiu pela porta. — Entre, sente-se. Chá? Eu vou me arrumar um pouco.

— Isso seria adorável, obrigado — ele concordou.

— Tem café? — Lach perguntou. — Claro.

Ela não parecia incomodada, apenas acenou com a mão ausente na cafeteira de serviço único em seu balcão. — As crianças me compraram no ano passado, se você puder descobrir como usar isso.

Ele pulou e começou a brincar com a máquina, conectando-a e olhando através dos controles. Thanatos pôde ver o momento exato em que ligou seu antigo encanto, quando olhou para Perséfone com um sorriso largo e olhos brilhantes. — Você não tem ideia de onde estaria a foice, não é?

Ela riu, brilhante e borbulhante, e o som encheu a sala. — Eu seria a última pessoa a quem Cronus daria informações. E nunca tentei conversar com ele.

Lach inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro, e suspirou melodramaticamente. — Eu acho que, se você quer ser totalmente lógico sobre isso. Mas é um item mágico, certo? Tipo, muito, muito mágico. E relacionado à sua especialidade pessoal: cultivar coisas.

— Inteligente — ela concordou. Ela não fazia ideia. O homem estava sempre cheio de ideias inteligentes, além das ridículas. Era por isso que as pessoas sempre o ouviam. Você nunca sabia se sua próxima sugestão seria genial ou suicida.

— Por que Gaia se importa? — Thanatos perguntou, e sua voz saiu irascível. Ele não tinha muita certeza do por que, mas não ia adivinhar. Ele se deu permissão para reagir a Lach com seus instintos e teve permissão para ficar com raiva. — Ela ficará bem se todas as pessoas morrerem de fome. A existência continuada deles realmente se mostrou prejudicial para ela.

Lach virou aquele sorriso brilhante para ele e assentiu. — Você sabe, eu perguntei a ela a mesma coisa. O que ela disse equivale... Acho que ela pensa em nós como comida frita. Claro, somos muito doentios e a deixamos infeliz às vezes, mas ela gosta de nós? Como um todo, não individualmente. Ela acha que somos interessantes.

Perséfone encostou-se no balcão enquanto deixava a chaleira elétrica esquentar e olhou para Lach. — Então você está dizendo que ela pensa em você como residente em uma fazenda de formigas, basicamente, e você está bem com isso?

— Ela quer que a fazenda de formigas sobreviva, então sim, — ele concordou.

Ela se inclinou e olhou para a caixa de comida que Lach havia deixado no balcão ao lado da máquina de café. — Cheira bem. Aquele lugar perto do Hysteria?

Lach assentiu com entusiasmo. — Melhor pizza da cidade.

Ela deu um passo à frente e olhou especulativamente para a caixa. — Você se importaria? Quero dizer, eu não preciso...

— Não, está tudo bem. — Ele pegou a caixa e a abriu.

Perséfone pegou a fatia de pizza vegetariana e deu uma mordida delicada. Ela cantarolou. — Está até bom frio — ela murmurou depois de mastigar e engolir.

Lach olhou para Thanatos pelo canto do olho, e Thanatos se esforçou para não reagir. Ele tinha deixado, afinal. Ele não tinha o direito de reclamar que Lach havia dado a outra pessoa sua comida. Ele disse a si mesmo que não se importava, mas não o enganou por um minuto.

Algo naquele maldito pirata o fazia se importar com coisas inúteis o tempo todo. Ele desviou o olhar.

Eventualmente, Perséfone voltou, mastigando uma das fatias de pizza de Lach enquanto ele comia a outra. Ela entregou uma caneca de chá a Thanatos e sentou-se em uma cadeira estofada em frente ao sofá onde Thanatos havia se plantado.

Lach olhou para o sofá, e Thanatos, por um longo tempo, antes de se colocar cautelosamente no canto oposto, encolheu-se no braço. Perséfone percebeu, é claro, mas felizmente ela não disse nada. Nunca diga que a rainha do submundo não poderia ser a alma da discrição quando necessário.

Quando ela terminou sua segunda fatia de pizza e se enroscou com seu chá, ela suspirou com uma estranha combinação de prazer e frustração saciados. — Ela está quebrando o acordo, é claro. Estamos todos tentando fingir que ela não está, mas não é sutil.

— E não atende suas chamadas — acrescentou Thanatos.

Ela assentiu e suspirou. Por um segundo, ela se parecia muito com a deusa antiga que era, em vez do eternamente jovem prenúncio da primavera. — E não atende minhas ligações, Hermes ou o telefone. Meu primeiro pensamento foi que, se ela não seguir adiante, significa que posso ir para casa. Seus olhos ficaram assombrados, expressão sombria e quase às lágrimas. — Quão egoísta eu posso ser?

— Não é sua culpa que seu primeiro pensamento tenha sido sobre como as ações dela afetam você, — apontou Thanatos. Ele conheceu muitas pessoas durante seus anos. Os seres humanos eram como deuses e, quase sem desvio, pensavam em como todas as situações os afetavam, em primeiro lugar. Não foi um fracasso; era a natureza deles. Os bons foram os que imediatamente seguiram considerando todos os outros. Como ficar na superfície e continuar cumprindo sua metade da promessa. Como tentar desesperadamente conseguir algo para crescer para mitigar o desastre.

— Quão ruim vai ser?— ele perguntou, finalmente.

Ela olhou para a caneca e não respondeu, o que ele supôs ser uma resposta por si só.

Finalmente, ela olhou para eles. — E Prometeu?

Sozinho com amigos

Há tempo suficiente, e o círculo de conhecidos de Lach incluiria alguns deuses. Ele e Hermes compartilhavam uma certa predisposição para dedos pegajosos e, inferno, Lach praticamente só tinha um telefone celular porque Hermes insistia. Ele se unira a Poseidon desde que se tornara imortal - primeiro por ficar do lado ruim de Hélios, depois por seguir uma missão secreta, admitidamente por acidente, com a amante ninfa de Poseidon, Nerites.

No entanto, os deuses não estavam preocupados com as trivialidades do dia-a-dia, e Lach não fazia parte de nenhum círculo suculento de fofocas. Talvez se ele estivesse seguindo Hebe nas mídias sociais, mas isso parecia muito trabalho, e seu telefone flip não executava aplicativos. De qualquer forma, no mar, ele havia perdido todos os eventos atuais. Ele não sabia que Prometeu havia escapado do Tártaro.

O deus titânico da previsão havia sido trancado muito antes de Lach nascer, mas ele ouvira histórias dele. Prometeu deu poder aos humanos quando eles não tinham nenhum. Ele permitiu a eles uma certa independência dos deuses. Por todas as contas, ele era um maldito herói. Thanatos certamente gostara dele.

— Então, nós estamos indo para Nova York? — Lach perguntou, colocando uma sacola reutilizável em seu ombro. Perséfone havia lhe dado algumas frutas frescas antes de partirem - ela e Dionísio não estavam satisfeitos em sentar-se nos louros enquanto Demeter deixava o mundo queimar, pelo menos.

Thanatos levantou uma sobrancelha para ele - ainda havia alguma dúvida se havia um — nós— envolvido, mas Lach começou isso. Ele estava indo para ver através.

— Eu suponho — Thanatos disse uniformemente. Faltava o entusiasmo que ele esperava, mas Lach aceitaria.

Eles estavam em pé na calçada em frente ao apartamento de Perséfone. Isso tinha sido uma viagem. Não parecia um lugar onde alguém morava, a menos que você contasse todas as flores em vasos que desabrocham em todas as prateleiras, como se elas fossem cuidadas com habilidade. Ainda era estranho pensar que os deuses viviam como pessoas e Perséfone tinha pijama verde aconchegante.

Que tipo de pijama Thanatos tinha? Deuses lá em cima, ele imaginou que fossem de seda. Quando eles estiveram juntos antes, Lach passou as mãos sobre a túnica de Thanatos e ficou maravilhado com o fato de que qualquer coisa poderia ser tão bem tecida.

Sua expressão deve ter sugerido seus pensamentos errantes. Thanatos estava olhando para ele, seus lábios contraídos. Sob esse olhar, Lach murchou, virou-se e começou a andar.

A princípio, ele não percebeu que Thanatos não o estava seguindo. Mas não havia presença estóica ao seu lado, nem passos suaves.

Ele se virou quando chegou à esquina. Thanatos continuou parado olhando para ele.

— Você vem?— Lach chamou.

Uma carranca esculpiu uma linha entre as sobrancelhas de Thanatos, mas em um momento, ele se moveu para alcançá-lo.

— Onde você vai?— Thanatos perguntou. — Nós podemos apenas ir.

Thanatos ofereceu sua mão. Ele sempre teve mãos enganosamente amplas - sempre gentis, mas o tipo de mãos em que você podia confiar para não falhar. Lach não aceitou.

Ele se esqueceu momentaneamente daquele benefício particular da divindade - eles podiam viajar praticamente para qualquer lugar com um pensamento. Thanatos poderia pular para um cemitério a meio mundo de distância. A última vez que ele checou, havia alguns cemitérios e casas funerárias na cidade de Nova York.

Se ele tomasse a mão de Thanatos agora, eles desapareceriam, estariam lá em um instante, e toda essa aventura poderia terminar em uma única noite.

— Absolutamente não — disse Lach, recostando-se.

— O que?— Thanatos olhou para ele como se tivesse enlouquecido. Claramente, essa era a opção mais pragmática. Na terra de Thanatos, isso tornou o melhor.

— Essa merda me deixa enjoado.

Thanatos fez uma careta. — Não, não faz.

— Sim totalmente. Você não se lembra de todas as vezes que pedi para você me levar para casa?

— Eu pensei que você apenas gostava de andar comigo.

De fato, Lach tinha. Claro, desaparecer e reaparecer em outro lugar no mesmo instante não era uma experiência particularmente agradável, mas era tolerável. Ele simplesmente não queria que aquelas noites com Thanatos terminassem e as arrastara o máximo que podia.

— Sim, eu estava sendo *legal*. — Lach fungou e esfregou o nariz com a parte de trás do pulso. — Eu não queria fazer você se sentir mal.

— Não é mais uma preocupação, é? — Thanatos desafiou.

Teimoso como sempre, Lach esticou o queixo. — Acho que não.

Ele se perguntou em que ponto Thanatos perderia a paciência com ele e desapareceria sozinho. Ainda não.

— Ok — disse Thanatos, — então qual é o seu plano?

— Deveríamos pegar meu barco, Mis. Ela é ótima

— O seu barco? — Thanatos ecoou. — Isso levaria dias, Lach.

— Apenas *um* dia. Ela é um barco *mágico* .

Ela era, de fato, o melhor barco do mundo inteiro. A Misericórdia tornou-se o que ele precisava que ela fosse - um esquife, um iate, seu veleiro preferido. Construída por Hefesto para Poseidon, ela era tudo o que alguém poderia querer em um navio, e rápida como o inferno.

— Uh huh. Onde você conseguiu seu barco mágico?

— Poseidon a deu para mim.

— Ele a *deu* para você? — Thanatos parecia cético. De braços cruzados, ele de alguma forma conseguiu olhar para Lach pelo nariz, mesmo sendo o mais baixo dos dois - apenas por um fio de cabelo.

— Sim, ele a deu para mim. Ajudei Nerites a se afastar de alguns baleeiros.

— Certo.

O nariz de Lach se alargou. Ele queria ficar com raiva de Thanatos por duvidar dele, mas não podia se dar ao luxo de fazê-lo. Thanatos tinha todos os motivos do mundo para questioná-lo, e Lach já estava em uma posição precária. Com os dentes cerrados e a mandíbula doendo, ele bufou pelo nariz.

— Talvez você não possa me levar para Nova York, mas eu posso levá-lo — ofereceu Lach. — No barco. Aquele que Poseidon me deu. Por salvar Nerites.

Thanatos riu alto. — Sem chance.

O sangue saiu da cabeça de Lach. Ele disse não à oferta de Thanatos, porque isso significava que seria muito rápido; em vez disso, ele inadvertidamente terminou mais cedo. — Desculpe?

— Eu não vou entrar em um barco com você, Lach.

— Por que não?

—Eu sou um deus. Estou ocupado. Não tenho tempo para viagens de barco prolongadas.

— Oh. — Ele tinha uma certa razão. Havia muitos mortais. Lach nem sabia quantos morreram em um dia.

— Sim.

— Mas você não acha que devemos viajar juntos e apresentar algum tipo de plano de jogo? Não há coisas que eu deva saber sobre Prometeu antes de conhecê-lo? Lach estava se alongando. Ambos sabiam disso.

— Oh, Lach, você tem seu charme.— Enquanto as palavras não eram cruéis, havia uma sugestão subjacente que se enrolou no intestino de Lach, transformando sua pizza gordurosa em um bloco de terra. — Você vai ficar bem.

Thanatos foi o primeiro a descruzar os braços e relaxar - provavelmente porque isso significava menos para ele. — Vejo você em Nova York, Lach. O edifício da caça.

Lach também ouvira Perséfone, mas o que Prometeu tinha com vampiros estava completamente além dele.

Antes que ele tivesse a chance de encontrar uma desculpa melhor para ficar juntos, Thanatos se foi.

— Isso poderia ter sido melhor — ele murmurou.

Estava escuro e os turistas haviam se retirado das ruas de Washington. Ele arrastou os pés pelos quarteirões do metrô. Ele havia deixado o barco atracado em uma marina na bifurcação dos rios Potomac e Anacostia. Sem poderes super especiais de Deus, Lach levou quase uma hora para voltar.

Misericordia era a coisa mais próxima de uma casa que ele possuía há séculos. Ele dormia onde quer que eles atracassem e passava a maior parte do tempo longe no mar. Ela possuía tudo o que ele gostava, incluindo sua coleção embaraçosamente grande de seriados dos anos 90 em DVD.

Antes de entrar no convés, ele desfez as cordas para que pudessem navegar. A melhor coisa de um barco sensível: ela poderia navegar para ele enquanto ele dormia. Ok, talvez essa fosse a segunda melhor coisa. Ela também era como uma família, embora ele provavelmente fosse trancado por dizer algo assim.

— Só você e eu hoje à noite, linda senhorita. — Ele deslizou a mão sobre o leme.

Se ao menos ela pudesse responder, ele estaria pronto.

Não querendo ser rude, ele levou um tempo para guiá-la para o mar. Ninguém, nem mesmo um barco, gostava de começar uma aventura sozinho. Mas logo o rio caiu numa faixa de água da marinha sob um céu escuro. As estrelas não eram visíveis com toda a poluição luminosa, mas se ele navegasse longe o suficiente, seria magnífico. — Estamos indo para Nova York. Você acha que pode gerenciar?

Sem resposta. Mas como sempre, ela faria magnificamente.

Bocejando, ele ficou embaixo do convés, derramando suas roupas em montões amassados no chão até ficar parado lá apenas com boxers xadrez, olhando os olhos sobre sua coleção de DVDs.

— O que devo assistir hoje à noite?— Ele perguntou a ela.

Houve um chocalho suave. Um segundo depois, uma caixa caiu da prateleira no chão. Ele virou. Era um programa chamado *Alone* - não o favorito dele.

— Oh haha. Você é muito engraçada.

Ele colocou de volta na prateleira e pegou outra. — Você sabe o que eu vou fazer? Vou assistir *Friends*, porque não tenho nenhum.

Ele sorriu. Ele gostava de pensar que Mis gostava de seu humor, mesmo que ela não tivesse voz para rir. Ela não o jogara no mar ainda.

Depois que ele enfileirou um episódio, ele se arrastou para a cama. O quarto principal - que era basicamente uma cama com espaço suficiente para uma pessoa passear por ele e um pequeno banheiro anexo - estava limpo e confortável quando Mis conseguiu o que queria, mas sem falta, Lach mexeu com roupas abandonadas, garrafas de cerveja, e invólucros de barra de proteína. Na parede oposta à cama, exibia uma televisão de tela plana. Lach pode não estar atualizado sobre todas as conveniências modernas, mas ele gostava de televisão. Foi bom poder ouvir vozes, mesmo pré-gravadas.

—Sabe, Mis, ainda acho que Rachel poderia ter feito melhor. Quero dizer, Ross pode conversar muito, mas ela é claramente a maga superior. Se ela estivesse mais confiante, poderia ter pego alguém que a apreciava. Ou pelo menos ela poderia dizer o que queria.

Ele suspirou, afundando de volta nos travesseiros. — Você está certa. Ela definitivamente poderia ter piorado. Rachel poderia estar dormindo sozinha com o estômago azedo, conversando com um barco que nunca responderia.

O presente da morte

Observando Lach se afastar, e isso fez seu intestino se contorcer da mesma maneira que todos aqueles anos atrás. Dessa vez, foi ele quem agiu como um idiota. De alguma forma, doeu da mesma forma.

Ele balançou a cabeça e olhou em volta. Obviamente, Lach estava indo para a estação de metrô mais próxima e Thanatos precisava de um tempo sozinho, então virou na direção oposta.

A atração de uma alma que precisava de sua orientação chamou sua atenção. Nem todos os que morreram precisavam dele. Nem todos os que morreram pacificamente. Hermes ajudava alguns, e muitos tinham um senso inato de para onde ir quando morreram. Às vezes, porém, eles precisavam de uma ajuda.

Ele permitiu que o puxão o puxasse e o universo acelerou em torno dele, rápido demais para ver qualquer coisa, menos um borrão. Foi um pouco desconcertante, mesmo depois de ter feito isso bilhões de vezes durante sua existência.

Isso, como tudo agora, o fez pensar em Lach. Ele tinha sido tão impensado, que nunca havia notado o desconforto de Glaucus viajando em seu braço? Ser atraído de um lugar para outro sem entender o lugar para onde você estava indo era um esforço, e ele nunca considerou como Lach se sentia ao viajar com ele, apenas pela conveniência e velocidade.

Ele sempre tentara não se separar tanto do mundo que não sentia empatia pelos sentimentos dos outros, mas às vezes sentia que o mundo havia se transformado em uma massa incompreensível de novas informações. Era demais, rápido demais e sempre mudava.

Isso o fez se sentir tão antigo quanto ele. Ele se perguntou se algum dia o universo iria além dele, não precisaria mais da morte. Estranhamente, o pensamento não trouxe nada além de paz.

O puxão parou, e ele se viu em um quarto de hospital. Em grande parte do mundo, eles pareciam semelhantes, então ele nunca tinha certeza de onde estava até ouvir o idioma.

Inglês. Americano. A sala estava em pânico, as enfermeiras tagarelando, um médico com um desfibrilador e uma mulher chorando que se recusava a sair, apesar de uma das

enfermeiras tentar levá-la para fora. Era uma cena estranha para alguém que Thanatos havia sido chamado para orientar.

A criança estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, imóvel e quieta, e ele entendeu. Ela tinha apenas oito ou nove anos, e a condição de seu corpo na cama dizia que tinha sido uma doença longa. Os vivos eram relutantes em deixar alguém tão jovem ir, mesmo quando não havia outra possibilidade. As crianças eram muitas vezes as mais aceitas.

Ela se virou para olhá-lo. — Você está aqui para me levar embora?

Ele assentiu.

— Você tem certeza?— Ela mordeu o lábio e olhou para a mulher que chorava. — Eu deveria ficar, não deveria? Para mamãe?

— Você acha que isso a ajudaria?— ele perguntou. Ele não podia deixar as pessoas ficarem, mas era sempre melhor deixá-las chegar a essa conclusão por conta própria.

— Ela ficará sozinha se eu for.

— Ela não poderá vê-la se você ficar.

Ela franziu a testa e olhou para o corpo, onde o médico finalmente cedeu ao inevitável, abaixando a cabeça e cerrando os punhos em frustração. — Eu deixei todo mundo triste.

— Não. Isso não é por sua causa. Aconteceu com você tanto quanto com eles. Você não conseguiu controlar. Ele se aproximou para se agachar ao lado de onde ela estava sentada, as mãos cruzadas primariamente no colo, assistindo os eventos se desenrolando quase impassivelmente.

Ela se virou para olhá-lo. — Você é Deus?

— Não no sentido que você quer dizer, não. Eu sou apenas Thanatos. Eu vim para levá-la aonde você está indo.

— Mamãe pode vir?

— Algum dia — ele concordou. Ele olhou para a mulher e não sentiu nada como um puxão. Ele não era um daqueles deuses amaldiçoados para ver o futuro, mas ele não achava que ela estava programada para vê-lo tão cedo. — Mas não hoje.

— Eu não quero ficar sozinha.

Ele sorriu para ela. — Então você não estará.

Ela sorriu de volta e pegou a mão dele.

Ele viu a menina brincar com meia dúzia de outras crianças em Elysium, todas esperando pelos pais. Seria como um dia muito longo ao sol, brincando, explorando e comendo doces, e então seus pais viriam chamá-los, um por um.

As pessoas sempre quiseram adiar o Elysium pelo maior tempo possível, mas Thanatos pensou que, se soubessem como ele é, ficariam menos hesitantes.

Quando ele percebeu que Lach havia se tornado imortal, sentiu pena dele. Viver para sempre, trabalhar eternamente com dor e frustração, parecia mais um castigo do que um presente. Ele não sabia por que os deuses estavam sempre compartilhando a imortalidade com seus humanos favoritos. Parecia um presente egoísta - mais um para si do que os mortais. Uma pequena parte dele queria dar a todos o presente de Elysium.

Ele supôs que era isso que o fazia morrer, e o que o tornava incompreensível e horrível para a humanidade.

O que fez Lach fugir dele.

O que sempre o faria se afastar eventualmente, mesmo se ele precisasse da ajuda de Thanatos hoje.

Ele se perdeu no trabalho, cuidando de uma alma após a outra, mesmo de muitas que não precisavam dele, para tentar esquecer que ele se encontraria com Lach na noite seguinte. Vê-lo sempre seria pouco mais que um lembrete de que Lach não estava, nunca poderia estar, apaixonado por ele.

Ele tentou endurecer seu coração. Ele não podia se deixar quebrar de novo. Ele não queria colocar isso em Charon, e Charon era o mais compreensivo de todos os seus irmãos e irmãs. Deus sabia que Eris não iria oferecer um ombro para chorar, a menos que ela se divertisse com a dor dele.

O Edifício Hunt não era um lugar para o qual Thanatos pudesse se transportar. Era o local central para os vampiros em Nova York, e eles eram uma força oposta à sua: criaturas que já estavam mortas e nunca iriam ao Elysium pacificamente. Lach provavelmente os amaria.

Ele escolheu o cemitério mais próximo de Manhattan e andou a distância, parando para tomar um drinque, passeando em vez de caminhar com um propósito. Ele estava adiando chegar lá, é claro, e sabia disso.

Prometeu era seu amigo. Sempre fora amigo dele. Ele concordara em ajudar as criações de Prometeu, a humanidade, a descansar em paz. Prometeu era brilhante e inteligente e um dos melhores e mais leais companheiros que alguém poderia ter.

E Thanatos lhe permitiu definhar, preso por milênios. Não por uma boa razão, como Cronus louco. Porque Zeus era mesquinho e zangado porque a humanidade tinha a capacidade de se defender de seus caprichos.

Prometeu tinha ido de bom grado. Ele havia cometido o crime de que era acusado, se pudesse realmente ser considerado um crime, e ele sabia que não seria agradável. Thanatos o

visitava sempre que encontrava tempo sem chamar a atenção de Zeus. Hades sempre parecia ter a mesma opinião que Thanatos sobre o castigo, e olhou para o outro lado quando ele entrou.

Prometeu nunca pediu a Thanatos que o libertasse.

Ele não era inteligente. Ele sabia, toda vez, que seu amigo queria ser livre. Ele gostava de acreditar que, se Prometeu alguma vez tivesse perguntado, ele o teria libertado sem hesitar, Zeus que se dane. Mas Prometeu nunca perguntou, e Thanatos nunca saberia.

Por milênios, ele esteve em conflito e culpado pelo encarceramento de seu amigo, mas nunca mais do que agora que Prometeu estava livre. Ele estaria disposto a conversar com Thanatos, o suposto amigo que havia permitido que ele sofresse?

Ele parou em frente ao prédio e olhou para ele. Sua energia era estranha, quase como o próprio Olimpo, mas apesar de estar cheia de criaturas imortais, não parecia tão estagnada quanto o lar dos deuses. Havia algo de vital nisso. Uma jovem mulher - vampira - se virou e segurou a porta aberta para ele com um sorriso interrogativo.

Ele inclinou a cabeça para ela. — Obrigado.

Ela assentiu com a cabeça e foi em direção a um banco de elevadores à direita. À esquerda, havia uma mesa com um funcionário sorridente e brilhante sentado atrás dela. Eles deram a ele a mesma expressão de interesse educado da jovem. — Posso ajudar?

Praticamente arrastando os pés como uma criança, ele caminhou até o balcão, de cabeça baixa e olhos treinados no chão. Ele se sentia como um filhote de cachorro que não sabia o que eram os jornais no chão.

Não havia tempo para agir como uma criança. Se Perséfone e Lach estavam certos, milhões, possivelmente bilhões de vidas estavam em jogo. Mesmo com sua opinião sobre o Elysium, uma morte em massa poderia ter consequências catastróficas para o próprio planeta. Sua culpa por deixar Prometeu sofrer por milênios não poderia acontecer antes disso. Se esses anos não tivessem mudado completamente Prometeu - e Thanatos não tinha visto nenhuma indicação deles - ele concordaria e os ajudaria sem pensar duas vezes.

— Estou aqui para ver Prometeu se ele estiver — disse ele ao jovem atendente, sorrindo, olhando para o crachá. — Por favor, Jordan.

O sorriso de Jordan não vacilou. — Eu acredito que ele está aqui. A quem direi que está ligando?

Ele suspirou. Talvez a coisa toda fosse discutível porque Prometeu se recusaria a vê-lo inteiramente. —Thanatos.

Jordan mordeu o lábio, parecendo intrigado. — Você é, um velho amigo?

— Suponho que sim — ele concordou.

Sem mais perguntas, ele pegou o telefone na mesa e digitou um código. Com a mão que não estava no telefone, ele tocou uma cópia gasta de um livro sobre o panteão grego. Hã. Prometeu tinha dito aos vampiros quem ele era?

Thanatos bufou. Claro que ele tinha. Prometeu era tão parecido com Lach em muitos aspectos, mas, na honestidade simples, eles não podiam ser mais diferentes. Lach mentiria sobre a cor do céu porque podia. Prometeu diria a um edifício cheio de vampiros que ele era um titã imortal porque era verdade.

Jordan, que estava conversando, parou e olhou para o telefone, confuso.

— Algo errado? — Thanatos perguntou. Talvez enquanto estivesse perdido em pensamentos, Prometeu dissera ao pessoal da recepção para expulsá-lo.

— Hum, eu não tenho certeza.— Ele olhou para o telefone e o colocou de volta no ouvido. — Olá?

— Ele desligou?

— Não, ele apenas pareceu...

— Thanatos! Veio o grito por trás deles. Prometeu saiu correndo de um dos elevadores, parecendo saudável e em forma. Ele tinha um sorriso largo no rosto que Thanatos não via a tanto tempo que quase esquecia que existia. Seus cabelos estavam clareados pelo sol pela primeira vez em milhares de anos, seus braços estavam bem abertos.

Claro.

Porque, como Prometeu não mentiria sobre sua natureza para uma caça aos vampiros, ele também não guardaria rancor contra um amigo que havia falhado com ele. Ele atravessou o saguão em poucos segundos e envolveu Thanatos em um abraço apertado.

Ninguém abraçou Thanatos em uma época. Houve toques familiares por seu irmão, o espírito ocasional que pegou sua mão, ou ataques acidentais de pessoas que se afastaram instantaneamente porque ninguém realmente queria tocar a Morte. Mas apenas Prometeu abraçou Thanatos sem pensar.

Ele devolveu o gesto, passando os braços em volta do velho amigo e segurando-o com força, enterrando o rosto no pescoço de Prometeu. Seu amigo mais querido estava livre e feliz, e de repente o mundo parecia mais um lugar que vale a pena salvar.

Big apple, grandes problemas

O Hunt Building corta como um fragmento no céu nublado e vermelho. Era noite, mas Lach não conseguia ver as estrelas em Nova York. Mesmo se ele fosse capaz de suportar o grande número de pessoas nas grandes cidades, pressionando-se umas às outras sem espaço para respirar, ele não poderia ficar em qualquer lugar que não pudesse ver as estrelas. Em terra, havia cada vez menos lugares sem poluição luminosa.

As pessoas não sabiam o que estavam perdendo. Quando ele saiu para o mar e pôde ver a torção sedosa da Via Láctea, todas as outras besteiras entraram em perspectiva.

Ele se sentiu pequeno diante de todo aquele esplendor. Mas Thanatos havia nascido para isso. Luz das estrelas e caos, ele era grande e importante demais para Lach. No entanto, ele conseguiu segurar Thanatos em seus braços uma vez. Assim como o homem do outro lado da porta de vidro que estava envolvendo Thanatos em seus braços.

Eles estavam lá na recepção. Do lado de fora, Lach assistiu Thanatos hesitar um segundo. A centelha de esperança no peito de Lach cintilou quando ele passou os braços ao redor do homem e o apertou. Ácido e seco, ele passou a língua pelo céu da boca.

Ele sempre soube que Thanatos havia contado Prometeu como um amigo, mas ele nunca pensou que houvesse algo mais entre eles. Por que ele deveria ter se preocupado? Em mais de uma década, ele nunca conheceu o homem.

Ocorreu a Lach agora que isso era apenas porque eles foram separados pela vingança do Olimpo. Thanatos e Prometeu poderiam ter sido qualquer coisa um para o outro. Eles poderiam estar de novo agora.

— Entrando? — alguém perguntou.

Lach assustou. Um jovem divertido estava parado atrás dele, equilibrando uma caixa de doces em uma mão e uma bandeja de café na outra. Havia um distintivo brilhando em seu cinto.

— Oh, hum, sim. — Saindo do caminho, Lach manteve a porta aberta para o homem. Num instante - rápido demais para passos humanos - ele atravessou o saguão até um banco de elevadores.

Embora houvesse pessoas, humanos e vampiros ao redor, os passos de Lach ecoavam pelo chão de granito. Não importava o quão alto cada passo era para seus próprios ouvidos,

quando ele se aproximou de Thanatos e Prometeu, ele teve que pigarrear antes de Thanatos erguer a cabeça do ombro de Prometeu.

Ele piscou para Lach. Qualquer abertura que ele sentisse um momento antes trancado sob uma carranca dura. Mas mesmo quando Thanatos se afastou, Prometeu se mexeu naturalmente, mantendo a mão nas costas de Thanatos.

— Oi — disse Lach com um sorriso tenso.

Thanatos não respondeu.

— Podemos ajuda-lo? — Prometeu perguntou seriamente.

— Oh, eu estou com ele. — Lach olhou incisivamente para Thanatos. Por meio segundo, ele pensou que Thanatos negaria.

— Eu sinto muito. Eu não te vi lá — disse Prometeu.

— Viemos separadamente— respondeu Lach.

— Oh. — Franzindo o cenho, Prometeu olhou entre eles.

— Este é Lach. Lach, Prometeu — ofereceu Thanatos. Ele ainda não tinha se afastado da mão nas costas. Lach estava com vontade de atirar no braço de Prometeu e ver com que rapidez ele poderia consertá-lo. Presumivelmente, ele ficou muito bom em se curar.

— Nós realmente queremos conversar com você sobre Cronus — começou Lach. — Tenho certeza que você está ocupado. Não vamos ocupar muito do seu tempo.

Prometeu sorriu generosamente com seu rosto bonito e fodido, sua barba bem aparada e seus olhos ridículos e sérios, foda-se esse cara.

— Não seja bobo — disse ele. E, maldição, se ele não tivesse uma voz baixa e piedosa que fez Lach querer se agarrar a cada palavra e se aconchegar diante de uma fogueira em uma pele de urso. — Você tem que subir as escadas. Jordan, você pode receber meus convidados?

Prometeu os levou até a recepção. Thanatos foi o primeiro, preenchendo suas informações e assinando seu nome em uma prancheta.

— Sem identificação? — Jordan perguntou.

Thanatos encolheu os ombros. — Receio que não.

— Nada demais. Nós nos acostumamos bastante a lidar com deuses. Admiração brilhou nos olhos de Jordan.

— Obrigado, Jordan — disse Thanatos. Ele se afastou e, enquanto Lach anotava suas informações no papel de Thanatos, ouviu sua risada. Ele olhou para trás e viu Thanatos sorrindo e Prometeu apertando o braço dele.

Você está como eles?— Jordan perguntou. O olhar verde deles se voltou para Prometeu e Thanatos.

Lach chupou as bochechas e soltou um suspiro. — Nem um pouco.

Com sua inferioridade estabelecida, Jordan mal olhou para ele quando eles pediram a identificação de Lach. Ele tinha isso, pelo menos. Lach era um membro portador de cartões do século XXI, mesmo que o nome em sua identidade fosse falso.

— Tudo pronto? — Prometeu perguntou.

Ele os levou aos elevadores. Depois de escanear sua identificação em um painel de segurança, ele apertou o botão do último andar.

— O que, então você está no comando dos vampiros agora?— Lach perguntou.

Ao longo dos anos, mais de uma pessoa confundiu Lach com um vampiro. Quando ele se tornou imortal, ele manteve para si mesmo, pendurado em cemitérios, não tinha envelhecido. Mas ele não precisava sugar sangue de ratos de porão para sobreviver a longas viagens, então havia algumas vantagens em ser uma anomalia.

Thanatos lançou-lhe um olhar de olhos estreitos e não impressionado. Prometeu apenas sorriu suavemente enquanto liderava o caminho para uma área de recepção.

— Eu não sou. Isso seria Julian Bell, mestre de Nova York. Matthew... Um homem atormentado estava parado atrás de uma mesa do lado oposto ao elevador, mexendo os papéis ao redor.

— Adrian deixou donuts na cozinha— disse Matthew sem levantar os olhos.

— Você conseguiu um? — Prometeu perguntou.

Matthew lançou-lhe um olhar que dizia que claramente não tinha tempo para rosquinhas, croissants ou qualquer outra coisa.

— Eu vou trazer um para você — Prometeu ofereceu.

Depois das partes públicas do andar, havia uma suíte mais confortável. Tudo moderno, abriu para uma cozinha com bancadas de granito escuro. Prometeu foi direto para a caixa no balcão. Ele abriu a tampa e, com um guardanapo de papel fino, pegou um e colocou em um prato.

— Sirva-se— disse ele. — Eu volto já.

Por um segundo, isso o deixou sozinho com Thanatos. Cruzando os braços, Lach recostou-se no balcão.

— Então, Prometeu, hein?

Thanatos esticou o queixo. — O que têm ele?

— Vocês dois são próximos.— Havia tanta inveja afiando suas palavras como Lach imaginou?

— Sim.

Nenhum deles se moveu em direção aos donuts. Segundos se passaram sem nenhuma outra explicação. Claramente, Thanatos não achava que ele devia uma. Inferno, ele não estava errado.

Prometeu voltou então. De alguma forma, a energia do titã parecia preencher a sala, trabalhando no abismo que Lach sentiu entre ele e Thanatos.

— Você não quer um?— Prometeu perguntou. — Adrian me garantiu que eles são muito bons.

— Eu adoraria um— Thanatos respondeu suavemente, enviando a Prometeu um sorriso genuíno. Lach havia comprado para ele uma fatia da melhor pizza de Washington, e ele não tinha dado nem um pingo de sorriso assim. — Obrigado.

Delicadamente, Prometeu colocou um em um prato para ele e passou um guardanapo para ele. — Lach?

— Claro— Lach resmungou, muito intratável para administrar boas maneiras. Thanatos estreitou os olhos para ele, então ele bufou um baixo — obrigado.

Prometeu, apesar dessa troca nada agradável, continuou encantado ao se encostar no balcão e comer seu donut. Ele cantarolou seu prazer, olhando entre os dois para confirmação.

Thanatos deu uma mordida e assentiu. — É muito bom.

Relutante em ser deixado para trás, Lach deu uma mordida na dele. Deuses, tudo estava delicioso. Derrotado, ele suspirou, mas Prometeu parecia pensar que estava satisfeito.

— Estou determinado a experimentar todos os doces da costa leste— informou Prometeu. — Os pães estão *muito* melhores agora.

Thanatos riu. — Eu não sei? Pães, queijos, vinho - tudo muito melhor.

— Eu não sabia— respondeu Prometeu. Uma sombra passou entre os dois, e Thanatos estendeu a mão para tocar seu braço.

— Eu sinto Muito.

Thanatos encontrou seus olhos francamente, sem dureza, nenhuma das atitudes defensivas que ele mostrara a Lach. Era uma vez, Thanatos olhou para ele assim. Depois de tanto tempo, não deveria doer que as coisas tivessem mudado, mas, encostado no balcão, Lach estava perdido. Esses dois seres diante dele eram incomensuravelmente poderosos e gentis. Eles fizeram um ao outro sorrir e rir, e trocaram toques reconfortantes como aqueles que não significavam nada. Tudo o que Lach queria fazer naquele momento era encher seu rosto com outro donut. Ou quatro.

Lach afastou os cabelos ondulados do rosto, mais inquieto do que porque isso o incomodava. Ele se acostumou com os cachos castanhos claros caindo em seus olhos.

— Não há absolutamente nada para se desculpar— Prometeu disse gentilmente, estendendo a mão para apertar a mão de Thanatos.

Mastigando as pontas da língua, Lach lembrou a si mesmo que não estava lá para conquistar Thanatos. Ele estava lá porque viu seu irmãozinho se esvair quando os peixes nadaram das redes de seu pai e o brilho de Hélios impediu que as coisas crescessem na ilha onde ele nascera. Porque não havia muitas maneiras piores de morrer, e as pessoas estavam com problemas.

— Eu deveria estar com ciúmes?— um homem perguntou com uma agradável voz estridente. Ele tinha traços amplos e afiados e o tipo de rosto que Lach queria fazer cócegas em suas coxas.

Prometeu riu. Com o próprio coração todo retorcido, era como se Lach tivesse perdido o final da luta.

— Julian, este é Thanatos e seu amigo Lach.

Julian sorriu encantadoramente e entrou para apertar cada uma das mãos. — Prazer em conhecê-lo— disse ele.

— Como foi a sua reunião com o caçador? — Prometeu perguntou.

— Todos quietos. Você conseguiu um donut? Julian perguntou quando voltou para o lado de Prometeu, passando o braço pela cintura do titã. Prometeu olhou para ele como se estivesse frito e coberto de açúcar e, pela primeira vez, Lach considerou que o que quer que houvesse acontecido entre Thanatos e Prometeu, talvez não fosse o que ele pensava.

— Eu comi. Mas estou planejando outro — disse Prometeu.

Exaltado, Lach sorriu para Thanatos. Apenas Thanatos não parecia tão emocionado quanto Lach quando olhou de volta para ele.

— Então— disse Thanatos, voltando-se para os dois, — nós realmente precisamos conversar sobre Cronus.

Ossos de rosca

Não sabia o que se passava na cabeça de Lach, passando de atordoado a grosseiro a emocionado no espaço de alguns minutos, mas Thanatos estava quase preocupado com ele. E irritado, porque Prometeu já havia passado o suficiente sem Lach ser estranho para ele.

— Cronus outro da família bizarra de Zeus? — Julian perguntou, inclinando-se para olhar a caixa de doces. Ele era um homem bonito, e o sorriso que deu a Prometeu foi quase ofuscante.

Thanatos não sabia entrar na situação em que Prometeu já estava envolvido romanticamente com alguém, mas ele não podia dizer que isso o surpreendeu. Seu amigo sempre foi singularmente magnético entre titãs e deuses. Apenas outra coisa que tornara mais estranho que ele escolhera se associar a um solitário como Thanatos.

Prometeu assentiu com a pergunta de Julian, mas seu olhar não saiu de Thanatos. — O pai de Zeus. Mas não tenho ideia de por que alguém iria querer algo com ele.

Julian, que estava no meio de um cronut, parou e olhou para Prometeu, depois Thanatos. — Grande, loiro e escarnecedor tem pai? Isso não soa como um cara que eu quero conhecer.

Lach bufou. — Eles são todos idiotas quando se trata de você e eu, vampiro. Mas ele pode ouvir Prometeu...

— Eu disse que não veríamos Cronus— Thanatos disse com um olhar sufocante. — Muito menos pedindo a Prometeu que... — Ele interrompeu, percebendo como seria insensível mencionar Tártaro para um homem que havia escapado recentemente dele após milênios. — Ter algo a ver com Cronus. Ninguém está falando com ele. Não é uma opção.

— Isso é o melhor— Prometeu concordou. — Havia uma razão pela qual eu fiquei do lado de Cronus durante a guerra. Não sei o que você poderia querer com ele, mas ele nunca foi útil a ninguém se pudesse evitá-lo. Melhor de longe é lidar com Zeus.

Julian quase engasgou com sua massa, então Thanatos supôs que ele era mais familiar do que gostaria com o rei do Olimpo. Ao mesmo tempo, Lach estendeu uma garrafa de água para Julian e Prometeu lhe deu um tapinha nas costas.

— Cuidado com os ossos de rosca, amigo— disse Lach com um brilho nos olhos.

Thanatos olhou para Lach. Ele não podia ser respeitoso com Prometeu, mas poderia flertar com seu amante? Claro que ele poderia. Lach sempre apreciara um homem bonito, e Julian era isso. Mas a última coisa que Thanatos precisava acrescentar ao cenário era ciúme equivocado.

— Precisamos da foice dele — Thanatos anunciou, indo direto ao ponto. Ele não podia imaginar que Julian estava interessado em Lach, mas ele não iria ficar lá e assistir o homem flertar com alguém por quem falava bem. Maldito Lach e seu flerte.

— Planejando viajar no tempo?— Prometeu perguntou, os olhos se estreitando em um olhar confuso. — Isso nunca é uma boa ideia. E não é como você.

— Não — interrompeu Lach, afastando o espectro da viagem no tempo. Certa vez, Lach o arrastou diretamente para o ninho de um dragão - Thanatos não queria ver a — aventura— perigosa o suficiente para dar uma pausa a Lach. — Essa é uma ideia terrível. Gaia diz que podemos usá-lo para fazer as plantas crescerem novamente.

Julian se animou. — Você acha que vai funcionar? Está parecendo ruim. Já estamos tentando construir estufas. Temos pessoas trabalhando em estufas, mas as plantas não estão se saindo muito melhor do que as plantas nos campos.

— Vampiros estão preocupados com humanos morrendo de fome?— Lach perguntou.

Com um olhar severo, Julian questionou a sabedoria de Lach, e talvez sua ascendência. — Se os humanos morrem de fome, nós também morremos. É preciso uma certa população de humanos para apoiar um vampiro. A história da caça diz que mais de um vampiro para mil humanos é absolutamente perigoso para nós.

Lach piscou, chocado. — Hã.

— Certo— Thanatos concordou. — Estamos tentando evitar uma fome mundial, o que machucaria a todos.

Prometeu lançou um olhar para Thanatos, dizendo que sabia que havia uma pessoa presente que não ficaria muito machucada, mas ele decidiu deixar passar sem explicação. Havia razões pelas quais ele estava ajudando. Claro, ele pensou que Elysium era uma existência melhor que a vida, mas os humanos não.

Maldito seja, Glaucus.

Thanatos nunca esqueceria o fogo em seus olhos quando exigiu que Thanatos não levasse seu irmão bebê quando o menino doente foi levado com febre.

Foi uma das primeiras vezes que Thanatos conseguiu simpatizar com o motivo pelo qual os humanos o temiam. Talvez ele não tenha levado seus entes queridos para sempre, já que todas as pessoas boas estavam reunidas em Elysium, mas para os seres humanos, cujas vidas

eram tão curtas, até algumas décadas de separação pareciam excessivamente longas. E isso supunha que os humanos estavam cientes de Elysium e acreditavam que estavam indo para lá.

Os seres humanos se apegaram a suas vidas mortais, encontraram valor e conforto neles, e Thanatos não iria ignorar o que eles queriam. Ele não sabia o que era melhor para todos, e não era arrogante ou egoísta o suficiente para forçar sua vontade sobre eles.

Por um momento, Prometeu o observou. Então seus olhos dispararam para Lach, com seus cabelos encaracolados e pele bronzeada, e ele pareceu perceber. Thanatos fez uma careta, pronto para abrir a boca e explicar que sua inclinação para ajudar não tinha nada a ver com o maldito pirata humano. Algo acalmou sua língua. Talvez fosse a maneira estranha como Lach estava agindo, ou talvez fosse a pronta aceitação de Prometeu de que Thanatos estava fazendo algo de bom, mas ele simplesmente esperou que Prometeu continuasse.

— Eu não posso lhe dizer com certeza onde está a foice.— Ele olhou para Thanatos e depois se afastou, concentrando-se em Lach. — Faz muito tempo, então é possível que tenha sido movida. Eu estaria inclinado a dizer que não, pois se alguém o tivesse, provavelmente o mundo inteiro saberia.

Thanatos estremeceu. Ele ficou principalmente fora da guerra, mas lembrou-se do que Cronus tinha sido capaz de fazer com a foice. Ele não havia considerado seu poder sobre as colheitas, já que ele a via principalmente para violência. Ou a manipulação do tempo. Ele não queria imaginar o que as pessoas erradas fariam com um artefato tão poderoso. Ele quase não queria encontrá-lo, a humanidade se dane.

Julian estava olhando de um lado para o outro entre os dois titãs, expressão pensativa. — Isso é ruim? Deveríamos procurar uma maneira diferente de consertar isso?

— Não.— Lach sempre foi decisivo, mas Thanatos raramente o ouvira tão certo. — Gaia diz que precisa ser a foice. Em milhares de anos, ela nunca me enganou. Sempre que penso que estou sendo inteligente e posso fazê-lo de uma maneira melhor, sempre acontece que ela está certa.

Embora Thanatos não pudesse questionar a perspectiva mais ampla de Gaia, ele ficou irritado por Lach confiar nela sem questionar. Além disso, ela não sabia de tudo. Thanatos tinha um irmão gêmeo que as pessoas pensavam o mesmo. Como Gaia, ele dormiu a maior parte de sua vida. Mas Hypnos sempre teve uma visão distorcida do mundo quando acordou, tendo experimentado apenas a passagem do tempo através dos sonhos das pessoas, e Thanatos não imaginava que Gaia fosse diferente.

Ao contrário de Thanatos, Prometeu parecia confiar em Lach e Gaia. Ele mordeu o lábio e assentiu. — Tem uma ilha. Não sei como se pode chamar agora, mas tem o formato da

foice. Foi onde Cronus a deixou, e Zeus declarou-o fora dos limites dos deuses. Na época, todos eram leais a ele para seguir a ordem. Talvez eles tenham esquecido onde está?

Por mais indisciplinados que fossem os deuses, eles ocasionalmente tinham lembranças curtas. Ou mais lealdade do que qualquer um, incluindo eles, admitiria. — Eu perguntaria a Athena se ela guardou em algum lugar, mas Zeus fez com que ela explicasse todos os artefatos mágicos em seu poder no ano passado. É possível que ainda seja onde Zeus o deixou.

Lach respirou fundo, parecendo inflar, os ombros caídos se esticando e o peito se expandindo. — Então acho que vamos para as ilhas.

— Alguma ilha em particular?— Julian perguntou, confuso.

— Claro— concordou Lach. — Há apenas uma ilha que conheço que se encaixa nessa descrição e foi povoada por deuses.

Thanatos assentiu. — Santorini.

Julian inclinou a cabeça para um lado. — No sul do mar Egeu?

— Você sabe? — Prometeu perguntou, considerando.

Julian começou a responder, mas Lach entrou em ação, se aproximando de Thanatos, sorrindo para Julian e Prometeu enquanto ele cutucava Thanatos na direção do elevador. — Muito obrigado pela ajuda. Nós podemos lidar com isso daqui, obrigado!

— Eu conheço vampiros na Grécia, se...

— Estamos bem — Lach o interrompeu. — Conheço um arqueólogo que trabalhou muito na Grécia. Ela pode nos cobrir totalmente. Obrigado pela ajuda!

Thanatos ficou tão surpreso que não lhe ocorreu parar e exigir que esperassem e conversassem com Julian sobre seus aliados. A última coisa que viu ao deixar Lach tirá-lo da sala foi o sorriso divertido de Prometeu, maldito homem.

— Isso foi legal — disse Lach levemente quando colocou Thanatos no elevador. — Caras legais. Prometeu e seu namorado.

Thanatos assentiu, mas ele não conseguia pensar em nada para dizer. O que estava acontecendo na cabeça de Lach?

Quando chegaram ao saguão, Jordan da recepção acenou para eles. —Thanatos?

—Prometeu telefonou e pediu que eu lhe desse o número dele, caso você precisasse de mais informações. Ou apenas, hum, queira conversar.

Lach soltou um suspiro desagradável, mas ele não tentou impedir Thanatos de ir até a mesa e recuperar o número. Ele passou de um pé para o outro com impaciência, enquanto Thanatos demorava a colocar o número no telefone.

— Então— ele disse brilhantemente quando Thanatos finalmente colocou o telefone de volta no bolso. — Vamos para a Grécia, hein? Mal posso esperar para apresentá-lo a Mis. Você vai amá-la.

Certamente ele não esperava que Thanatos passasse dias a bordo de seu barco após a última discussão que tiveram sobre o assunto. Aquilo foi...

Lach levantou as mãos defensivamente. — Eu sei, eu sei, mas me ouça.

O retorno de Robin Hood

Lach tinha uma chance de convencer Thanatos a viajar com ele, ou ele ia acabar navegando pelo Atlântico sozinho.

Então esse foi o momento perfeito para esquecer como falar inglês. E grego. Basicamente, todas as palavras em todas as línguas que ele conhecia escaparam de sua cabeça no exato momento, e ele ficou lá como um deus idiota enquanto Thanatos esperava, braços cruzados.

Lach lembrou a última vez que vira Thanatos em Thrinacia. Só então, Thanatos estava disposto a ouvir qualquer explicação, fazer qualquer coisa por ele, perdoá-lo, apesar do fato de Lach ter saído por meses sem dizer uma palavra. E Lach empurrou aquela consideração sem limites de volta para seu rosto.

Naquelas docas, Lach o olhou diretamente nos olhos e disse a pior coisa que ele poderia ter dito - só porque sabia que isso machucaria Thanatos. Que direito ele tinha de pedir-lhe alguma coisa agora?

— Podemos conversar sobre isso lá fora? — Lach sugeriu. Já era difícil o suficiente ter essa conversa sem audiência, e Jordan ainda tinha que desviar o olhar de Thanatos.

Thanatos apontou para a porta. — Depois de você.

Este foi um momento crítico; Lach sabia que não deveria marchar à frente. Ele correu para frente para abrir a porta, mas saiu do caminho para segurá-la para Thanatos. Tudo no conjunto dos lábios de Thanatos dizia que era muito pouco e muito tarde.

Na calçada em frente, Thanatos virou-se para ele. — Então?

Lach mordeu a ponta da língua e sorriu - inferno, esse sorriso o tirou de situações mais difíceis do que isso. Falhou com ele agora.

— Então— ele começou, quando tudo o que Thanatos fez foi erguer a testa para ele, — acho que deveríamos viajar juntos.

— Eu ouvi. Porque?

— Porque precisamos fazer algum tipo de plano. — Thanatos parecia cético, então Lach continuou. — Não há como Zeus deixar a foice de Cronus ao ar livre em Santorini para alguém levar. Provavelmente está escondido em alguma cripta, ao estilo da *Arca Perdida* .

— O que é a arca perdida?

— *Caçadores da Arca Perdida* ? Filme de ação clássico? Indiana Jones? Harrison Ford?

Thanatos piscou para ele.

Lach suspirou. — Estou dizendo que provavelmente está protegido. Como com armadilhas. Ou mágica. Não será o meu primeiro rodeio, mas você nunca quer entrar nessas coisas sem, você sabe, considerando os perigos à frente. Quero dizer, eu vou ficar bem. Mas você não é muito aventureiro, por isso devemos analisar o básico antes de chegarmos lá. — Lach sorriu.

A provocação claramente transcorreu menos bem do que ele pretendia. Thanatos estava carrancudo, os cantos de seus lábios deslizando mais para baixo a cada segundo.

Ele tentou de novo. — E, você sabe, existem mortais que pensam que velejar é como férias.

— Você está falando de cruzeiros.

— Eu sei. Mas farei todo o trabalho duro.

Ok, Thanatos nunca tinha sido do tipo de férias. Ele não parecia tão inclinado a se sentar e deixar Lach levá-lo para a Grécia.

— Mas eu realmente poderia usar sua ajuda?— Lach sugeriu. — Ela é um barco bem grande. Muito para um cara lidar sozinho.

— Você parece ter conseguido bem.

Lach chupou suas bochechas. Não parecia certo reclamar de Misericordia ou sugerir que ela era qualquer coisa, menos o melhor barco para velejar, mesmo que colocasse Thanatos a bordo.

— Acho que sim e se algo acontecer? Quero dizer, se estou no mar, esse não é o seu domínio. Não poderemos conversar.

— Nós podemos usar o rádio.

Lach suspirou. — Satélite está com defeito.

Naquele momento, um homem passou por eles na calçada, perto o suficiente para que seu paletó de seda cinza roçasse o braço de Lach. Eles não estavam sozinhos na calçada, apesar da hora tardia. Um benefício adicional das cidades - sempre havia pessoas por perto. Com apenas um pensamento e um movimento rápido de seus dedos, Lach abriu o relógio

do homem. Ele caiu pesadamente em sua mão. Deslizando dois dedos pelos elos, ele o balançou no ar para Thanatos ver.

— Além disso, viajar comigo vem com vantagens— disse Lach. Ele sentiu a mesma emoção da vitória que fazia seu sangue correr toda vez que ganhava um prêmio.

— Você acabou de roubar o relógio daquele homem?— Thanatos exigiu incrédulo.

Lach franziu o cenho. Foi uma segunda natureza. Um relógio estava ao seu alcance - por que ele não deveria pegá-lo? — Eu *não* roubei o relógio daquele homem.

Thanatos se mexeu, seus braços cruzando mais apertados sobre o peito até enrugarem o botão escuro dele.

— Oh, vamos lá— disse Lach, rindo. — É um bom relógio. E ele não precisa disso. Eu comprei para você. Eu sou basicamente Robin Hood.

— Eu não sou pobre — Thanatos retrucou.

Lach se endireitou. — Bem não...

— E você não sabe se o homem é rico.

Lach virou-se. O homem estava quase no final do quarteirão, nem notando o relógio que faltava. Seu traje estava bem apertado, seus sapatos não tinham arranhões e ele andava com a urgência de um homem preocupado com coisas que não importavam - problemas que estavam bem ao seu alcance para resolver.

— Ele é rico — disse Lach definitivamente. Voltando para Thanatos, ele sorriu. — Vamos. Parece que é ouro maciço. Você realmente não quer isso?

— Eu realmente não,— Thanatos disse. Era uma vez em Thrinacia, quando Lach não tinha dinheiro para dar um presente a Thanatos, ele pegou uma laranja em um carrinho no mercado e deu a ele. Aparentemente, tinha sido mais charmoso então. Obviamente, o vendedor riu. Já pensando em Lach algum tipo de bruxa, eles não queriam atravessá-lo.

— Bem, tudo bem. Eu fico com isso. Ele passou a mão por ele e fez uma careta. Nada no estilo de Lach era suave o suficiente para um relógio de ouro. Na maioria dos dias, ele usava camisetas e roupas nas quais podia se movimentar facilmente enquanto navegava. Seus cabelos, que caíam em ondas até os ombros, eram geralmente puxados para trás com um elástico, sem escova.

Mas teria sido bom em Thanatos, tão organizado como ele sempre foi. Ele era o tipo de homem - deus - que podia realizar coisas boas. Alguém que sabia como se mover através de uma multidão. O ouro ficaria fantástico contra sua pele marrom - captava o brilho em seus brilhantes olhos cor de mel. Lach imaginou esse tipo de luxo em seu próprio pulso o fez parecer ainda mais sombrio em comparação.

— Devolva— Thanatos ordenou.

— Desculpe?

— Esse homem pode ter trabalhado duro para esse relógio. Ou talvez seu parceiro tenha dado a ele. Isso pode significar muito.

— Ou nada.

— E se isso não significa nada, ainda é dele. Sua decisão de valorizá-lo ou não.

Lach lambeu os lábios, levantou o queixo e pensou em discutir. Muitas pessoas pegaram o que podiam dos outros sem pedir desculpas. Pessoas em ternos de seda com relógios de ouro que estavam perfeitamente felizes em deixar os outros ficarem sem comida, água e abrigo. Eles ficaram felizes em dizer que as pessoas que lutaram para encontrar o mesmo sucesso simplesmente não trabalharam tanto, ignorando todas as suas próprias vantagens.

Mas isso foi Thanatos. Tudo que Lach queria era uma chance de passar algum tempo com ele, e a melhor maneira de garantir isso era deixar de ser um idiota agora.

— Bem. Vou devolvê-lo.

Se ele estava esperando elogios por isso, ele não recebeu. Sem jeito, Thanatos olhou para ele e acenou com a cabeça para o homem, então Lach começou a correr.

— Senhor— ele chamou. — Senhor!

O homem parou, afastando o telefone do ouvido. Era um daqueles novos e brilhantes que Hermes continuava tentando convencê-lo. Uma lasca de vidro em tela cheia, mais acessório que ferramenta. Seus olhos percorreram Lach, da cabeça aos pés. Ele ficou rígido, embora apenas o tempo suficiente para perceber que o brilho em sua mão não era de um canivete. — O que?— Ele demandou.

— Você deixou cair isso— disse Lach, segurando o relógio.

O homem estreitou os olhos. — Espero que não esteja desgastado.— Ele o pegou da mão de Lach e continuou seu caminho.

Com os braços abertos, Lach se virou. — De nada— ele disse.

Thanatos não estava em lugar algum. O lugar que ele ocupou fora do edifício Hunt estava vazio. — Thanatos? Lach chamou. — Oh vamos lá!

Ele voltou para onde eles estavam, mas não havia sinal dele. Lach mal começara a defender seu argumento, e Thanatos não estava por perto para ouvir o resto.

— Por favor, volte — disse ele. Nada.

O rosto de Lach caiu, seus ombros caíram e o suspiro que escapou dele foi completamente derrotado. Ele perdeu a chance.

Talvez tivesse sido melhor se ele tivesse pegado a mão de Thanatos para começar. Talvez essa missão tivesse terminado muito rápido, mas pelo menos ele teria uma chance de provar que era diferente. Qualquer um poderia crescer se tivesse tempo suficiente. Ele precisava mostrar a Thanatos que havia mudado.

Ele provavelmente não havia mudado o suficiente para ganhar perdão.

— Escute— disse ele, arrastando os pés pela calçada. Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu noturno. Ele nunca sabia ao certo por que as pessoas faziam isso. O Olympus estava, em teoria, no alto. Ainda assim, ele não achava que poderia falar com o céu e Thanatos o ouviria. Teria sido melhor falar com o chão e torcer para que sua voz fosse levada ao submundo. — Eu sinto Muito. Eu estava tentando ser engraçado. Ou talvez charmosamente contrário? Obviamente, errei o alvo.

Lá estava ele, conversando com o céu como um maluco. Merda no palito. Ele passou a mão pelo rosto, fechou os olhos e beliscou a ponta do nariz.

— Thanatos— Ele não sabia o que dizer que convenceria Thanatos a voltar, muito menos a embarcar em um barco com ele por semanas. Ele deixou cair os braços ao lado do corpo, vazio. — Eu realmente não quero fazer isso sozinho. Por favor?

Lach esperou uma batida, depois duas. Nenhuma resposta veio.

Mais é a compaixão

De tudo, por que ele tinha que dizer por favor?

Thanatos só estava olhando para garantir que Lach seguisse e devolvesse o que havia roubado, como prometido. Ele não tinha a intenção de ficar e conversar com ele; ele pensou em encontrar Lach em Santorini em algumas semanas. Meses. Deuses, ele não sabia quanto tempo um barco levou para ir tão longe, mesmo que fosse um barco mágico.

Thanatos estava certo, e ele se agarrava a ele como um homem moribundo em um navio afundando. O relógio pertencia àquele homem rico, e não era certo levar os pertences de alguém. Mesmo que o homem tivesse sido rude com Lach sem saber que o ladino havia roubado o relógio para começar.

Devolvê-lo tinha sido a coisa certa a fazer.

Thanatos suspirou.

Ele não deveria ter assistido nada. Ele poderia ter passado a noite se perguntando se Lach se daria ao trabalho de devolvê-lo, se não tivesse, mas pelo menos ele não teria visto aqueles olhos lamentáveis e ouvido aquelas palavras suaves proferidas no céu noturno.

Thanatos nunca esteve em um barco por mais tempo do que o necessário para recuperar uma alma, e apenas raramente. Os barcos o deixaram com uma vertigem, como se o mundo estivesse tentando se refazer sob seus pés.

Ainda assim, aqueles malditos olhos de Lach sempre foram sua maior fraqueza. Thanatos queria destruir qualquer emoção negativa que via neles. A tristeza de Lach, sua raiva, seu medo - não importa o quanto ele tentasse escondê-los, Thanatos sempre os via lá e era levado pelo desejo de segurá-lo até que eles fossem embora. Ele achava que nunca tinha funcionado, não realmente, mas ele sempre tentara antes.

Ele viu Lach tropeçar na calçada, ombros caídos e mãos nos bolsos, os passos embaralhando.

Por razões que ele não conseguiu explicar, Thanatos o seguiu.

Parte dele esperava que a postura mudasse assim que Lach estivesse fora de vista do edifício Hunt, a primavera retornasse aos seus degraus e sua atitude habitual. Em vez disso,

arrastou-se ao longo de uma calçada após a outra, de cabeça baixa, desânimo escrito em todas as linhas de seu corpo.

Ele sabia que Thanatos estava assistindo? Era por isso que ele estava sendo tão dramático?

Por outro lado, Lach sempre foi propenso ao drama. Quando ele decidiu deixar Thanatos, ele não tinha acabado de sair, fugiu. E ficou longe. E quando Thanatos não seguiu a pista e partiu para sempre durante todo esse tempo, Lach havia dito a ele, em termos inequívocos, por que ele não queria nada com Thanatos.

Bloco após bloco, Thanatos o seguia, e Lach continuava a andar, mal prestando atenção aonde estava indo, mesmo quando fez um pequeno telefonema. Ainda assim, ele parecia chegar ao seu destino, porque depois do que pareceu uma eternidade, ele estava em pé na frente de um veleiro.

Pelo menos, Thanatos pensou que era um veleiro. O que ele sabia sobre barcos poderia preencher um panfleto muito pequeno, e seria composto principalmente de fotos. Tinha uma vela - isso o tornava um veleiro?

Lach pulou a bordo com a precisão de um marinheiro experiente e ficou lá, olhando o rio. Ele balançou a cabeça e desapareceu no convés enquanto Thanatos observava do cais.

Ele deveria ir. Lach ficaria bem. Ele esteve bem por milhares de anos e deixou bem claro que sua versão de vida não tinha nada a ver com Thanatos. Ele não o queria ou precisava dele lá, na verdade não.

Então, por que ele estava tão determinado a colocar Thanatos em seu barco? Parecia um barco bastante agradável e tudo, mas a maioria parecia o mesmo para ele. Lach não queria passar tempo com ele. Planejamento, ele disse, mas não parecia haver muito o que planejar.

Eles não podiam planejar armadilhas que desconheciam ou criptas que não haviam localizado. Eles não tinham ideia do que, se alguma coisa, protegia a foice.

Assim, o objetivo de passar dias, semanas ou o tempo que a viagem durasse, em um barco com Lach parecia uma forma particularmente virulenta de dano auto infligido a ambas as partes.

Thanatos não era um grande admirador de si mesmo, mas ele também nunca se machucou deliberadamente.

Depois de um longo tempo, Lach voltou ao convés? do lado de cima? - com uma garrafa de cerveja na mão e sentou-se na beira do barco, as pernas pendendo para o lado, olhando para a água escura.

A imagem que pintou foi além de perturbadora. Lach, contemplando as profundezas. Lach nunca foi de contemplar nada.

Thanatos deu um suspiro profundo.

— Tudo bem— ele anunciou, permitindo-se tornar visível mais uma vez. — Vou viajar com você no seu barco. Mas ainda acho que isso é um erro e uma perda de tempo.

Lach virou-se tão rápido que derrubou a cerveja e a pegou de novo, limpando o derramamento com a manga e murmurando desculpas ao barco em voz baixa. Apenas um segundo depois, porém, ele estava pulando e caminhando pela distância entre eles.

Havia a primavera em seus passos, a confiança quase irritante e o sorriso de fada que teve o duplo efeito de dar borboletas em Thanatos em seu estômago e rebater seu coração ao mesmo tempo.

— Definitivamente não é um erro! — Lach disse a ele, olhos brilhando de excitação. Ele começou a estender a mão para Thanatos para ajudá-lo a bordo, percebeu que havia uma cerveja na mão e rapidamente se virou para pousar. — Desculpe, desculpe, não estava esperando que você... hum, viesse tão cedo. Eu pensei que você mudaria de ideia de manhã.

Thanatos revirou os olhos e não dignificou essa bobagem com uma resposta. Ele tentou não se concentrar no calor da mão de Lach enquanto o puxava a bordo. Isso não levou a lugar algum saudável, e Thanatos não iria complicar ainda mais a situação confusa em que se encontravam.

Ele terminaria essa viagem, ajudaria Lach a salvar a colheita e eles se separariam. Thanatos não podia se dar ao luxo de se apegar de novo; isso só terminaria em lágrimas.

Filhos fiéis

O ar brasileiro era quente e pegajoso, mesmo em maio, e Martina Paget estava pronta para acabar com ele. Ela tinha certeza de que era um lugar adorável quando estava de férias, mas ela não estava de férias.

— Eles devem ter sido sacrifícios — disse a voz irritante e nasal de sua contraparte do Meio-Oeste. Ele estava esfregando contra seu último nervo. É claro que os restos humanos encontrados na cova perto do Parque Arqueológico do Solstício tinham que ser sacrifícios humanos, porque Jim queria desesperadamente que eles fossem. Esse foi o tipo de história que chamou atenção e atraiu dinheiro. Sem mencionar a confirmação de sua opinião sobre a superioridade de sua cultura em sua própria mente. Como se seus ancestrais não tivessem sacrificado os humanos à sua maneira.

— Não há indicação de que eles foram mortos — ela disse pela segunda vez - naquela conversa. — Muito menos sacrificados. Muito mais provável que fosse um local de enterro honrado.

Ele cheirou ironicamente e abriu a boca para começar a explicar sua própria profissão para ela, novamente, quando o telefone tocou. Sem uma palavra ou uma licença, tirou o telefone do bolso, levantou-se da mesa e se afastou dele.

Havia uma brisa leve do lado de fora do prédio, e era incrível contra suas bochechas quentes.

— Paget — ela respondeu, sua voz surpreendentemente calma.

A linha era um pouco oca, então ela assumiu que era uma ligação internacional, mas isso não foi surpresa. Ela conhecia poucas pessoas preciosas no Brasil. — Ei, Martina.— Com isso, o interlocutor teve toda a sua atenção.

Lach.

Ela sabia que havia algo de especial nele desde que o conhecera em um de seus primeiros sítios de escavação, logo após a faculdade. O mentor dela o apresentou como uma autoridade em artefatos gregos sem dar nenhuma indicação de suas credenciais. Além disso, sem um sobrenome.

— Lach. — Ela se inclinou contra a lateral do prédio e deixou seus ombros caírem. Conhecendo Lach, se ela esperou alguns segundos, ele foi direto ao ponto.

— Eu tenho um pedido estranho — disse ele depois de um momento, a voz hesitante.

— Mais estranho do que o tempo em Jacarta, quando você perguntou se eu poderia arranjar uma cobra viva e quatorze cestos de tamanho humano?

Houve uma longa pausa. — Tinha treze. E havia uma explicação racional para isso.

Ela riu. — Sempre existe com você. Então, o que você precisa?

— Preciso de ajuda para encontrar um sítio em Santorini— disse ele. Era quase um sussurro, como se ele quisesse manter isso em segredo. Seu coração pulou uma batida.

Santorini.

— Algum sítio em particular?

— Há ha, senhora engraçada. — Ele suspirou. — Sim. Tenho um amigo que poderá ajudar a encontrar o que estamos procurando quando chegarmos lá, mas você conhece a área e pensei que talvez pudesse nos ajudar a reduzi-la.

— Este é um trabalho remunerado? — ela perguntou, checando as unhas - quebradas rapidamente, como sempre - de uma maneira exagerada que nem funcionaria nas negociações cara a cara. Não que ela estivesse esperando uma negociação. Lach nunca pechinchou. — Estou no Brasil agora. Eu precisaria de uma passagem de avião. Mais dinheiro pelo meu tempo, é claro.

— Claro — ele concordou sem problemas. — Você terminou aí?

Tão feito. Ela suspirou. — Tecnicamente não, mas se eu não sair daqui, vou ser julgada por assassinato. Jim Jackson está encarregado da escavação.

— Ai. Eu sei que ele é sempre o seu favorito 'splainer'[3].

— Eu gosto da Grécia melhor de qualquer maneira. Primeiro amor e tudo isso. Eu poderia chegar lá em algumas semanas. Na verdade, ela poderia estar lá em alguns dias, mas não queria parecer muito entusiasmada. Ele tinha que pensar que ela estava fazendo um favor a ele. Além disso, daria a ela tempo para sair dessa escavação sem queimar muitas pontes.

---

[3]Splainer; Usa o humor e diversão para explicar as coisas e torná-las compreensíveis como usando; temas, situações, metáforas, adereços, etc.

— Perfeito— disse Lach. — Perfeito. Vou mandar seu dinheiro. Você disse Brasil. E encontro você na Grécia em algumas semanas.

Ela lhe deu suas informações e eles desligaram, depois ficou parada encostada no prédio por um longo tempo. Ela desejou não estar tentando parar de fumar. Um cigarro parecia incrível.

Finalmente, ela respirou fundo e olhou para o telefone, discando o número que ela sempre saberia de cor.

— Paget — foi à resposta, mais cortada do que ela conseguira com mais raiva.

— Lach me ligou e ele está procurando algo em Santorini.

O riso de seu pai estava seco e estalou sobre a linha. — Eu sabia que seu pequeno diploma seria útil eventualmente.

Ele não sabia. Ele lutou com unhas e dentes contra ela fazendo algo tão frívolo quanto ir para a faculdade, quando ela deveria seguir seus passos como seu irmão mais novo, Roger. Os negócios da família eram mais importantes do que um monte de ossos velhos, ele havia dito várias vezes. Foi à única vez que ela o questionou, e ela não iria mudar isso, discordando dele agora. — Vou encontrá-lo lá. Devo esperar e ligar se encontrar alguma coisa?

Ele hesitou por um longo tempo, e ela sabia que ele estava executando as opções. Quase certamente, ele não queria que ela fosse, mas Lach era um curinga. Pode-se contar com a maioria das pessoas para agir de uma certa maneira, mas com Lach, você tinha que ter dezenas de planos de backup, apenas por precaução.

Uma cobra viva e treze cestos, pelo amor de Deus.

— Suponha que você o encontre lá — disse o pai. Ele foi abrupto como sempre, mas ela estava acostumada. — Se nada mais, eu suponho que você deveria estar lá com todo mundo. Com sorte, os filhos serão capazes de lidar com seu amiguinho antes que você precise lidar com ele.

Ela não sabia o que ele queria dizer e não tinha certeza de que ela queria saber. Em vez disso, ela concordou com ele, desligou e reservou suas passagens de avião para a Grécia. Uma semana era tempo de sobra para se livrar da escavação e sair do Brasil, ela decidiu.

Seu pai confiava nos Fidelis Filii, liderados por seu irmão, exceto no nome desde o derrame do pai no ano anterior. Afinal, ele mesmo fundou a organização.

Marty nunca foi de fé, mas ela conhecia Lach bem o suficiente para saber que se alguém iria surpreender Roger, seria ele. Ela tinha que chegar à Grécia e esperava encontrar Lach vivo e bem quando chegasse lá. Ela se perguntou se poderia dizer o mesmo de seu irmão.

Ela ergueu os ombros para voltar, para onde Jim sem dúvida continuava falando alto sobre o sacrifício humano. Primeiras coisas primeiro, ela teve que dizer a ele que estava indo.

Para a Grécia.

Para Santorini.

Santorini, onde o rei dos titãs havia sido derrotado por seus filhos traidores.

Santorini, onde ele deveria se levantar novamente.

Um barco com apenas uma cama

Um erro e perda de tempo - Lach foi chamado de pior. Enquanto Thanatos estivesse viajando com ele, ele poderia melhorar isso. O bar estava tão baixo que não havia para onde ir além de subir.

— Eu deveria lhe dar a grande turnê — disse Lach quando Thanatos estava a bordo. Sua mão na de Lach estava quente e macia como sempre. Ele nunca chamaria Thanatos de preguiçoso, mas o trabalho endureceu, ele não era. Lach sempre apreciara a suavidade daquelas mãos. Agora, ele hesitou em deixar para lá, oferecendo o seu próprio lugar como um lugar firme para se agarrar até Thanatos ficar em pé. Muito cedo, Thanatos se afastou.

— Esta— Lach passou o braço por cima do navio — é a Misericórdia.

Lach esperava reverência. Thanatos pode ser um deus, mas navios mágicos não eram comuns. Em vez disso, Thanatos olhou para ele sem rodeios.

— Seriamente? Misericórdia?

Por um segundo, Lach havia esquecido o que seu nome significava: um ato de misericórdia. O calor varreu a parte de trás do pescoço e deixou as orelhas vermelhas. Ele nunca tinha ficado mais feliz por seus cabelos compridos.

— Bem, sim. Foi assim que eu a peguei - um ato de misericórdia. Ajudei os nerites a salvar algumas baleias na costa da Noruega algumas décadas atrás. Poseidon ficou agradecido.

Thanatos ergueu as sobrancelhas e franziu a testa. Ele cruzou os braços, mas o barco balançou embaixo deles, e um segundo depois ele os estendeu para recuperar o equilíbrio. Lach ofereceu o seu; Thanatos não aceitou. Quando ele se recuperou, ele ainda não parecia convencido.

— Oh— disse Lach. — Você acha que é para você, porque você é o deus da morte misericordiosa? — Sua risada foi alta e tensa. Ele queria mentir sobre isso - salvar a cara - mas toda a razão pela qual Thanatos estava lá era para Lach convencê-lo de que ele não era um mentiroso. Lach largou a mão e deu de ombros, tentando indiferença. — Oh, hum, bem . Sim, eu acho. Acho que você pode ter passado pela minha cabeça.

Ok, Thanatos definitivamente não estava desmaiando com a ideia. Lach esfregou a parte de trás do pescoço. — Ou algo assim— acrescentou. — Eu não sei. Deixe-me mostrar a você.

Ele o mostrou pelo convés, mas além de alguns bancos e um lugar nos fundos onde Lach pescava, não havia muito o que mostrar. Ele apontou coisas que se mudaram, lugares para evitar que possam ser perigosos. Então ele o levou lá embaixo.

— É um local apertado aqui embaixo, mas há dois quartos — disse Lach enquanto descia as escadas estreitas e íngremes. Ele teria deixado Thanatos ir primeiro, mas achou que era a coisa mais graciosa a fazer para estar lá para pegá-lo, mesmo que não precisasse.

Antes de ir para DC, preparara-se para uma viagem com Thanatos. Isso significava estocar comida melhor do que Lach costumava comer e pedir a Mis para arrumar um segundo quarto. Ela não era apenas mágica; ela era impossível. Mudar de um quarto para dois, ou mesmo de veleiro para mega barco, não era nada para ela.

— Essa é a bagunça. É onde comemos - ele disse quando os dois estavam no andar de baixo e conseguiram se endireitar. — Aqui está o...

Lach liderou o caminho para a cabine da frente. Era um pequeno quarto de hóspedes e lhe serviria bem se Thanatos não quisesse ficar em seu quarto cercado por suas coisas. Não era como se Lach fosse um tesouro ou algo assim, mas aqueles DVDs, a garrafa de rum da mesa lateral, todas as suas roupas - Thanatos poderia querer seu próprio espaço.

Mas quando ele abriu a porta do novo quarto, ela se abriu em um armário. Ele fechou a porta e riu ofegante.

— Só um segundo— disse ele a Thanatos. Então ele se inclinou em direção à porta e abaixou a voz. — Vamos, Mis. Não me interprete assim.

Ele abriu as portas novamente. Ainda sem quarto. — Uh, este é o armário. Estava cheio de jogos de tabuleiro, bugigangas, coisas que Lach tinha esquecido que tinha sido guardado onde quer que Misericórdia colocasse coisas que Lach não precisava mais.

— É um armário muito bonito— disse Thanatos secamente.

— Sim! Claro que é. Por que não voltamos por esse caminho? — Ele indicou o corredor estreito que cortava a sala de máquinas em direção aos fundos. Thanatos liderou o caminho, mas à porta, Lach esgueirou-se em volta dele. Foi um aperto forte, e ele não pôde deixar de roçar contra ele.

— Desculpe— ele murmurou.

— Está tudo bem— disse Thanatos, olhando para o teto enquanto Lach abriu a porta.

— Este é o quarto principal— disse Lach. Thanatos entrou e olhou em volta. — O banheiro é por lá, se você precisar se refrescar.

Era mais limpo do que ele havia deixado - graças aos deuses por Mis -, mas ainda era claramente habitado. Obviamente, seu espaço.

— Pensei que você tivesse dito que havia dois quartos— disse Thanatos.

Lach riu. — Você não viu? Está uma desordem?

Thanatos fez uma careta.

— O banco da sala de jantar? — Lach sugeriu.

—Ah. Obviamente. Quarto mais aconchegante que eu já vi.

— Mas você vai dormir aqui— acrescentou Lach apressadamente. — Se você quiser. Eu vou ficar lá fora. Era o que eu estava pensando, de qualquer maneira.

Porra, ele queria que Thanatos dissesse alguma coisa. Lach observou enquanto andava pela sala, passando o dedo sobre uma mesa lateral.

— Posso pegar alguma coisa para você? Eu tenho cerveja, água, suco de laranja... — perguntou Lach.

— Não, obrigado.

— OK.

Thanatos passou a olhar sua coleção de filmes, alinhada na prateleira sob a televisão de tela plana na parede. Lach não sabia o que fazer, então ele ficou lá e observou, sua língua grossa e estranha na boca.

— Ok, então. Acho que vou nos enviar para fora. Você quer vir assistir?

— Eu acho que vou ficar aqui — Thanatos disse suavemente, nunca se virando para olhá-lo.

— Certo. OK. Sem problemas. Você se estabeleceu e nós estaremos a caminho. Era à saída do covarde, mas Lach tinha que escapar. Thanatos o pegou desprevenido; ele recuaria, reagruparia e aterrissaria a abordagem na próxima vez.

No convés, Lach pegou sua cerveja no caminho de desatar as cordas. Estava um pouco quente, mas era melhor do que nenhuma cerveja.

Quando chegou ao leme, sentou-se e deu outro gole. — Você jogou sujo, Mis.

Não houve resposta, mas o movimento suave da água sob eles. Ele suspirou. Talvez a noite não tenha sido um sucesso retumbante, mas Thanatos estava lá. Supondo que ele não afugentasse Thanatos - mesmo que ele não pudesse viajar para o barco de uma maneira divina, ele poderia desaparecer dele em um instante - ele teria até que eles chegassem a Santorini para fazer uma conexão. Quando eles pegassem a foice, Lach provaria que ele não era o mesmo homem que havia quebrado o coração de Thanatos.

Naquela noite, Lach não dormiu bem no banco, mas isso significava que ele estava acordado cedo o suficiente para fazer o café da manhã. Ele tinha uma chapa quente. Colocou-a

na mesa de jantar - o espaço da cozinha era praticamente inexistente - e ligou-o enquanto preparava a massa de panqueca e picava as frutas.

Depois de colocar tudo em um prato, ele olhou para o trabalho manual. Não foi ótimo. As panquecas eram desiguais e ele cortara as frutas em pedaços pequenos.

Pedaços! Thanatos comia ambrosia regularmente. Ele não iria apreciar pedaços de melão desequilibrados.

— Mis, nós temos um cortador de melão?

Uma gaveta de utensílios se abriu, mas ele não viu nada lá dentro que pudesse funcionar. Ele enfiou a mão para vasculhá-lo, e a gaveta se fechou, sentindo falta dos dedos por pouco.

Lach sibilou. — É uma coisa razoável de se ter — protestou ele, mas quando ele puxou a maçaneta da gaveta novamente, ela ficou presa. Aparentemente, Mis discordou. Afinal, quando em sua vida Lach usou um baller[4] de melão?

A batalha perdida, Lach olhou por cima de sua obra. Ele fez o seu melhor e saiu do outro lado com panquecas tortas e pedaços de melão.

Com um suspiro, ele pegou o prato e foi bater na porta do quarto principal.

— Thanatos, você acordou?— Alguns segundos silenciosos passaram. — Eu fiz café da manhã.

---

4 

Turvo

Thanatos olhou para a parede, horrorizado, incrédulo e enjoado.

Havia apenas uma explicação possível: isso não estava acontecendo. Talvez ele estivesse alucinando, ou fosse um pesadelo, ou talvez estivesse morto e Zeus o tivesse aprisionado no Tártaro por alguma infração que ele não tinha percebido que havia cometido.

Ele era um dos seres mais antigos do planeta. Ele havia passado por guerras, pragas, extinções em massa, ataques de meteoros, a queda do Império Romano e o cancelamento do Sense8. Portanto, não havia nenhuma possibilidade de ele estar enjoado. Nenhuma.

O sono era uma escolha para os deuses, geralmente. Ele descansava e precisava descansar de vez em quando, mas não precisava de oito horas por noite como um humano. Mas ele pensou que passar o tempo sozinho no convés do barco se mostraria entediante, então decidiu que dormir era uma boa maneira de evitá-lo.

De alguma forma, ele não teve nem uma piscadela. No momento em que ele fechou os olhos, uma sensação geral de desconforto o dominou. Então veio o rolar em seu estômago que combinava com o rolar do barco em uma onda após a seguinte. Sua cabeça latejava, seu estômago revirava e ele encarava a parede. E continuou a noite toda.

Afinal, suas outras opções eram sair, ou acordar Lach e admitir que estava doente. Ele disse que faria a jornada, e ele não era um mentiroso, então o primeiro não era realmente uma opção. O segundo foi pior. Mostrar fraqueza a Lach era como sangrar na água infestada de tubarões.

Thanatos sempre foi bom em manter o silêncio. Ele guardou os segredos de tantas pessoas. Quem melhor para contar suas informações mais próximas do que a própria morte?

Pela milésima vez, ele disse a si mesmo que não fazia sentido. Ele era um ser imortal de milênios que raramente precisava dormir ou comer. Ele absorveu o que precisava do mundo ao seu redor, e o ichor em suas veias forneceu uma fonte quase ilimitada de energia.

E, no entanto, seu estômago revirou e continuou ameaçando expulsar qualquer coisa que pudesse estar nele.

Quando Lach começou a assobiar pela manhã, era ao mesmo tempo agradável e irritante. Thanatos decidiu, ele pensou caridosamente, chamá-lo de fofo. Quando o assobio foi

seguido por murmúrios frustrados, parecia que ele havia sido atacado no tempo: o otimismo inquebrável de Lach, às vezes temperado por conversas consigo mesmo sobre coisas que o irritavam.

Houve uma batida suave na porta. —Thanatos?

Ele queria insistir que Lach fosse embora. Deitado ali, suando e respirando pesadamente era possivelmente a coisa mais indigna que ele já havia feito. Ele não queria que ninguém o visse dessa maneira, muito menos Lach.

Depois de um momento, a batida voltou, mas desta vez, em vez da chamada silenciosa de seu nome, foi seguida pela abertura da porta.

Por mais que ele quisesse dizer algo, qualquer coisa, para negar a entrada de Lach, ele estava preocupado que o que saísse fosse um gemido.

O cheiro de comida invadiu a cabana, e Thanatos tentou prender a respiração. Não foi tão horrível quanto ele esperava; sem ovos pesados e carne salgada.

— Thana...— Lach colocou a bandeja que estava carregando no final da cama e subiu ao lado de Thanatos, a boca aberta e os olhos arregalados. — Caramba, o que há de errado?

Ele tentou sacudir a cabeça, mas isso deixou seu estômago ainda mais irritado, então ele se curvou sobre si mesmo.

Lach nunca desistiu facilmente, então ele se inclinou e passou a mão na testa de Thanatos. Seus dedos estavam gelados, o que estava errado. Ele sempre teve mãos quentes.

Ficou em silêncio na sala por um momento antes de Lach suspirar. — Seriamente? Isso não é justo. Você não pode estar enjoado.

— Não, — Thanatos murmurou.

— Tudo bem — disse Lach, a voz calma e agradável, apesar do fio de pânico que ele estava cobrindo. — Vamos levá-lo ao topo, então. OK?

Thanatos tentou se enrolar em uma bola mais apertada. Levantar-se definitivamente não ia acontecer.

Para não se intimidar, Lach pulou, deu a volta na cama, colocou um braço em volta dos ombros de Thanatos e o puxou para cima. O movimento piorou a cabeça, como se houvesse uma linha direta entre sua cabeça e sua barriga, seu estômago revirou.

Fracamente, ele tentou afastar Lach. Possivelmente pela primeira vez em seu relacionamento, o humano era mais forte que ele. Contra todas as probabilidades, contra a náusea que revirava seu estômago e a inquietação em seu coração, a força de Lach era reconfortante. O fato de alguém ainda ser competente e ele não estar sozinho com sua miséria era a coisa mais reconfortante que ele sentia há muito, muito tempo.

Praticamente carregando todo o seu peso, Lach o empurrou pelas escadas e entrou no ar da manhã. Isso o deixou tonto, a brisa fresca contra o rosto e uma repentina sensação de abertura, mas ao mesmo tempo foi bom. Isso não o impediu de tropeçar em seus próprios pés e quase cair em seu rosto, mas ágil e rápido como sempre, Lach circulou e o segurou.

Lach o ajudou a se sentar em um banco no convés e o colocou sobre ele, depois apontou para longe. — Você pode me fazer um grande favor e apenas olhar para lá? Fique de olho, sabe? Focar o horizonte?

Thanatos tentou assentir, mas isso fez seu corpo se rebelar, então ele gritou um sim — sim— e fez o que foi pedido. Ele não sabia por que Lach estava lhe dando uma tarefa quando estava se sentindo, e provavelmente parecendo, o mais miserável que já esteve em sua vida, mas era bom ter algo em que focar. De fato, quanto mais ele olhava para o horizonte, mais seu corpo parecia se acalmar. A náusea diminuiu e a dor de cabeça diminuiu lentamente.

Ele percebeu que estava olhando para o lado do barco, não para onde estavam indo ou de onde tinham vindo. Qual era o propósito de encarar o nada?

Lach levantou a cabeça do convés e olhou para Thanatos por um momento antes de desaparecer novamente. Quando ele voltou, ele estava carregando a bandeja de antes, e a comida anteriormente inofensiva de repente cheirava incrível. Panquecas? E algum tipo de fruta?

Lach colocou a bandeja ao lado dele e gesticulou dramaticamente em direção a ela. — Estadia! Café da manhã!

Thanatos quase disse algo sarcástico. Algo sobre as panquecas desiguais ou a estranheza de Lach ser capaz de cozinhar, mas havia algo no rosto do homem que o deteve. Um fio de incerteza incomum espreitava em seus olhos, e a maneira como ele mordiscava o lábio inferior enquanto olhava entre Thanatos e a comida.

Então, em vez disso, Thanatos sorriu para ele. — Obrigado. Cheira maravilhoso. Ele pegou a bandeja, colocou-a no colo e hesitantemente pegou o garfo. O primeiro pedaço de melão era melhor que a ambrosia, e ele cantarolou em aprovação.

O sorriso de resposta de Lach era tão brilhante quanto o sol.

— Você não está comendo?

— Eu pensei em testar em você — disse Lach, inclinando um quadril e encostado no banco. — Você sabe, verificar se não é venenoso primeiro.

Thanatos revirou os olhos. — Você fornece sua própria comida há milhares de anos. Acho que você está ciente de que é capaz de cozinhar.

— Na verdade, eu não faço muito — murmurou Lach. Então sua voz ficou clara e o sorriso arrogante retornou. — Mas é ótimo, certo? Porque eu sou incrível.

Ele não pôde evitar; ele riu. Lach não tinha mudado nada. Havia toda a bravata descuidada que chupou Thanatos pela primeira vez.

E por alguma razão, por essa manhã, ele decidiu que iria se divertir com isso. Provavelmente era uma ladeira escorregadia, e ele acabaria se arrependendo disso, mas estava tão cansado dos mesmos dias sombrios de trabalho e mais trabalho, com apenas o ocasional ponto brilhante de uma refeição com seu irmão ou uma festa horrível na cidade. Hades.

Thanatos mereceu esse momento, quente, familiar e reconfortante. Pela primeira vez, ele iria se permitir, o inevitável desgosto de amanhã será condenado. Ele cortou um pedaço de panqueca irregular e foi a melhor panqueca que ele havia comido em toda a sua existência.

Filmes e tripas de peixe

Era algum tipo de besteira cármica épica que Lach dissera sobre ficar enjoado quando Thanatos os levou para o outro lado do planeta, e agora Thanatos estava infeliz e doente. Lach fora imortal por engano - ele não acreditava que o destino era todo poderoso e sabetudo -, mas maldição, se não parecesse que eles queriam pegá-lo às vezes.

Eles passaram o dia no convés, Lach velejando e Thanatos olhando o horizonte. Depois de um tempo, ele começou a parecer menos cheio.

— Eu não sabia que os deuses podiam ficar doentes — disse Lach. No final da tarde, quando o curso estava definido e havia menos o que fazer, ele havia pescado na parte de trás do barco. Agora ele estava sentado sobre a água em um banquinho minúsculo, limpando sua captura em uma pequena mesa à sua frente.

— Eu não estou doente, — disse Thanatos. — É desorientador, colocar os pés em algum lugar instável.

— Ah, então você está dizendo que tem problemas de controle, — brincou Lach. — Eu compro isso.

Thanatos lançou-lhe um olhar de olhos estreitos, mas Lach não sentiu raiva por trás dele enquanto cortava o peixe da cauda à cabeça.

— Mas se você não parar com isso, eu posso ficar realmente doente — Thanatos reclamou, fazendo uma careta quando Lach jogou as tripas de peixe na água.

Rindo, Lach balançou a cabeça. — Eu pensei que você ficaria um pouco mais confortável com esse tipo de coisa, você sabe, considerando. — Ele acenou com a faca na direção geral de Thanatos.

— Eu posso estar familiarizado com a morte, mas isso não significa que eu queira testemunhar os detalhes dela aqui.

— Justo. — Lach bateu com o peixe na mesa. — Eu sugiro que você se vire.

Com um suspiro pesado, Thanatos afundou no banco e virou o rosto em direção ao céu roxo.

Lach terminou de limpar o peixe. — Eu vou cozinhar isso. Você vai sentir fome no jantar?

Thanatos nunca teve que comer, mas só porque ele não precisava para viver, não significava que ele não poderia se divertir. O senso comum sustentava que o caminho para o coração de um homem era através de seu estômago; Lach queria ver se funcionava para os deuses.

O deus em questão não levantou a cabeça, nem dobrou o queixo para baixo para poder olhar diretamente para Lach. — Eu acho. Isso parecia uma provação para os pobres peixes. É uma pena deixar isso ir para o lixo.

Lach sorriu. — Seria. Eu voltarei.

Ele escaldou o peixe com limão e azeite de oliva - não o mais ambicioso, talvez, mas tinha gosto de casa. Com um lado de espinafre refogado, parecia o tipo de refeição que Thanatos não jogaria diretamente no mar aberto. Lach não sabia cozinhar direito, mas esperava que a substância vencesse.

Quando ele voltou ao convés, as estrelas estavam espalhadas pelo céu. Thanatos ainda estava olhando.

— Bon appétit — disse Lach.

Quando Thanatos olhou para ele, ele sorriu. Foi o primeiro que Lach viu desde que Thanatos olhou para Prometeu. Seu coração bateu ansiosamente em seu peito.

— Você quer comer aqui em cima? — Lach perguntou.

— Sim. Está uma boa noite.

Thanatos endireitou-se na cadeira e pegou o prato. Lach conseguiu uma vaga no final do banco. De costas para a parede da cabine, ele podia assistir Thanatos enquanto Thanatos observava as estrelas.

Por alguns minutos, eles comeram em silêncio. Dando mordidas menores, ele procurou por qualquer indicação de que Thanatos gostasse. Ou que ele não fez.

— O que? — Thanatos perguntou, virando-se. Ele sorriu com a boca cheia.

Lach piscou. Ele podia olhar assustadoramente com os melhores, mas quando chegou à hora de conversar, ele se debateu.

— As coisas estão difíceis agora? — Lach perguntou. Ele empalideceu. Esse tipo de pergunta deve vir com mais especificidade, caramba. — Quero dizer com tantas pessoas no mundo. Tipo, você provavelmente lida muito todos os dias.

— Não é tão ruim quanto você imagina — disse Thanatos. Claro, Lach não achou que houvesse qualquer circunstância que levasse Thanatos a reclamar. — Charon e Hermes precisam lidar com o pior.

— Sim? Eu acho que isso faz sentido . — Quem foi recebido do outro lado da vida por Thanatos teve sorte. Ou legal. Provavelmente ambos.

— Ainda assim, o mundo mudou muito.

— Você está me dizendo. — Lach riu. — Acabei de comprar um maldito celular, e agora Hermes está insistindo que eu seja esperto? Que porra é um smartphone, Thanatos?

Thanatos piscou para ele. — Você não tem um smartphone.

Gemendo, Lach jogou a cabeça para trás. — Vocês são todos desamparados. Se as pessoas confiam em seus telefones para serem mais inteligentes do que são, já estamos fodidos. Esta é a linha do tempo ruim.

A risada suave de Thanatos aqueceu o peito de Lach. — Não existe, Lach. É uma boa linha do tempo.

— Você diria que não importa o quê — Lach reclamou. — Você sempre vê o melhor de tudo.

Era uma vez, ele também tinha visto o melhor em Lach.

Uma pequena linha apareceu entre as sobrancelhas de Thanatos. O silêncio os cobriu, e Lach sabia que ele tinha dado um passo em falso.

— Você quer assistir um filme? — ele deixou escapar antes que Thanatos pudesse pensar muito sobre o tempo que havia perdido em pessoas que não valiam a pena.

Thanatos piscou. Nesse ritmo, Lach lhe dava chicotadas em cima de deixá-lo enjoado.

— Quero dizer, — continuou Lach, — pode ajudar a se dar algo para se concentrar quando voltarmos para baixo. Algo que não seja o balanço.

Thanatos fez uma careta. — Não me lembre.

— Ei, você ficou bem a maior parte do dia. Você está indo bem. Você vai se acostumar com isso. — Ele precisava, ou Lach era oficialmente o pior ex-namorado a enganar seu amante em potencial em um veleiro.

Ok, ele já era o pior ex-namorado que já fez isso.

— Então, você está disposto a isso? — Lach perguntou.

Com um suspiro, Thanatos deu de ombros. Ele terminou a última mordida de sua comida e se levantou.

— Por que não?

Lach sorriu. Pode ser uma pequena vitória, mas mesmo assim foi uma vitória.

— Ótimo! Eu vou pegar seu prato. Ele enfiou a última comida na boca e empilhou uma em cima da outra. — Depois de você.

Ele deixou Thanatos liderar o caminho e parou na cozinha a caminho dos fundos.

— Vou lavar a louça — disse ele. — Por que você não escolhe um filme? Há uma prateleira inteira no quarto.

— Eu vi. — Havia algo temperado na voz de Thanatos que deixou Lach desconfortável.

— Bem, o que você quiser. Eu estarei lá em um minuto.

Limpar dois pratos, mesmo com a panela em que ele cozinhara, foi rápido.

— Você quer algo para beber? — ele chamou pelo corredor curto.

— Uma água seria ótima. Obrigado.

Lach pegou uma garrafa e uma cerveja para si mesmo e bateu na porta do quarto. A cabeça de Thanatos apareceu.

— Alguma sorte? — Lach perguntou. Ele passou a Thanatos a garrafa de água.

— Eu não sei. Você tem muitos filmes . E muitas temporadas de *Frasier*.

— Melhor sitcom da televisão.

— Uh, huh.

Lach olhou por cima das prateleiras. — Que tal este?

Ele escolheu *The Holiday*, que foi sem dúvida uma das cinco comédias românticas de todos os tempos. Thanatos olhou para a capa de outro DVD. Os cantos dos lábios dele se apertaram, e ele deu de ombros.

— Eu estava realmente pensando sobre este — disse ele, retirando a *Sociedade dos Poetas Mortos*. O estômago de Lach caiu. Isso foi decididamente pouco romântico. De fato, a única coisa menos romântica em que ele conseguia pensar era em *Transformers*. Ok, ou talvez *Alien*, mas ainda era um filme sólido.

Mas ele disse que Thanatos poderia escolher. — Parece bom. Eu amo Robin Williams.

Enquanto Lach finalizou o filme, Thanatos se arrastou para a cama. Uma condição de estar em um veleiro - ou talvez uma condição que esse barco em particular tivesse fabricado - era que não havia muito espaço para sentar. Ou Thanatos o deixava sentar ao lado dele na cama, ou Lach estaria de pé durante a coisa toda.

— Você se importa? — Lach perguntou, acenando com a cabeça em direção ao lado vazio da cama. A última vez que eles compartilharam uma cama, Lach havia saído dela e desaparecido por meses.

Thanatos franziu o cenho. — Tudo bem.

Ele parecia menos do que satisfeito, mas permitiu que Lach se aproximasse dele e se recostasse na cabeceira almofadada.

O filme foi o melhor de sempre - comovente e devastador, esperançoso e triste. Lach bebeu sua cerveja e pensou em abraçar Thanatos, mas suas pernas não estavam perto de se

tocar. Mais de uma vez, Lach mudou, dobrando o joelho no espaço de Thanatos. Invariavelmente, o deus se afastou, então Lach pensou melhor em pressionar.

Mas quando Thanatos prendeu a respiração vendo Neil Perry encontrar a arma de seu pai, Lach estendeu a mão e colocou a mão em cima da de Thanatos. Vagamente, ele enrolou os dedos ao redor da palma da mão de Thanatos. Quando o Sr. Perry encontrou seu filho, Thanatos apertou com força.

O filme terminou, e Lach ficou quieto até o final dos créditos e, minutos depois, com medo de que, se ele se mexesse, Thanatos retraísse a mão. No final, ele fez assim mesmo.

Thanatos se virou, pegando sua garrafa de água na mesa lateral. Ele precisava das duas mãos para desatarraxar a tampa - Lach entendeu isso, mas não entendeu por que Thanatos não o procurou novamente depois.

Foi um momento estranho. O peso no peito de Lach o impediu de fazer piadas.

— Então, você sabe, o cara que interpretou Neil está em outro filme, *Muito Barulho por Nada* . É tudo sobre erros, perdão e ...

— Lach

— Sim?

— Conheço a trama de *Muito Barulho por Nada* .

— Certo. — Lach riu, esfregando a parte de trás do pescoço quente. — Bem, poderíamos assistir amanhã à noite, se você quiser.

Thanatos olhou para ele por tempo suficiente para que Lach tivesse certeza de que diria não. Então ele deu de ombros. — Certo.

— Ótimo! É um encontro.

Os olhos de Thanatos se arregalaram.

— Um plano — esclareceu Lach. — É um plano.

Com um único aceno lento, Thanatos confirmou. Um lento sorriso apareceu no rosto de Lach.

— Posso pegar alguma coisa para você? Saltines? Como você está se sentindo?— Lach perguntou.

— Estou bem.

— Certo. Bem, grite se precisar de alguma coisa. Boa noite, Thanatos.

— Boa noite, Lach.

Embora Lach tenha entrado na área principal para dormir novamente no desconfortável banco da mesa de jantar, ele puxou um cobertor sobre si mesmo, sabendo que tinha um amanhã pelo que esperar e outra chance de provar a si mesmo.

PATRON OF MERCY

LORDS OF UNDERWORLD

Uma bagunça desordenada

Depois que Lach adormeceu, Thanatos passou furtivamente por ele até o convés.

Parte dele se sentia culpado por o homem estar dormindo no banco da cozinha, mas por que ele convidou Thanatos se ele não tinha um lugar para os dois dormirem? Teria sido muito mais conveniente encontrar-se na Grécia.

A menos, claro, que Lach pretendesse que eles compartilhassem a cama.

Seu estômago se retorceu e, desta vez, não foi por causa do movimento do oceano. Essa náusea ainda estava lá, mas uma mera pontada em comparação com a miséria da noite anterior. Não, agora ele estava preocupado que todo o objetivo dessa viagem fosse sexo.

Não era que Thanatos não gostasse de sexo.

Ele amava sexo. Ele adorava sexo com Lach, especialmente.

Thanatos não se apaixona facilmente ou constantemente como alguns de seus irmãos, perseguindo todos os seres humanos atraentes que conheceu. Eles tinham que chamar sua atenção de outra maneira - como ser o homem que se recusava a morrer, não importa quantas vezes Thanatos sentisse o desejo de recuperar sua alma. O homem que, toda vez que Thanatos chegou para levá-lo a Elysium, deu um sorriso arrogante e um — obrigado, mas não, obrigado, não importa o quão bonito você seja.

Eventualmente, ele se tornou a pessoa com quem Thanatos passava mais tempo. Pareceu quase inevitável a primeira vez que Lach entrou em um cemitério e o chamou sem a experiência de quase morte. A primeira vez que o humano caiu de joelhos e se ofereceu para — adorar— no altar do deus da morte.

O tempo que passaram juntos foi incrível em todos os sentidos, e mesmo agora, imaginando Lach de joelhos diante dele, fez aquele calor familiar subir em sua virilha. Lach sempre brincou dizendo que era o mais próximo que ele adorava um deus, ajoelhando-se por Thanatos. Thanatos sempre pensou que, se ele pudesse imaginar adorar alguma coisa, seria nesses momentos transcendentes que Lach amava...

Quando Lach se importou com ele.

Ele suspirou e olhou para o oceano. Era quase impossível à noite ver a diferenciação entre terra e mar. Era apenas uma massa de escuridão, iluminada apenas pela dispersão de

estrelas cintilantes e pela lasca da lua nova. Nesse contexto, o balanço do barco tornou-se reconfortante, lembrando-o de que ele não estava à deriva entre as estrelas, mas ancorado na terra.

Uma parte minúscula e hesitante dele reconheceu que podia ver por que Lach adorava. Foi realmente lindo.

Lach subiu as escadas enquanto o sol chegava ao horizonte, pintando o céu e o rosto em ouro. Céus, o homem era bonito. Como nenhum outro homem que Thanatos já conheceu.

Ele esfregou os olhos e deu a Thanatos um sorriso sonolento que fez seu coração doer. — Não estava com vontade de dormir?

Thanatos encolheu os ombros. — Foi bom sair e perdi a noção do tempo.

— Fácil de fazer — concordou Lach, deslizando no banco ao lado dele. Eles olharam para o horizonte vermelho-laranja em silêncio por um tempo. Isso era novo. O velho Lach nunca teria conseguido ficar quieto por mais de um minuto ou dois de cada vez. Aparentemente, ele ganhou um pouco de paciência em algum lugar entre os milênios.

— Então, café da manhã?

Mas não muita paciência. Thanatos sorriu para si mesmo. — Certo. Aquele melão foi adorável. Ou estamos em rações marítimas agora? Difícil aderência?

Lach bufou. — Velejar não é realmente assim hoje em dia. Quero dizer, claro, depois de alguns dias sem terra, os produtos frescos acabam, mas nem todos são biscoitos secos e barris de vinho. — Sua expressão ficou distante e pensativa. — Antigamente, até assávamos pão. Não tenho certeza quando eles pararam de fazer isso.

Thanatos suspeitava que isso tivesse algo a ver com status social ou duração da viagem, mas em muitas coisas, ele havia sido apenas um observador da história humana. Como o smartphone que ele carregava, mas não sabia dizer como funcionava - ele não tinha tempo para entender tudo.

— Receio que meu conjunto de habilidades não se estenda a assar pão, desculpe. Eu tenho aveia. Ele franziu a testa, mordeu o lábio e olhou para o lado. — E acho que resta algum melão, se você não se importa.

Se importa? Thanatos estava confuso. Seu gemido de prazer ou pedido por mais passou despercebido no dia anterior? — Eu definitivamente não me importo. Está delicioso.

Lach se iluminou. — Doce. Vou tratar disso, então.

Quando ele se levantou, Thanatos também. Ele poderia muito bem ganhar seu sustento. Não parecia que aveia seria tão difícil de fazer.

Lach congelou. — Onde você vai?

— Contigo?

Mais uma vez, Lach parecia em conflito.— Eu amo essa ideia. Realmente eu faço. Mas você já viu a bagunça.

Thanatos não tinha achado isso particularmente confuso, e ele estava vivendo de qualquer maneira, então ele dificilmente achou isso relevante. — Não é tão ruim assim. E o que isso tem a ver comigo ajudando você?

Uma linha minúscula se formou entre as sobrancelhas de Lach, os olhos confusos, e ele inclinou a cabeça. Então seus olhos se arregalaram em entendimento. — A cozinha. Ah, isso é chamado de bagunça. E é realmente pequena. Mal há espaço suficiente para uma pessoa cozinhar, muito menos duas. Ele hesitou um momento antes de acrescentar: — Mas você pode sentar no banco e me fazer companhia, se quiser.

Então Thanatos fez isso. Principalmente, ele assistiu Lach misturar, mexer e murmurar para si mesmo, mas ocasionalmente Lach lembrava que ele estava lá e falou com ele. Era principalmente perguntas sobre as preferências alimentares de Thanatos, um bom assunto neutro. A verdade é que, além da refeição estranha com seu irmão, Thanatos não comeu muito.

Isso, pensou Lach, era uma farsa.

— Mas a comida chegou tão longe na era moderna, — protestou ele. — Não apenas coisas diferentes de todos os lugares, mas fusões de tudo se esmagaram. O melhor de tudo. Você deveria estar lá fora, tentando tudo!

Foi Lach em poucas palavras. Lá fora, tentando de tudo, confuso sobre por que Thanatos estava preso na lama.

Talvez ele estivesse certo. Talvez Thanatos deva estar por aí tentando de tudo.

Ele se sentiu inútil metade do tempo, e isso não era apenas uma dúvida sobre a dúvida. Muitas pessoas ainda morriam todos os dias, mas seu próprio trabalho não parecia estar crescendo. Ele não sabia se menos pessoas estavam morrendo pacificamente ou se elas tinham uma melhor compreensão de onde ir quando o fizeram, mas o mero fato de ele ter passado mais de um dia em um barco sem sentir como se tivesse absolutamente que ver a uma alma falou muito sobre o quão útil ele era no mundo moderno.

Lach estava olhando para ele, e ele percebeu que provavelmente tinha feito uma pergunta. Ele esperava que ainda tentasse comida nova e adivinhou. — Eu não saberia por onde começar.

Lach iluminou-se positivamente. — Ibiza.

— Desculpe perdão?

— Ibiza. Estaremos passando por lá. Podemos parar, ver os pontos turísticos, comer um pouco de comida...

Thanatos levantou uma sobrancelha para ele. — Pessoas famintas?

Lach franziu a testa por um segundo, mas depois seu rosto ficou claro. — Claro, mas ainda é primavera. Nós temos tempo. E uma vez que tivermos a foice, podemos corrigi-la imediatamente. Talvez até retroativamente, mas mexer com o tempo pode não ser uma ótima ideia, mesmo que possa fazer isso.

Provavelmente poderia consertar a colheita retroativamente, mas Lach estava certo - era uma péssima ideia. Ninguém deve alterar o fluxo do tempo. Chamar esse empreendimento de perigoso era chamar Afrodite de atraente atratividade. Era um eufemismo de magnitude risível.

— Sem hora alterada, — ele anunciou. — Mas você provavelmente está certo que um dia não fará diferença.

Lach parecia muito feliz, como se ele fosse vibrar para fora de sua própria pele enquanto passeava e colocava uma tigela de aveia com mel e frutas na frente de Thanatos.

— Um dia. Precisamos reprovisionar de qualquer maneira, não é?

O sorriso bobo ainda colado em seu rosto, Lach assentiu. — Sim. Precisamos parar para comer. Não faz mal passar algumas horas fazendo outras coisas também.

Thanatos sentiu como se tivesse caído em uma armadilha, mas ainda não conseguia ver a rede em que se prendera. Suspirou e cavou sua aveia. Foi bom. Claro que sim. Tudo estava bom.

Mais uma vez, eles passaram a tarde no convés. Thanatos não sabia nada sobre velejar, mas aparentemente envolvia um Lach ocasionalmente sem camisa escalando cada centímetro do navio como uma formiga trabalhadora. Como ele não perdeu o equilíbrio, Thanatos não sabia.

Quando o sol estava alto, Lach olhou para ele, sorriu e perguntou: — Quer aprender a pescar?

Thanatos não tinha certeza. Ele trouxe a morte para muitas criaturas em sua vida, mas nunca a causou ativamente. Ele não tinha certeza se tinha estômago para isso. Ainda assim, aquele olhar esperançoso no rosto de Lach sempre foi sua queda. Ele suspirou e se levantou para se juntar a ele.

Lach pulou e começou a vasculhar algumas pequenas caixas de armazenamento ao lado do convés, depois franzindo a testa. — Tenho certeza que eu tinha equipamento extra em algum lugar.— Ele parou, suspirou e revirou os olhos. — Mis, querida, posso ter o equipamento de pesca extra?

Ele abriu o mesmo recipiente que acabara de fechar. Tinha o dobro do tamanho de antes e estava cheio de apetrechos de pesca. Por um momento, Thanatos ficou parado olhando.

Então uma raiva muito familiar tomou conta dele.

— É um barco mágico, — disse ele, a voz plana.

Lach virou-se para ele, meio sorriso ainda no lugar. — Certo. Eu te disse... O sorriso dele caiu quando ele olhou para Thanatos. — O que há de errado? Eu disse que ela era mágica. Eu juro que sim.

— Mas seu barco mágico, que muda de tamanho, de alguma forma só tem um quarto, — Thanatos cuspiu. Porque nada poderia ser o que parecia quando Lach estava envolvido. Um barco mágico que provavelmente poderia ser de qualquer tamanho, e Lach decidiu que eles precisavam apenas de um quarto.

Lach suspirou como se ele fosse a vítima na situação. — Eu sei. Eu sinto Muito. Eu tentei, tentei, mas...

— Você realmente achou que ia dar certo? Que o menor inconveniente me faria cair de volta na cama com você? Thanatos balançou a cabeça e deu um passo para trás, quase perdendo o equilíbrio porque não estava olhando para onde estava indo. Não era exatamente isso que ele precisava - cair do barco e se fazer um bundão completo?

Lach o alcançou, olhos cheios do que parecia preocupação, mas ele se afastou.

Ele pulou de volta para o banco, onde pelo menos era improvável que caísse no mar. — Isso é tudo isso? Uma oportunidade conveniente de ferrar um deus de novo? O que há de errado, Hermes não está disponível?

— Ele está, na verdade! — Lach explodiu. — Ele praticamente ofereceu a última vez que o vi.

— Então vá encontrar Hermes. — Thanatos se virou. Ele deveria ir. Onde? Ele podia encontrar a atração de uma alma que precisava dele. Ou ele poderia correr. Vá para um cemitério em Nova York e volte para ver Prometeu.

Houve um suspiro atrás dele. — Thanatos. Ela é mágica, mas nem sempre me escuta. Eu tentei. Pedi que ela tivesse um segundo quarto. Houve um som estridente como se Lach estivesse batendo a cabeça na lateral do barco. — Por que diabos você acha que eu tenho dormido naquele maldito banco na bagunça? Estou tentando não deixar você desconfortável!

Ele parecia sincero.

— Thanatos? Lach parecia pequeno e preocupado, e isso era estranho para o pirata desagradável e maior que a vida. — Por favor, não vá.

— Eu preciso pensar, — Thanatos disse a ele, e virou-se para ir abaixo do convés. Quando ele chegou lá, a porta do armário se abriu e havia um segundo quarto além.

Droga.

Thanatos suspirou, entrou no quarto em que estava hospedado, o quarto que cheirava a Lach e continha todas as coisas que definiam o homem, e se jogou na cama.

Sem cama para Lach

Pasmo, Lach ficou no convés e observou Thanatos descer. O deus poderia ter desaparecido em um instante sem volta. Poderia ter sido pior.

Ou talvez ele estivesse descendo para pegar algo que havia deixado para trás e estivesse desaparecido quando Lach chegasse lá.

De pé ali, com o sol do meio-dia batendo nas costas nuas, Lach estava congelado. Desamparado.

Quando ele suspirou, toda a força que o segurava se levantou rapidamente. Ele afundou no banco e passou a mão pelos cabelos. Estava amarrado, mas pedaços se soltaram e penduraram em seu rosto.

O vinil grudou nas costas nuas.

— Deuses amaldiçoem tudo.

Ele abaixou a cabeça e olhou para o céu brilhante. Não há escolha a não ser seguir.

Mas quando ele desceu, a primeira coisa que viu foi a segunda cabine aberta. Vazia.

— Então agora você vai me ajudar, — ele resmungou para Mis.

Provavelmente, Thanatos já se fora. E Lach era uma merda demais para descobrir por si mesmo.

Em vez disso, ele entrou na cabine vazia. Inocente e limpa, Thanatos poderia ter gostado melhor do que o próprio quarto de Lach. Com outro suspiro, ele se sentou na cama.

— Eu realmente estraguei tudo, — disse ele a ninguém em particular. Talvez Mis. Ela precisava ouvir.

Desta vez, neste dia em particular, talvez a merda não tivesse sido dele. Mas ele tinha fodido bastante. Três mil anos atrás, ele olhou Thanatos nos olhos e disse que não o queria. Porque ele era um idiota. Um completo idiota. Errado em todos os níveis possíveis. E droga, porque ele estava assustado.

Lach tinha trinta e cinco anos, e as pessoas em sua aldeia estavam começando a notar que ele não estava envelhecendo. Seu irmão, Philon - amplo e saudável com a melhora de suas

fortunas depois que Lach matou aquela vaca e impressionou Poseidon - começou a parecer mais velho do que Lach jamais faria.

Houve rumores sobre a influência de deuses, a infidelidade de sua mãe e bruxaria. Lach sabia que tinha que deixar Thrinacia, sua família e tudo o que sabia por trás. E a única pessoa que ele poderia levar com ele - Thanatos - ele tinha medo, porque ele realmente não entendeu o que significava para sempre. Ele não achava possível que Thanatos pudesse cuidar do filho ladrão de um vendedor de peixe por tanto tempo. Então ele machucou Thanatos antes que ele pudesse se machucar.

No momento em que ele estava se preparando para afundar de mau humor para rivalizar com todos os aborrecimentos, a cama debaixo dele balançou. A extremidade aberta levantou, dobrando-se em direção à cabeceira da cama, levantando Lach do chão.

Em pânico, ele caiu. Assim que seus pés atingiram o chão, a cama também. Poderia ficar, mas não era para ele. Mis o expulsou.

Havia duas opções: ele podia sentar ali, não fazer nada e arriscar que Thanatos desaparecesse; ou ele poderia tentar.

— Bem. Entendi. Barco idiota. Ele teria que se desculpar por isso mais tarde.

A curta distância da cabine dos fundos parecia o trecho mais longo que Lach já havia percorrido. A preocupação apertada em seu peito diminuiu quando ele bateu na porta e abriu a porta para encontrar Thanatos na cama, olhando para longe da porta.

— Ei— disse Lach suavemente.

Thanatos apenas grunhiu em troca.

— Eu estava com medo que você tivesse ido embora — ele admitiu, encostado na porta.

— Eu apenas disse que precisava pensar. — Toda a rigidez que havia saído de Thanatos no início do dia havia retornado com força total. Lach podia vê-lo nas linhas rígidas de suas costas, ouvir em sua voz.

— Você se importa se eu entrar?

— É o seu quarto — respondeu Thanatos, sombrio.

Thanatos sentou-se. Ele girou as pernas, como se não suportasse ficar vulnerável com Lach lá na sala.

— Eu sei. Mas pensar vai levá-lo à conclusão óbvia de que você não deveria estar aqui. Lach tentou fazer uma piada, mas Thanatos não sorriu, e isso só fez o coração de Lach doer. — Eu pensei que talvez pudéssemos conversar.

Ele atravessou a pequena sala e caiu de joelhos. Thanatos endureceu o queixo e se virou. Com um único dedo hesitante, Lach tocou o queixo de Thanatos e virou a cabeça na

direção dele. Por um segundo, o olhar de Thanatos permaneceu treinado para o outro lado. Quando ele finalmente olhou para ele, Lach sorriu fracamente e colocou a mão na coxa de Thanatos. Ele sabia que deveria ter mantido distância, que Thanatos não o queria lá, mas se ele pudesse segurá-lo, talvez ele não desaparecesse. Ou talvez essa fosse sua última chance de tocá-lo.

— Escute, sinto *muito* pelo mal-entendido. Eu poderia ter sido mais claro. Quando estávamos em Washington, Mis tinha um segundo quarto, mas ele desapareceu.

— Por quê? — Thanatos cruzou os braços e Lach não podia culpá-lo por querer se proteger. Lach nunca havia entendido por que ele, um deus, o havia deixado entrar, em primeiro lugar.

A garganta de Lach se contraiu. A vulnerabilidade nunca tinha sido seu ponto forte, mas ele estava tentando. Talvez se Thanatos soubesse que ele poderia machucar Lach agora, isso compensaria em parte a dor que Lach lhe causara.

— Misericordia deveria dar ao capitão o que eles precisam. E nem sempre é o que eu quero ou o que peço, mas o que ela acha que tornaria as coisas melhores para mim. E ela - ela sabe que eu estive solitário.

Thanatos estava olhando para ele com os olhos arregalados o suficiente para que Lach pudesse ver os brancos ao redor de suas íris. A qualquer momento, ele iria rir e dizer coisas ruins, então Lach se esforçou para explicar.

— Mas não é culpa dela. Ela não sabe como eu te machuquei. Ela pode dizer o quanto eu quero... Lach interrompeu. Seu estômago torceu trezentos e sessenta graus bem no meio. Thanatos piscou para ele, endireitando-se e recostando-se uma fração.

Desesperado, Lach apertou as coxas com as duas mãos. — Eu sei. Sei que não tenho o direito de dizer que quero você depois do que fiz. Eu sinto Muito. É minha culpa que ela tenha levado a segunda cabine. Ela entendeu mal. Por isso dormi lá fora. Eu realmente queria que você ficasse, e não queria insistir com você por mais nada. Eu apenas. Eu não sei. Senti sua falta e pensei que talvez fosse uma chance de...

Lach sentou-se sobre os calcanhares, suspirou e abaixou a cabeça. Nada disso estava saindo bem. Thanatos tinha o direito disso - todo esse plano era egoísta. Lach queria mais do que ele tinha o direito de perguntar. Tudo o que ele fez foi fabricado para fazer com que Thanatos lhe desse outra chance. Nada disso tinha a ver com o que era melhor para Thanatos.

— Não importa — disse ele no chão. — Você deveria ir. Você está aqui porque eu disse que precisávamos planejar - não precisamos. Planejar para quê? E você está enjoado e... Entendi. Se eu estivesse no seu lugar, também não gostaria de passar um tempo

comigo. Foi egoísta e uma merda da minha parte pedir que você viesse. Eu pensei, não sei, que poderia ser divertido irmos juntos, mas você tem coisas muito mais importantes a fazer do que tomar conta da minha bunda miserável. Lach não conseguia pensar em uma única razão convincente para Thanatos ficar com ele.

De repente, os dedos de Thanatos estavam em seus cabelos. Ele tirou o elástico dele. Ele emitiu um som suave e abafado quando caiu no chão atrás dele. Quando seus dedos se apertaram, puxando apenas o suficiente para enviar agulhas de prazer pela espinha de Lach, Thanatos o persuadiu a olhar para cima.

Ele fez isso devagar. A coisa sobre as calças finamente feitas por Thanatos era que o tecido macio não escondia nada. Lach podia ver o contorno de seu pênis, duro e preso atrás de seda cinza.

Era difícil desviar os olhos, subir o peito, dificilmente respirando fundo, até os olhos semicerrados.

— Thanatos? — Contra o bom senso, Lach passou as mãos pelas coxas quentes.

Aleluia

Essa foi a pior ideia que ele teve em séculos. Talvez milênios.

Mas no segundo em que Lach caiu de joelhos na frente dele, Thanatos se perdeu para qualquer coisa, menos ele.

Era como nos velhos tempos, sim, com Glaucus bonito e doce e sua língua de prata, mas Thanatos não se perdeu de memória por um momento. De alguma forma, havia algo tão convincente nesse homem mais velho, mais novo e mais medido, ajoelhado na frente dele. Lach. Ele era o mesmo homem, mas não era.

Havia uma seriedade em seus olhos que ele sempre havia coberto em dez camadas de piadas e besteiras antes. Talvez os anos tivessem feito Lach um mentiroso melhor, ou talvez, apenas talvez, eles tivessem feito dele alguém com quem Thanatos pudesse ser amigo.

Amigos com ereções.

Não havia seu sorriso perverso de sempre quando Lach deslizou as mãos em direção ao ápice das coxas de Thanatos. Ele foi devagar, fazendo contato visual, esperando ser rejeitado.

Thanatos queria dizer a ele que não receberia um não, mas ele não conseguia nem formar a coerência para dizer que sim. Tudo o que ele pôde fazer foi encontrar os olhos de Lach e lembrar de respirar, e isso já era bastante difícil.

— Apenas... — Lach lambeu os lábios, olhando para onde seus dedos estavam invadindo a braguilha de Thanatos e depois imediatamente de volta. — Estou confiando em você para dizer algo se você quiser que eu pare, certo? Apenas uma palavra. Um empurrão. Qualquer coisa, eu juro que estarei do outro lado da sala em um segundo, mãos para mim, e podemos fingir que nunca...

Thanatos estendeu a mão para segurar a bochecha de Lach com uma mão, e Lach se transformou nela como uma flor ao sol. Algo em seus olhos se abriu com o contato, e só então Thanatos entendeu o quão cauteloso ele estava desde a reunião deles. Lach nunca tinha tocado perto de seu peito, mas de alguma forma ele tinha sido, e Thanatos não percebeu.

Ele precisava das palavras, Thanatos percebeu. Ele não precisava da ausência de recusa; ele precisava de aceitação. Foi isso. Thanatos teve que tomar uma decisão. A última vez

que ele concordou com o que Lach ofereceu, resultou em alguns anos selvagens e alegres juntos, seguidos pela ruptura do seu coração em um milhão de pedaços espalhados.

Isso era diferente, não era? Lach não estava olhando para ele com os mesmos olhos inocentes, pedindo tudo. Isso foi por enquanto. Esta era uma missão com um limite de tempo. Eles tinham que encontrar a foice e salvar a colheita, e então se separarem novamente. Thanatos poderia fazer isso, poderia ter isso, e não ter seu coração arrancado novamente.

Ele não podia?

— Eu não vou... — Sua voz saiu áspera, e ele teve que parar e limpar a garganta. — Eu não estou dizendo não.

Os ombros de Lach caíram e, por um segundo, Thanatos pensou que estava decepcionado. A maneira como ele praticamente mergulhou por Thanatos disse algo mais, no entanto. Seus dedos tremiam quando ele usou as duas mãos para abrir os botões e deslizar o zíper.

Ele alcançou e puxou a cintura da cueca de Thanatos, descobrindo seu pênis e olhando como se fosse um artefato precioso. Ele umedeceu os lábios e olhou para os olhos de Thanatos, verificando novamente a permissão, concedida com um aceno encorajador.

A sensação dos lábios de Lach em volta da cabeça de seu pau era perfeição. Ele tinha sentido muita falta disso. Não apenas os boquetes, mas a maneira como o homem cantarolava ao redor dele, a maneira como sua mão direita deslizava automaticamente para cobrir a bunda de Thanatos, como se ele precisasse se pressionar ainda mais.

Lach deu boquetes como ele faz tudo: com todo o seu ser.

Seus olhos se fecharam quando ele perdeu o foco no mundo ao seu redor. Ele lentamente desceu o pênis de Thanatos, lambendo-o para aliviar o atrito dos lábios na pele até que ele conseguiu chegar à metade. Então ele começou a balançar para cima e para baixo, um pouquinho de cada vez, levando um pouco mais a cada retorno.

Sua mão esquerda escorregou para refletir a direita, apertando a bunda de Thanatos por baixo de sua calça e puxando-o cada vez mais fundo, até que o nariz de Lach encontrou sua virilha. Eles soltaram grunhidos simultâneos de satisfação, Lach cantarolando e Thanatos tendo que se preparar para resistir.

Lach não gostou dessa tensão, porém, dando um barulho irritado e puxando Thanatos para ele, indicando que ele deveria ir em frente e empurrar para frente. Como se Lach não precisasse respirar.

Thanatos decidiu não lutar. Ele deixou Lach lidar com ele, curvando-se à necessidade de Lach de estar no comando, mesmo quando se entregava completamente. Ele plantou as mãos atrás dele na cama e recostou-se, depois se derreteu em Lach, que levantou os quadris. Ele engoliu em torno da cabeça de seu pênis por vários segundos eufóricos antes de se afastar lentamente.

Ele se afastou completamente para respirar fundo, mas um segundo depois ele estava de volta, deslizando os lábios em volta da cabeça, lavando a língua sobre o frênulo tão levemente que era quase uma provocação. Quando a bunda de Thanatos se apertou no esforço de permanecer onde estava, Lach novamente levantou os quadris e empurrou a boca para baixo.

Ele começou um ritmo rápido, balançando para cima e para baixo, sugando levemente quando ele subiu e engoliu quando se afundou, os músculos de sua garganta trabalhando ao redor da cabeça do pau de Thanatos.

— L-Lach... Thanatos gaguejou. Ele não tinha certeza se tinha passado a eternidade ou alguns segundos, mas estava feito. Quando Lach levantou aqueles olhos azuis para encontrar os dele, cheios de fogo e desejo, ele não pôde se conter.

Sua cabeça, seu corpo inteiro, caiu de volta na cama, arqueando-se para Lach quando ele gozou. Ele ficou sentindo como se sua alma tivesse partido de seu corpo, deixando para trás uma casca suada e ofegante. Era uma visão maldita diferente, e muito melhor do que a última vez em que ele se viu naquela posição na mesma cama.

Levou um momento para se livrar da névoa pós-orgásmica e lembrar que ele não estava sozinho. Ele tinha um parceiro nisso.

O fim da cama mergulhou com o peso de Lach, e ele parecia nervoso quando Thanatos levantou a cabeça para encará-lo. Ele abriu a boca e a fechou algumas vezes, e Thanatos pensou que eles poderiam estar se sentindo da mesma maneira. Ele se apoiou nos cotovelos e apontou para a tenda nas calças de Lach, com uma pergunta nos olhos.

Lach balançou a cabeça e suas bochechas coraram. Thanatos entendeu que ele não queria reciprocidade, o que era preocupante ou não precisava. Não teria sido a primeira vez que Lach gozou sem ajuda enquanto dava um boquete, então ele decidiu dar à situação o benefício da dúvida. Ele não queria pensar no que o outro poderia significar.

Em vez de se concentrar no que estava sendo negado, ele simplesmente se deixou cair na cama. Ele respirou fundo, depois outro, e, em um movimento que ele pensou ser o maior erro que cometera em séculos, colocou o braço na metade vazia da cama e olhou para cima para

encontrar os olhos de Lach. — Sesta? — Ele deixou seus olhos voltarem para o lugar vazio ao seu lado.

Antes que ele pudesse olhar de volta ou fazer corretamente a pergunta que pretendia, Lach estava preenchendo o espaço vazio. Ele pressionou as costas contra o lado de Thanatos, a cabeça apoiada no braço. A posição era confortável, mas de certa forma insatisfatória, já que escondia o rosto de Lach dele.

Ainda assim, estava quente e presente, e se sentia muito bem.

Menos de cinco minutos depois, Lach estava roncando baixinho, ainda pressionado contra ele.

Ele já podia imaginar as recriminações de Charon. Chamar a Lach um pirata do lixo, um criador de peixes inútil e talvez algumas insultos sobre sua mãe copulando com ovelhas. Talvez quando tudo estivesse dito e feito, era disso que Thanatos precisaria: lembretes de todas as falhas de Lach e por que Thanatos não o queria.

Talvez Lach o deixasse se sentindo esgotado e vazio por dentro.

Por um momento, ele se sentiu quente, macio e saciado como se não estivesse há tanto tempo. Ele queria continuar se sentindo assim pelo maior tempo possível. Isso era tão errado com ele?

Com a mão livre, ele levantou a cueca e de alguma forma conseguiu fechar a braguilha sem danificar as roupas íntimas de seda ou a pele por baixo. Então ele se virou para abraçar Lach.

Eles nunca tinham feito isso antes.

Lach sempre precisou ser a colher grande - aquela em posição de poder, relativamente falando. Thanatos nunca o culpara. Havia um enorme déficit de poder em um relacionamento entre um deus e um humano, e ele nunca tinha invejado Lach por querer recuperar algum terreno.

Essa posição não parecia que ele tinha poder sobre o outro homem, no entanto. Parecia mais confiança.

Mas isso foi bobagem. Lach acabara de ficar confortável e adormecer. A posição não significava nada.

Uma vez que encontrassem a foice, tudo acabaria novamente, e Lach teria ido embora.

Diabos, Lach provavelmente desapareceria em algumas horas. Ele sempre foi bom em sair escondido no meio da noite. Mesmo quando ele não estava fugindo, nunca tinha gostado de enfrentar a manhã nos braços de Thanatos.

A ideia de acordar sozinho o fazia sentir frio, mesmo quando adormeceu com um amante caloroso nos braços.

Quando ele acordou com olhos azuis brilhantes olhando nos dele, ele não conseguia parar seu coração traidor de pular. Foi demais. Ele não podia esperar por isso. Ele não poderia querer isso. Terminaria com ele pegando os pedaços de seu coração novamente, e como ele poderia sobreviver a isso?

Ainda assim, ele não conseguiu se afastar quando Lach se inclinou e o beijou na bochecha, com o hálito rançoso e tudo, e sorriu para ele. Era um sorriso aberto, menos pirata e mais amante, e era a coisa mais perigosa que ele já vira.

Talvez ele fosse um homem fraco, mas não era capaz de dar as costas para aquele sorriso. Ele já podia sentir seu coração partir.

O último do melão

Lach acordou da soneca para o olhar suave do homem que amava. Ele não tinha ideia de como dizer a ele que não importava quanto tempo fazia ou o que ele havia dito - Lach o amava. Ele também não achava que Thanatos acreditasse nele. O fato é que ele havia dito essas coisas e tinha que viver com as consequências.

— Oi — Lach sussurrou.

— Oi.

Por um momento, eles apenas se entreolharam. Quanto mais segundos passavam, maior o silêncio aumentava. De repente, Thanatos perguntou.

— Com fome? — ele perguntou.

Thanatos já estava saindo da cama e ajeitando suas roupas. Lach não tinha ideia de como ele conseguiu mantê-las tão limpas - deve ter sido uma coisa de Deus. Ou uma coisa de Thanatos. Lach nunca o tinha visto desleixado antes, mas ele não teve o tipo de acesso a ele que ele tinha agora. Não havia muita privacidade em um veleiro.

— Sim— disse Lach, empurrando seu braço, — eu poderia comer.

Para Thanatos, comer era uma indulgência; para Lach, era uma necessidade. Ele pode ser imortal, mas ainda era humano.

— Você se importa se eu tomar banho primeiro? — Lach perguntou e acenou com a cabeça em direção à porta do banheiro. Havia outra perto da frente da cabine, mas todas as coisas de Lach estavam nessa. Bem, e agora Thanatos tinha que pensar nele molhado e nu.

— Claro— disse Thanatos.

Antes que Lach pudesse pedir para ele se juntar, Thanatos saiu da sala. — Que esquisito — murmurou Lach. Ele tivera o pênis de Thanatos na garganta. Lach pode não merecer um retorno por esse prazer, mas ele queria a companhia do deus de qualquer maneira.

Observar alguém tão nervoso quanto Thanatos se perder assim era outra coisa. Lach sempre adorou saber que ele poderia fazer isso não apenas com um deus, mas com Thanatos em particular. Ele pode não ter um pingo de magia, mas essa sempre foi a marca especial de Lach - usando as mãos, a boca e todas as partes dele para fazer Thanatos tremer e

desmoronar. E deuses, a maneira que Thanatos disse seu nome como ele fez, só de pensar nisso, Lach pode precisar cuidar de uma coisa ou duas no chuveiro.

Com um suspiro, Lach tirou as calças e as jogou em um cesto. Mis cuidaria deles. Ele nunca tinha apreciado como maldita magia conveniente era até que ele a tinha.

Depois que ele se limpou, Lach se juntou a Thanatos na cozinha. Ele já estava organizando o jantar em uma bandeja. A maioria dos alimentos que ele preparou não teve muita preparação - o último melão, queijo fatiado, torradas e geleia. Eles levaram para o convés para comer e ver o sol se pôr.

— Thanatos? Lach perguntou quando o céu passou de roxo para um azul escuro e sombrio.

Thanatos engoliu um pedaço de torrada com geleia de morango por cima e endireitou os ombros. — Sim?

— Como é morrer?

Em uma expiração lenta, Thanatos relaxou. — Na verdade, eu não sei. Eu nunca fiz essa parte. Eu posso falar sobre isso depois. É tranquilo. As pessoas passam os dias fazendo o que as torna mais felizes. As famílias estão reunidas.

Lach cantarolou. Ele nunca esteve em paz com a ideia da morte. Mesmo quando ele era mortal, esperava sair duro - a fome ou a violência seria sua ruína.

— Só se eles estiverem todos no Elysium — disse Lach.

Thanatos lançou-lhe um olhar medido. — Você não acha que seu irmão e pai fazem isso?

Lach riu. No estado mais desesperado da família, o pai nunca fora um bom homem. Philon esteve seguro e confortável durante a maior parte de sua vida, enquanto Lach nunca foi capaz de confiar em suas bênçãos depois de recebê-las. — Não. Tenho certeza absoluta de que ambos chegaram ao Elysium.

Thanatos apenas o encarou, piscando seus olhos arregalados e lindos. — Você não acha que iria para o Elysium?

— Você acha que eu iria?

— Claro!

Lach cruzou os braços e se afastou. — Thanatos, eu roubei, matei, irritei mais de um deus. Toda fé no mundo é bastante clara sobre que tipo de pessoa eu sou e onde eu acabaria.

Uma linha fraca enrugou a pele macia entre as sobrancelhas de Thanatos. — Eu não deixaria você ir para o Tártaro.

Lach começou e descruzou os braços. — Obrigado.

Uma vez, Lach pensou que Thanatos poderia estar no topo da lista de pessoas que queriam vê-lo sofrer, mas ele sempre foi muito melhor do que Lach podia entender - muito, muito melhor do que ele já mereceu.

A genuína decência de Thanatos o aterrorizava. As pessoas que ele decepcionara - seu pai, Philon, Thanatos - eram sempre tão malditamente boas. Sempre mereceu melhor. E, como sempre, Lach desmoronou sob o peso de sua aceitação, quando ele nunca fez jus a isso.

— Acho que não perdi todas as minhas habilidades no saco, se você me fizer uma coisa dessas.

Com um suspiro, Thanatos se levantou do banco e jogou o prato sujo em cima do de Lach. — Boa noite, Lach.

Enquanto ele observava, Thanatos desapareceu abaixo de uma escada de cada vez. Fez sentido. Inferno, foi um alívio saber que ele ainda estava exasperante.

Por um tempo mais, ele observou as estrelas brilharem. Quando se levantou, ele lavou a louça - até espiou pela esquina e viu Thanatos fechar a porta do quarto.

Agora que havia duas cabines, não havia razão para Lach ficar tão desconfortável. Ele fez o seu caminho para o segundo.

A princípio, ele pressionou a mão no colchão, testando a paciência de Mis. Nada aconteceu, mas quando ele se sentou, ficou claro que ela havia decidido que ele não tinha direito à cama extra. Dobrou-se em direção à parede, deixando Lach se afastar do lado e cair no chão ou se tornar parte do navio.

Por três noites depois disso, Lach experimentou a cama. Mis não deu uma polegada, e ele acabou dormindo no banco da bagunça todas as noites com uma dor no pescoço, pensando no deus do outro quarto, imaginando se ele estava dormindo. Talvez ele estivesse fazendo o caminho através da *3ª Pedra do Sol* com o som abaixado e as legendas ligadas - quem sabia?

Na quarta noite, Lach estava olhando para aquele banco depois do jantar. Ele não queria deslocar Thanatos do quarto e, aparentemente, não lhe ocorreu sair. Isso quase parecia uma vitória em si - Thanatos preferia ficar no espaço de Lach, no quarto de Lach, no meio das coisas de Lach. Só que ele não pediu a Lach para compartilhar com ele.

Isso deixou Lach com duas opções: ele poderia pedir para dormir em sua própria cama, oferecer a Thanatos a cabine vazia e potencialmente expulsá-lo do quarto em que ficara desde que começaram a viagem, ou ele poderia continuar dormindo naquela maldita bagunça. O Banco.

Durante toda a viagem, ele escolheu o caminho de menor resistência, com medo de que, se pedisse um pouco, seria demais, e Thanatos iria embora. Se Thanatos o quisesse em sua cama, ele perguntaria, certo?

Mas talvez, se Thanatos quisesse ir, ele já teria ido. Ele não se importaria se Lach acabasse em Elysium ou Tártaro.

Pisando suavemente com os pés descalços, Lach caminhou até a cabine traseira e bateu na porta.

— Entre. — A voz de Thanatos estava abafada, mas quando Lach abriu a porta, ele estava sentado na cama, vestindo o pijama de Lach. É claro que Thanatos cavou fundo em suas gavetas para encontrar o conjunto de pijamas de flanela que Lach nunca se incomodou. Isso explicava um pouco de como suas roupas sempre pareciam tão frescas; Mis cuidava delas à noite.

Ele colocou um livro na mesa de cabeceira. Lach não tinha muitos deles, mas ele tinha alguns. Ele se inclinou na direção da cama para ver melhor.

— *Binti*?

Thanatos encolheu os ombros. — Sua biblioteca é pequena. E é um bom livro.

— É um *ótimo* livro.

— Não me diga que está ansioso por viajar no espaço.

Lach riu. — Eu sempre me perguntei se Mis poderia voar.

Com um encolher de ombros, Thanatos disse: — Claro. Soa como você. Não pode estar satisfeito com um barco mágico. Agora você quer que ela voe.

O sorriso de Thanatos não encontrou seus olhos, e Lach sentiu um peso incômodo no estômago. Ele podia apreciar o que tinha.

Ok, então ele não teve tempo para cheirar as rosas com tanta frequência. Quando Lach conseguiu o que queria - tesouro, imortalidade, a melhor pizza da cidade - ele gostou por um segundo e, no outro, estava pensando no que mais precisava guardar e roubar.

Lach forçou um sorriso. — Se Mis nunca voar, ela ainda seria a melhor coisa que eu tenho — ele murmurou, endireitando-se.

Thanatos assentiu. — Você precisava de algo?

Com isso, uma risada fraca escapou de Lach. Ele esfregou a parte de trás do pescoço. — Bem, um favor.

Thanatos apenas levantou as sobrancelhas em um convite para continuar.

— Mis, luz da minha vida, alegria dos meus dias — na lisonja óbvia de Lach, Thanatos zombou — não me deixa dormir no segundo quarto.

— O que você quer dizer? — Thanatos perguntou.

— Ela tira a cama.

— Desculpe? — Suas sobrancelhas escuras se franziram.

— Como dobrar. Me joga fora. Aparentemente, não é meu. Mas o banco é *realmente* desconfortável. — Lach fez uma careta. O sentimento de formigamento voltou - um aviso para não levar a sorte muito longe. Fazia dias desde que Thanatos deixara Lach em sua cama, e após o encontro, Thanatos não tinha mencionado nada. Ele tinha sido mais fácil com Lach em alguns aspectos - eles se estabeleceram em um ritmo - mas parecia uma linha firme que Lach não tinha permissão para atravessar. Nem uma segunda vez, pelo menos.

— Uh, huh. — Aquela avaliação seca disse que Thanatos achava que estava tramando algo. Ele não estava completamente errado.

— Eu estava pensando se eu poderia dormir aqui?

Lach viu uma nuvem passar pelo rosto de Thanatos. Seu coração disparou no peito. Isso estava errado. Ele não deveria ter perguntado. O que foi um pouco de desconforto?

Só Thanatos não parecia zangado. — Peço desculpas — disse ele, saindo da cama. — Eu não pensei... você se importa se eu levar o livro comigo?

— Não! Quero dizer, claro que não. Você pode pegar se quiser, mas você, hum . — Lach engoliu em seco. Forçou outro sorriso. — Você não *precisa* ir. Se você não quiser. Você pode. Eu acho... acho que ela quis dizer a outra cabine como um espaço para você. Mas você poderia ficar aqui. Eu preferiria mesmo.

Thanatos olhou para ele, o livro agarrado ao peito, incrédulo. O calor varreu a parte de trás do pescoço de Lach. Ele balançou sua cabeça.

— Não é o que eu quero dizer — acrescentou Lach. — Melhor comportamento. — Ele levantou a mão direita como se houvesse algo em que pudesse jurar. — Eu não quero te expulsar. — Ele podia ver na ponta da língua que Thanatos diria que estava tudo bem e desapareceria rapidamente. — E eu gostaria da companhia — acrescentou.

Afinal, o cochilo tinha sido o melhor que ele dormiu em anos. Havia algo reconfortante em ter Thanatos com ele.

Por alguns momentos, Lach pensou que ele iria embora de qualquer maneira, mas Thanatos suspirou pelo nariz e afundou de volta no colchão. — Suponho que posso ficar.

Lach não tentou reprimir o sorriso em seu rosto. — Ótimo! Isso é ótimo.

Ele se despiu para a cueca e subiu debaixo das cobertas. Ele pensou ter pego Thanatos dando uma espiada, mas Lach não comentou. Em vez disso, ele deixou cair a cabeça no travesseiro e olhou para o deus ao seu lado.

Thanatos estava contente em deixá-lo ter a vitória. Ele abriu o livro no colo novamente. — A luz vai incomodá-lo?

— Nem um pouco — prometeu Lach.

Ele adormeceu com a respiração constante de um deus que nunca se cansava, o brilho suave de uma luz de leitura e a sensação de que ele tinha meio chute no Hades de ter noites mais perfeitas como essa.

De manhã, o segundo quarto se foi.

Doce vermelho

Thanatos já estivera em Ibiza antes, é claro.

Seria difícil encontrar um canto do mundo que Thanatos não tivesse visitado centenas, talvez milhares de vezes. Ele nunca havia navegado para Ibiza logo após o amanhecer, enquanto observava Lach comer alguns dos últimos pedaços de comida no armário do navio. Ele nunca imaginou que biscoitos e geleia poderiam ser sexy, mas ver o homem morder um biscoito era mais perturbador do que ele queria.

Uma das coisas que não havia mudado na transformação de Glaucus para Lach foi sua profunda consciência da comida. A maneira como ele continuava tentando alimentar Thanatos era um lembrete disso, e ele quase queria chorar por ter esquecido.

A família de Glaucus viveu toda a sua existência à sombra da fome. Seu irmão estava doente há muitos anos por causa da desnutrição, e quase certamente transformou Lach no homem magro, mas nunca volumoso que ele era. Não como o pai touro, nem o irmão, que tinha ombros largos e músculos pesados quando a ilha se tornou próspera.

Foi Lach quem escolheu ficar sem, para que outros pudessem, até a ponto de oferecer a Thanatos o último de seu café da manhã. Até o ponto em que a ameaça de pessoas morrendo de fome era a coisa mais importante em seu universo.

Mais de uma vez durante a viagem, ele se permitiu pensar, sem caridade, que Lach estava menos preocupado com a missão deles e mais preocupado com o que ele poderia conseguir com isso. Ele até se permitiu pensar, apenas por um segundo, que talvez Lach tivesse algum motivo oculto por querer a foice.

Claro, ele trabalhou para Gaia, e encontrar a foice para fazer as plantas crescerem estava de acordo com a agenda dela. Isso não significava que Lach não planejasse usá-lo em algum lugar do caminho.

Mas não foi nada disso.

A maneira como ele continuava tentando pressionar o último biscoito do café da manhã nas mãos de um deus que realmente não precisava dele; era assim que Lach pensava em comida. Lach precisava de todo mundo bem alimentado, sempre, e colocar alguém além de si mesmo o deixava desconfortável.

Enquanto isso, os humanos talvez ainda não estejam morrendo de fome, mas a preocupação de que Thanatos hesite em aceitar esses biscoitos, seja para Lach necessário ou não. Talvez seu consumo não retirasse comida de alguém que pudesse usá-lo melhor, mas não havia como saber disso.

Thanatos estava meio distraído de sua meditação, enquanto observava Lach atravessar os degraus para atracar o barco, atracar ou, como quer que fosse chamado. Sua forma ágil fluiu através dos movimentos como a água sob seus pés. Qualquer um que o assistisse saberia que ele havia feito isso milhares de vezes. Ele sorriu para Thanatos quando terminou, satisfação e prazer escritos em todo o rosto.

Thanatos, apesar de seu conforto com sua própria forma, não ia pular do barco e confiar que ele cairia de pé. Lach praticamente nasceu no mar e Thanatos definitivamente não. Ele pisou no cais, hesitante e, estranhamente, quando seus pés atingiram um terreno estável pela primeira vez em séculos, ele se sentiu ainda mais vacilante. As pranchas de madeira sob seus pés pareciam rolar como o convés do barco sempre fazia. Esse era simplesmente o seu novo estado de ser, o rolar de um barco sob seus pés?

— Você ficará bem — Lach disse a ele, parecendo ler sua mente, mas provavelmente apenas notando sua linguagem corporal desajeitada. — É sempre assim por um tempo.

— Estou bem. — Ele balançou a cabeça como se fosse pontuar a frase, mas o movimento o deixou um pouco tonto, então ele parou e ficou lá por um momento.

Lach fingiu não perceber. Ele tirou o telefone do bolso e acenou. — Eu tenho que parar e fazer uma ligação antes de começarmos, mas Ibiza é toda nossa. — Ele levantou a mão livre como se quisesse pegar a de Thanatos, mas então seu olhar deslizou para longe, e sua mão caiu frouxamente para o lado.

Ele se virou e mexeu no celular por um tempo. Thanatos se perguntou se ele lutava para conseguir um sinal sobre a coisa. Nos anos do telefone celular, era tão antigo quanto o próprio Thanatos, e era de admirar que ainda recebesse um sinal. Talvez esse fosse o problema de Thanatos. Ele era tão velho que seu receptor estava quebrado.

— Sim— disse Lach, chamando sua atenção. — Estamos em Ibiza, então ainda temos alguns dias de folga. Encontrou o que procurava no Brasil? — Ele se virou e, quando encontrou Thanatos olhando para ele, deu uma piscadela arrogante.

Thanatos teve que morder a língua para não comentar sobre o retorno do marinheiro esquisito. Não deveria ter sido uma surpresa, no entanto. Lach sempre fora diferente com outras pessoas que com ele. Naquela época, ele pensou que isso o tornava algo especial.

— Você precisa de alguém para buscá-la... Lach se encolheu e suspirou. — Sim, eu sei que você é perfeitamente capaz de chegar lá. Eu estava oferecendo ajuda é tudo. OK! Nos vemos em quatro dias. Santorini. Sim. — Ele afastou o telefone do ouvido e apertou com mais força o botão de chamada final do que Thanatos suspeitava ser necessário.

— Não é sua maior fã? — Thanatos perguntou.

Lach suspirou. — Não, não é isso. Às vezes em campo, depois de um tempo em que todos os homens se oferecem para ajudar porque acham que ela não pode fazer seu trabalho, Martina fica na defensiva.

— Então, você oferecer ajuda estava sugerindo que ela era incompetente.

Isso ganhou outro suspiro. — Sim, praticamente. Minha culpa. Eu sei bem.

Thanatos considerou por um momento, depois deu de ombros. — Ou talvez ela deva conhecê-lo melhor.

Ele não sabia por que estava se sentindo protetor de Lach, tudo bem, ele sabia exatamente o porquê - mas não estava com vontade de se censurar. Lach foi um dos únicos homens que ele conhecia que provavelmente merecia o benefício da dúvida em questões de sexismo. O caos sabia que a maioria dos deuses não.

Lach deu outro encolher de ombros. — Está bem. Eu acho que ela está cansada. E parece que seu último emprego não foi tão quente.

Thanatos estava prestes a se lançar em outra defesa, mas ele se conteve. Pelo que sabia, essa mulher era uma amante ou outra pessoa importante na vida de Lach, e não havia motivo para entrar. Em vez disso, ele se virou para olhar a ilha diante deles. — Por onde começamos?

— Mantimentos — disse Lach, com um tom definitivo.

— Essa não é a última coisa no caminho de volta ao barco?

O sorriso de pirata estava de volta. — Não. Você prepara o barco para partir antes de qualquer outra coisa, caso as coisas não corram bem e você precise fazer uma saída rápida. Não quero ficar preso em mar aberto sem ter estocado.

Thanatos gemeu. — Isso já aconteceu com você antes, não é?

— A verdadeira questão aqui seria: 'Quantas vezes isso aconteceu com você?' - você não acha? — O riso de Lach, apesar do assunto, foi animador. Ele era um idiota, como sempre, mas estava tão feliz que Thanatos não podia fazer nada além de suspirar e balançar a cabeça em fingida consternação.

Comprar comida com Lach era exatamente o que ele esperava. Era como fazer compras com um garoto que usava refrigerante com açúcar. Ele queria obter um pouco de tudo e não

passou um momento pensando em custo ou valor nutricional. Thanatos se perguntou como ele teria sobrevivido aos anos, enchendo seu barco com chocolate e garrafas de vinho.

— Acho que um homem pode precisar de mais do que vinho — apontou Thanatos enquanto Lach selecionava uma segunda garrafa para adicionar à sua cesta. O preço da garrafa era ridículo para algo que acabaria em poucas horas.

Lach ofereceu a ele uma expressão de choque fingido e virou-se para uma mulher próxima. — Você acredita nesse cara? — Ele colocou um dedão na direção de Thanatos. — Eu sei que ele é lindo, mas como um cara tem essa idade e acha que comprar vinho é opcional quando você está na Espanha?

Ela olhou entre eles e riu antes de colocar o vinho na cesta.

— Veja? — Lach perguntou a ele. — Ela sabe o que se passa.

— Ela provavelmente não fala inglês.

Lach havia puxado uma terceira garrafa da prateleira e parou de colocá-la em sua cesta para apontar para Thanatos. — Eu quero que você saiba que a maioria das pessoas por aqui fala inglês. Muitos turistas americanos indefesos não precisam.

— Então agora você é um turista americano indefeso? — Thanatos perguntou, puxando a garrafa das mãos para olhar para ela. Doce e vermelho, sem surpresa. Lach sempre amou coisas doces.

Lach deu de ombros, claramente sem vergonha. — É uma explicação fácil. Além disso, significa que não preciso tentar dizer às pessoas por que minha gíria grega está desatualizada há alguns séculos.

— Você pode tentar o norueguês — sugeriu Thanatos.

Lach deu um sorriso brilhante e radiante nele. — Eu sabia que você estava ouvindo!

Uma pequena parte de Thanatos ainda estava gritando que ele deveria negar, revirar os olhos e ir embora. Em vez disso, ele suspirou, colocou a garrafa no carrinho, colocou a mão em cima da de Lach, onde repousava na alça do carrinho, e seguiu para onde Lach levava.

Do outro lado do Styx

Depois de reabastecer as despensas de Misericórdia com apenas os melhores vinhos - ok, e alguma comida de verdade, almoçaram em um restaurante com vista para a água. A maneira como o sol brilhou transformou-o em uma turquesa profunda que brilhava no canto de sua vista. Lach pode não ter o charme ou a inteligência de Thanatos, mas quando ele pegou manteiga na bochecha e deu uma piscadela atrevida ao deus, ele riu de qualquer maneira.

E caramba, se esse não era o melhor som do mundo. Quando Lach ainda pensava que ele era humano - não o engano que era agora - Thanatos ria com ele o tempo todo. Ele deixara Lach sob sua cuidadosa reserva, mas Lach nunca havia entendido o porquê. Ele não era especial ou importante. Certamente, ele ouviu falar de deuses apaixonados por amantes mortais, mas belezas, príncipes e mágicos cujos talentos diminuíram a habilidade impressionante de Lach de velejar num barco que, francamente, não precisava de sua ajuda. Pessoas especiais. Não os exigentes filhos titulados de peixeiros que não sabiam o que era bom para eles.

Os cuidados de Thanatos agora, a distância, estavam mais de acordo com as expectativas de Lach. Mas às vezes o deus escorregava. Ele ria ou tocava sua mão - todas as pequenas dicas de que Lach poderia não ser tão desesperador quanto ele pensava. Afinal, eles estavam em terra, e Thanatos concordou em passar o dia com ele.

— Você gosta disso? — Lach perguntou, acenando com a cabeça em direção ao copo na mão de Thanatos. Eles acabaram de terminar uma garrafa de vinho.

— O que você quer ouvir como estava certo? — Thanatos colocou entre eles. Embora ele inclinasse a cabeça em desafio, havia um brilho nos olhos. Ele não se irritou.

— Oh, eu não preciso ouvir isso. Eu já sei. — Ele limpou as mãos no guardanapo e se levantou. — Como você obviamente gostou, peça outra garrafa. E algo para a sobremesa. O que você quiser.

— Aonde você vai? — Thanatos perguntou.

— Bem. Humano.— Ele apontou para sua própria frente. — Eu sei que você é mais especial com seus cuidados pessoais e necessidades corporais opcionais, mas eu meio que preciso do banheiro.

Sem entender, Thanatos olhou para ele. — Lach, você não é britânico.

— Não, mas eu passei tempo suficiente nas ilhas justas da rainha e ganhei o direito de usar qualquer gíria sangrenta que eu quiser.

Com um olhar exagerado, Thanatos recostou-se no banco e pegou o menu de bebidas e sobremesas.

Lach encontrou o banheiro por um pequeno corredor do lado oposto do restaurante. No caminho de volta, ele olhou para um quadro comunitário.

Dois passos depois, a única publicação que importava - talvez em todo o mundo - finalmente foi registrada. Ele se afastou, pegou o pôster na parede e correu de volta para a mesa deles, onde outra garrafa de vinho já havia sido aberta.

— Eu peguei o flaó[5]. O garçom disse...

— Styx está tocando em Ibiza.

— *Ok*?

— Styx. Uma das cinco maiores bandas de todos os tempos...

— Dependendo de quem você pergunta.

— Está tocando hoje à noite. Em Ibiza. Temos de ir. — Lach bateu o pôster na frente de Thanatos. — É Styx! Você já viu o Styx? Você tem que ver Styx.

— Eu vi o rio — ofereceu Thanatos.

Lach emitiu um som alto e tenso no fundo da garganta. Não era brincadeira.

— Oh, Lach. — Os olhos escuros de Thanatos nadavam com preocupação. — A maioria dos membros da banda não é do tipo, indo embora?

— Primeiro de tudo, como você se atreve? Segundo, talvez. Mas é por isso que *temos* que ir. Quantos shows você acha que eles terão?

— Nesse avião? Não muitos.

Lach congelou. — Você está me dizendo que, no Hades, há um monte de grandes músicos vagando por aí, dando shows o tempo todo? Você está dizendo que, se eu morresse,

---

[5]  Torta de queijo típica de Ibiza.

poderia ir ver Tom Petty? Eu poderia ir ver Tom Petty em concerto todos os dias malditos dos deuses? Ele caiu em seu assento, as pernas abertas diante dele.

Thanatos encheu novamente o copo de vinho, perdendo a batalha para manter os lábios virados para baixo. — Se isso é o que faria Tom Petty feliz no Elysium, então sim. Eu acho que é possível.

Lach jogou a cabeça para trás. — O que diabos eu estou fazendo ainda vivo, então?— Ele demandou. — Se eu me matar, pelo menos terei isso.

— Sempre algo pelo que esperar.

Antes de pensar nisso, Lach assentiu com entusiasmo, mas quando o sorriso lento de Thanatos se espalhou, Lach mordeu as pontas da língua. Thanatos tinha um calor glorioso nos olhos que Lach absorveu como um homem preso no Ártico, desesperado por isso. Tom Petty era ótimo; Thanatos era melhor.

— Fantástico como isso seria, você poderia vir comigo? Quero dizer, ir a shows sozinho é bom, mas - você pode vir, certo?

Thanatos franziu o cenho. — Bem não. Isso não é verdade, como funciona. Ajudo as almas a encontrar para onde estão indo, mas Elysium não é um lugar para os deuses ficarem.

— Bem, lá vai você. Acho que tenho que continuar correndo.

Thanatos revirou os olhos. — Você pode se cansar disso um dia.

Respirando fundo, Lach tentou desalojar o peso que estava em seu peito. Por mais que ele não quisesse admitir, sim, ele poderia se cansar um dia. Passar todos os dias sozinho, sem pessoas como ele, sem ninguém, envelhecendo. Era difícil imaginar como esse sentimento poderia superar seu medo do que veio depois, especialmente se isso significasse que ele estaria em algum lugar que não pudesse encontrar Thanatos, mas isso poderia acontecer.

Mas caramba, eles iam ver Styx, e este não era o dia para esse tipo de autorreflexão angustiada.

— Podemos ir ao show? — Lach perguntou, inclinando-se para frente em seu assento. Ele juntou as mãos embaixo da mesa.

— Nós podemos ir.

— Impressionante!

O garçom voltou com a sobremesa. Foi fantástico, mas em sua excitação, Lach enfiou a metade na boca - bem, talvez um pouco mais que a metade. Culpado, ele enfiou o garfo com a última mordida na mesa. Thanatos sorriu em volta do garfo enquanto o comia.

— Nós poderíamos conseguir outro — sugeriu Lach.

Thanatos balançou a cabeça. — Coisas assim são sempre mais agradáveis na primeira vez.

Lach juntou o guardanapo, largou-o sobre a mesa e fez o possível para não pensar em outras indulgências que poderiam ser agradáveis apenas por uma rodada.

Depois do almoço, seguiram em direção ao anfiteatro ao ar livre. Talvez o show estivesse esgotado, mas qualquer show da Styx teria cambistas, certo? Mesmo locais que os reprimiam tiveram dificuldade em se livrar deles completamente.

Fazia um tempo desde que Lach assistira a um show, mas eles eram especiais. Mesmo que ele fosse sozinho, quando a banda começou, ele sempre se sentiu parte de algo maior que ele. Quando se aproximaram do anfiteatro, ele sentiu a coceira daquele sentimento novamente.

Ele não notou a música já flutuando no ar ao redor deles, até Thanatos parar para ouvi-la. O deus olhou, extasiado, para um homem exausto e seu violão.

— Você quer ficar e ouvir? — Lach murmurou depois de alguns minutos.

Thanatos se concentrou nele. Nos cantos, seus olhos se enrugaram em uma careta. Antes que ele pudesse se desculpar, Lach se abaixou e apertou sua mão.

— Está tudo bem — disse Lach. — Você fica aqui. Vou pegar os ingressos e voltar antes que a música termine.

Ele soltou a mão de Thanatos e deslizou pela multidão. Havia alguns caras de aparência sombria por perto, mas ninguém que ele pediu tinha ingressos à venda. O desapontamento começou a rastejar tentáculos gelados em seu peito. Talvez Thanatos fizesse essa coisa de deus - insistir um pouco com os mortais para conseguir o que queria -, mas Lach não achava que ele já havia habituado isso, e ele definitivamente não faria isso para poder ir a um. O concerto de Thanatos era principalmente ambivalente.

Quando ele estava prestes a desistir, um homem agarrou seu braço.

— Oi. Desculpe, você estava procurando ingressos?

O homem tinha olhos castanhos, pele pálida e um sotaque americano.

— Sim. Definitivamente. Eu pagaria um dólar alto, se você tiver algum.

O homem sorriu. — Não há razão para tudo isso. Eu só estou olhando para recuperar o que pagamos. Nós exageramos com todos os passeios ontem. Minha esposa está com uma torção no tornozelo e não vamos conseguir esta noite.

Lach tentou manter o sorriso no rosto. Uma mulher foi ferida; não era nada para se alegrar. Mas ele pensou em ir com Thanatos em um encontro real. Música, cantando, dançando sob o céu aberto. Ele não pôde evitar.

— Aqui — Lach cavou em sua carteira. Ele era antiquado. O dinheiro estava bom, mas ele não confiava em cartões de crédito. Parecia repugnante, gastar dinheiro que você ainda não tinha. — Isso cobre?

— Com certeza!— O homem passou os ingressos e pegou o dinheiro. — Espero que você se divirta, uh...

— Lach.

— Prazer em conhecê-lo, Lach. Eu sou o Roger.

Roger apertou sua mão. Havia alguma intenção na maneira como ele olhava para Lach que era um pouco estranho - só porque sua esposa estava fora de serviço não significava que Roger estava. Ele poderia estar procurando algo extra.

— Muito obrigado, Roger! Espero que sua esposa se sinta melhor.

Lach não estava no mercado por nada a mais. Ele voltou para Thanatos e agitou os ingressos triunfantemente. — Peguei eles!

— Isso é bom. — A voz de Thanatos era sonhadora, mas o músico havia parado de tocar. Ele estava dando um tempo, descansando os dedos enquanto um de seus admiradores se ofereceu para lhe pagar uma bebida.

— Sim— disse Lach. — Será um bom momento. Garantido.

Thanatos ainda não estava olhando para ele, mas distante. Uma parte antiga de Lach lembrou-se dessa distração. Seu coração começou a afundar.

— Eu tenho que ir.

— O que? — Lach exigiu.

Com a nitidez na voz de Lach, Thanatos olhou diretamente para ele e franziu o cenho. — Alguém precisa de mim, Lach. Faz mais de uma semana desde que cumpri meus deveres.

Lach se encolheu. Isso foi algum tipo de repreensão. — OK. Eu não quis te impedir de nada. Pensei que íamos... Com um braço pesado, ele acenou vagamente para o anfiteatro.

Thanatos suavizou o olhar. Gentilmente, ele estendeu a mão e roçou os dedos no antebraço de Lach. — Nós vamos. Volto há tempo. Não mais que uma hora.

— Claro sim. OK. — Este não era um tipo de conspiração para fugir de Lach; só se sentiu assim. Ele forçou um sorriso. — Alguém precisa de você. Melhor ir para não perder a abertura.

Por um momento, Thanatos simplesmente ficou parado olhando para ele. Então ele deu um breve aceno de cabeça. Em um piscar de olhos e uma batida no coração, Thanatos se foi, deixando Lach parado com bilhetes na mão e preocupação rastejando em suas veias.

Fazia uma hora e dois minutos quando Lach entrou no cemitério, arrastando os pés entre as pedras. Ele ficou quarenta e cinco minutos antes de parar de esperar perto do local e procurar Thanatos sozinho.

Andando entre os mortos enterrados, a grama dobrando sob seus pés, ele poderia chamar Thanatos, mas ele disse que voltaria. Ou ele quis dizer isso ou não, mas Lach não achou que chamar faria uma diferença. Se nada mais, ele pode ficar frustrado com a impaciência de Lach.

Com um suspiro, ele se abaixou sobre uma pedra para esperar. O sol estava se pondo, o céu ficando roxo, macio e pálido, e Lach temia que ele visse Styx sozinho.

Não que seria diferente da maioria de suas outras experiências.

— Lach?

Ele girou para ver Thanatos ali, como sempre reunido, os olhos brilhando suavemente na luz fraca.

— Oi. Sim. Ei! — Lach pulou da lápide. Thanatos estava olhando para ele como se ele tivesse enlouquecido. — Pronto para descer?

— Desculpe?

— Ir ao show?

Em um arco longo e exagerado, Thanatos revirou os olhos. Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro. — Certo. Acho que podemos ir.

— Você vai amar. — Lach bateu o braço contra o deus.

E se Lach pudesse fazer algo para ajudá-lo, a banda não seria a única coisa que Thanatos amaria.

Artes temporais

Por isso, Thanatos às vezes pensava que ele entendia os mortais.

A maioria das artes mortais foi feita com a intenção de sobreviver ao artista. Desde a arte moderna, as pinturas renascentistas, as esculturas clássicas e as pinturas rupestres que antecederam a linguagem escrita, a humanidade se esforçou para deixar uma marca no futuro enquanto eles existissem.

Mas a música não era assim. Claro, com a notação musical, os músicos modernos poderiam escrever composições para as pessoas recriarem, mas sempre seria exatamente isso: recreação.

Como o ato de criar música era a arte, toda música era temporal. Durou apenas enquanto as notas persistissem no ar, e duas apresentações da mesma peça de música nunca mais seriam as mesmas.

Apresentações musicais eram como vidas humanas. Por mais semelhante que seja, nunca duas poderiam ser parecidas e, enquanto durassem, havia algo fascinante nelas. Às vezes, eles eram incrivelmente bonitos. Às vezes, eram tão horríveis que você queria tapar os ouvidos e esquecer que eles existiam. Mas não importa o que mais fosse verdade, eles sempre foram intrigantes.

Então, enquanto Thanatos não sabia nada sobre a banda de que Lach estava tão apaixonado, ele ficou fascinado o suficiente pela perspectiva da música de concordar em ir.

Lach, sem surpresa, era desagradável e barulhento. Ele cantou junto com todas as músicas, girando seu sorriso brilhante em Thanatos e estendendo a mão enquanto cantava: — Venha velejar comigo. — Thanatos só conseguiu revirar os olhos. Ele não afastou a mão, no entanto.

Thanatos não percebeu que estava com problemas até avistar Dionísio, sendo mantido no alto por pessoas na multidão. O deus do excesso passava a maior parte do tempo em Washington, DC, em seu clube, mas ainda era conhecido por aparecer em uma festa ou festival ocasional para lembrar os mortais de sua existência.

Ou pelo menos para tornar o evento em questão um espetáculo mundial.

Dionísio sempre se preocupou mais com seu próprio prazer do que com o efeito que teve sobre todos ao seu redor.

Nove em cada dez vezes, se Thanatos viu Dionísio aparecer em uma festa, ele foi embora. A décima era geralmente uma festa no Hades, onde ele achava que a maioria dos participantes podia se controlar, e geralmente evitava beber de qualquer maneira.

Por razões que ele optou por não examinar, desta vez, quando Lach lhe entregou uma xícara de vinho, ele a pegou. Copos semelhantes percorriam a multidão - o trabalho de Dionísio, sem dúvida.

— Eu disse que isso seria incrível, não disse? — Lach perguntou entre os números, gritando para se fazer ouvir sobre a multidão.

Os homens da banda pareciam energizados, agitando-se e tocando como homens com metade da idade. Thanatos suspeitava que o show seria o último auge de suas longas carreiras, e algo sobre isso tornava a experiência ainda maior.

Ele acenou com a cabeça para Lach, tomou outro gole de vinho e sorriu. — Você disse. E você estava certo.

O sorriso arrogante de Lach se transformou em seu genuíno sorriso satisfeito, e Thanatos se lembrou por que ele amava tanto o homem. Poucos imortais encontraram alegria em coisas simples, como boa música e um copo de vinho. Ou eram como sua irmã Eris, que sempre achou prazer em coisas horríveis, ou se tornaram cínicos ao longo de milênios e acharam o prazer de maneiras que faziam a loucura de Dionísio parecer inocente.

— Vamos lá, fique na lama — exigiu Lach quando a banda começou seu primeiro bis. — Você não pode simplesmente ficar aí e assistir a um concerto tão épico!

E ele abraçou Thanatos e dançou.

Então Thanatos dançou com ele.

Dionísio chamou a atenção do outro lado da multidão e piscou. Thanatos, com a cabeça um pouco confusa pelas taças de vinho que Lach continuava pressionando em suas mãos, sorriu de volta.

A banda tocou até os trabalhadores do local ficarem nervosos e começarem a pressionar pelo fim, mas até isso demorou mais do que deveria. Dionísio foi bastante influente.

Já passava da meia-noite quando finalmente se encontraram do lado de fora, o show acabou e os foliões ainda bêbados partindo em todas as direções.

Lach, sonolento e quente, agarrou seu braço e se agarrou como um craca. — Isso foi demais. Diga-me que não foi incrível.

— Você está me pedindo para mentir para você?

Isso lhe rendeu um tapa tímido no peito. — Cara engraçado. Você sabe o que eu quero dizer.

— Foi bom, Lach. Eu gostei - ele admitiu. Ele nem hesitou. Ele terminou de mentir para si mesmo sobre isso. Qual era o objetivo? Milhares de anos desde que ele viu Lach, e seus sentimentos, embora um pouco mais preocupantes do que antes, não haviam mudado muito.

Ele ainda estava apaixonado por ele.

Thanatos não tinha certeza se alguma vez se apaixonara por Lach, mesmo quando o odiava. Ambos doem, então que diferença isso faz?

Lach riu em seu ombro. — Chamado.— Ele virou a cabeça para que seus lábios quase roçassem o lóbulo da orelha de Thanatos e começou a cantar, surpreendentemente afinado para um homem que tinha bebido tanto.

Tendo acabado de ouvir, Thanatos sabia muito bem como era o refrão daquela balada em particular, e ele precisava cortar o canto pela raiz. Ele não tinha certeza se poderia lidar com a voz baixa e ofegante de Lach, cantando — Querido, eu te amo — diretamente em seu ouvido.

— Hora de voltar para o barco, eu acho — ele anunciou em voz alta, rolando a cabeça de Lach do ombro.

— Aww, mas isso está a quilômetros de distância — Lach lamentou.

Thanatos olhou para ele, sobrancelha levantada. — Você sabia disso antes de ir a um show, ficar até o meio da noite e beber todo aquele vinho.

Lach suspirou como uma criança, mas assentiu. Então seus olhos se iluminaram. — Mas você pode nos levar lá. Você sabe, viaje como um deus.

— Você de todas as pessoas sabe que não é tão simples. Eu poderia nos levar ao cemitério aqui e ali, mas ainda está muito longe daqui. Thanatos olhou em volta e percebeu que nem se lembrava de que lado era a marina. Talvez fosse mais fácil voltar ao cemitério.

Ou talvez .

Ele fechou os olhos e pensou no barco em que passara as duas últimas semanas de sua vida. Certamente uma conexão havia se formado, mesmo que ele não estivesse sendo adorado exatamente lá. Ele estendeu a mão e se aproximou do fio, permitindo que seu contato físico com Lach também atraísse o outro homem.

Um segundo depois, eles estavam em pé na frente do barco, e Thanatos se sentiu bastante realizado.

Então ele se lembrou do motivo pelo qual Lach havia dito que eles precisavam viajar de barco. Ele se virou, preocupado, meio esperando que ele estivesse trazendo todo aquele vinho

de volta, mas Lach estava apenas olhando para ele, um sorriso preguiçoso no rosto. Ele nem parecia tonto, muito menos doente.

O sangue de Thanatos se transformou em gelo. —Você mentiu para mim. Novamente. — Ele deu um passo para trás de Lach, seus punhos cerrando tão forte que doíam. Lach tropeçou, e o desejo que ele teve de estender a mão e ajudar o deixou ainda mais irritado. — Eu não posso confiar em uma coisa que você diz, posso?

Escuro abaixo do convés

Thanatos se afastou dele e Lach cambaleou para diminuir a distância. Sem sorte - como dois ímãs com a mesma polaridade, Thanatos mudou, mantendo a distância entre eles até Lach parar de tentar.

— Do que você está falando? — Lach perguntou. Apenas alguns minutos atrás, eles estavam em um show fantástico. Não era um encontro, mas era o mais próximo que Lach chegara a um em décadas. Deveria ter sido um encontro, realmente. Se Lach tivesse algum sentido, ele teria convidado Thanatos de verdade - não se metendo em passar um dia juntos, mas sendo sincero com o que queria. Agora, Thanatos estava olhando para ele como se tivesse chutado Cerberus.

Lach levantou as mãos serenamente. — O que eu fiz, Thanatos, eu sinto muito.

— O que você fez? — Thanatos zombou. — Você nem consegue acompanhar suas próprias mentiras.

Tudo o que Lach pôde fazer foi encarar Thanatos enquanto a fúria escurecia suas feições. Ele nunca teve motivos para ter medo de Thanatos antes, e ele não tinha agora, mas talvez ele devesse ter.

— Eu não sei. Eu acho que sempre tive um bom domínio sobre...

Thanatos o interrompeu com um olhar, marchando em sua direção e enfiando o dedo no centro do peito de Lach. — Você disse que não poderíamos viajar do meu jeito - que isso faria você ficar doente. Em vez disso, você me deixou passar dias *miseráveis* naquele maldito barco...

— Ei!— Lach interrompeu, a raiva aumentando para corresponder à de Thanatos. — Você pode ficar com raiva de mim, mas não fale sobre Mis dessa maneira.

Thanatos revirou os olhos. — É claro que você se importa mais com esse barco do que com... — Ele se conteve. Caiu em silêncio.

O que havia a dizer sobre isso? Lach se importava com Misericordia. Ela era sua parceira e melhor amiga há décadas. Mas não foi um concurso. Os ombros dele caíram. — Não é desse jeito.

Outro escárnio de Thanatos. Cruzando os braços, ele se virou para olhar através da água.

A rápida onda de raiva, depois sua dissipação, deixou Lach se sentindo sóbrio e vazio. Ele pegou a mão de Thanatos, descansando no cotovelo oposto. Thanatos deu de ombros, então Lach enfiou as mãos vazias nos bolsos.

— Me desculpe, eu menti para você. Eu não fiz isso para te machucar. Eu só queria... O que ele queria, fora egoísta.

Thanatos ainda não olhava para ele, então Lach se inclinou para tentar chamar sua atenção. — Se eu tivesse lhe pedido para viajar comigo, passar algum tempo comigo, você teria dito que sim? — Lach perguntou.

O silêncio pairava entre eles, os olhos de Thanatos duros e cautelosos. Não importava o quão perto ele estava - Lach poderia estender a mão e segurá-lo em seus braços, e Thanatos ainda poderia ter desaparecido com um pensamento.

— Não — ele admitiu. Essa era a resposta que Lach estava procurando, aquela que lhe daria meia chance de sair dessa bagunça, e ainda doía ouvir isso.

Engolindo o aperto na garganta, Lach assentiu. — Entendi. Você está completamente certo. Eu menti. Eu fiz isso porque eu... Queria ter a chance de mostrar a você que não sou o mesmo homem da última vez que me viu. Acho que eu estraguei tudo logo de cara, hein?

Thanatos não riu. Ele ainda não olhava para Lach. A distância entre o deus que ele conhecia e o que estava na frente dele agora o atingiu. Não era a primeira vez que eles estavam no cais, um deles implorando ao outro por misericórdia.

Naquela época, Thanatos o olhava, olhos arregalados e inocentes, e estava pronto para fazer qualquer coisa para diminuir a distância entre eles. E Lach enfiara na cara dele. Ele machucou Thanatos de propósito. Por que ele deveria dar a Lach o benefício da dúvida agora?

Esse não era o ponto, era? Se ele queria ser o tipo de homem que merecia alguém como Thanatos - um deus poderoso e muito melhor do que Lach poderia esperar ser -, ele precisava aprender a lição de Thanatos naquela época. Ele tinha que estar disposto a fazer qualquer coisa.

— Escute— disse Lach em voz baixa, abaixando a cabeça. — Me desculpe, eu menti. Eu gostaria de não ter. Se havia alguma outra maneira de vê-lo, eu... sou muito grosso ou descuidado para descobrir. Mas você merece melhor que isso. Se você quer ir, eu entendo.

Thanatos finalmente se afastou da água e voltou para ele, e Lach desviou os olhos das tábuas sob os pés e encontrou o olhar duro do deus. — Mas não sinto muito que você tenha vindo— continuou Lach. — No entanto, eu tenho você aqui, essas duas últimas semanas foram as mais felizes desde então. — Lach mordeu a língua. Ele não conseguia pensar em um

momento em que estava mais feliz desde antes, antes de ter arruinado completamente suas chances com Thanatos, abandonando-o naquelas docas.

— Eu nunca deveria ter deixado você naquela época — disse Lach. — Eu era um idiota e cruel - uma pilha completa de merda.— Ele forçou um sorriso, esperando que Thanatos quebrasse um. Sem sorte — Eu sinto muito.

Talvez tenha sido o humano nele que o fez preencher os silêncios que Thanatos deixou. Ele diria que a imortalidade tornou Thanatos paciente - e sem dúvida ele era muito mais velho que Lach -, mas Lach teve tempo de sobra para descobrir isso. Para descobrir alguma coisa.

Ele estava tentando a sorte com Thanatos esse tempo todo. Todo sorriso, todo olhar ou momentos em que Lach pensava que estava avançando para conquistá-lo - toda pequena vitória era construída sobre mentiras.

— Obrigado por vir comigo até aqui — sussurrou Lach.

— Eu não vou embora.— As palavras de Thanatos eram tão francas quanto um taco de beisebol.

Um sorriso verdadeiro apareceu na boca de Lach. O deus diante dele não o devolveu, mas Lach não conseguiu reprimir seu prazer.

— Tem certeza? — Ele entrou, estendendo a mão para segurar a bochecha de Thanatos. O deus virou na palma da mão como se não precisasse pensar nisso.

— Há um mundo para salvar.

Uma desculpa. Ambos sabiam disso. Thanatos poderia tê-lo encontrado em Santorini. Hades, ele era um deus. Talvez ele pudesse sentir a foice e Lach era totalmente redundante para toda a viajem, apesar de seu espírito aventureiro e habilidade com uma pistola.

Thanatos estava ficando.

Incapaz de se ajudar, Lach se inclinou e o beijou. Foi o primeiro beijo que ele compartilhou com o deus em milênios, mas um calor familiar o inundou. Os lábios de Thanatos eram tão suaves quanto ele se lembrava - doce calor sedoso - e cedendo.

Muito cedo, Thanatos se afastou dele. Ele abaixou o queixo, negando a Lach uma segunda chance de beijá-lo. Não importava. Ele estava *ficando* .

— E um homem patético para evitar problemas — acrescentou Lach.

Thanatos encolheu os ombros. — E um homem patético — ele concordou.

Antes que Lach entendesse o que estava acontecendo, Thanatos agarrou a frente da camisa. Havia uma sensação de que seus pés estavam sendo arrancados do chão, depois um

grande puxão pelo mundo. Para seu crédito, viajar pelo caminho divino *era* desorientador, mas não o deixava como ele havia sugerido.

Eles pararam no quarto de Lach, abaixo do convés, embora pudessem estar no meio do mundo pelo que ele sabia. No escuro, sentiu Thanatos agarrar seus quadris, deslizar as mãos firmes pelo peito.

— Você quer uma luz? — Lach perguntou. Ele não conseguia ver nada no escuro, e havia apenas pequenas janelas no alto da parede. Cortinas bloqueavam qualquer luz.

Mas Thanatos havia nascido no caos. Ele se movia livremente no submundo e não parecia se importar com a escuridão agora. Lach, por sua vez, estava com vontade de lhe dar o que quisesse, e se isso o deixava desajeitado e sem visão, que assim seja.

— Você não estava *realmente* infeliz o tempo todo, estava? — ele perguntou.

Thanatos estava puxando a camisa de Lach para cima, dedos roçando a pele quente do torso de Lach até que sua respiração ficou curta e superficial. — Hmm?

As pontas dos dedos traçaram as cristas do peito de Lach e rodaram em círculos leves como plumas nos mamilos.

— Foi o melão que estragou tudo, não foi? Deveria ter conseguido um cortador de melão.

— Do que você está falando no caos?

— Nada. Não importa. Os pensamentos de Lach se dispersaram quando Thanatos se inclinou. O ar de sua respiração correu sobre a pele de Lach. Seus lábios finalmente se fecharam na clavícula de Lach, e um gemido baixo subiu por sua garganta.

Quando ele alcançou Thanatos, o deus estava escorregadio. Com pouco mais do que um encolher de ombros, ele escapou dos braços de Lach antes que ele pudesse envolvê-los em volta da cintura. Eles fecharam ao redor do ar.

— O que você está fazendo? — Lach perguntou.

— Tomando o que eu quero. Não me diga que você se importa agora?

Um fluxo lento de ar encheu os pulmões de Lach enquanto ele sugava devagar, tentando não deixar seu peito tremer com o esforço. — Eu definitivamente não me importo.

— Bom.

Ver apenas a sombra de Thanatos estava prestes a deixá-lo louco, mas seus pensamentos giraram quando o deus pegou o cinto, abriu a calça e enfiou a mão dentro.

Lach xingou baixinho quando Thanatos envolveu dedos firmes em torno dele. Houve um baque abafado quando o deus caiu de joelhos, depois o deslizar molhado e feliz de sua língua.

Ele estava apenas brincando, lambendo e beijando e trabalhando a mão apenas o suficiente para fazer Lach pulsar.

Muito cedo, Thanatos se afastou. Lach ouviu a gaveta da mesa de cabeceira abrir e Thanatos vasculhando o interior. De alguma forma, ele não se importava com o pensamento de Thanatos vasculhando suas gavetas quando ele estava sozinho aqui - não se isso levasse a isso e a memória de Thanatos aconchegante em seu pijama.

Roupas bagunçadas, uma sombra em movimento e o som do colchão afundando sob o peso de Thanatos foram tudo o que Lach teve que continuar. Ele podia imaginar o que o estalo de uma tampa significava - o gemido baixo um segundo depois.

— Vindo? — Thanatos perguntou, sua voz mais aguda do que um momento atrás.

Lach não tinha palavras para isso, mas ele se arrastou para a cama de joelhos. No escuro, ele tinha que procurar o seu lugar. Ele tocou a panturrilha de Thanatos primeiro, passando a mão pelas costas da coxa enquanto o deus se arqueava em sua direção. Houve um movimento sutil. Quando Lach se inclinou para perto, ele pôde sentir o pulso de Thanatos enquanto seus dedos trabalhavam suavemente dentro e fora de si.

Thanatos estava de frente para a cabeceira da cama, apoiada nela com uma mão enquanto se trabalhava aberto com a outra. O que Lach não daria para vê-lo assim. Em vez disso, ele teve que se contentar em traçar as costas das coxas, a curva da parte inferior das costas.

— Se sente bem? — Lach sussurrou contra seu ombro.

— Não é tão bom quanto o seu pau é.

Lach amaldiçoou, enterrando o rosto na nuca de Thanatos e sugando uma marca. Ele nunca tinha gosto de sal e suor, mas de algo sagrado, doce e distante, muito além da compreensão de Lach.

— O que você está esperando? — Thanatos exigiu, derrubando Lach.

— Nada— ele murmurou, deslizando as mãos para tocar cada centímetro do deus que ele poderia alcançar. Thanatos já estava pressionando contra ele. Ele moveu a mão, pressionando as duas mãos contra a cabeceira da cama. A curva suave de sua bunda empurrou contra o pau de Lach. Ele empurrou contra ele, mas isso não foi suficiente. Não para nenhum deles.

Com uma mão para firmar, e outra no quadril de Thanatos, Lach encontrou seu buraco. A cabeça contundente de seu pênis deslizou entre as bochechas de Thanatos, e quando ele sentiu o cume escorregadio dele, ele empurrou para dentro.

O gemido de Thanatos foi suave e baixo: o tipo de som que encheu seus sonhos. Os deuses podiam fazer isso com suas vozes - encher uma sala inteira e arrastar as atenções dos mortais em seu caminho. O mundo inteiro de Lach se estreitou ao som suave e ao ponto em que o corpo de Thanatos o envolveu em prazer elétrico.

Ele começou com um ritmo lento. Thanatos podia pegar qualquer coisa que Lach jogasse nele e, para um humano, Lach sempre exigiu. Agora, ele queria algo macio, algo que se sentisse bem, algo que mostrasse a Thanatos o quanto ele se importava.

Firmemente, ele empurrou o calor, até as estrelas brilharem atrás de seus olhos. Cada vez, ele afundava mais fundo, procurando aquele lugar onde eles poderiam se fundir.

Por mais fantástico que parecesse, não era suficiente. Lach precisava de mais dele.

Estirando as costas de Thanatos, sentindo o peso da respiração do deus por toda a frente, ele deslizou a mão para tocar sua mandíbula e inclinou a cabeça de Thanatos para trás. Lach se inclinou para um beijo, mas antes que ele tocasse seus lábios, Thanatos se afastou.

— Não. — Era uma respiração suave e arejada, mas com toda a nitidez de uma faca.

Lach piscou, encarando o contorno de Thanatos. Ele estava envolvido em seus braços, com o pau de Lach dentro dele, e ele ainda se afastou.

— Oh— disse Lach. — OK. Me desculpe.

— Tudo bem.

Ele ficou congelado por um segundo, até Thanatos se pressionar contra ele. Lach não sabia mais o que fazer com as mãos. Eles se estabeleceram nos quadris de Thanatos por falta de um lugar melhor.

— Você quer que eu pare? — Lach sussurrou. Ele não achava que conseguiria gerenciar algo mais alto sem a voz embargada.

— Não.

— OK.

Lach tentou encontrar seu ritmo novamente, mas de repente, a sala estava muito silenciosa. O tapa de pele com pele era desconfortável. Todo o calor aconchegante antes, aumentado por apenas encontrar seu amante através do toque, havia desaparecido.

Por que Lach não podia beijá-lo? Ele poderia transar com ele. Ele podia passar as mãos sobre a pele e sentir Thanatos tremer embaixo dele. Mas ele não podia beijá-lo.

— Merda — Lach assobiou. Seu pau escorregou. Ele tentou empurrá-lo de volta, mas ele passou pelo buraco de Thanatos, macio e inútil.

— Desculpe. Apenas... apenas me dê um segundo — Lach resmungou. Ele sentou-se sobre os calcanhares. Com movimentos rápidos e eficientes, ele tentou fazer com que seu pau cooperasse.

Thanatos fez um som impaciente, e depois de meio minuto, Lach teve que aceitar que seu pau não chegaria lá.

Antes que Thanatos pudesse se virar e exigir saber o que diabos estava errado com ele, Lach sugou três dígitos em sua boca e os colocou em Thanatos. Quando a ponta do polegar pressionou aquele lugar macio atrás das bolas, Thanatos finalmente estremeceu. Ele afundou, pressionando o rosto em um travesseiro.

— Isso — sussurrou Lach sobre as costas, provocando a concha do ouvido com os lábios.

Apesar de todas as suas falhas, Lach era completo onde contava. Ele enganchou os dedos, esfregando a próstata de Thanatos até que o deus tremesse embaixo dele. Ele abriu os dedos e arrastou os lábios pelas costas de Thanatos, soprando uma corrente de ar fresco sobre a pele quente. Thanatos choramingou.

Somente quando Lach estava certo de que Thanatos não aguentava mais, ele alcançou entre as pernas e puxou seu pau. Contra as panturrilhas de Lach, os dedos de Thanatos se curvaram. Ele tentou ajoelhar-se, mas Lach os manteve separados.

— Deixe ir, Thanatos — ele rosnou.

Com mais alguns golpes, o pau do deus se contorceu na mão, jorrando sobre os lençóis.

Lach puxou lentamente os dedos. Thanatos soltou um suspiro trêmulo e rolou de lado para evitar o ponto molhado.

Lach não tinha certeza se deveria ir. Eles brigaram (meio que) e foderam (meio que), e Lach não sabia se Thanatos o queria lá, ou nunca mais o queria ver.

Suspirando, Lach virou-se e encostou-se na cabeceira da cama.

— O que há de errado? — Thanatos perguntou. Seu tom foi cuidadoso. Lach realmente não conseguia imaginar porque ele estava preocupado.

— Nada está errado.

O colchão mergulhou. Thanatos se inclinou e acendeu a lâmpada de cabeceira. Quando ele voltou, olhou para Lach com um sulco entre as sobrancelhas.

— Está tudo bem, Lach. Esse tipo de coisa — acontece com todo mundo às vezes.

— Não para deuses.

Thanatos riu. — Você ficaria surpreso.

Lach revirou os olhos e deu de ombros. Ele puxou os lençóis sobre o colo. Ele achava que nunca havia decepcionado Thanatos antes - não na cama, pelo menos. Parecia uma nova baixa.

Thanatos se ajoelhou. Com uma mão firme, ele segurou a bochecha de Lach. — Você vai falar comigo?

Com o deus que ele amava lá, implorando, Lach não pôde deixar de olhá-lo. Sua pele estava levemente corada, um pouco mais escura do que normalmente era, e seus olhos estavam nadando com preocupação.

— Sobre o que? — Lach perguntou.

— Você parece triste.

— Eu não pretendo estar.

— Mas você está.

Lach respirou lentamente. — Você não queria me beijar.

Thanatos se encolheu.

— Está tudo bem — Lach se apressou em dizer. — Entendi. Você não quer se machucar novamente, e eu te machuco. Então provavelmente não sou um cara que você quer beijar. Ele estendeu a mão e tocou o queixo de Thanatos, virando a cabeça suavemente para olhá-lo novamente. — Mas eu não quero te machucar.

O ceticismo nos olhos de Thanatos partiu seu coração.

— Eu não... Eu sei que sim. Que te machuquei. Definitivamente. O que eu disse, que não queria ficar com você porque você é a Morte? Eu sabia que machucaria você, mas não quis dizer isso. Não estou dando desculpas por dizer isso - não há. Eu fiquei assustado. Eu fugi. Eu sabia que se dissesse isso, você me deixaria ir.

— Então você queria que eu vivesse pensando que se sentia assim? — A voz de Thanatos era fria e distante. Havia um espaço entre eles que Lach não achava mais que poderia atravessar.

— Não. Sim. Eu... Thanatos, eu era estúpido e tão jovem.

— Muitos mortais reúnem suas vidas aos 35 anos. Eles não desaparecem por meses sem dizer uma palavra ou atacam as pessoas com quem estão há anos.

Lach fez uma careta. Alguns mortais fizeram isso, mas isso não os fez valer a pena imitar. — Sim. Mas você não acha que o destino me deu imortalidade porque eles sabiam que eu precisaria de mais tempo?

Thanatos zombou. — Eu não acho que o destino lhe deu nada.

— Sim. Você está certo. O que quer que eu seja agora, é algum tipo de erro. Quero dizer, eu tenho um histórico impecável de foder. Machucar você - foi a pior coisa que já fiz. E eu sinto muito. Mas Thanatos, eu não quero ser o homem que pode te foder, mas não pode te beijar. Eu não posso... Isso foi um absurdo. Ele deveria ter pego o que podia e ficar grato por isso. Muitos outros deuses já o teriam ferido. — Não posso fingir que isso não significa nada para mim. Eu te amo.

Thanatos soltou um suspiro como se Lach tivesse lhe dado um soco no estômago.

— Eu sei — continuou Lach. — Não estou dizendo que acho que você deveria me amar de volta. Mas eu amo você e não posso fazer isso pela metade.

Um turno ruim

Durante os milênios, Thanatos havia ocasionalmente fantasiado sobre esse cenário.

Em um nível, parecia bobagem, como se um ser da idade dele tivesse muito mais que um capricho infantil. Mas, às vezes, ele se perguntava se realmente mudara tanto ao longo de suas eras de existência. Prometeu tornara os humanos semelhantes aos deuses, por isso as semelhanças eram muitas, mas parecia a Thanatos que os humanos adquiriam sabedoria rapidamente enquanto os deuses perduravam seus excessos: uma espécie de desenvolvimento preso indefinido porque não tinham motivos para seguir em frente, aprender, e crescer.

Por tantos anos, Thanatos imaginou esse momento, quando Lach voltou, insistindo que ele estava errado e dizendo que ainda o queria, ainda o amava.

No começo, ele sempre recolhia Lach, envolvendo-o em seus braços e segurando-o como todo mundo queria.

Mais tarde, ele passara a fantasiar destruindo Lach do jeito que Lach havia feito com ele, insultando tudo, desde sua atitude até suas proezas como amante. Tudo tinha sido mentira, é claro. Thanatos pode ser incapaz de obter a sabedoria que a mortalidade confere, mas ele não era ignorante o suficiente para pensar que Lach não era perfeito, mesmo - e talvez especialmente - em suas imperfeições.

Que Lach se via como um erro era surpreendente, e como qualquer coisa maldita sobre ele, estranhamente cativante. Thanatos não achava que o destino tivesse decidido o futuro de Lach porque Lach sempre seguira impetuosamente, seguindo seu próprio caminho onde não havia nenhum. Chamá-lo de erro era chamar um tornado de erro. Eles não foram planejados, certamente, mas eles decidiram seus próprios destinos do começo ao fim, e nem os deuses podiam prever suas ações.

Lach estava olhando para o próprio colo coberto de lençóis, parecendo tão abatido quanto Thanatos já o vira. Ele foi responsável por isso. Era como as fantasias em que ele contara histórias de melhores amantes, contando a Lach como ele nunca o satisfazia verdadeiramente com sua natureza selvagem e suas exigências. A verdade, é claro, era que o inesperado de tudo que Lach fez foi por que Thanatos o amava.

Ele suspirou, mas, ao fazê-lo, pegou a mão de Lach.

— Eu te amo — ele sussurrou. Estava tão quieto que ele mal podia ouvir, mas a cabeça de Lach se levantou, os olhos brilhantes e esperançosos. Thanatos pigarreou. - Acho que não parei de te amar, por mais patético que seja. Eu ficava me dizendo que não iria cair nessa armadilha novamente. Eu não deixaria você me machucar novamente.

Lach se encolheu, e talvez fosse uma ilusão, mas tudo nele parecia arrependido sobre como as coisas terminaram entre eles. Ele era tão sério. Thanatos sempre amou isso.

Ele sempre amou Glaucus, mas esse Glaucus, Lach, era de alguma forma ainda mais do que o homem teimoso e desprezível que ele conhecera. O homem que ele se tornara era diferente, mas tudo o que Thanatos amava ainda estava lá. E agora havia um pouco mais de autorreflexão, um pouco menos de arrogância e lealdade inabalável, tudo escondido sob o mesmo sorriso de pirata.

Mas essa lealdade poderia se aplicar a Thanatos de uma maneira que não era antes?

Glaucus se apegara àqueles que amava, como seu irmão e pai, mas não se estendia a Thanatos naquela época. Poderia agora?

— Eu não quero — disse Lach, seus olhos brilhando. Ele agarrou a mão que Thanatos havia apoiado na dele. — Eu nunca mais quero te machucar. Não é uma armadilha. Eu juro, Thanatos. Eu não vou...

Em vez de deixar Lach fazer promessas que ele talvez não consiga cumprir, Thanatos se inclinou para frente e o interrompeu com um beijo. Talvez estivesse fadado ao fracasso. Talvez não houvesse maneira de fazê-lo funcionar, e Lach sempre o deixaria. Mas aqui, agora, ele poderia ter isso. Ele poderia ter o Lach que disse que o amava, cujas emoções pareciam tão fáceis e transparentes.

Lach devolveu o beijo com força, sua língua varrendo a boca de Thanatos e reivindicando. Ele passou a mão esquerda atrás do pescoço de Thanatos e pressionou seus corpos juntos, jogando-o por cima e aterrissando em cima.

Ele não interrompeu o beijo até ter que respirar fundo, e então se afastou, os olhos brilhando. — Você quer tentar de novo, luzes acesas, beijos completos?

O que ele poderia dizer sobre isso? A mesma coisa que ele sempre dizia para Lach no final. — Sim.

Lach deu a ele um sorriso descarado e estendeu a mão para o lubrificante que havia sido descartado para o lado.

Thanatos não tinha certeza de que era necessário mais, mas Lach era cuidadoso de maneiras que Glaucus nunca tinha sido também. Ele acariciou em vez de tatear, construiu um

ritmo em vez de um frenesi e se concentrou mais no corpo de Thanatos do que no seu. Talvez tenha sido um efeito colateral de milênios de experiência, e Thanatos teve que afugentar um lampejo de ciúmes à imagem de Lach fazendo sexo com milhares de homens e mulheres ao longo desses anos, mas, seja o que for, o resultado foi meio agradável.

Ele ainda atingiu como um tornado, mas seus toques eram menos força e mais cuidado do que antes.

Lach passou as mãos para cima e para baixo no peito de Thanatos, macio e quase fazendo cócegas, ao mesmo tempo em que usava os joelhos para pressionar as pernas de Thanatos e se estabelecer entre elas. Ele deslizou seus paus juntos, estendendo uma mão para envolver os dois e acariciando algumas vezes preguiçosas antes de deslizar a mesma mão para pressionar o buraco de Thanatos. O primeiro dedo deslizou facilmente, e Thanatos deixou a cabeça cair contra o travesseiro.

Foi bom sentir Lach nele novamente, mesmo quando ele desistiu e usou as mãos em vez do pau. Houve um momento de autoconsciência na lembrança, um lembrete irritante do que nada disso havia acontecido com Lach em seu relacionamento anterior. Ele queria Thanatos menos agora, ou tinha sido realmente um choque simples com a ideia de que ele não queria beijar?

Não, a preocupação era para mais tarde, quando Lach não estava pressionando um segundo dedo dentro dele. Ele empurrou a mão, mesmo que não fosse o que ele queria. Ele não ia fingir estar exigindo novamente. Não era ele, e não tinha funcionado de qualquer maneira, então ele deixou Lach assumir.

Depois de mais algumas batidas da mão, Lach afastou os dedos e os substituiu por seu pênis. Thanatos ficou grato pelo lubrificante extra, porque a posição era um trecho maior.

Lach se inclinou para olhá-lo nos olhos enquanto ele pressionava dentro, lenta e inexoravelmente, empurrando-se contra Thanatos da maneira que somente ele já havia conseguido.

Thanatos não tentou se afastar novamente quando Lach passou a mão esquerda na nuca. Ele juntou os rostos tão perto que a visão de Thanatos estava distorcida, cheia de nada além de olhos azuis brilhantes que pareciam perfurar sua própria alma, se ele tivesse uma coisa dessas. Foram momentos como esses, com Lach tão perto que Thanatos podia sentir cada parte dele, que ele pensou que talvez sentisse.

Como ele podia sentir esse tremor em todo o seu ser, se ele não tinha alma?

Quando ele estava totalmente sentado no corpo de Thanatos, Lach soltou um suspiro e se inclinou para outro beijo. E então outro e outro, quando ele se afastou e construiu não um

ritmo, mas um deslizamento lento e suave que parecia estar suspenso para sempre entre eles. Ele empurrou todo o caminho até Thanatos e deslizou lentamente de volta, suas respirações sincronizando e corpos trabalhando juntos, como se fossem partes de um único ser.

Este seria o seu Elísio, se criaturas como Thanatos tivessem descanso eterno. Este momento, com Lach, para sempre.

Eles estavam tão alinhados que quando Lach deslizou a mão entre seus corpos e a envolveu no pênis de Thanatos, parecia uma extensão natural de sua própria vontade. Às vezes, não era a necessidade impaciente de Lach de Thanatos para que ele pudesse. Em vez disso, Lach olhou nos olhos dele enquanto deslizava a mão para cima e para baixo, mais investido no prazer de Thanatos do que no seu.

Quando Thanatos viu estrelas e sua visão se apagou, o rosto de Lach refletiu o êxtase que rolou através dele. Ele empurrou todo o caminho e congelou lá, respirando no ouvido de Thanatos.

Silenciosamente, tão silenciosamente, que Thanatos se perguntou se ele pretendia ser ouvido, ele sussurrou: — Fique comigo.

A viagem pelo Mediterrâneo não foi longa o suficiente, Thanatos decidiu dois dias depois, quando ele e Lach estavam sentados em um dos bancos no convés, observando o nascer do sol. Não que ele quisesse adiar a busca pela foice, mas parte dele queria ficar aqui, fazendo exatamente isso, para sempre.

Ele não podia adiar o trabalho indefinidamente, mas queria um pouco. Outros deuses haviam contratado - ou criado - ajuda ao longo dos anos e, pela primeira vez, ele foi tentado a fazer o mesmo.

Uma parte pequena e cínica dele continuava apontando que a missão tinha um limite de tempo e, não importa o que Lach dissesse, o relacionamento reacendido provavelmente também acabaria. Lach precisava de Thanatos para ajudá-lo a encontrar a foice. Thanatos era um titã como Cronus, e ele conseguia localizar a mágica que ressoava com a sua. Era tudo o que Lach queria dele.

Depois disso, mais uma vez, o que alguém queria com a Morte?

Um brilho no horizonte chamou sua atenção e, pela maneira como Lach se inclinou para frente, ele imaginou que Lach também havia notado.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Outro barco.

Eles continuaram sentados juntos, mas, enquanto o faziam, a tensão encolheu os ombros de Lach.

Thanatos levantou uma sobrancelha para ele. — Você não encontra muitos barcos? Parece algo que aconteceria o tempo todo.

Lach se inclinou para frente e abriu uma pequena lixeira, puxando um conjunto de binóculos. Ele se levantou e inclinou-se para frente como se o pé extra fizesse diferença no que ele podia ver. — Talvez sim — disse ele, distraído e preocupado. — Mas geralmente não os barcos que se dirigem diretamente a nós.

Ele foi ao volante e fez alguns ajustes, mudando de direção pela primeira vez em mais de um dia. Momentos tensos se passaram antes que ele verificasse o outro barco novamente e xingasse baixinho.

— Lach? — Thanatos perguntou. Ele se sentia deslocado e inútil. Ele era a coisa mais próxima de um pacifista de sua espécie. Ele era possivelmente a pessoa mais inútil a ter ao seu lado em uma briga, e do jeito que Lach estava tenso, parecia que uma briga era iminente.

Lach, ainda vestindo apenas uma calça de moletom, correu para o convés e voltou um momento depois, segurando uma arma. Thanatos não conhecia a tecnologia moderna, mas parecia que pertencia a um museu.

— O que você está fazendo com isso? — ele perguntou, e vergonhosamente, sua voz chiou na última palavra.

— Eles não estão apenas indo nessa direção. Eles estão vindo para nós. Eles mudaram de curso para interceptar quando nos viramos. A voz de Lach estava tensa de preocupação, mas ele parecia mais zangado do que assustado, e isso preocupava Thanatos.

— Eu poderia nos levar...

— Eu não vou deixar Mis.

Certo. Esse foi um ponto excelente. Thanatos passou a gostar do barco ao longo das últimas semanas, e ele tinha certeza de que ela era uma criatura sensível, como Lach continuava dizendo, e não simplesmente um objeto ao qual ele estava excessivamente ligado. A maneira como ela e Lach discutiam ocasionalmente era inconfundível, e ele simpatizava com a frustração dela em relação a seu parceiro caprichoso no crime.

Ele se aproximou de Lach, o cobertor ainda enrolado em seus ombros. — Lach, essa arma é ridícula. Pertence a uma coleção, não a um tiroteio.

Lach bufou e acenou para ele. — Você deveria se vestir. Eles não conseguem vê-lo de cueca.

Thanatos pensou que ele murmurou algo sobre desejar ter um canhão enquanto se dirigia para o convés. Por mais que isso pudesse ajudá-los, Thanatos não gostava da noção de Lach com acesso a um canhão.

— Espero que você não tenha um canhão — disse ele ao barco enquanto procurava suas meias. — Ele se mataria com isso.

Havia um ruído acima dele, e ele olhou para cima e encontrou um DVD da coleção de Lach se soltando. Ele caiu no chão alguns metros à sua frente. *Quantum Leap*[6], dizia a capa.

Ele olhou para ele por um momento, tentando decidir se estava recebendo a mensagem certa. — Ele não quer deixar você.

A porta da cabine se abriu, como se o convidasse a partir.

Ele assentiu, depois parou e olhou para a mesa de cabeceira onde estava a carteira e o telefone de Lach. Melhor prevenir do que remediar, ele supôs, agarrando-os e guardando-os no próprio bolso. — Compreendo. Eu não vou fazer nada drástico a menos que seja necessário. Vamos esperar e ver. Se um navio pudesse suspirar, ele tinha certeza de que Misericordia suspiraria.

Quando ele voltou para o convés, completamente vestido, o outro barco já estava visível. Tinha vindo da frente deles, provavelmente porque se tivessem vindo por trás, não poderiam ter alcançado Misericórdia. Ela era tão rápida quanto Lach alegara, afinal.

Lach estava tentando mudar de rumo para evitá-los ainda, mas parecia que eles eram pelo menos rápidos o suficiente para compensar isso.

— O que fazemos em uma luta? — Thanatos perguntou.

Lach puxou a pistola de onde ele a enfiara na cintura de sua calça - Thanatos se encolheu com a proximidade com as partes bastante sensíveis - e acenou. — Eu atiro neles.

— E você tem quantos tiros com essa arma?

Lach franziu o cenho de uma maneira que Thanatos só podia fazer beicinho. — 1.

— E quantas pessoas eles precisariam para dirigir aquele barco deles?

---

[6] *Quantum Leap* é uma série de televisão de ficção científica americana de 1989/1993. Dr. Sam Beckett, físico que passa pelo espaço - tempo durante um experimento em viagem no tempo, substituindo temporariamente o lugar de outras pessoas para corrigir erros históricos.

A carranca em resposta foi suficiente para dizer a Thanatos que a resposta era mais do que uma.

O barulho ensurdecedor seguido por uma imensa nuvem de água na popa fez Thanatos congelar por um segundo. Caos, eles estavam sendo baleados. Ele nunca foi baleado em sua vida.

Lach gritou um grito de guerra incompreensível e foi até a beira do convés, apontando sua pequena arma na direção do enorme barco. Houve outra explosão, e desta vez a crise que reverberou através de Misericórdia fez seu coração palpitar. O ser vivo sob seus pés tinha acabado de ser o alvo, estava danificado.

— Desça abaixo do convés — disse Lach, virando-se para olhá-lo. — Talvez você possa - possa . — Ele parou, de olhos arregalados e ofegante. Houve um estalo agudo, nada parecido com o estrondo do que quer que eles estivessem atirando no barco, e Lach pulou para frente, pressionado contra o mastro. Quando ele se afastou, seu ombro estava ensanguentado.

Thanatos deu um passo em sua direção, sem saber o que poderia fazer, mas sabendo que precisava fazer alguma coisa.

Terrivelmente, o olhar nos olhos de Lach mudou de terror furioso para aceitação. — Você deveria ir. Vá para Santorini. Encontre a foice. Você pode ir até Gaia e consertar isso.

Thanatos estava mais inclinado a estrangular Lach do que deixá-lo à sua sorte e procurar a foice, mas Misericordia tinha outras ideias. Uma corda que amarrava sua lança se soltou quando Lach passou por ela e girou para bater nas costas dele e derrubá-lo em Thanatos.

Thanatos o agarrou e o endireitou, pois houve outro estrondo, e um buraco se abriu direto no lado de estibordo de Misericórdia. Ela listou descontroladamente o porto, e o movimento da água exagerou o movimento. Por um segundo sem fôlego, eles ficaram sem peso quando o barco alcançou uma crista e, em vez de recuar, continuou o movimento.

Enquanto Misericordia emborcava sob seus pés, Thanatos passou os braços em volta de Lach e os transportou para Santorini.

Lápides brancas

O sol havia nascido, eles estavam a quilômetros de distância e Misericórdia estava afundando.

Despreparadas para o terreno estável, as pernas de Lach super compensaram. Ele listou estibordo, na direção de pedras de pavimentação brancas. A luz refletia em todas as superfícies próximas, transformando o tumulto de flores em lápides e monumentos em sombras gritantes na luz branca brilhante. Pela primeira vez, Thanatos foi mais firme que ele e o apertou mais.

Lach sentira a inclinação do navio, mesmo antes do boom o fazer cair nos braços de Thanatos. Seu estômago deslizou para a garganta enquanto o mundo inteiro rolava. Por um momento aterrador, eles ficaram sem peso - nada sob seus pés, a não ser um convés inclinado perpendicularmente às ondas do oceano que engoliam Mis. Tudo que Lach viu foi o azul profundo. Então eles se foram.

Fechando os olhos, Lach tentou controlar onde estava. Ele podia ouvir o bater distante das ondas do mar, o barulho de gaivotas. Nada como as violentas explosões e o rugido do mar. A brisa suave que cortava os túmulos na encosta corria salgada sobre sua pele. Eles estavam em Santorini.

— Lach... — Thanatos o alcançou gentilmente, tocando seu ombro. — Você está sangrando.

Seus dedos mal roçaram a mancha molhada no ombro de Lach. Distantemente, ele se lembrou do choque da bala que rasgava sua carne. Ele quase não sentiu, mas agora, quando Thanatos o tocou, sentiu a força contundente e a picada aguda de dor.

Lach havia entrado em uma briga de armas com nada além de uma calça de moletom. Sorte que ele não teve pior. Um único ferimento de bala, quase um pasto, era esquecível.

— Temos que voltar— Lach murmurou, segurando os braços de Thanatos e prendendo-os ao lado do corpo.

Thanatos estava olhando o sangue em seu ombro. Lach nunca tinha visto Thanatos sangrar, ele era muito cuidadoso, mas tinha visto outros deuses fazendo isso - Poseidon, Ares e Artemis. Se Thanatos estivesse machucado, ele sangraria a cor do ouro. Curava rapidamente. A pele de Lach ainda ostentava uma ravina vermelha com raiva.

— Thanatos— disse ele bruscamente.

Sacudindo-se, Thanatos encontrou os olhos de Lach. A tristeza brilhava naquelas íris douradas. O balanço da cabeça dele foi tão pequeno que Lach quase errou. — Precisamos levá-lo a um curandeiro.

Lach zombou. — Esta não é a primeira vez que levo um tiro, Thanatos.

Mais pálido do que tinha estado um segundo antes, Thanatos se endireitou. — Isso deveria me fazer sentir melhor?

— Parece pior do que é. — A impaciência havia aguçado a ponta de sua voz.

Thanatos esvaziou as bochechas. Cerrando os dentes, Lach fechou os olhos com força. De que serve a razão e a conversa agora? Ele tinha que fazer alguma coisa.

— Lach — Uma sílaba suave, e era demais. Qualquer coisa que não fosse — ok— era demais.

Os olhos de Lach se abriram loucamente. — Me leve de volta!

Gaivotas voaram com o grito de Lach, mas Thanatos apenas começou. Afinal, ele era um deus - que poder Lach tinha para comandá-lo?

— Eu não posso.

Com Lach segurando seus braços, Thanatos só podia levantá-los até agora, mas ele colocou as mãos nos quadris de Lach. Seus polegares roçaram os sulcos dos ossos do quadril de Lach.

— Besteira. — A voz de Lach quebrou, e ele levou um momento para engolir e limpar a garganta rouca. — Você acabou de fazer. Você tem isso, àquela coisa de conexão divina com ela agora. Vamos. Nós temos que voltar.

— Não há nada para voltar.

Lach sacudiu a cabeça. — Você não entende. Mis é mágica. Ela está bem.

Tinha que estar. Mis foi criada por um deus para dar ao capitão o que eles precisavam, certo? Ela o ajudou a fazer com que Thanatos o olhasse duas vezes, fazia-lhe companhia por anos no mar, levava-o ao redor do mundo e voltava. Tudo o que Lach precisava naquele momento era que ela estivesse bem. Então ela estaria.

Thanatos tinha consideravelmente mais força do que parecia, e a usou para se livrar do aperto de Lach. Em vez de se afastar quando ele estava livre, ele passou um braço em volta da

cintura de Lach. A outra mão, macia e sedosa como sempre, segurou a bochecha de Lach. Lach não percebeu que seus lábios estavam tremendo até Thanatos os tocar.

— Se voltarmos agora, você se afogará — murmurou Thanatos.

— Então eu vou me afogar!

Thanatos piscou.

Lach não deveria ter gritado, mas ele podia sentir as batidas no peito, o pânico que tornava sua pele pálida e suada, a tontura tremenda do sangue perdido e o sol escaldante e brilhante refletindo em todas as superfícies.

— Eu não posso deixá-la — ele sussurrou. — Ela é minha casa.

— Eu sei que ela é. — O movimento suave dos dedos de Thanatos em sua bochecha foi tão gentil quanto suas palavras. — Mas não há nada que você possa fazer agora.

Lach ficou tenso, tudo nele rejeitando a ideia de que ele era impotente. Toda vez que ele foi pressionado, ele se contorceu. Arrogância, ousadia e tolice nunca lhe falharam. Eles salvaram sua família, o tornaram imortal, conquistaram o olho de um deus. Desesperado, ele balançou a cabeça.

— Acalme-se — disse Thanatos. Foi apenas uma respiração, mas as palavras carregavam aquela baixa ressonância que somente os deuses podiam alcançar. Eles passaram por cima de Lach, enrolando-se na parte de trás do pescoço, entrando em seu coração frenético até que ele batia com firmeza novamente e todo o seu corpo relaxou nos cuidadosos braços de Thanatos.

Quando percebeu o que Thanatos havia feito, estava lânguido demais para se importar. Mais tarde, ele só se lembraria dos flashes de Thanatos ajudando-o a descer a colina, seus próprios pés arrastando-se, os dedos do deus acariciando seu lado enquanto ele murmurava garantias. A pequena pousada com sua porta cercada por flores vermelhas brilhantes. Oferecendo-se para pagar, e Thanatos acenando para ele. Mãos gentis o colocam em uma cama em terreno estável. Sem ondas rolando embaixo dele.

De igual para igual com os deuses

Martina não gostava de voar. Não havia nada a fazer além de sentar e torcer para que os filmes que saíssem naquela temporada fossem bons. Dirigindo, ela podia controlar o carro. Caminhando, havia pontos turísticos para ver. Cavalos, camelos, motocicletas - todos ofereciam vantagens. No entanto, aqui estava ela, preparando-se para outro voo de doze horas, porque não havia uma maneira melhor de atravessar o oceano. Lach e seu barco eram ridículos.

Pouco antes do embarque, o telefone tocou no bolso. Ela pegou e olhou para a tela. Foi Roger. Ela atendeu.

— Estou prestes a entrar em um avião. O que está acontecendo, Roger? ela exigiu.

— Eu preciso que você verifique Lach. — A voz de Roger estava tensa. Ela quase podia vê-lo parado ali, mão no quadril, expressão comprimida e séria. Com um suspiro, ela se recostou em uma coluna perto do balcão de check-in, com a mão na mala.

— Por quê?

— Afundamos o barco dele.

— Você fez o que? — Marty exigiu, a voz fria. Por que diabos Roger tinha autoridade para comandar os Fidelis Filii e ele não estava completamente além dela. Sem dúvida, tinha algo a ver com paus. Afinal, os pênis eram *muito* importantes para o caráter de liderança de uma pessoa.

— Afundamos o barco.

— Por que diabos você faria isso? *Como* diabos você fez isso? — O barco em si era relativamente novo, mas Marty estava nele, tomava bebidas e jogava batatas fritas de lado para as gaivotas arrebatarem. E toda vez que algo estranho acontecia, Lach dava uma piscadela atrevida. Aquele barco estava encantado.

— Prendemos um rastreador nele em Ibiza. Explodiu o barco.

— Roger, precisamos dele. Você não pode afogar o único imortal do mundo que pode conter Cronus *e* não tem o poder de feri-lo imediatamente.

Marty passou anos de sua vida criando laços com Lach - Glaucus. Décadas atrás, quando ela e o pai de Roger eram jovens, eles se conheceram. Eles eram amigos, até. Até eles

discordarem. Marty aprendeu com a experiência pessoal que Lach estava muito sozinho. E homens solitários conversavam. Ele poderia ter andado um pouco no mato - não falado explicitamente sobre deuses para ela -, mas ela sabia que ele havia nascido na Grécia. E o pai dela tinha uma foto deles dois de décadas antes. Ele parecia exatamente o mesmo.

— Nem todos os deuses são tão poderosos — disse Roger. Marty gostaria de vê-lo de frente para um. Até Hebe - Martina a seguiu no Instagram. Sua página estava cheia de flores, selfies cuidadosamente encenadas e feminismo. A deusa da juventude o destruiria absolutamente. — De qualquer forma, não o matamos. Eu acho que... Estávamos *indo* para arrebatá-lo para fora da água.

— Temos um plano, Roger! — Ele não tinha paciência para ver isso. Agora, esse era o problema dela. — Por que você não o pegou?

— Não sei. Ele desapareceu. Ele estava com um cara negro em Santorini. Talvez ele seja um mago.

— Ou talvez você tenha afogado ele! — Marty sibilou. Uma garotinha, segurando a mão da mãe na fila e esperando entrar no avião, a encarou com olhos enormes. Marty forçou um sorriso. A menina pressionou o rosto contra a coxa da mãe.

Com um gemido, Marty revirou os olhos. — Claro, tanto faz. Vou ligar para ele e informá-lo se você matou nossa única pista boa. Ela desligou. — Maldito imbecil.

Com polegares rápidos, ela discou para Lach. O telefone tocou três vezes, um calafrio subindo por suas costas a cada tom estridente. Finalmente, ele atendeu.

— Alô, Tina?

Martina exalou devagar. Lach parecia grogue, mas pelo menos ele atendeu.

Claro, ela não podia deixar transparecer que sabia que alguma coisa estava errada. — Se você me chamar assim de novo, Lach — ela reclamou, — eu vou cortar sua língua.

— Desculpas, Martin-ha. — Ele riu. — Com o que posso ajudar?

— Só queria que você soubesse que estou prestes a entrar em um avião — disse ela. — Você está bem? Você parece meio desanimado.

— Eu estou bem. Eu estou *bem*. Eu levei um tiro.

— Você levou um tiro? — ela ecoou. Claro, eles iam arrancá-lo da água. Sem problemas. Não há razão para deixar as armas em casa.

— Está tudo bem. Hermes está aqui para me consertar.

— Cale a boca, seu idiota— outra voz estalou atrás. — Fique parado.

Ele sussurrou no receptor, sua respiração o som de uma concha pressionada no ouvido dela. Ela afastou o telefone.

— Você vai me pegar umas calças, não é? — Lach exigiu, colocando um sotaque profundo que Martina não tinha ouvido antes. — Você vai me achar umas pantalonas, Hermes? Não quero que você entre *nas* minhas calças, apenas me traga algumas calças. Não tenha ideias. Eu tenho *namorado* .

— Você está bêbado?— Martina perguntou.

— Você está sóbria? — Lach desafiou. Ele riu de novo e terminou com um longo suspiro, como se estivesse relaxando em uma cadeira de sol. — Meu amigo conversou comigo como Morgan Freeman e agora me sinto *muito* bem.

Martina beliscou a ponta do nariz. — Eu não quero saber o que você quer dizer com isso.

— Ariadne acha que a voz de Morgan Freeman é sexy.

No fundo, ela ouviu um som abafado: — Ariadne acha que tudo é sexy.

— Ok, então você levou um tiro. Como isso aconteceu? Martina perguntou. — Você está com problemas com alguém?

Ele estava. Os Fidelis Filii queriam seu corpo imortal como uma embarcação para seu mestre. A coisa toda parecia sombria, claro, mas eles estavam tentando fazer um mundo melhor. E Lach teve muito tempo para aproveitar o atual. Foi o que Marty disse a si mesma quando pensou em jogar batatas fritas do lado do barco dele ou na pressa que teve depois de escapar por pouco do perigo com ele. Ela era sua amiga, mas o mundo tinha saído da pista e precisava do mestre deles mais do que de Lach no momento. Mas não havia razão para ele saber disso, e se soubesse, eles estavam na merda.

Lógico como ela estava tentando ser, seu coração apertou quando ele emitiu um som pequeno e quebrado. Ela nunca tinha ouvido Lach se *machucar* antes.

— Vai ficar tudo bem, Lach — alguém disse do outro lado. Esta não era a mesma voz de antes, mas firme, profunda e empática. Houve um farfalhar - aparentemente o som de Lach passando pelo telefone e possivelmente o som abafado de um soluço - e depois: — Alô? Eu sou Thanatos.

Medo do desconhecido

Thanatos pousou o telefone na mesa de cabeceira com um estalo de plástico afiado. A amiga de Lach, a arqueóloga, parecia bastante agradável e bastante preocupada com seu bem-estar, mas ele quase não conseguia conversar com ela enquanto Hermes costurava o ombro de Lach e os lábios de Lach tremiam. Enquanto Hermes não era a escolha ideal para o trabalho, ele era o único deus que Thanatos sabia ter experiência em ajudar mortais feridos e que não odeiam Lach em princípio.

Bem, e para acreditar em Lach, ele também era amigo de Poseidon, mas Thanatos não estava disposto a apostar sua vida nisso.

Hermes era mais rápido de qualquer maneira.

— Pronto — disse Hermes, despenteando os cabelos de Lach enquanto ele se levantava. Lach mal estava acordado e deu um gemido suave enquanto Hermes vagava até onde Thanatos estava. — Ele vai ficar bem. Mas e quanto a...? Ele disse que tem namorado. Agora mesmo. Ele disse que isso.

Thanatos revirou os olhos e suspirou. — Suponho que sim.

— E?

— *E* estamos discutindo as coisas. — Thanatos olhou para Lach, cujos olhos se fecharam. Ele provavelmente ficaria bravo quando acordasse para lembrar que Thanatos o forçara a se acalmar. Talvez o reencontro terminasse tão rápido quanto começara. Ele deu de ombros e voltou-se para Hermes. — Talvez. Eu não sei.

Em uma demonstração surpreendente de emoção, Hermes franziu a testa e franziu os lábios. Isso o fazia parecer mais velho, mais parecido com o pai e os irmãos do que normalmente. — Você tem certeza que sabe o que está fazendo? Gosto de Lach tanto quanto do próximo cara, inferno, provavelmente mais do que a maioria, mas se eu já conheci duas pessoas mais diferentes que você, não poderia nomeá-las.

Era um bom argumento, mas Thanatos sempre via suas diferenças como um benefício, não uma desvantagem. E de qualquer maneira, ele não ia sentar aqui e discutir com Hermes.—

Por mais que eu aprecie sua preocupação, Hermes, sou muito mais velho que você. Sou completamente capaz de tomar minhas próprias decisões.

Hermes levantou as mãos defensivamente. — Eu sei eu sei. E você geralmente é o cara mais sensato que eu já conheci. Mas você tem um histórico de tomar decisões não tão boas quanto a essa coisa. Apenas, você sabe, tenha cuidado. Eu odiaria ter que chutar a bunda de Lach em seu nome.

— A época é outra — ele lembrou Hermes. — Eons. Eu posso defender minha própria honra.

— Sim, mas você é como um golden retriever, todo doce e inocente e...

— Você está me comparando com um cachorro?

Hermes olhou rapidamente para um lado e depois para o outro, depois ergueu as sobrancelhas e tentou parecer inocente. A expressão era muito parecida com Lach. — Não?

Thanatos suspirou. — Continue Hermes. Eu posso lidar com isso daqui. Obrigado pela ajuda.

Hermes ofereceu um sorriso brilhante. — A qualquer momento! Fico sempre feliz em ajudar as pessoas que não querem me matar. Ele se dirigiu para a porta sem virar as costas, ainda sorrindo. — Então eu vou antes que você mude de ideia sobre o fato de não querer me matar. Talvez eu possa encontrar algumas calças para Lach na cidade. Me ligue a qualquer momento e tudo isso.

Quase no segundo em que sua mão tocou a maçaneta, Hermes abriu a porta, saiu e a fechou atrás dele. Com Zeus como pai, o pobre garoto estava em um estado regular de quase medo, mas a ideia de que ele ainda achava Thanatos assustador era estranho.

Ele esfregou a nuca com uma mão e suspirou. Quando ele olhou por cima, os olhos de Lach estavam abertos e nele.

— Você não é nada como um golden retriever, você sabe — Lach disse a ele.

Ele supôs que era tranquilizador que Lach não pensasse que ele era um cachorro. A menos que ele estivesse prestes a dizer que ele era realmente um chihuahua ou algo assim. Ah? Algum outro tipo de melhor amigo do homem?

Lach sacudiu a cabeça e seus olhos ficaram distantes. — Não. Você não poderia ser um cachorro. Ou um gato também. Eles não ficam tristes como você.

Oh, bem, isso foi melhor, claramente. — Eu não estou triste.

— Você está. As pessoas te deixam triste. Pessoas como eu. — Ele suspirou e virou a cabeça, então estava olhando de volta para o teto. — É porque estamos com medo de você, um pouco. Você odeia isso.

Ele não estava errado. Era parte do motivo pelo qual Thanatos passara milênios cultivando os aspectos mais suaves de sua personalidade, mas não parecia importar o quão calmo ele era, o quão gentil, o quão suave era a fala. As pessoas ainda o temiam simplesmente porque ele era a morte.

— Sinto muito por deixá-la triste — sussurrou Lach. — Eu não pretendo mais.

Thanatos sentou na beira da cama ao lado dele e passou os dedos pela bochecha de Lach. Não havia sentido em negar ou perguntar por que as pessoas o temiam. Ele sabia as respostas e sabia que elas não mudariam. — Eu gostaria de poder convencer as pessoas, — disse ele, afastando o cabelo selvagem de Lach do rosto. — Mas nada que eu faça ajuda. Todos vocês insistem em ter medo, não importa o que eu faça.

— Quem iria querer morrer? Quero dizer, temos que deixar tudo e todos para trás. É aterrorizante. Lach estremeceu e não encontrou seus olhos.

— Mas você é grego, Lach. Você sabe para onde está indo. Você sabe o que está esperando por você, e é melhor do que qualquer coisa que você tem aqui.

Lach encontrou seus olhos e estendeu a mão para agarrar sua mão. — Eu não acho que seja.

E isso foi inesperado. O que ele quis dizer? Thanatos respirou fundo e se forçou a continuar. — Seu pai está lá. Seu irmão e mãe. Eterna primavera e sol, navegando no horizonte para sempre, se é isso que você quer.

— Mas não é isso. Não me interprete mal, eu adoraria vê-los novamente. Todos os amigos e familiares que eu perdi. Mas como Elysium poderia ser o que eu quero? Não há aventura em um lugar onde tudo esteja perfeito e nada dê errado. — Inexplicavelmente, Thanatos ficou desapontado com a resposta. Era Glaucus clássico, no entanto. Lach pigarreou. — Além disso. Nem todo mundo que eu já amei está lá. Você não está lá. Você nunca estará lá.

— Você não pode evitar a felicidade eterna por um titã — negou Thanatos, apesar do fato de que as palavras fizeram seu coração pular loucamente em seu peito.

Lach bufou. — Eu não sou adequado para a felicidade eterna. — Os olhos dele se estreitaram pensativos. — Mas você gostaria de poder ir, não é? É por isso que você é tão implácavel no Elysium para todos o tempo todo. Por que você está tão incomodado quando as pessoas não querem ir para lá. *Você* quer ir.

Ninguém nunca havia apontado isso tão claramente antes. Hades havia expressado preocupação por ele com isso, e outros deuses da morte o consideravam fraco por causa de seus sentimentos pelos mortos e pelo descanso deles, mesmo que não o dissessem em voz

alta. Ele tentou encolher os ombros. — Deuses não descansam. Não está em nossa natureza. Elysium foi feito para mortais.

— Bem, aí vai — anunciou Lach, alto e desagradável. — Eu não sou mortal, então não tenho permissão. Acho que vou ter que ficar com você. Vou encontrar uma maneira de lidar, tenho certeza. O sorriso lascivo em seu rosto deixou pouca dúvida sobre como ele pretendia fazer isso, mas no estado mental que Thanatos o deixara, Lach estava basicamente bêbado. Fazer sexo com ele seria inapropriado. Não que Lach entendesse e aceitasse esse fato. Ele provavelmente não achava que era possível alguém tirar vantagem dele, sendo auto aversão o que era.

Thanatos suspirou e se inclinou para pressionar os lábios na testa de Lach, brevemente, antes de se afastar e ficar de pé.

Lach abriu a boca para protestar, mas Thanatos sentiu a menor sugestão de um puxão. Era tão fraco que ele tinha certeza de que o mortal moribundo era mais do que capaz de encontrar seu próprio caminho, mas seria melhor para todos se Thanatos deixasse Lach para dormir um pouco.

— Eu tenho que fazer algum trabalho — disse ele, tentando fingir que não viu o rosto de Lach cair. Ainda assim, ele murmurou: — Desculpe. Tente dormir um pouco, ok?

Lach olhou para ele e começou a dizer algo sobre como ele não precisava dormir, mas ele foi cortado por um enorme bocejo. Ele olhou ainda mais forte, como se Thanatos o tivesse causado. Se ele pudesse, sua vida seria muito mais fácil, mas esse truque pertencia ao irmão de Thanatos, Hypnos.

— Volto em um tempo — prometeu, e antes que Lach pudesse protestar mais, ele se virou e deixou o fio puxá-lo para longe.

Um relógio de ouro

O sono veio com muita facilidade uma vez que Thanatos desapareceu. Seria ótimo culpar alguém por algum tipo de influência divina, mas a verdade era que levar um tiro era trabalho. O pânico, a tensão em cada músculo, vindo da adrenalina - tudo isso deixou o corpo humano de Lach completamente limpo, e os travesseiros que o sustentavam eram tão suaves.

Ele dormiu mal, sem o balanço suave de Misericórdia sob ele. Nos seus sonhos, ele imaginou o ataque. Mais de uma vez, ele se despertou com a sensação de que estava caindo, a gravidade perdendo a força, como se Mis tivesse virado.

Por mais instável que fosse, algumas horas de sono o fizeram bem. Ele acordou com o som da porta se abrindo.

Piscando os olhos abertos, ele esperava ver Thanatos lá. Não era como se ele pudesse aparecer no quarto da pousada, a menos que Lach o adorasse. Talvez se Lach rezasse, mas ele não era capaz de fazer isso desde que descobrira que os deuses podiam ouvi-lo. Sempre tive vontade de pedir demais.

Não era Thanatos na porta, mas Hermes com uma pilha de roupas pendurada no braço.

— Isso foi desbloqueado? — Lach perguntou.

Hermes sorriu. Ele era bonito - claro que era - a maioria dos filhos de Zeus era surpreendentemente atraente. Tons dourados e perfeitos, eles dispararam pelo mundo acumulando conquistas.

Thanatos era o oposto - adorável castanho com olhos de mel e paciência sem fim. Embora forte, ele não era um conquistador. A primeira vez que Lach o viu naquela praia, depois de quase se afogar, pensou que Thanatos era o tipo de deus que teria que implorar por misericórdia. Em vez disso, tudo o que ele já teve que fazer foi pedir o que precisava. Às vezes, ele nem precisava perguntar. Quando Philon ficou doente, Lach disse a Thanatos para se foder completamente, pensando que esse poderia ser o destino do seu irmão mais novo. Em vez disso, Thanatos voltou com ajuda, curou Philon.

Ele foi gentil quando Lach não tinha sido. Rendendo-se quando Lach precisava se sentir no controle. E o tempo todo, triste, porque Lach não podia apreciá-lo da maneira que ele deveria ter apreciado.

Quando os dedos de Lach torceram nos cobertores, Hermes zombou. — Não. Você acha que preciso de uma chave para abrir uma fechadura?

Lach arqueou uma sobrancelha para ele. — Depende da fechadura.

— Não, não — Hermes desafiou. — Deus dos ladrões. Eles não inventaram uma fechadura que pode me atrapalhar.

De qualquer forma, a porta de madeira era velha e o hardware polido parecia original. A fechadura era simples. Fácil de invadir, se Lach tivesse medo desse tipo de coisa.

— Eles não inventaram um Lach, hein? — Ele riu.

— Cale a boca — Hermes reclamou. — Onde está Thanatos?

— Não sei. Ele disse que precisava trabalhar.

— Ele deixou você logo depois que você levou um tiro?

Lach não gostou da maneira como as sobrancelhas de Hermes estavam subindo em direção à sua linha do cabelo. Thanatos teve que trabalhar; não tinha que significar nada. — Ele queria que eu descansasse. Você o viu. Quanto você acha que eu teria dormido se ele ficasse?

Hermes riu - um suspiro. — Perdoe-me se eu não comprar que Thanatos é incapaz de se controlar.

— Ele pode. Eu não posso.

— Justo. — Ele atravessou o quarto e descarregou as roupas no final da cama de Lach.

— O que é tudo isso?

— Bem, você disse que precisava de calças. A menos que você esteja com vontade de andar nu por Santorini, exceto por um par de calças de moletom com crosta de sal?

— Provavelmente não é o melhor visual — admitiu Lach.

— Por mais que eu apreciasse o show, não. — Hermes balançou um par de sapatos no ar quando ele largou o resto das roupas. — Tinha que adivinhar o seu tamanho. Achei que eles são parecidos com os meus. O olhar avaliador de Hermes sacudiu a forma de Lach sob as cobertas. — Acho que cheguei bem perto. Poderia avaliar você por mim mesmo .

Lach estreitou os olhos. — Você está me testando, Hermes?

Hermes deu de ombros. — Thanatos não é como nós. Eu não quero vê-lo se machucar novamente. E, francamente, não quero ver Charon te virar de dentro para fora.

Embora ele fechou a boca, o suspiro de Lach escapou pelo nariz. Ele não podia dizer que ele e Hermes não eram nada parecidos - ladrões irreverentes e não confiáveis, os

dois. Merda, Lach era tão autodestrutivo quanto Hermes e tão propenso a fugir quando as coisas pioravam.

— Eu não vou machucá-lo. — Ele pode ter que dizer isso todos os dias para o resto de sua vida para convencer alguém, mas ele pretendia seguir por esse período.

— Uh huh.

Bem, Hermes não foi o primeiro deus que ele precisava convencer. — Então — girou Lach, — quanto devo a você?

Hermes começou. — O que?

Lach acenou com a cabeça em direção à pilha de roupas. — Para aqueles?

— Oh. — Hermes acenou para ele. — Não se preocupe com isso.

— Sério, não é grande. — Thanatos também não o deixou pagar pelo quarto deles. Não lhe ocorrera que alguém pudesse pensar que ele era tão destituído quanto estivera em Thrinacia. Claro, ele não andava por aí vivendo a vida de Riley, mas estava passando muito tempo. — Eu preferiria estar quite com você.

— Lach — Hermes acenou com a mão como se Lach precisasse de uma introdução à sua própria existência — deus dos ladrões. Não se preocupe com isso.

— Ah, uh... — Era uma vez, Hermes roubar um novo guarda-roupa não o incomodaria nem um pouco, mas Thanatos não iria gostar. Lach não queria enfrentar sua decepção, mesmo que ele não tivesse roubado. Estar com Lach já era um compromisso para Thanatos - um humano que não morreria, um homem que não se acalmava e era meio idiota. Se Lach não estivesse tão perto da perfeição quanto possível, o tiro milagroso que ele teve de estar com Thanatos novamente não duraria. — Então, onde você os conseguiu?

—Rua principal em Thera. Algumas lojas diferentes. — Por quê?

— Sem razão. Eles parecem legais, e eu perdi tudo. Posso precisar de mais roupas.

Hermes estava olhando para ele como se ele tivesse enlouquecido. — OK. Bem... Você está bem?

— Eu estou bem. — Lach não achou sensato pedir a um deus, mesmo que relativamente amigável, para executar mais suas tarefas. — Obrigado.

Com dois dedos na têmpora, Hermes o saudou. Num instante, ele se foi.

Lach estava surpreendentemente dolorido quando se sentou. Ele encolheu os ombros e a dor que explodiu em sua cabeça foi tão forte que ele teve que piscar pontos fora de sua visão. Fazia décadas desde que ele levara um tiro, e as armas modernas não eram nada senão eficientes. Malditos covardes se escondendo atrás de sua tecnologia.

Ele saiu da cama. Hermes tinha um olhar muito aguçado, e a primeira camisa que ele vestiu ficou bem. Experimentar tudo imediatamente estava fora de questão - difícil o suficiente para se vestir tentando usar apenas um braço.

Graças a Deus, Thanatos havia pegado seu telefone e carteira, então ele os guardou no bolso. Ele deixou a pequena pousada, anotando o nome para poder voltar e pediu que a mulher atrás da mesa, chamasse o táxi.

Naquela tarde, Lach foi até as lojas em Thera, tentando escolher as que ele devia dinheiro. Claro, ele poderia ter planejado melhor. Quando chegou lá, Lach havia esquecido como era a maioria das roupas. Quando ele descreveu Hermes para os funcionários, as pessoas apenas o olhavam engraçadas. Ninguém o viu - é claro que não - ele podia se mover mais rápido do que eles podiam ver.

Negada a chance de fazer um reembolso verdadeiro, Lach decidiu comprar coisas que via e gostava. Até que ele passou por uma caixa de joias e viu um relógio brilhando no visor. Tinha uma pulseira de couro, suave e clássica, exceto pelos grandes números romanos e pelo calor peculiar da caixa de ouro. Thanatos não usava joias que ele tinha visto, mas Lach colocaria dinheiro nele favorecendo ouro. Muito dinheiro, de fato.

— Quanto? — ele perguntou ao funcionário em grego.

Ele comprou sem pechinchar. O sol estava começando a se pôr quando ele saiu. Provavelmente estava na hora de voltar.

Felizmente, Thera estava a menos de meia hora de Oia, onde estavam hospedados. Suas malas cabiam com ele no banco de trás, mas transportá-las novamente era uma dor.

Quando ele voltou para a estalagem, até o quarto que Thanatos havia conseguido, ele lutou para conseguir a porta. De repente, parou. Do outro lado da soleira, Thanatos olhou para ele.

— Onde você estava? — Thanatos exigiu. — Voltei e você não estava... — Ele interrompeu abruptamente.

Lach franziu o cenho. Ele trocou as malas. — Pequena ajuda?

Com as duas mãos, Thanatos pegou todas elas. — Onde você estava?

Lach levou um momento para perceber o que estava errado. Seu coração afundou. — Você pensou que eu fui embora?

Uma suposição justa, mas doeu com que facilidade Thanatos poderia pular para ela. — Sinto muito — Lach deixou escapar. — Eu deveria ter deixado um bilhete. Deixar você saber onde eu estava.

— Porque você precisava fazer compras? — Thanatos perguntou, sacudindo as sacolas. — Você levou um tiro, Mis afundou, e você, o que, precisava resolver tudo isso com alguma terapia de varejo?

A coluna de Lach se endireitou. Seu ombro deu uma palpitação maçante. — Não.— Ele respirou lentamente, esperando que isso lhe desse a chance de encontrar uma resposta perfeita. Sem sorte — Hermes me trouxe roupas, mas ele as roubou. Eu pensei que você não iria gostar - eu não sei. Achei que eu deveria tentar pagar. Quando você rasga minhas roupas, não quero que você pense em como elas são roubadas. Ele tentou passar a última por brincadeira, mas Thanatos apenas piscou para ele. — Eu realmente sinto muito por ter preocupado você.

— Eu queria que você descansasse. — A voz de Thanatos era baixa e magoada.

Lach mordeu o lábio. — Eu sei, mas não sou bom nisso. Fiz por um tempo, mas não sabia quando você voltaria... Eu não sei. Eu estraguei tudo.

Thanatos balançou a cabeça. — Você não precisa executar tudo o que faz por mim.

— Bem, talvez não o tempo todo — concordou Lach, — mas acho que nós dois sabemos que hoje não era o dia de simplesmente desaparecer. Eu fui insensato.

Mais uma vez, Thanatos balançou a cabeça. — Imaginei que você poderia estar... Não sei, chateado comigo?

— Por que eu ficaria chateado com você? — Por mais que Lach quisesse voltar para Mis, ele não podia culpar Thanatos por tentar mantê-lo vivo.

— Eu manipulei você.

— Você quer dizer quando me acalmou? Thanatos, isso não importa. Talvez a ideia de alguém com esse tipo de poder sobre ele deva ter assustado ele, mas não era como se Thanatos já tivesse feito disso um hábito. Naquele cais, há milênios, Thanatos poderia ter ordenado que Lach ficasse. A qualquer momento, ele poderia ter usado seu poder formidável para dobrar a vontade de Lach como quisesse. Ele não tinha; ele só fez isso em benefício de Lach. — Eu precisava disso.

Thanatos fez uma careta. Ele não pareceu convencido ao deixar as malas ao pé da cama.

— Eu peguei uma coisa para você — disse Lach.

Quando ele se endireitou, braços cruzados, Thanatos franziu o cenho. — O que?

Lach se aproximou, curvou-se para procurar em uma bolsa e veio com a caixa de joias. Ele estendeu para Thanatos.

— Imaginei que depois de Nova York, eu devia uma a você.

— Você não precisava fazer isso —Thanatos disse suavemente enquanto abria a caixa.

Lach engoliu em seco. Ele não era um tolo - um deus não precisava de um relógio, nem mesmo do Cartier. Mas o que Lach poderia dar a Thanatos que ele realmente precisava?

— Claro, mas acho que não ficaria bem com todos os seus, uh, ternos e outras coisas. Você gosta disso?

Thanatos sorriu suavemente. Seu polegar roçou o mostrador do relógio. — É legal. Muito caro.

Lach riu. — Então? O que você acha que eu sou, pobre?

O deus piscou para ele como se nunca tivesse considerado uma alternativa. — Bem, você rouba.

— De pessoas que merecem. Quando eles têm muito para prestar atenção. Thanatos, eu trabalho para a Terra literal há milênios. Gaia tem veias e joias de ouro correndo por todo o corpo, e ela gosta de mim. Você acha que eu ainda estaria trabalhando para ela se não fosse pago? Isso soa como eu?

Ele se inclinou e tirou o relógio da caixa. Ele estendeu a mão para Thanatos deslizar a mão para dentro e a fechou em volta do pulso.

— Você está tentando me seduzir com suas riquezas, Lach? — Thanatos perguntou e, finalmente, Lach sentiu um pouco da tensão na sala desaparecer. Ele pode ter assustado Thanatos, mas o dano que ele causou não foi permanente.

— Talvez — Lach admitiu, sorrindo. — Está funcionando?

Thanatos revirou os olhos.

Lach olhou para o metal brilhante em seu braço e deu de ombros. — Eu sei que é estúpido. Eu só queria te dar uma coisa - ele disse. — Eu não posso ser Elysium, e acho que não posso lhe dar paz assim, mas posso tornar a presença aqui um pouco melhor para você. Bem, eu posso tentar. Eu gostaria de tentar...

Thanatos o cortou com uma mão gentil em volta da nuca. Ele o puxou. Os lábios do deus eram macios, mas implacáveis. Sua língua deslizou na boca de Lach, e no segundo que seus lábios se separaram, Lach gemeu.

Ele mexeu na camisa de Thanatos, puxando-a do cinto, pegando a fivela. Thanatos recostou-se, fora do alcance de seus lábios.

— Você está machucado — Thanatos sussurrou.

— Eu não ligo — Lach bufou. Thanatos balançou a cabeça. Quando Lach inclinou a cabeça para beijar seu pescoço, sentiu Thanatos engolir. Quantas vezes Thanatos lhe negara alguma coisa? — Por favor, Thanatos.

— Não.

O rosto de Lach caiu. Era um absurdo, mas ele precisava sentir a conexão. Sem Mis, ele estava apático. À deriva. A última coisa que ele conseguiu suportar foi — descansar— enquanto Thanatos correu para trabalhar novamente.

Antes de começar a afundar nessa preocupação, Thanatos segurou sua bochecha. — Vá para a cama — ele sussurrou.

Ansiosamente, Lach obedeceu. Thanatos raramente assumia a liderança no quarto. Foi uma surpresa - uma revelação - descobrir que o deus se curvou a suas exigências quando ele acabara de ser Glaucus, filho de um peixeiro e piolho geral. Agora, mesmo quando Thanatos se arrastou para a cama com ele, havia algo macio e acolhedor sobre isso.

Com mãos cuidadosas, Thanatos o despiu. Quando Lach o alcançou, Thanatos fez uma careta e balançou a cabeça. — Só vou fazer isso se você relaxar.

Lach estreitou os olhos, mas quando Thanatos sentou-se sobre os calcanhares para esperar, ele respirou fundo e relaxou sobre os travesseiros, deslizando as mãos sob as costas. — Não confie em mim — admitiu Lach.

— Melhor — Thanatos disse, pressionando beijos suaves na clavícula de Lach e abaixando, através do peito, no estômago. Cada escova de seus lábios era suave, formigando, deixando um rastro em seu torso que tinha calor correndo pelas bochechas de Lach. No passado, ele sempre insistia em pedir mais, exigia o que queria, porque achava que era a única maneira de conseguir. Mas aqui estava Thanatos, oferecendo, se Lach pudesse relaxar o suficiente para deixá-lo.

Seus olhos se fecharam enquanto Thanatos lambia uma faixa da base de seu pênis até a ponta. Ele chupou Lach gentilmente, sua mão se movendo em movimentos lentos em conjunto com a boca. Quando Lach ficou tenso embaixo dele, arqueando as costas, Thanatos parou. Ele não se afastou, não o castigou, mas, em vez disso, deslizou a mão pelo peito até o momento em que se estabeleceu na bochecha de Lach, firme no agarre.

Ele espiou e viu Thanatos olhando para ele, olhos castanhos claros derretidos enquanto ele cantarolava em torno da ponta. Lach choramingou. O toque suave do polegar de Thanatos sobre sua bochecha o lembrou de respirar através dela.

O pico de Lach não foi explosivo, mas a lenta e quente ascensão do magma. Quando ele gozou, estremecendo, na boca quente de Thanatos, parecia que Thanatos o havia secado. Ele tirou os braços de baixo de si mesmo, apenas distante da dor em seu ombro.

Thanatos ainda estava vestido. Lach o alcançou. Mas o deus levantou uma sobrancelha e Lach deixou a mão vazia. Só então Thanatos soltou seu pênis de suas calças. Ele se acariciou

onde Lach podia vê-lo. Suas bolas se apertaram em seu corpo, e o olhar de Lach brilhou ao ver o prazer enrugar sua testa. Ele se deparou com a barriga de Lach, mas tudo o que Lach podia fazer era assistir seus lábios se separarem, aquele arrepio de relaxamento percorrer sua espinha.

Thanatos se inclinou para passar a língua sobre as manchas úmidas da pele de Lach. — Maldito Hades — Lach amaldiçoou enquanto observava. Thanatos sorriu para ele e pegou outro ponto em sua língua.

— É um pouco estranho quando você usa o nome dele em um momento como este — disse Thanatos, sua voz baixa.

Lach não deveria ser dispensado tão facilmente. — Thanatos.

— O que?

Lach mordeu o lábio. — Você vai ficar comigo esta noite? Eu quero sentir...

Ele poderia perguntar - ele sabia que poderia perguntar - mas isso era suave e egoísta. Thanatos não precisava dormir. Ele poderia, mas ele também poderia desaparecer. Ir ajudar as almas perdidas. Fazer mil coisas mais importantes do que segurar Lach a noite toda, porque ele estava sozinho.

Thanatos já estava tirando a camisa de seda e arrancando as calças. Sua pele contra a de Lach era quente e macia e parecia em casa. Apenas o fecho de metal do relógio bobo foi legal quando Thanatos colocou o braço sobre o meio de Lach.

— Sim, Lach. — Ele se inclinou e o beijo que ele deu a Lach foi suave e casto e tinha um gosto absolutamente pecaminoso. — Vou ficar.

Lach engoliu o nó na garganta, assentiu e enfiou a cabeça na curva entre o pescoço e o ombro de Thanatos. — Eu também.

Ar fresco

Thanatos acordou com o sol da manhã caindo pela janela, e a primeira coisa que sentiu foi espanto.

Lach estava lá.

Ele não tinha certeza, quando dormisse, que acordaria sozinho, mas isso não o surpreenderia. Acordar com Lach ao seu lado no barco era novo e confortável, mas, na verdade, quando eles estavam presos a não mais de uma dúzia de metros um do outro em qualquer direção, para onde fugir? Agora, havia quilômetros de ilha que Lach poderia estar explorando. Ou fazer compras, o que aparentemente era algo que ele ia agora.

Lach tinha dinheiro. De alguma forma, era ao mesmo tempo chocante e nem uma surpresa. Afinal, só fazia sentido; Gaia podia pagar melhor em riquezas mortais do que a maioria dos deuses, e nunca fora miserável. Ao mesmo tempo, era difícil imaginar o pequeno e esquelético Lach, que estava determinado a trabalhar demais por tudo que conseguia, sempre acumulando uma fortuna. Mas ele teve milênios para fazer isso.

Ele olhou para o relógio em seu pulso. Era lindo: ouro tingido de rosa com uma pulseira de couro e um rosto redondo cheio de algarismos romanos em negrito. Se ele quisesse esse acessório, ele poderia ter escolhido ele mesmo.

Mas Lach pensou nele e comprou.

O homem vagou pela ilha comprando coisas para consertar uma dívida imaginária incorrida por Hermes roubando coisas em seu nome. Como é muito parecido com Hermes. E quão diferente da memória de Glaucus de Thanatos.

Ele fez isso por Thanatos, claramente. Isso fez com que fosse menos doce, que ele estivesse pensando nos sentimentos de Thanatos? Definitivamente não.

Os lindos olhos de Lach se abriram, um pouco vermelhos e irritados com o estresse do dia anterior, mas ele sorriu. — Oi.

— Olá.

Eles ficaram assim por um longo tempo. Thanatos não queria interromper o contato visual, muito menos se afastar quando Lach estava deitado em seus braços, quente e sonolento,

sorrindo para ele. Quando o olhar de Lach se desviou para um lado e a tristeza penetrou em sua expressão, Thanatos sabia exatamente o que ou quem ele estava pensando.

Misericordia. A melhor amiga de Lach por quem sabia quantos anos, tirado dele em um ato de violência.

Ele apertou Lach, puxando-o com força contra o peito e acariciando seus cabelos ritmicamente.

Eles foram interrompidos algum tempo depois pelo telefone de Lach tocando. Por mais que Thanatos não quisesse deixá-lo ir, eles ainda tinham um trabalho a fazer. Ele afrouxou o aperto, e Lach girou para atender o telefone enquanto Thanatos se sentava e esticava os músculos soltos.

Lach teve uma conversa tranquila que Thanatos não ouviu enquanto pegava suas roupas e passava o tempo se vestindo. Enquanto isso, Lach largou o telefone na cama, pulou e começou a zumbir pelo quarto pegando roupas. Foi fácil ver o momento em que ele se lembrou de sua lesão, quando ele pegou sua camisa pendurada nas costas de uma cadeira e se encolheu. Ele diminuiu a corrida para se vestir depois disso, felizmente.

— Algo errado? — Thanatos perguntou.

Ele suspirou. — Martina chegou hoje de manhã e está meio que nos esperando.

Thanatos franziu o cenho para isso. Ele não sabia que eles tinham coisas a fazer, ou ele teria aproveitado melhor a manhã e garantido que eles haviam chegado para pegar a amiga de Lach a tempo.

Como era, Lach provavelmente não teria chance de comer, e isso não era bom. Ele podia ser imortal, mas todo aquele sangue vermelho e pegajoso havia sido o pior lembrete possível de que Lach não era um deus. Ele ainda precisava de coisas humanas para sobreviver, como comida, sono e não ser baleado.

Lach olhou para a camisa que ele pegou por um minuto antes de suspirar e colocá-la de lado. Ele procurou nas compras do dia anterior antes de aparecer triunfante com outra. Uma camisa de botão de mangas curtas. Thanatos não tinha certeza se os botões eram ótimos para o ombro de Lach, mas talvez levantar o braço para colocar algo sobre a cabeça fosse pior.

Ele observou o mais sutilmente possível Lach vestir a camisa com relativa facilidade e avançar surpreendentemente rápido sobre os botões. Foi impressionante, e fez Thanatos se perguntar quantas vezes ele se machucou e teve que fazer as coisas com uma mão. De qualquer maneira, enquanto Lach estivesse bem, não havia motivo para ferir seu ego oferecendo ajuda.

Quando eles terminaram e saíram para a rua, porém, e Lach foi pegar um táxi sem considerar a comida, Thanatos teve que dizer alguma coisa.

— Você precisa de café da manhã.

Lach sorriu para ele e assentiu. — Sim. Vamos encontrar Martina neste lugar em Thera com a melhor vista da ilha. Além disso, talvez as melhores panquecas do mundo. Você precisa experimentá-los.

Isso foi melhor. Talvez Thanatos quisesse manter Lach sozinho por mais algum tempo, mas ele não podia reclamar quando o homem concordava tão facilmente com sua exigência. Ajudou que, uma vez que estavam no táxi, Lach se apoiou contra ele, apertando os lados com força.

A ilha era pequena, então a corrida de táxi era muito rápida e Lach estava se afastando para entrar. A vista era linda; era verdade. Ainda não estava tão agradável quanto naquela manhã passada na Misericórdia, apenas os três e o nascer do sol.

Eles encontraram a amiga arqueóloga de Lach à mesa. Martina Paget era uma mulher substancial, com uma figura curvilínea, músculos bem tonificados do braço e um tom sem sentido. Thanatos não sabia ao certo por que ele imediatamente detestou ela. Talvez fosse apenas por ela estar lá, e, como tal, ela pegou um pouco da atenção de Lach. Ele não estava acostumado a ser tão infantil, mas coisas mais estranhas haviam acontecido.

— Querido — disse Lach, dando um sorriso malicioso a Thanatos, os olhos brilhando, — esta é Martina Paget, arqueóloga extraordinária. Martina, este é meu namorado, Thanatos.

Ela piscou para Thanatos por um segundo, os olhos nublados pela confusão, as sobrancelhas juntas. Então ela deu um pequeno sorriso privado e estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo, Thanatos. Esse é um nome bastante incomum.

Ele inclinou a cabeça. — Suponho que sim. Meus pais são bastante incomuns.

— Eu conheço o sentimento — ela suspirou.

— Não eu, — disse Lach, sorrindo ainda no lugar, inocente e adorável como sempre. Ele chamou a atenção de Thanatos e piscou. Era tudo o que Thanatos podia fazer para não esquecer o café da manhã e arrastá-lo de volta para o quarto deles pelo resto do dia.

Independentemente das próprias distrações de Thanatos, no momento em que se sentaram para tomar café da manhã, Martina estava de negócios. — Eu assumo que desde que você quis minha ajuda aqui, vamos visitar Akrotiri? — Ao olhar vazio de Lach, ela ergueu uma sobrancelha. — O local da escavação da ilha? Enorme assentamento da Idade do Bronze?

— Oh! — Lach apontou para o sul. — Você quer dizer que sim. Akrotiri. Aquele lugar. Com o... assentamento.

Tudo o que Thanatos pôde fazer foi tentar conter o riso. Lach era exatamente tão desajeitado quanto ele poderia ter imaginado ao lidar com informações históricas impossíveis de obter. Thanatos não sabia como os mortais chamavam a ilha nos dias antigos, mas não o chocou que Lach se lembrasse. E teve dificuldade em fingir que não.

Martina mordeu o lábio inferior por um momento, claramente querendo perguntar alguma coisa, mas depois balançou a cabeça e olhou para a mesa. — Não sei exatamente o que você está esperando aqui, Lach. Este sitio de escavação é incrível, mas tem mais de cinquenta anos. Eles ainda estão trabalhando, mas eu não ouvi falar de grandes descobertas aqui há anos.

— Portanto, é uma cidade no extremo sul da ilha — disse Lach, olhando para o espaço. — Um grande? Parece que foi evacuado, certo?

Ela assentiu, os olhos se estreitando em fendas. — Eles acham que provavelmente foi evacuado antes do evento vulcânico que enterrou a cidade em cinzas, sim.

Lach lançou um olhar significativo para Thanatos. Ele esperava que Lach não esperasse que ele soubesse da história da ilha. Havia uma razão pela qual ele ainda não sabia sobre a possível localização da foice: ele não guardava em sua memória coisas como nomes de lugares e eventos históricos, a menos que fossem enormes e cruciais, como Atenas, Nova York ou a ascensão ou queda de um grande império.

— Algumas pessoas ainda pensam que Akrotiri é a fonte do mito da Atlântida, você sabe, — Martina ofereceu, do nada.

— Eles realmente? — Lach perguntou brilhantemente, e graças a Deus, foi quando o garçom chegou para anotar os pedidos. Qualquer constrangimento adicional poderia ter sido terminal, e Thanatos não queria se distrair com o trabalho.

A mesa ficou em silêncio por um tempo depois disso, com Lach tentando reunir seus pensamentos e sua amiga dando-lhe tempo. Eles não tinham muito o que continuar, apenas a consciência dela da importância histórica da ilha e a esperança de Thanatos de que, se chegassem perto da coisa, ele sentiria. Era um objeto de poder; certamente seria óbvio?

O assentamento havia sido enterrado em cinzas vulcânicas, ela dissera. Isso era algo que Zeus havia feito para manter as pessoas afastadas da foice? Ele precisaria de ajuda para fazer isso, mas o alinhamento contra Cronus era uma das poucas coisas que os deuses geralmente podiam concordar. O universo era um lugar melhor sem Cronus enlouquecendo.

— Podemos visitar o museu depois do café da manhã — disse ela, sua paciência finalmente se esgotando. — Tem muita arte tirada do acordo. Ou podemos ir direto ao local da escavação.

Lach olhou para Thanatos e voltou para Martina. — A arte - assim é, afrescos e outras coisas, certo? Não são objetos?

Os olhos dela se estreitaram. — Houve alguns objetos, mas como você disse, eles foram evacuados. Eles não deixaram muito para trás, a menos que fosse grande demais para se mover. Algo em particular que você está procurando?

Lach sacudiu a cabeça com veemência. — Não, claro que não.

Thanatos e Martina olharam para ele duvidosamente. Ela revirou os olhos depois de um segundo quando Lach se calou. — Você é um péssimo mentiroso, sabe. O que faz você pensar que há um artefato ainda não descoberto na ilha?

— Não temos certeza — Thanatos interrompeu o mais suavemente possível. — O que temos é boato, um amigo que se lembra vagamente de ter visto algo uma vez.

— E nisso você veio até aqui? Me contratou? E se não encontrarmos nada?

Lach suspirou e esfregou as mãos sobre os olhos. — Então estamos todos ferrados — ele murmurou.

Ela não teve a chance de responder imediatamente, pois a comida deles foi entregue. Depois que o garçom saiu, ela olhou para ele por um momento, as sobrancelhas juntas e franzindo o cenho, mas ela não disse nada.

Lach estava certo - as panquecas estavam deliciosas, um fato que ele continuava apontando durante todo o café da manhã. Thanatos pensou ter ouvido alguns turistas ordená-los especificamente por causa do — americano alto— exaltando suas virtudes. Lach parecia gostar de cultivar a sensação de um turista americano, e foi a coisa mais famosa que ele já fez. Apenas Lach escolheria ganhar uma reputação de ser alto e um pouco irritante.

Por melhores que fossem as panquecas, Thanatos não pôde deixar de pensar que havia gostado da tentativa desigual de Lach de fazer mais panquecas.

Depois do café da manhã, Martina os levou para Akrotiri. Era um lugar estranho: uma cidade inteira enterrada sob camadas de cinzas, perfeitamente preservadas, como Pompéia. Ao contrário de Pompéia, não havia nenhum sentimento remanescente de terror e morte. Não era um lugar morto, simplesmente um lugar vazio.

Thanatos não tinha amor por Pompéia. Ele ajudara Hermes em seu trabalho naquele dia; tantas pessoas morrendo ao mesmo tempo eram demais para qualquer um deles processar na época. Não era um tipo de morte que Thanatos via com frequência, e ele desejava que ninguém nunca tivesse que vivê-la.

Ela os conduziu pelo sítio da escavação, apontando coisas interessantes e conversando com as pessoas envolvidas na escavação. Ela era bem educada e prestativa. Quando ela colocou a mão no braço de Lach, Thanatos ainda tinha que se impedir de rosnar para ela.

Lach, o imbecil, notou e piscou para Thanatos. Ele também estendeu a mão e agarrou sua mão, para que pudesse ser perdoado.

— Você não está com calor nisso?— ela perguntou enquanto eles se apoiavam em uma grade olhando a cidade abandonada. — Quero dizer, o Armani é legal e tudo, mas todo preto nesse clima? E mangas compridas?

Thanatos olhou para si mesmo. Ele supôs que ele era a única pessoa que ele tinha visto vestindo tanto preto. Os mortais pareciam preferir cores claras quando estavam no deserto. Ele encolheu os ombros.— Não me importo com o calor. Talvez eu corra bem.

— Esse é o meu Thanatos — disse Lach no seu melhor tom — Estou prestes a dizer algo desagradável — sorrindo para ele. — Ele sempre foi o iceberg do meu Titanic.

Martina salvou Thanatos de ter que responder bufando alto. — Como você gosta, se comparar a um dos maiores desastres de todos os tempos. Acho que ninguém pode dizer que você não conhece seus próprios defeitos.

Lach parecia totalmente satisfeito com a conversa e continuou brincando com ela. Thanatos não estava muito confortável com a maneira como se falou tanto; sempre pareceu uma profecia autorrealizável, mas não dependia dele.

Ele olhou para a cidade e preocupado, porque, por mais fascinante que o lugar fosse, cheio de história e informações e um tipo estranho de serenidade, havia uma coisa que não era.

Um repositório para um poderoso artefato mágico.

Thanatos não sabia se seria capaz de encontrar a foice por sua energia, mas duvidava que fosse tão quieto e mundano quanto esse lugar abandonado. Akrotiri pode guardar segredos, mas Thanatos sabia em seu intestino que a foice não era uma delas.

E agora?

— Vamos ao museu? — Lach perguntou, parecendo sentir o humor instável de Thanatos. — Quero dizer, este lugar é incrível, mas acho que eles removeram alguns afrescos realmente interessantes para o museu. Tirou uma parede inteira para pegar uma delas.

— Eles são realmente impressionantes — Martina concordou, apontando para que eles a seguissem de volta pelo caminho que tinham vindo.

O museu era fascinante na maneira como todos os museus de história fascinavam Thanatos. Os mortais eram mais apaixonados pelas coisas que aconteceram antes de seus nascimentos do que a maioria dos olímpicos era sobre suas vidas reais. A maneira como

cavaram, descobriram e extrapolaram - às vezes de maneiras bizarramente incorretas - foi incrível. Thanatos se sentiu pequeno, talvez da mesma maneira que era com eles. Ele gostou.

Como o local da escavação, no entanto, o museu parecia calmo e pacífico, não como se houvesse um objeto de poder à espreita nas sombras.

Martina os conduziu, explicando os afrescos, o que eles descreviam e o que os humanos que os descobriram e estudaram pensaram que eles queriam dizer. Alguns eram simples, como uma bela representação da primavera. Alguns eram mais difíceis de entender.

Quando eles chegaram ao último em uma longa fila, seu rosto mudou. Uma dúzia de emoções passou rapidamente por seus olhos mais rapidamente do que Thanatos pôde rastrear antes que ela endireitasse as costas e se voltasse para eles. — Este é o mais recente encontrado.

A pintura era gritante e menos detalhada que a maioria das outras. Simplesmente mostrava dois homens em combate, curvados um para o outro como se estivessem lutando. Acima deles, havia um raio no céu claro. Abaixo deles, preso no chão, uma foice. Eles estavam cercados pelo fogo dos dois lados, e o chão sob seus pés estava rachado, chamas tremulando.

No contexto da história, não fazia sentido. Não havia humanos para testemunhar a Titanomaquia, muito menos para saber onde suas batalhas haviam ocorrido ou como elas eram. No contexto da realidade, e a presença deles na ilha, era tudo.

—É isso... — Lach respirou, pegando a tinta descascada antes de se lembrar e puxando a mão para trás. — É, não é?

— É, — Thanatos concordou. Foi o primeiro sinal de que eles estavam no lugar certo.

Eu poderia te dizer

Lach capturou o olhar de Thanatos, um sorriso lento se espalhando por seu rosto. Sempre havia um ponto em todas as aventuras em que as coisas se realizavam - ideias intangíveis endurecidas em algo que ele podia entender, encontrar, levar. Gaia poderia ter enviado Lach atrás da foice, mas parecia uma história até aquele momento. E caramba, se ele não precisava da vitória.

— É o que? — Martina exigiu, olhando entre os dois. Ela cruzou os braços, levantou os lábios franzidos e ergueu as sobrancelhas, sem vontade de deixá-los afastá-la.

Lach mordeu a língua e considerou seus olhos estreitados. Até agora, eles estavam jogando coisas perto do peito, mas Lach a chamou porque ela era a melhor arqueóloga que ele conhecia. Ele confiava nela, e nada sobre dar a ela as informações que ela precisava para ser eficaz exigia que ele descobrisse que ele estava ao lado de um deus que ele conhecia pessoalmente há milênios. E ela não poderia ajudar se não tivesse todos os fatos.

— Foice de Cronus — disse ele.

Com grandes olhos dourados, Thanatos olhou para ele. Lach enfiou os polegares nas presilhas do cinto e deu de ombros. O ombro ainda doía, mas a emoção de uma missão era suficiente para distraí-lo.

Martina também olhou. Por alguns segundos, ela ficou congelada. Então, ela soltou uma risada latida. — Cronus como o deus titan do tempo? Aquele Cronus?

— Você não acredita em deuses? — Lach perguntou.

— Você? — ela atirou de volta para ele — Quais deuses? Existem milhares em todo o mundo, provenientes de centenas de culturas únicas. Quem pode dizer se algum deles é real?

Não olhe para Thanatos. Não olhe para Thanatos.

Lach mordeu os lados da língua e deu de ombros. — Ok, não deuses literais. Metafórico. Vivemos em um mundo de mágica. Existem artefatos poderosos em todos os lugares. Por que não um antigo?

— Uma foice empunhada por um deus que pode controlar o tempo?

— E colheitas.

— E colheitas — Martina ecoou oca. Ela respirou devagar pelo nariz e soltou um suspiro. — Ok, diga que essa foice existe. Você está falando de uma arma que estaria em jogo na Era de Ouro antes da queda de Cronus - da qual não temos *uma* concepção *real* , se é que aconteceu. Você está procurando um artefato conservadoramente com dez mil anos e acha que o encontrará por Akrotiri?

— Temos uma dica — disse Lach.

— Oh sim? Tem uma conta de testemunha ocular, não é? Não tem como estar aqui. A evidência mais antiga de habitação aqui é do quinto milênio AEC, e é decididamente humana — disse Martina.

— Mas o que há sob isso? — Lach perguntou.

— Quem diabos sabe? Cinza. Depósitos vulcânicos. Eu estudo pessoas, Lach. A geologia é um campo totalmente diferente.

Lach mordeu o lábio. Velho como ele era, ele não era anterior às pessoas. Thanatos o fez, mas seus lábios estavam firmemente fechados, e ele parecia menos emocionado por Lach ter derramado tudo isso sobre Martina.

Ela estava beliscando a ponta do nariz. — Eu vou fazer uma pesquisa — ela ofereceu. — Quero dizer, se você for extremamente metafórico, acho que toda a ilha pode ser uma foice

— Acho que ainda não estamos *tão* longe. Estamos procurando uma ferramenta real.

Martina deixou cair a mão. Os olhos dela se estreitaram céticos. — Por quê?

— Curiosidade profissional — Lach ofereceu de uma só vez. — Pense no tipo de dinheiro que você ganharia em algo assim. Os livros que você poderia escrever.

— Uh huh. — Martina permaneceu completamente não convencida. — Bem, supostamente Zeus derrotou Cronus e o jogou no Tártaro com o resto dos Titãs que estavam contra ele. Então Prometeu criou pessoas - pessoas modernas. Eu não saberia onde procurar algo tão antigo.

— Um objeto de poder, você acha que Zeus faria algum tipo de edifício para ele ou o colocaria em algum lugar seguro.

— Parece improvável que um deus deixe uma arma tão poderosa sem vigilância onde alguém possa pegá-la — concordou Martina.

— Bem— Thanatos os interrompeu, alcançando o braço de Lach. — Muito obrigado por nos trazer, Martina. Isso foi esclarecedor. Agora estou faminto. Se junta a nós para o almoço?

— Acho melhor verificar os arquivos. Entrarei em contato com você assim que encontrar alguma coisa - disse ela.

— Parece ótimo, — respondeu Thanatos.

Lach franziu o cenho. Thanatos não tinha fome; algo estava acontecendo.

— Obrigado por toda a sua ajuda, Martina. Ligue se encontrar alguma coisa - disse Lach.

— Vou fazer.

Lach deixou Thanatos puxá-lo para fora do museu. Eles estavam andando rápido o suficiente para que Lach tivesse que dobrar o tempo para acompanhar.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, puxando o braço de Thanatos e puxando-o para uma parada na beira da estrada.

— Nada.

— Você está com fome?

Uma linha franziu a testa de Thanatos. — Eu queria um minuto sozinho com você.

— OK. — Lach esperou uma respiração, depois duas, antes de Thanatos bufar.

— Você contou tudo a ela.

Lach riu. — Bem— ele se virou e passou o braço bom pelo pescoço de Thanatos — Eu não disse a ela que você poderia matá-la com um olhar. — Thanatos fez uma careta, então Lach continuou. — Ou que a última vez que estive aqui, foi para saquear a cidade antes que Hefesto levasse sua crueldade com o lugar.

O cenho de Thanatos se apagou de uma só vez. Seu olhar contemplativo falou com o profundo poço de paciência e inteligência que lhe permitiu resolver um problema, em vez de atravessá-lo diretamente. Lach brincou com uma mecha de seu cabelo preto enquanto pensava nisso. — Ele conseguiu o que queria com o lugar? — Thanatos perguntou.

Com uma inclinação de cabeça, Lach deu de ombros. — Eu acho que não. Quando minha equipe atracou, praticamente todo mundo já se fora e eles levaram todos os seus objetos de valor. Geralmente, quando um deus fica todo furioso, isso não é feito de maneira tão limpa.

Todos os deuses tiveram seus momentos - comportamentos lamentáveis quando supervalorizaram sua própria importância ou subestimaram a mortalidade. Mas talvez, desta vez, Hefesto não estivesse tentando machucar ninguém. — Você acha que ele os avisou? Por que ele faria isso?

— Eu não sei, mas devemos descobrir.

— Agora? Acabamos de chegar aqui.

Thanatos balançou a cabeça. — Você não pode vir.

— Porra, eu não posso.

— Hefesto não é fã de companhia. Ele pode me tolerar, mas...

— Sou muito barulhento?

O sorriso de Thanatos era puro, doce indulgência quando ele se inclinou e roçou os lábios nos de Lach. — Você é meio barulhento.

Lach revirou os olhos, mas o que ele poderia dizer sobre isso? Hefesto era tão recluso que era um dos poucos deuses que Lach não havia conhecido. Se Thanatos pudesse obter mais informações dele por conta própria, eles deveriam se separar.

— Bem. Você pode ir sozinho. Vou ver se Martina precisa de ajuda com sua pesquisa.

Thanatos fez uma careta.

— O que? — Lach perguntou.

— Nada. Eu só... talvez você deva fazer alguma pesquisa por conta própria.

— Isso é ridículo. Muito mais portas se abrem para Martina Paget do que para mim. Ela obtém o *bom* material de fonte primária. Ficarei preso vasculhando a Wikipédia o dia todo.

— E enquanto estiver com ela, você vai contar a ela todos os segredos do universo?— Thanatos perguntou.

— Eu conheço algum?

— Você sabe muito mais do que pensa.

O cenho de Lach era profundo. Ele havia compartilhado seus segredos com os mortais antes, e Thanatos estava certo - isso o mordera na bunda. Mas isso foi diferente.

— Ela não pode fazer o que precisamos dela, se ela não sabe o que estamos procurando, Thanatos.

— Ela sabia demais. Muito rápido. Se eu pedisse que você acreditasse nos deuses - nossos deuses - pela primeira vez na história, você seria capaz de entender assim? Ela estava falando sobre Zeus como se ele fosse real.

— Ele *é* real.

— Ela não deveria saber disso.

Lach encolheu os ombros. — Martina é esperta. E estávamos conversando em hipóteses. Provavelmente, esse é algum tipo de exercício de pensamento para ela e, de manhã, ela pedirá que alguém me prenda por dizer bobagens.

Thanatos continuou parecendo cético, então Lach segurou sua bochecha. — Está tudo bem — ele murmurou, satisfeito quando Thanatos diminuiu a distância entre eles.

Se ele tivesse conseguido o que queria, Lach o teria levado de volta ao quarto deles e dito que eles poderiam resolver isso de manhã. Mas havia tempo para isso depois, quando eles encontrassem a foice, consertariam as plantações e não tinham mais nada com que se preocupar, além de se conhecerem novamente.

A mão de Thanatos passou pelos cabelos de Lach, afastando-a do rosto. — Você pode voltar para o hotel por conta própria?

— Eu acho que vou conseguir. Eu tenho sobrevivido alguns milhares de anos por conta própria, — disse Lach. Talvez ele devesse ter ficado ofendido, mas depois de levar um tiro e perder Mis, era bom ter alguém se preocupando com ele.

— Sinceramente, não sei como. — Thanatos beijou sua bochecha e, em um arrepio de ar, ele se foi, e Lach foi deixado para ver que problemas ele poderia causar em um local de escavação antes do almoço.

Pais e filhos

Se foi tudo o que fazia parte do Hades, o covil de Hefesto era alto e brilhante. Talvez fosse de se esperar da habitação de um ferreiro, mas era sempre um pouco chocante sair dos silenciosos corredores do submundo para o reino de Heph.

Também foi arranjado por um homem que claramente não queria companhia: a parte mais brilhante, mais alta e mais quente do ferreiro ficava bem perto da entrada. Era preciso realmente ver o deus da forja para forçar-se a passar por ela.

Hefesto olhou para cima quando entrou. — Poseidon mandou você?

— Poseidon?

Depois de encontrar os olhos por um momento longo e desconfortável - como Hefesto costumava fazer - ele deu de ombros e olhou de volta para o objeto em que estava trabalhando. — Não é importante. Só não vou fazer nada para ele, a menos que ele pergunte. O que posso fazer para você?

— Eu odeio ser o tipo de homem que só visita para fazer exigências — Thanatos disse. No entanto, não era o estilo dele, circulando pelo mato, então ele deu de ombros e o estendeu. — Estive em Santorini. Thera. Não tenho certeza do que eles chamavam alguns milhares de anos atrás, mas você evacuou.

Hefesto suspirou e seus ombros caíram. — Não me diga que você está aqui por Zeus.— Ele largou as ferramentas, junto com o que quer que estivesse trabalhando, e saiu da forja. Sua marcha incomum era mais pronunciada, como geralmente era quando ele estava com raiva ou agitado, e ele passou as mãos pelos cabelos, parando para esfregar a parte de trás do crânio como se estivesse com dor de cabeça. — Eu não vou fazer isso de novo. Já era ruim o suficiente para o mundo inteiro pela primeira vez. A caldeira não está lá para se curvar aos seus caprichos.

Thanatos piscou e olhou por um longo tempo, vendo Hefesto parecer cansado, velho e estressado. Então ele balançou a cabeça e respirou. — Eu também não estou aqui por Zeus. Eu posso realmente estar aqui contra ele.

Isso pareceu pegar Hefesto desprevenido. — Você está do lado de Hera e contra dele?

— Caos, não!— Thanatos levantou as mãos para afastar a noção de tomar qualquer lado na guerra eterna entre a deusa do casamento e seu marido errante. Ele gostava dela um pouco melhor dos dois, e se forçado a tomar partido, poderia ser o dela, mas ele sempre se achava melhor com isso. — Isso realmente não é sobre eles.

Hefesto deu uma risada irônica. — Não diga isso a eles. Eles podem morrer de choque.

Eles podem. Os dois estavam bem de acordo com sua crença duradoura de que o universo girava em torno deles. Realmente, eles combinavam bem em tudo, e Thanatos não entendia por que não eram felizes juntos, a menos que simplesmente não quisessem ser.

Claro, dada a situação com Lach, Thanatos estava começando a perceber o quão pouco ele entendia alguém.

— Vamos, então — disse Hefesto, quando Thanatos passou muito tempo tentando reunir seus pensamentos. Ele acenou para Thanatos seguir e o levou para a sala de estar de sua casa. A decoração era simples, com uma mesa robusta de madeira e aço que, de alguma forma, parecia simples e como uma obra de arte moderna. As cadeiras combinavam de uma forma que rimava mais do que precisão, como se fossem os filhos variados da mesa.

— Sentar-se. Tome uma bebida. Ele derramou duas taças de água de uma jarra, colocando uma na frente de Thanatos e tragando a outra antes de recarregá-la. Ele se sentou em uma das cadeiras e jogou os pés em outra, parecendo confortável, como só fazia quando estava em sua própria casa e na companhia de alguém em quem confiava.

O nível de conforto que ele demonstrou foi um lembrete de que, enquanto Thanatos estava lá para pedir ajuda, ele e Hefesto não estavam em desacordo. Raramente discordara do deus da forja, apenas porque Hefesto era singularmente sensível entre seus irmãos. Thanatos costumava sentir como se fossem apenas gerações diferentes do mesmo tio estranho com quem ninguém queria sair.

Ele pegou a taça, tomou um gole e sentou-se em uma das cadeiras. Era estranhamente confortável para uma coisa de metal e madeira, quase como se fosse feita para segurá-lo.

— O que você está fazendo em Thera? — Hefesto perguntou depois que eles estavam sentados lá por alguns momentos.

Parte de Thanatos queria responder à pergunta com outra pergunta - pergunte por que Hefesto havia evacuado pessoas da ilha. Em vez disso, ele suspirou e assentiu. - Suspeito que tenha algo a ver com a sua evacuação. Eles eram seus adoradores?

Hefesto assentiu, um sorriso amargo subindo pelo canto dos lábios. — Claro que eles eram meus. Qual a melhor forma de escolher um lugar que não é importante para o meu pai?

— Ele pediu para você ativar a caldeira? — Era quase mais uma afirmação do que uma pergunta. Ele não tinha certeza, mas tudo estava começando a fazer sentido. — Foi onde ele derrotou Cronus, não é?

Hefesto revirou os olhos, mas assentiu novamente. — A cena do seu maior triunfo. É uma maravilha que demorou anos para lhe ocorrer que era uma má ideia, dizendo a seus filhos que seu maior momento estava destruindo seu próprio pai.

Thanatos estremeceu. Era muito parecido com Zeus ver apenas seu próprio lado de uma situação e, sem dúvida, ele achava óbvio que Cronus havia sido o inimigo, enquanto ele próprio era o herói de todas as histórias. Isso fez uma pessoa se perguntar se percebeu que a maioria dos humanos o considerava uma força da natureza, na melhor das hipóteses, e muitas vezes como um vilão.

Também estava na natureza de Zeus pensar-se mais esperto do que todos os outros, e que era terrivelmente inteligente deixar a foice no lugar mais óbvio: exatamente no local em que caíra.

Thanatos suspirou e bebeu o resto da água. — Ele não queria mover a foice, então ele a enterrou.

Hefesto deu um suspiro profundo e exausto e assentiu. — Bem no meio do campo de batalha.

— Mas então ele ressurgiu? — Era uma pergunta sem sentido. Thanatos podia ver tudo tão facilmente.

Zeus havia colocado a foice no subsolo, porque para uma criatura que adorava as nuvens como ele, esse era o pior lugar possível para se estar. Mas a foice era um objeto de enorme poder e, como seu portador, não queria ser escondida. Ao contrário de uma prisão no submundo, uma sepultura de terra não era suficiente para manter algo tão poderoso. Ele havia retornado à superfície e forçou Zeus a lidar com isso novamente.

— Ele exigiu que você o enterrasse, ali mesmo, por todos os meios necessários.— Thanatos falou o mais suavemente possível, mas Hefesto ainda estremeceu.

E porque não? Ele nunca tinha sido o mais adorado dos deuses, e teve que tirar seus seguidores de suas casas, fazer exigências irracionais a eles, por capricho de seu pai.

— Você pode dizer — disse Hefesto, sua voz baixa e cheia de auto aversão. — Eu sou como um cachorro abusado. Ele me chuta sempre que eu chego perto, mas continuo vindo quando ele chama.

Thanatos colocou o cálice sobre a mesa com tanta força que soltou um ruído metálico e a água escorreu pelo lado, mas nem o fez hesitar. Claramente, Lach estava passando a mão nele. E teria rido como uma criança naquele duplo sentido.

Hefesto, a montanha de músculos de um metro e oitenta de altura, deus dos vulcões, se encolheu. Thanatos se sentiu horrível por uma fração de segundo, antes que ele se lembrasse de que a vacilada não tinha sido culpa dele. Não era sobre ele.

Ele se virou para encarar Hefesto. — E você culpa o cachorro por isso? Por serem tão amorosos que podem perdoar qualquer coisa?

— É diferente para eles. Está na natureza deles. Um deus deve ser feito de coisas mais fortes. As palavras pareciam algo repetido várias vezes até que perdesse todo o sentido.

— A capacidade de perdoar não o deixa fraco — insistiu Thanatos. Sua mente imediatamente voltou a Lach, é claro, porque ele era tudo o que Thanatos conseguia pensar. O perdão não era uma fraqueza, a menos que você se aproveitasse, e Lach havia mudado. Se ele havia mudado o *suficiente* ainda estava para ser visto, mas caramba, Thanatos se deixou afundar na amargura por muito tempo. — E um homem que chuta um cachorro não é nenhum tipo de homem.

— Eu não deveria perdoá-lo.

— Não, você não deveria — Thanatos concordou. — Ele gastou mais do que todas as suas chances de ter um relacionamento com seu filho menos chato.

Hefesto bufou em seu cálice com isso, mas ele não disse nada.

— Não estou dizendo que você deveria perdoar, ou que isso faz de você uma pessoa melhor para fazê-lo. Estou dizendo que perdoá-lo não faz de você o problema aqui. Ainda é... *sempre...* ele.

Hefesto fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás e, por um momento, apenas respirou. Seus olhos estavam mais claros quando os abriu, e ele olhou duramente para Thanatos. — Você está procurando por isso. A foice.

Thanatos assentiu.

— Por quê? Você está planejando libertar Cronus? Perturbador o suficiente, ele não parecia horrorizado com a ideia, mais pensativo. Thanatos se perguntou quando Zeus havia empurrado seu filho tão longe que ele teria a noção de libertar Cronus.

A sala ficou em silêncio por um momento, considerando as ramificações da pergunta e o conceito. Finalmente, Thanatos balançou a cabeça. — Não. Ele esta pior, acredite ou não. Deméter quebrou sua promessa à humanidade, e as colheitas estão falhando. Precisamos disso para garantir uma colheita.

— Você está se certificando de que não haja fome? — Hefesto perguntou, uma sobrancelha levantada.

Thanatos desviou o olhar por um segundo, mas deu de ombros e olhou para trás, determinado. — É a coisa certa a ser feita, e eu faria isso mesmo que não fosse. Fazemos coisas engraçadas por amor.

Isso trouxe um sorriso. Hefesto olhou para um par de asas douradas de filigrana penduradas na parede, um tipo triste de nostalgia nos olhos. Eles eram impressionantes, e sem dúvida, um presente de sua esposa, Afrodite. Se alguém sabia sobre se apaixonar fora de sua zona de conforto, era Hefesto. Thanatos teria que se lembrar disso se ele precisasse de conselhos.

Hefesto assentiu e voltou-se para ele. — Não vai ficar quieta. Ela continua empurrando seu caminho de volta. Eu posso sentir isso lá, como uma lasca que quase se soltou. Por enquanto, está apenas fazendo o litoral sangrar. Se a pessoa errada colocar as mãos nela, no entanto...

— Eu não vou deixar isso acontecer.

— Cuidado, meu amigo, — disse Hefesto, a voz suave e gentil, enquanto se levantava e colocava o cálice na mesa. — As coisas em que você está se envolvendo são perigosas. O ódio entre pai e filho é ruim o suficiente. O amor pode causar a ferida mais dolorosa, intencionalmente ou não.

E com isso, ele deixou Thanatos sozinho em sua sala de jantar e voltou para sua forja.

Para um novo começo

Lach e seu amigo - *Thanatos* - sabiam da foice.

Martina estava sentada na beira da cama, olhando para uma parede.

Thanatos.

Não havia como, havia? Claro, ele era incrivelmente bonito e tinha uma capacidade estranha de usar um terno preto no deserto sem parecer desconfortável, mas poderia o homem realmente ser *o* Thanatos?

E se ele era Thanatos, o que ele estava fazendo com um idiota como Lach? Marty gostava de Lach, mas ele não era exatamente o mercado alvo do deus da morte misericordiosa.

Esse foi um problema contínuo, no entanto. Marty gostava de Lach.

Ela leu os textos. Ela sabia que para criar Cronus, eles precisariam de um navio imortal. O destino de Lach era ser o recipiente para o rei dos titãs.

Desde a infância, ela fora ensinada a esperar pelo renascimento do Pai. Ele se levantaria, derrubaria aqueles que o haviam injustiçado e tornaria correto o mundo injusto. Os escritos da irmandade eram vagos sobre o que significava arrumar o mundo, mas, dado o modo como as coisas estavam se moldando, Marty não se importaria se isso significasse limpar a face do planeta e começar de novo.

Um novo começo parecia bom.

Para que isso acontecesse, Lach tinha que ser sacrificado. Doeu um pouco. Ele foi um dos poucos seres que poderiam merecer melhor. Ela certamente não.

Ela se levantou e se livrou da dúvida que tentava arrastá-la para baixo, lutando para respirar. Era óbvio pelo afresco, e pela reação de Lach e Thanatos a ele, o que havia acontecido. Ela não precisava verificar nenhum arquivo.

Cerca de dois mil anos atrás, muito depois do episódio vulcânico que forçara a evacuação de Santorini, duas novas ilhas haviam saído do oceano no meio da caldeira.

A mais velha das duas ilhas, Palea Kameni, ainda era menor que a ilha irmã e pouco cresceu lá.

Era a foice. O maldito Zeus havia deixado a foice lá, talvez até tenha causado a erupção vulcânica que havia enterrado a ilha, e estava tentando voltar à superfície.

Ele aumentaria, e eles o usariam para ajudar o Pai a tomar seu devido lugar.

Ela estremeceu, mas obrigou-se a puxar o telefone para ligar para o irmão. Ele estragaria tudo de novo, então ela teve que fazê-lo entender que podia lidar com as coisas.

— O que? — Ele atendeu no quarto toque. Ele estava agindo cada vez mais como o pai deles desde que assumira o comando diário do Fidelis Filii, como se se considerasse melhor que ela.

Ela deixou a linha continuar, silenciosa. Ela aceitou muito do pai deles; Roger não era o pai dela.

— Marty? — Roger perguntou depois de um tempo, menos certo e um pouco irritado. Ele finalmente soltou um suspiro e usou palavras reais. — O que está acontecendo, Marty?

— Oh, bom — disse ela, a voz mais concisa possível. — Por um segundo, pensei que você estava esperando um operador de telemarketing.

Ele suspirou de novo, alto e teatral. — Claro que não, Marty. Mas minha hora é...

— Eles sabem sobre a foice.

— O que? — Sua voz estava chocada, tensa e ela o ouviu se movendo ao fundo. — Eles sabem onde fica? Eles encontraram?

— Sim, e ainda não. Temos que vencê-los lá, obviamente.

Algo bateu no outro lado da linha, como se ele tivesse batido em algo, criança com raiva que ele era. — Diga-me onde. Vamos parar e pegar a barata, e então...

— Não. — Ela parou e esperou que ele a negasse, reclamasse, mas ele ficou quieto. — Não venha para Lach. Eu vou trazê-lo. Você recebe a irmandade de Palea Kameni. Encontro você lá.

A árvore genealógica de Paget

O sítio não ofereceu mais pistas. Ele esperava que Thanatos se saísse melhor, mas quando voltou ao quarto de hotel, ainda estava vazio. Ele suspirou, afundando na cama e se perguntou se deveria jantar sozinho. Estava ficando tarde, e Thanatos não precisava comer, mas Lach gostava de levá-lo a lugares, observando as pequenas variações em sua expressão toda vez que descobria uma nova delícia.

Ele decidiu esperar quando o telefone tocou no bolso. Ele abriu. — Lach aqui.

— Ei, é Marty. Eu encontrei algo. Em Palea Kameni. Havia uma razão pela qual ele e Martina se davam tão bem em expedições - ela não andou de um lado para o outro por um segundo.

— Ótimo! Vamos procurar.

— Agora?

Lach levantou-se para olhar pela janela. Ainda estava claro o suficiente. Os dias estavam ficando mais longos. Eles poderiam aparecer na ilha e voltar em algumas horas. Depois, jantava tarde com Thanatos. Melhor do que ficar girando os polegares, esperando alguém fazer as coisas acontecerem.

— Agora — ele confirmou. — Com certeza agora. Não temos tempo a perder. Se as coisas não começarem a crescer, a estação terá terminado. Muito tarde. Kaput. Estação de fome.

— Desculpe o que?

Certo. Martina não estava tentando salvar o mundo - estava tentando receber um salário. — Nada. Não se preocupe com isso. Thanatos ainda não voltou, então é melhor conferir. Veja se conseguimos boas notícias. Onde posso me encontrar com você?

— Eu vou te buscar.

Dez minutos depois - depois de pegar sua arma e deixar um bilhete para avisar Thanatos que ele estava com Martina - ele estava no banco de trás de um táxi com ela, indo para o oeste. — O que você achou?

— Bem, tudo sugere que a foice de Cronus tem algo a ver com vulcões, uma fenda no chão. Há fontes termais em Palea Kameni que mancham a pele das pessoas de vermelho. Não é perigoso, mas ativo. E vale a pena conferir. É uma curta viagem de barco.

Seria mais curto na Misericordia. A perda dolorosa em seu peito aumentou quando ele viu o porto. Martina pagou um barqueiro para atravessá-los antes que Lach se sacudisse. Bem, ela poderia colocar na conta dele.

O balanço do barco era familiar e triste o suficiente para que Lach não pensasse muito nisso quando viu uma centelha de chamas na ilha. Caso contrário, parecia desabitado. Quando desembarcaram, o céu já estava ficando roxo.

— Não vamos encontrar muita coisa no escuro — disse ele. Algumas de suas resoluções anteriores já haviam se dissipado. Fazia um tempo desde que ele lamentou alguém; ele esquecera como a devastação veio em ondas. Um segundo, ele ficaria bem. No dia seguinte, ele perceberia o quão ridículo era para ele se aventurar no crepúsculo quando pudesse estar na cama, olhando para o abismo.

— Nós vamos ficar bem — disse Martina. Ela puxou uma lanterna de um dos bolsos de sua calça cargo cinza e acenou no ar. — E há luzes à frente.

Eles escalaram as rochas negras, apenas para descobrir quando chegaram lá que não estavam sozinhos na ilha - havia cerca de uma dúzia de homens. Lach franziu o cenho para eles. Eles estavam em pé em um amplo arco. Com queixos rígidos e olhos estreitados, eles tinham a aparência de homens com propósito - um único objetivo, se fosse para acreditar na implicação de suas vestes correspondentes. Lach fez uma careta. Nada de bom veio de um grupo de melhores amigos se reunindo e vestindo a roupa assustadora favorita de seu clube super secreto.

— Amigos seus? — ele perguntou a Martina.

— Eu não diria isso — ela respondeu. Mas o jeito que ela falava era reservado. Ela levantou o queixo e se recusou a olhar diretamente para ele. Um calafrio percorreu-o, mesmo antes de ela dizer: — Sinto muito, Lach.

— Desculpe pelo quê? — Ele demandou.

— Por te trazer aqui — disse um homem. Ele deu um passo à frente na luz e Lach franziu o cenho. Ele tinha olhos castanhos familiares. — Pelo sacrifício que você terá que fazer para restaurar o Pai.

— Eu lembro de você. Você é o Roger. Você me vendeu esses ingressos para shows - disse Lach.

— E coloque um bug em você, sim. Como você conseguiu sair desse barco?

Tudo se encaixou no lugar - como eles o encontraram, como Martina havia avisado essas pessoas sobre para onde ele estava indo quando ele deixou Nova York e talvez até o que ele estava procurando. Eles atiraram nele. Eles afundaram Mis.

— Eu vou te matar — disse Lach casualmente.

Em resposta, o homem sorriu. — Não estou surpreso que você pense assim. É bom finalmente conhecê-lo, Glaucus. Sou Roger Paget.

Paget. Como Martina Paget. Como Charles Paget.

Lach não pensava em Charles há anos. Oitenta anos atrás, Lach havia caído no círculo de Charles. Charles estava fazendo uma turnê mundial depois da faculdade. Ele tinha olhos brilhantes e famintos e grandes ideias, e Lach havia derramado todo o seu passado para ele. Por que não? Ele estava sozinho e Charles foi a primeira pessoa em uma época que realmente ouviu. Ele parecia tão interessado, e Lach estava desesperado o suficiente por companhia e tentar mantê-lo no gancho.

E ele era o pai de Martina. Anos de amizade, e ela estava brincando com ele o tempo todo.

Lach finalmente olhou para o homem em uma cadeira de rodas ao lado de Roger e viu por trás dos cabelos finos e brancos e das mandíbulas soltas aquele jovem que queria o mundo, desde que ele pudesse mantê-lo para si.

— Você está bem, Charles. — A última vez que Lach viu o homem, ele era jovem, forte e determinado a restaurar o mundo para o que ele pensava que deveria ser, com pessoas que pareciam e pensavam como ele tomando decisões para todos. Lach levou um tempo embaraçoso para perceber que Charles era um pau enorme.

Não doeu que ele tinha sido bonito. Mas agora, olhando para ele - para o filho, que tinha a mesma beleza frágil que o dinheiro podia comprar - Lach percebeu que não era nada. Nada dos olhos lindos de Thanatos, sua diversão suave, seu cuidado genuíno.

— Não tão bom quanto você — respondeu Charles. Sua voz vacilou e falhou, o esforço uma tensão depois de quase um século de envelhecimento.

Lach mordeu a língua. Havia homens à sua volta - alguns formidáveis, alguns que pareciam estar nas férias de primavera na universidade da Ivy League, nos livros de cheques de seus pais. Mas havia muitos para Lach lidar sozinho.

Não significava que ele tinha que rolar. Ele tirou a arma do cinto e apontou para o rosto bonito de Roger Paget. Houve um barulho aleatório, e algo caiu ao seu lado quando ele puxou o gatilho. Roger gritou - não morto, muito ruim - e Lach caiu nas pedras. O homem que o atacou bateu com a mão no chão e soltou a arma. Outro se juntou ao arrastar Lach para seus pés.

A alguns metros de distância, Roger estava segurando o lado do rosto, sangrando pelos dedos. Lach riu.

— Que *porra é essa*? — Roger exigiu.

Lach encolheu os ombros o melhor que pôde com homens segurando seus braços. — Não sei. Tive uma chance e não gosto da sua aparência.

Um cara - um daqueles tipos que eram tão largos que seus braços não tocaram seus lados quando pendurados - seguiu em sua direção. Ele ergueu o punho, telegrafando todos os movimentos, mas tudo o que Lach podia fazer era empurrar o agarre dos homens atrás dele, o que não fazia nada para impedir que o golpe se chocasse contra sua mandíbula.

Seus dentes estalaram juntos, ele provou sangue e sua cabeça girou em direção a Martina Paget.

— Martina, você realmente precisa diversificar seu grupo de amigos.

Ela se encolheu, apenas um segundo antes de outro golpe cair e Lach ceder. Os homens o seguraram. A montanha muscular à sua frente levantou o punho mais uma vez, mas a voz divertida de Roger o deteve. — Não o estrague ainda.

— Isso parece promissor — disse Lach. Bem, ele pensou que tinha dito isso, mas sua língua era grossa e seus ouvidos zumbiam e não se podia confiar em que ele usasse a boca para algo que não fosse um gemido incompreensível.

— Amarre as mãos dele nas costas. Coloque-o naquele altar ali - Roger ordenou.

Lach foi arrastado até uma pedra, com os braços puxados pelas costas e amarrados nos pulsos. Quando o deitaram, seus braços estavam presos dolorosamente atrás das costas. Ele arqueou.

— Segure-o — disse Roger.

Lach esperava que as mãos nas pernas o impedissem de se contorcer, e não um pedregulho baixado sobre as coxas para prendê-lo. Mas se Palea Kameni tinha algo em abundância, eram rochas. Ele gemeu, apoiando os calcanhares e tentando empurrar o peso enorme. Não se mexeu.

Poderia ter sido pior - eles poderiam ter colocado a pedra em seu peito. Ele respirou fundo e fechou os olhos. Ele conseguia pensar nisso.

Se ele fosse um deus, ele não precisaria. Com um movimento do dedo mindinho, ele podia jogar a pedra fora, esmagar seus inimigos, vê-los sendo levados diante dele e ouvir as lamentações de seus entes queridos. No entanto, aqui estava ele, um ser humano de vida longa, mas nada mais, com uma arma antiga vazia e uma língua afiada.

Teria sido fácil admitir que sua morte era inevitável. Ele teve uma boa corrida, mais do que merecia, e passou as últimas semanas na companhia do deus que amava. Se ele morresse agora, pelo menos estaria garantido ver Thanatos uma última vez, quando levasse Lach ao Elysium. Mesmo sabendo que era isso que o esperava, Lach se irritou com a ideia de desistir.

Há muito tempo, ele poderia gritar o nome de Thanatos e o deus poderia tê-lo encontrado em qualquer lugar. Agora, com os poderes dos deuses diminuindo, não funcionou assim.

Exceto que tinha. Com Mis. Thanatos conseguiu levá-los de volta para aquele barco com um pensamento depois do concerto de Styx. E porque? Porque Misericordia era o lugar dele. Aquela pequena sala abaixo do convés, com os filmes e pijamas de Lach, era de Thanatos tanto quanto antes. Lach queria encher o barco com o som de Thanatos rindo, a visão de seu sorriso, o calor de sua pele depois de ficar a manhã inteira ao sol.

E caramba, Lach era sua pessoa. Os deuses não eram mais fracos agora porque eram mais velhos; eles eram mais fracos porque as pessoas não acreditavam neles tão ardentemente quanto eles. Lach nunca foi muito de orar, mas se havia uma única coisa no mundo em que ele acreditava, era Thanatos.

Ele fechou os olhos e tentou alcançar. Depois de todos esses milhares de anos, ainda parecia ridículo. Alguém como ele não podia esperar que ele fosse forte o suficiente ou alto o suficiente ou importante o suficiente para chamar a atenção de um deus, mesmo alguém que o amava. Mas ele sacudiu essa dúvida. Ele tinha que tentar de qualquer maneira.

Thanatos, ele pensou o máximo que pôde, até as sílabas latejarem em sua cabeça dolorida. O que ele diria? Ajuda, fui sequestrado por uma arqueóloga e pela brigada Wonder Bread? Isso não foi uma oração. Não era crença ou confiança ou algo de valor.

Ele respirou trêmulo, adrenalina e dor fazendo seu peito pular quando ouviu o movimento de rodas no chão irregular. *Thanatos, preciso de você. Preciso da sua sabedoria, misericórdia e ajuda. Venha me encontrar. Não me deixe aqui. Não me deixe sair de novo.*

— Velho amigo — disse Charles, sua voz baixa e seu hálito doce como balas de hortelã-pimenta enquanto se inclinava sobre o rosto de Lach.

Thanatos, por favor.

— Diga-me novamente como você ganhou sua imortalidade — continuou Charles.

Lach engoliu em seco. Sua boca estava seca, a garganta como uma lixa enquanto flexionava. Finalmente, ele abriu os olhos. Um sorriso torceu seus lábios quando ele se virou para olhar para Charles. Sua pele branca e pálida estava enrugada e pálida, marcada com

manchas. Mas seus olhos estavam iluminados com a mesma fome e um desespero que Lach reconheceu. Ele não queria morrer.

— Eu matei uma vaca, porque estava com fome.

Por um momento, um sorriso suavizou as linhas dos lábios de Charles, e ele assentiu. — Mate a carne, herde o poder. — Ele parou um momento para lamber os lábios. — Eu vou ter que comer você?

— Pai! — Martina parecia horrorizada. — Ele é apenas um recipiente. Para Cronus. Não para...

— Cala a boca, Marty, — Roger assobiou.

Para Cronus, ela disse. Com uma risada, Lach revirou os olhos. Martina não conseguiu escolher as partes que ela queria apoiar. Era tudo ou nada, e quando alguém era monstruoso, era tolice pensar que eles não eram um monstro o tempo todo.

— Charles, eu realmente acho que você deveria. Não gostaria de arriscar não tomar. Aposto que eu iria *surpreendentemente* com um Sangiovese[7]. Mas você deve pedir uma recomendação a Cronus quando ele chegar aqui. Ele é muito versado em canibalismo.

Com as mãos nodosas, Charles se apoiou na beira da rocha. Ele se levantou da cadeira, apoiando os joelhos na rocha para obter estabilidade. Roger ofereceu a ele uma faca longa, prateada e afiada, que capturou a luz da lua e a refletiu friamente. Charles não poderia ter ajudado a matá-lo. E se ele fizesse seu filho troll imortal por acidente? Não era um presente que Charles estaria disposto a compartilhar.

— Você não fará isso para sempre, — alertou Lach. — Cronus vai despedaçar você.

— Vamos colocar o mundo de volta aos trilhos. Juntos — disse Charles com a garantia obstinada dos iludidos.

Ele não levantou a faca nem a arrastou pelo peito de Lach. Sua mão tremia, mesmo quando ele posicionou a faca acima do coração de Lach. Ele não esfaqueou, fraco demais para erguer a lâmina sozinho; ele apoiou o peso na lâmina para empurrá-la.

A boca de Lach se abriu. Apesar da estação e das fontes termais próximas, o ar estava frio nos pulmões. A cabeça dele caiu e ele olhou para cima. Ele não queria que Charles fosse

---

7 

sua última visão, franzindo a testa com o esforço de matá-lo. Por um segundo brilhante, as estrelas brilhavam mais do que nunca, com tons de mel e perfeitos. E então tudo ficou escuro.

Viver em oração

Tinha as informações de que precisavam e uma parte dele achou que deveria estar satisfeito. Animado, até. Em vez disso, tudo o que ele podia sentir era um profundo sentimento de pressentimento.

Thanatos nunca gostou de Cronus; ele duvidava que gostasse mais da foice. Mesmo que as informações de Hefesto os levassem a isso, e isso parecia provável, ele não tinha certeza de que queria.

Eles estavam quase lá, quase terminados, e ainda assim seu coração gritava que seria uma ideia melhor se lançar à mercê de Deméter. É certo que a deusa da colheita não era conhecida por ser misericordiosa, mas qualquer um era preferível a Cronus.

O sentimento de injustiça em seu intestino não foi aliviado pela nota que encontrou no quarto de hotel. *Fui com Martina* . Ótimo, porque Thanatos confiava em Martina tanto quanto em seu próprio povo. Claro, ela não havia lhe dado nenhum motivo específico para suspeitar, e ele sabia que não estava sendo razoável, mas a preocupação prevaleceu.

Thanatos.

Ele se virou em direção à porta, por um momento pensando que Lach havia retornado. Seu alívio azedou um segundo depois, quando não havia ninguém lá, e ele percebeu que Lach estava rezando. Lach estava rezando para ele.

Quão terrível as coisas tinham que ser, para Lach recorrer a isso? As palavras eram surpreendentemente tradicionais, quase como se Lach soubesse rezar. A última parte, no entanto, provocou um calafrio na espinha de Thanatos.

Não me deixe sair de novo.

Uma imagem surgiu em sua mente de todos aqueles anos atrás. Lach - Glaucus - e quando esse nome foi tão completamente ofuscado pelo novo? - parado em uma doca, olhando para ele com nada além de aborrecimento. Dizendo que ele não queria se amarrar à morte.

E agora ele se agarrava tanto que podia orar, e Thanatos o ouvia, pois só ouvira os padres mais devotos da história.

Quando a dor atravessou seu peito, ele largou a nota e alcançou a oração, por Lach, com todo o seu poder. Ele podia sentir o universo ceder sob suas garras, quase como se estivesse abrindo um buraco nele, em vez de movê-lo.

Ele caiu pesadamente, ainda de pé, mas um pouco desequilibrado. Quando ele estendeu a mão para se firmar, suas mãos bateram em pedra.

Era um altar, e Lach estava preso à coisa debaixo de uma pedra enorme. Um velho estava parado, trêmulo, do outro lado do altar, atrás de Thanatos, tentando deslizar uma faca de aparência perversa no coração de Lach. Ele errou, mas não o suficiente para tranquilizar Thanatos. Lach estava pálido e inconsciente, e a visão dele fez o peito de Thanatos se contrair.

Na aparição de Thanatos, o velho olhou para cima, balançando e tendo que soltar a faca para segurar o altar, para não tombar. — Quem é Você? — Então ele balançou a cabeça como se tivesse sido uma pergunta boba e apontou para um homem musculoso atrás dele. — Não importa. Mate ele.

Thanatos nunca fora uma criatura violenta e, por uma fração de segundo, congelou com indecisão. O homem deu a volta no altar em sua direção, mas foi o hálito dolorido de Lach que quebrou o estupor. Lach ainda estava vivo. Thanatos não permitiria que sua hesitação mudasse isso.

Ele olhou para o homem musculoso. — Se você tem um pingo de autopreservação, fica onde está. — O homem hesitou com a certeza em sua voz, mas o velho bateu com um braço nele.

— Agora!

Um dia antes, Thanatos poderia ter se considerado um pacifista.

Acontece que, quando a vida de um certo pirata estava em jogo, ele não era. Ele fez um movimento, como afastar alguém, e afastou o espírito do homem de seu corpo. O corpo caiu como uma pedra e o espírito ficou ali, olhando-se em choque.

Isso pareceu fazer o velho reconsiderar sua posição. Ele estava pegando a faca no peito de Lach, mas, em vez disso, deu um passo para trás e tropeçou em uma cadeira de rodas, olhando para Thanatos, com os dentes à mostra em algo entre uma careta e um rosnado.

— Pai — Martina e um homem chamaram, praticamente em uníssono. Thanatos olhou para ela. Ele sabia que eles não podiam confiar nela.

Eles não tinham tempo para ela, no entanto. Ele olhou de volta para Lach.

Seu Lach, só voltou para ele depois de tanto tempo separados.

Ele não sabia se eles poderiam fazê-lo funcionar desta vez, mas ele não podia permitir que terminasse assim. Estendendo a mão, ele embalou a cabeça de Lach em uma mão. Uma gota de sangue escorreu de seus lábios e deslizou por uma bochecha.

Thanatos entendeu, de repente, por que um olímpiano após outro havia escolhido egoisticamente tornar seus amantes imortais. Se ele deixasse Lach ir, era isso. Não haveria reunião no Elysium para eles. Se Lach partisse, ele não poderia segui-lo.

E um mundo para sempre sem Lach era algo horrível demais para se contemplar. Agora não. Assim não. Ele não podia permitir.

Inclinando-se, ele beijou a testa de Lach.

— Hermes — ele chamou, em seu tom mais ressonante. Ele não chamava seu colega olímpico com frequência - nunca duas vezes em alguns dias -, mas o homem sempre veio.

— Você chamou, chefe?— Hermes fez uma pausa e olhou para o quadro à sua frente. Uma dúzia de homens revoltados, o velho bastardo murcho que esfaqueou Lach e a traidora maldita Martina. — Bem, isto é constrangedor.

— Esqueça eles — disse Thanatos, acenando com a mão na direção deles e ignorando-os quando todos se afastaram. Todos, menos Martina, mãos firmemente plantadas nos ombros do pai.

Ele empurrou a pedra das pernas de Lach, na direção das outras, e virou-se para Hermes. — Você tem que curá-lo.

Hermes olhou horrorizado por uma fração de segundo, antes de entrar em ação mais rápido do que Thanatos podia ver, murmurando consigo mesmo sobre quantas vezes havia avisado a Lach que sua boca o causaria problemas. Ele pulou no altar, montando em Lach, e primeiro arrancou a camisa, depois puxou a faca, mantendo a pressão na ferida e trabalhando rapidamente para tentar minimizar o sangramento.

Thanatos não sabia tanto sobre medicina quanto Hermes; ele estava propenso a chegar quando era tarde demais para ajudar. Ainda assim, ele se aproximou do altar, preparado para oferecer as mãos, quando Hermes o acenou.

— Eu tenho isso. Você lida com a Ivy League. Que diabos ele fez? Diga a eles que Nietzsche foi superestimado?

— Você não faz parte disso — disse o velho na direção deles, encarando Thanatos. Ele estava com tanta raiva, suas palavras tão raivosas, que saliva voou de seus lábios enquanto ele falava. Mas seu corpo parecia estar falhando com ele, já que ele estava tentando parecer impressionante, mas seu volume não conseguiu subir acima de um tom de fala médio. — Saia de uma vez!

Thanatos olhou para ele, erguendo-se a toda a sua altura e puxando seu poder ao seu redor como um manto. Talvez ele não fosse um Ares a ser temido por suas proezas marciais, ou Hefesto com seu tamanho impressionante, mas malditos sejam todos, ele era o deus da morte. Se ele não podia usar seu poder para assustar alguns mortais, de que servia?

Tudo o que Hermes precisava - tudo o que Lach precisava - de Thanatos era para ele ficar entre eles e o inimigo. Ele poderia fazer isso.

Ele marchou ao redor do altar, passando pelo corpo do homem musculoso. Seu espírito estava tentando desesperadamente voltar, gritando para que se levantasse.

Thanatos estendeu a mão e agarrou o braço do espírito. — Este lugar não é mais para você. Eu te dei uma opção e você escolheu isso. Ele fechou os olhos e chamou os Keres com sua mente. Poucos segundos depois, a alma do homem estava sendo levada pelas garras de uma de suas irmãs.

— Não é possível — o velho murmurou, quase para si mesmo. — *Você* não pode ser um deus.

Thanatos ofereceu o sorriso mais sereno que pôde reunir quando Hermes estava tentando manter Lach vivo. — Minha divindade não é relevante para você. Bem, exceto no sentido de que a maioria dos homens só conhece o deus da morte uma vez em sua existência. Não prevejo que você seja uma exceção a essa regra.

O velho acenou com a mão fraca para um homem atrás dele e se virou. — Agora.

O homem olhou para seu superior e depois para Lach, então Thanatos deliberadamente se colocou entre eles.

— Não temos mais tempo para isso — o velho grunhiu. — É hora de destruir esse pretendente. Podemos nos preocupar com o infeliz depois.

Com isso, o homem assentiu e estendeu a mão como se estivesse alcançando Thanatos. Ele podia ver a magia que o homem liberava, coisas simples de corpus que não representavam uma ameaça para Thanatos. Nem, porém, foi direcionado a ele.

Ele atingiu o chão, seguido por um rangido baixo que soou quase como um gemido de dor. A terra entre Thanatos e os homens se abriu, e havia a sensação que eles estavam procurando.

Um poço enjoado se abriu no estômago de Thanatos, náusea e saudade, e uma espécie de nostalgia distorcida por um tempo em que ele estava infeliz e sozinho. A foice deslizou para fora da fenda como um morador viscoso do pântano, pingando água vermelha como sangue, e se colocou nas mãos do velho.

Ele sorriu para Thanatos. — Quem é o deus da morte agora, falso?

União

Isso não poderia estar mais errado se fosse um pesadelo real.

Martina planejara perder Lach, mesmo que ela gostasse mais dele do que seu pai e irmão juntos. Um mundo novo, justo e esperançoso, valia qualquer preço, mesmo que tivesse sido sua própria vida.

Mas este não era um mundo novo.

Isso foi assassinato por causa dos desejos egoístas de seu pai - preservando sua vida além dos limites naturais que existiam por uma razão. Matar Lach por sua imortalidade não fazia parte do plano que os Fidelis Filii sempre alegaram aspirar.

Eles deveriam recuperar a foice e sacrificar um recipiente imortal para que Cronus pudesse habitá-lo.

Se eles matassem o imortal, para onde Cronus deveria ir?

Você ainda não sabe?

A voz feminina a chocou e ela olhou em volta. Ela sempre foi a única mulher membro do Fidelis Filii. Como seu irmão gostava de lembrá-la regularmente, eles eram filhos fiéis, não filhas. Ela não se incomodou em dizer a ele que o termo poderia facilmente significar filhos fiéis. Ele não se importou. Ela não viu ninguém olhando para ela, nem formas abertamente femininas no grupo.

— Não, — ela sussurrou. — Onde?

A voz ficou triste quando voltou, quase resignada. *Em seu pai, para amarrar os dois para sempre. Seu pai acha que pode fazer parceria com Cronus e se tornar o governante de seu admirável mundo novo. É lamentável, mas, por mais que os amemos, alguns estão além da conta.*

Marty queria vomitar. Ela nunca pensou em salvar Roger ou o pai antes. Eles simplesmente eram o que eram, e ela aceitou.

Mas isso foi demais.

Este não foi um novo começo. Esta foi uma tomada de poder sem vergonha.

Seu pai se levantou da cadeira novamente, segurando a foice no alto e começou a pronunciar as palavras do feitiço. Ele os aprendera em inglês, porque o grego nunca fora particularmente bom e o latim ainda pior. Metade dos homens pareciam extasiados, olhando para o céu como se uma criatura presa no submundo descesse de cima.

Você não imaginou algo parecido ao imaginar a ascensão do meu filho?

Filho. Oh deuses, era Gaia. A própria terra sob os pés de Martina estava falando com ela. — Ele deveria trazer uma nova Era de Ouro, — ela sussurrou.

De alguma forma, seu pai a ouviu e virou a cabeça. — Vamos fazer exatamente isso, ele e eu juntos. — Os olhos dele se estreitaram para ela. — Ou você deseja negar que seu pai continue a vida?

Quando ele terminou o cântico, falando com ela? Certamente ele não havia interrompido a magia ritual para repreendê-la.

— Eu nunca lhe neguei nada, pai — ela disse suavemente. De repente, ela desejou ter. Ela desejou nunca ter lhe contado sobre conhecer Lach, Santorini, ou qualquer outra coisa.

O mago Fidelis ao lado do pai pigarreou e sussurrou: — O feitiço, senhor.

O pai dela voltou a cantar, mas franziu o cenho para a mão dele e a sacudiu como se tentasse desalojar alguma coisa. Uma dúzia de fios vermelhos saíam da foice, finos como fios de seda, e se enrolavam em torno de sua mão como se quisessem prender a coisa a ele.

Quando o movimento do pulso não os removeu, ele esticou o braço com a mão esquerda e tentou afastá-los, apenas para que eles também se prendessem a ele. Ele começou a murmurar baixinho, aumentando em volume e raiva até que os fios começaram a subir pelos braços dele, e sua voz ficou alta e histérica.

Cronus não compartilhará com seu pai. Ele o destruirá. E, querida criança, a Era Dourada não era o que você pensava que era.

Imagens inundaram sua mente: um titã bravo e cruel, governando com um punho de ferro. Atacando quem o interrogou - mãe, irmão e outros titãs. Engolindo seus próprios filhos para impedi-los de substituí-lo da maneira que ele havia feito com seu próprio pai. Diga o que alguém poderia dizer sobre Zeus, quando confrontado com a profecia de que um de seus filhos o mataria, ele não havia tentado destruí-los todos.

Se essa é a Idade de Ouro que você deseja ver novamente, por todos os meios, permita que isso continue.

— Permitir? — Martina perguntou. Ela teria se preocupado que estivesse falando alto demais, mas ninguém mais estava prestando atenção nela. Todos se concentraram em tentar

ajudar o pai. Ou apenas observando-o com horror. Alguns até fugiram. — Permitir implica que eu posso fazer outra coisa.

Estou lhe dando uma escolha, criança. Não ando em uma forma como a sua há muitos milênios, mas faço a oferta. Faça como seu pai tentou fazer com meu filho e se torne meu avatar. Eu vou terminar isso.

— Você vai me assumir completamente? — ela teve que perguntar. Ela não tinha certeza de que isso mudaria sua resposta, mas de certa forma, a resposta de Gaia lhe daria uma medida da deusa.

Essa não é a minha intenção, mas eu não sei. Já faz muito tempo desde que experimentei essa existência com duas pernas.

— Lach disse algo sobre uma colheita. É por isso que ele estava olhando... Membros da Fidelis Filii estavam começando a olhar para ela com confusão e desconfiança, mas isso não importava mais.

Enviei-lhe a foice por causa da fome que se aproximava. Vamos parar com isso e restaurar a colheita juntas, você e eu. Talvez isso seja o suficiente para um novo mundo para você.

— Sim. Eu concordo com seus termos.

Sim.

Uma luz verde-dourada brotou do chão ao seu redor e a carregou no ar. Ela podia sentir seu corpo inteiro se enchendo com ela, e junto com esse calor veio uma sensação de paz e serenidade. Os milênios foram longos e vibrantes à frente deles, se pudessem impedir que esses tolos destruíssem todos com seu egoísmo.

Eles começariam com o pai e o filho. Charles e Cronus.

Elas alcançaram seu novo poder combinado e descobriram que era algo novo, diferente e mais poderoso do que qualquer uma delas havia experimentado antes. A parte delas que era Martina tinha orgulho de oferecer a uma criatura tão antiga um novo sentimento.

Usando a energia do próprio planeta, elas cortaram os fios vermelhos amarrando seu pai à foice, tentando convocar Cronus das profundezas. Charles caiu no chão em uma pilha, e mesmo a parte delas que tinha sido Martina não podia se preocupar com ele.

Com um movimento simples, elas enviaram a foice voando alto, apenas para explodir em uma chuva de milhões e milhões de peças, como um grande fogo de artifício vermelho e dourado que cobria todo o céu, até onde os olhos podiam ver.

Quando elas empurraram, a energia da foice se espalhou por todo o globo, difundindo-se em pouco mais do que a brasa estranha do vento. Onde as manchas caíam para tocar o solo

árido, as plantas reviviam e cresciam, e o próprio solo fervilhava com um vigor anteriormente ausente.

— *Ninguém ditará minhas épocas de cultivo, apenas eu* — anunciou, a voz estrondosa e ressoando com frequência piedosa, para que seus filhos pudessem ouvi-la, assim como os presentes em Palea Kameni. Os cultistas precisavam entende-la, e Demeter também, sua neta recalcitrante que pensava em matar de fome um mundo inteiro por uma birra.

Elas sorriram. Pela primeira vez em sua existência, nenhum marido, filho ou filha controlaria seu destino. Elas haviam infundido a magia da foice em si mesmas, e controlariam seu próprio destino de uma maneira que nunca fora permitido antes.

— Droga, — disse uma voz minúscula, aparentemente desinteressada em seu poder recém-encontrado. — Você não pode fazer isso comigo, Lach. Ou para Thanatos! Quero dizer, você passou todos esses anos tentando descobrir como fazer as pazes com ele. Você não pode fazer isso e depois pagar a fiança, pode?

O filho e amigo mais leal delas estava deitado em um altar de pedra, coberto com o próprio sangue. Elas tinham muita responsabilidade por isso. Elas o enviaram para a foice. Elas o trouxeram para este lugar para usar como o novo avatar do filho. Ele era amigo delas. Ambos amigos.

Se tudo isso não bastasse, as expressões quebradas nos rostos do querido e doce Thanatos e do esperto pequeno Hermes falaram da importância desse filho único para o mundo inteiro.

Elas seguiram em frente, o pequeno e reduzido grupo de cultistas se separando diante delas, e foram para o lado de Lach. Tantos séculos, ele tinha sido o homem leal deles. Tantos anos, um bom amigo.

Elas estenderam a mão e colocaram a mão na testa dele, enchendo-o de magia, restaurando o corpo ao seu estado adequado. Feridas se fecharam e células se recuperaram - seu batimento cardíaco lento ganhando força quando seus olhos se abriram.

Lamentamos, amigo, por toda a dor que lhe causamos esta noite. Não era nossa intenção.

Lach piscou para eles por um momento, fechando um olho e depois o outro, como se ele pudesse ver cada uma das metades por vez. — Puta merda— ele murmurou com voz rouca. Em cima dele, Hermes caiu em um ataque de riso histérico.

— Gaia. — Uma mão tocou seu braço, e eles se viraram para ver Thanatos, os olhos brilhando de emoção. — Como posso...

— *Estamos felizes em vê-lo feliz, querido. Como nós, há muito tempo você está sozinho.* Eles se inclinaram para beijar sua bochecha. — *Falaremos novamente, mas, neste momento, queremos provar comida para nós mesmas.*

— Batatas fritas — Lach resmungou. — Você vai amá-las.

Resolveram colocar as batatas fritas no topo da lista e alcançaram o segmento de um lugar onde a parte de Martina se lembrava de ter comido comida excelente. Elas estavam prontas para uma nova aventura.

Afirmações

Lach fechou os olhos e avaliou seu corpo. De alguma forma, ele ainda estava ocupando. Charles nem sequer tinha mordiscado.

Ele sentiu como se tivesse seu coração arrancado e depois recolocado - havia uma dor fantasma e a sensação peculiar de que cada batimento cardíaco era uma trapaça contra a morte.

Ou talvez fosse pela morte. Ele respirou fundo, imaginando o raspar de metal em seus ossos, afiado contra suas costelas. Mas nada estava lá. Ele estava bem. E seus olhos se abriram com a melhor coisa que ele já tinha visto.

— Você veio — ele sussurrou. Ele não achava que imaginava o aspecto vidrado dos olhos de Thanatos ou a maneira espessa que engolia quando assentiu.

Lach tentou se sentar, mas uma mão firme segurou seu ombro.

— Você realmente deve ter calma. Você perdeu muito sangue - disse Hermes. Lach não tinha certeza de que ele já tinha visto o trapaceiro parecer preocupado antes.

— Estou bem, — Lach assegurou, mas Hermes não recuou até Thanatos se aproximar. Enquanto Lach tentava se sentar novamente, Thanatos deslizou um braço atrás dos ombros. Um segundo depois, seu outro braço deslizou sob as pernas de Lach, e ele suspeitava que o deus estava prestes a carregá-lo.

— Thanatos, eu estou...

Um olhar para ele, com as sobrancelhas escuras enrugadas de preocupação e cuidado nadando em seus olhos dourados, trouxe Lach para baixo. Qual foi o mal nisso? Por tanto tempo, ele se irritou com a ideia de ser um fardo, ser indigno, mas nunca foi sobre isso. Lach pode ser um idiota, um ladrão, e sim, ele fez uma passagem legítima como pirata, mas não era ele quem decide que não era o que Thanatos queria. Ele não conseguiu afastar a felicidade apenas para saciar a parte quebrada dele que parecia que não tinha merecido - não se isso significasse machucar a pessoa que amava.

Sua inspiração tremeu e ele sorriu levemente para Thanatos. Ele passou o braço pela nuca de Thanatos, usando a alavanca da mão enrolada sob os cabelos para se inclinar e beijar sua bochecha. — Obrigado.

Thanatos fez um som curto, algo como um zumbido que vibrava contra o lado de Lach. Algo desenrolado no olhar cauteloso de Thanatos quando Lach aceitou sua ajuda. Seus olhos pegaram um batimento cardíaco impossível, depois outro, antes de Thanatos olhar para cima. — Hermes?

— Você vá — disse Hermes, acenando com a mão. — Dois deuses para reunir um bando de humanos - mesmo com um mago que quebra a ilha - é um exagero. Deixe-me a minha diversão.

Ele sorriu e disparou, mas não antes que Lach percebesse que suas mãos estavam manchadas de sangue - o sangue de Lach. Tremendo, ele escondeu o rosto no pescoço de Thanatos. — Podemos ir para casa?

Depois que Thanatos os transportou para um cemitério perto do hotel, foi meio decepcionante lembrar que — casa — significava o quarto deles lá, mas quando Thanatos o levou para o andar de cima e o abaixou suavemente na cama, Lach ficou agradecido por algo macio.

Antes que Thanatos pudesse se endireitar, Lach agarrou a lapela da jaqueta e o arrastou para um beijo. Ele provou sal e suor - principalmente os dele - e os doces lábios de Thanatos sob tudo isso. — Não vá — ele murmurou, mal disposto a se separar por tanto tempo.

— Não vou a lugar nenhum, — Thanatos prometeu, segurando sua bochecha. Os olhos de Lach se fecharam com a suave escova de seu polegar. — Mas você precisa descansar.

— Porque Hermes disse isso? — Lach riu.

— Sim, porque Hermes disse isso. — Naquele momento, Thanatos parecia tão severo que foi uma luta para Lach não revirar os olhos.

— Fui curado pela mãe terra literal...

— De uma lâmina de dez centímetros para o coração.

— Charles errou. Estou bem.

Thanatos contraiu os lábios. Por um segundo, Lach pensou que era apenas porque ele estava sendo teimoso. Então Thanatos perguntou: — Você o conhecia antes desta noite?

Lach suspirou, afundando nos travesseiros atrás dele. — Acho que temos algumas coisas a discutir antes que eu pule nos seus ossos.

Embora o olhar de Thanatos não estivesse impressionado, ele assentiu, tirou os sapatos e começou a trabalhar nas roupas menos confortáveis de Lach. — Então fale — ele disse enquanto desamarrava os cadarços de Lach.

Tudo o que Thanatos fez foi tão metódico que demorou um pouco para desfazer os cadarços de Lach e torcê-los para que não se enrolassem. Enquanto trabalhava, Lach teve o luxo de recostar-se, olhar para o teto e recontar como se tornara amigo de um fanático.

Para seu crédito, ele não sabia que Charles era um fanático no começo. Ele contou a Thanatos como ele conheceu Charles em Paris, onde Charles estava em turnê depois de se formar no Banneker College of Magic. Ele tinha grandes ideias sobre como mudar o mundo, torná-lo melhor, mas Lach não tinha percebido que ele estava apenas falando sobre tornar o mundo melhor para si e para pessoas como ele. O problema de Charles com o status quo não era que a injustiça permanecesse, mas que as pessoas haviam começado a fazer tentativas fracas de desmantelá-la.

— Parece o tipo de homem que apreciaria Cronus — Thanatos disse suavemente. Lach teve a impressão de que estava se esforçando muito para não julgar.

— Bem, assim que percebi, disse a ele onde colocá-lo. O mundo não precisa de mais idiotas. Mas até então, eu já tinha contado tudo a ele. Sobre mim. Como me tornei imortal. Como o mundo tinha sido. Foi estúpido. Thanatos franziu o cenho para ele, mas antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa, Lach continuou. — Eu não sei. Eu acho que estava sozinho. Ele fez parecer que estava ouvindo, que se importava, e a ideia de um mundo melhor - parecia bom. Mas eu dei a ele todas as informações que ele precisava para chegar aqui hoje à noite. Eu o coloquei nesse caminho.

— Você não é responsável por ele, o que você disse. Você poderia ter dito a ele para queimar o mundo, e se ele tivesse lhe escutado, isso seria dele.

Ele não sabia o que dizer sobre isso. Talvez Lach ainda devesse se defender, mas Thanatos não parecia zangado. Não havia nada do que se defender.

— Calça fora? — Thanatos perguntou assim que tirou o cinto de Lach.

Lach meneou as sobrancelhas. — Fora, obviamente.

Era uma maravilha que Thanatos não zombasse dele — Lach não teria sido tão forte. — Podemos fazer sexo amanhã. Ou no dia seguinte. — ele disse firmemente, seu olhar fixo em Lach quando o calor varreu o pescoço de Lach.

— Isso soa bem. Sexo amanhã. E no dia seguinte. E no dia seguinte — brincou Lach. Ele agarrou a frente da camisa de Thanatos e o puxou para outro beijo. Tudo o que Lach já teve que fazer foi perguntar, e Thanatos veio buscá-lo. — E hoje à noite. — Sua voz

falhou. — Eu sei que é bobagem, mas eu pensei que eu... — Lach soprou as bochechas, e sua respiração ficou estufada. — Eu pensei que só te veria mais uma vez depois desta noite. Ir para o Elysium. E eu... perdi tanto tempo sendo tão *estúpido*...

— Pare de dizer isso.

Lach franziu a testa.

— É impreciso — esclareceu Thanatos. — E ofensivo. Se você tivesse um smartphone, saberia disso.

Lach suspirou, mas um sorriso apareceu em seus lábios. — OK. O que estou dizendo é que perdi muito tempo sem você e preciso de você hoje à noite. Se... se você estiver disposto, quero dizer.

Com os lábios apertados para o lado, Lach percebeu que ele poderia estar pedindo demais. No entanto, a noite o afetara, Thanatos também estava lá. Ele pode precisar de tempo, ou espaço, ou...

Quando Thanatos o beijou, ele fez isso sem hesitar um segundo. Um gemido surgiu da garganta de Lach quando a língua de Thanatos separou seus lábios. Quando ele quebrou o beijo, ele inclinou a testa para se apoiar na de Lach. Os olhos dele estavam fechados; Lach desejou que ele os abrisse.

— Eu não sabia que você estava sozinho o tempo todo.

— Oh.— Lach encolheu os ombros. — Eu fiz isso comigo mesmo. Eu não precisava estar. Ele mordeu o lábio, alcançando a barra da camisa de Thanatos. Ele não teve paciência com os botões e o puxou pela cabeça. — Eu não estou agora.

Thanatos recostou-se para permitir que ele conseguisse. Ele ainda parecia torturado, preocupado com um tempo que já havia passado, mas ele não disse nada.

As palavras eram difíceis às vezes, então Lach sentou-se e foi até a beira da cama. — Nós vamos com calma — ele sussurrou. — OK?

Thanatos assentiu. Ele deixou Lach tirar sua calça e chutou-a no chão. Sem Mis lá, eles precisariam ir às compras novamente ou, Hades proíba, lavar a roupa em breve. Talvez o feitiço de Deus impermeável de Thanatos fosse transferível e Lach nunca mais se sujasse. Um pirata poderia sonhar.

Bem na frente dele, nu e perfeito, estava o melhor deus de todo o panteão, e Lach ficou impressionado com a sensação de que ele poderia mantê-lo. Depois de correr tanto tempo, isso realmente soou muito bom.

— Eu te amo — disse ele, passando as mãos ásperas pelos quadris de seda de Thanatos.

Thanatos abaixou a cabeça, escondendo um leve sorriso. — Amo você também.

E foi isso - Thanatos do jeito que ele era antes. Ah, claro, ele era um deus, perfeitamente capaz de matar alguém com um aceno de mão. Mas ele era o Thanatos de Lach - generoso, gentil e suave. E desta vez, Lach se importaria mais com ele.

— Venha aqui? — ele perguntou humildemente.

Thanatos balançou a cabeça. — Voltar de novo?

Antes disso, Thanatos o ajudou a tirar as calças. Então, quando os ombros de Lach atingiram a cabeceira da cama, Thanatos se arrastou para seu colo.

Lá, assim, quase não havia uma parte um do outro que eles não pudessem tocar. Lach demorou-se, traçando os graciosos membros de Thanatos, as linhas do estômago, como se ele tivesse a eternidade para memorizá-lo. Deuses acima, ele esperava que sim.

Quando Thanatos se inclinou e procurou o lubrificante, ele o pressionou na mão de Lach. — Agora— ele disse.

Lach não tinha como recusar nada a Thanatos. Haveria outros momentos para provocar. Outras vezes, para levá-lo até o limite e deixá-lo lá. Agora, ele afundou os dedos em Thanatos e o abriu. Sua própria respiração sibilou quando Thanatos balançou, o atrito de seus corpos fazendo o mundo inteiro encolher apenas para o espaço entre eles.

Sua própria paciência se despedaçou e ele levantou Thanatos. Com uma mão, ele firmou seu pênis. Os braços de Thanatos entrelaçavam seu pescoço para se equilibrar, e ele afundou em Lach firmemente.

Eles se moveram lentamente, curvados como estavam e se enroscaram. Não havia muito espaço, mas Lach mal podia lamentar que isso o obrigasse a ficar enterrado no homem que amava. Era uma pedra suave, e Lach beijava em todos os lugares que podia alcançar - as bochechas afiadas de Thanatos, a linha de sua mandíbula, suas pálpebras esvoaçantes. Quando Thanatos agarrou seus ombros com força, arqueando as costas, mudou o ângulo do impulso de Lach. O som que Thanatos fez quando ele gritou - Lach não conseguia se imaginar querendo ouvir mais nada.

— Incline-se para trás — disse Lach, pressionando a mão no centro do peito. Mordendo o lábio, Thanatos fez o que Lach pediu. Ele teve que se segurar nas mãos, apoiado em cada lado das panturrilhas de Lach no colchão, com as pernas dobradas ao lado do peito de Lach. Assim, ele estava completamente aberto a Lach, toda a pele lisa e linda. Incapaz de se ajudar, ele olhou para baixo para assistir seu pau afundar em Thanatos. Ele empurrou mais fundo, satisfeito com o estrondo baixo de um gemido. — Você é tão lindo — Lach respirou, chamando a atenção novamente enquanto Thanatos mordia o lábio inferior com os dentes.

Com Thanatos por cima dele, coberto por uma fina camada de suor que parecia tão dourado quanto seus olhos na luz e preso pelo esforço de se segurar daquele jeito, Lach estava perdido. Ele estendeu a mão para envolver o pau de Thanatos. Ele se acostumou com seus impulsos, perdendo-se naquele calor apertado até Thanatos gritar, derramando sobre sua mão e arrastando Lach pela borda com ele.

Seus braços estremeceram e cederam, e Thanatos desabou, ofegante, em cima de suas pernas. Lach sorriu. Foi um enorme impulso para o ego pensar que ele poderia desgastar um deus, mesmo que fosse apenas porque Thanatos o deixava.

Ele saiu de Thanatos apenas para se enrolar ao seu lado e enterrar a cabeça no ombro do deus. O braço dele envolveu a cintura de Thanatos e ele deu um beijo curto no canto da mandíbula. A bagunça poderia esperar; o mundo poderia esperar. Tudo o que Lach precisava estava ali em seus braços.

Como mandíbulas

Não foi uma surpresa que Lach tenha dormido rapidamente. Mesmo com a intervenção de Gaia, ele havia perdido muito sangue. E foi esfaqueado.

Uma pequena parte de Thanatos queria culpar a si mesmo - dizer que se ele não estivesse lá, Lach não teria se metido em problemas. Simplesmente não era verdade. Lach era bom em se meter em problemas, e era provável que, mesmo sem Thanatos, ele estivesse em Palea Kameni.

Mas se eles não tivessem passado as últimas semanas juntos, se Lach não tivesse pensado que ele poderia alcançar Thanatos... Isso não suportava pensar. Ele estremeceu e puxou Lach para mais perto, como se fosse aquecê-lo.

Ele estava quase angelical durante o sono. Cílios marrons com ponta de ouro por tanto tempo que descansavam contra suas bochechas, sem tensão ao redor dos olhos ou da boca para mostrar a tensão que ele carregava constantemente por dentro. Sem raiva, medo ou preocupação, como se ele andara de bicicleta nas últimas semanas. Ele soltou um pequeno ronco, depois fungou e enterrou o rosto no peito de Thanatos.

Thanatos passou a mão pelos cabelos distraidamente. Provavelmente era socialmente inaceitável deitar ali e assistir seu amante dormir, mas considerando sua noite, o que ele quase havia perdido, ele pensou que tinha ganhado um pouco de passe. Não era como se Lach se sentisse ofendido.

Ele passou horas assim, segurando Lach e pensando sobre o que tinha acontecido e como tudo poderia ter dado errado. Em algum momento no meio da noite, seus pensamentos se transformaram em outra coisa. Eles se voltaram para o que veio a seguir. O que ele e Lach poderiam fazer juntos.

Havia tantos lugares que eles podiam visitar, coisas que podiam fazer, deuses que ele poderia apresentar a Lach. Charon teria que vir primeiro, e seria preciso um trabalho cuidadoso para fazer isso. Seu irmão ia proteger, sem dúvida, dado o que aconteceu na última vez em que falaram sobre Lach.

Charon superaria isso. Ele precisaria.

Então havia Hebe. Não era que a deusa da juventude precisasse convencer Lach sobre os méritos de um smartphone - embora ela o fizesse - havia o problema de Lach se machucar duas vezes em menos de uma semana. Thanatos não poderia viver com esse tipo de medo e , pela primeira vez em sua existência, ele seria completamente egoísta com alguma coisa.

Ele ia pedir a Lach que desistisse do Elysium para sempre. Bem, ele poderia visitá-lo, como Thanatos. Mas, uma vez que se tomava ambrosia, eles sempre abandonariam a mortalidade e seus benefícios. Embora Lach tenha manifestado desinteresse na vida após a morte, parte de Thanatos sentiu como se estivesse pedindo demais. Lach ria e revirava os olhos, mas não era simplesmente imortalidade. Era pra sempre.

Não havia muita coisa que pudesse realmente matar um deus, e para os poucos que haviam morrido, ninguém sabia se algo viria depois. Thanatos duvidava disso. Eles vieram do nada, e parecia razoável que voltassem ao nada quando desaparecessem ou fossem mortos.

Ele teria que deixar tudo isso claro para Lach, não que ele ouvisse. Ele acenava e dizia a Thanatos que estava se preocupando demais. Era possível; Thanatos fez isso. Mas ainda havia uma grande diferença entre alguns milhares de anos e para sempre.

Isso não importava, no final. Thanatos iria oferecer, porque ele queria Lach para sempre. Depois disso, tudo dependia de Lach.

Na hora cinzenta antes do amanhecer, houve uma batida suave na porta.

Thanatos cuidadosamente se afastou de Lach, empurrando-o o mínimo possível. Ele pegou o travesseiro em que estava descansando a cabeça e o colocou nos braços de Lach. Lach apertou, depois resmungou algo ininteligível, mas vagamente descontente. Mas ele não se sentou, então Thanatos vestiu a calça e foi na ponta dos pés até a porta. A fechadura clicou alto quando ele a abriu, mas não havia muito que ele pudesse fazer sobre isso.

Ele abriu a porta e encontrou um Hermes de aparência maníaca, saltando na ponta dos pés como se ele mal pudesse se conter.

— Eu acho que, hum... cultistas estão todos sob custódia? Eles são algum tipo de culto, certo?

Hermes deu um aceno agudo. — Claro que são. E acho que os peguei. Pelo menos a maioria deles.

Thanatos estreitou os olhos na direção do outro deus. — A maioria deles? Você percebe o que eles estavam tentando...

— Eu não acho que eles escaparam — corrigiu Hermes. — Apenas alguns deles chegaram ao barco e saíram na ilha.

Ele levantou a mão na frente de si como se fosse uma criança brincando com veículos de brinquedo. Ele deu um zoom na sua frente como se fosse um barco rápido. Thanatos meio que esperava que ele fizesse um barulho — vroom.

— Então a coisa mais estranha aconteceu.

Com a outra mão, Hermes imitava algo que vinha de baixo da linha de água imaginária e colidia com a primeira. — Foi muito legal, como *mandíbulas* ou algo assim — ele exclamou, como uma criança animada. — Mas o problema é que o barco virou e eu não tenho ideia do que aconteceu com os caras. A água não é meu elemento. Eles podem estar mortos. Os humanos podem nadar por quilômetros?

Thanatos olhou para a segunda mão, ostensivamente algum tipo de submarino que havia atingido o barco dos cultistas. Um pensamento começou a se formar em sua mente, mas em torno de Hermes, pensamentos nascentes raramente eram capazes de se concretizar.

— Então, de qualquer maneira, eu dei a papai os cultistas. Ele ainda está todo chateado comigo, mas ele odeia o pai muito mais do que Hera, então talvez eu esteja um pouco fora da casinha. Ele parecia tão esperançoso que partiu o coração de Thanatos. Zeus era um pai melhor do que o seu, mas nenhum bom pai produziu filhos que o temiam tanto quanto estavam desesperados por sua aprovação. E realmente, não era preciso muito para ser um pai melhor do que um homem que comia seus filhos.

— E os cultistas?

Hermes suspirou como se tivesse sido atacado, mas ainda havia travessura brilhando em seus olhos. Ele era muito parecido com Lach, às vezes. — Acho que há mais que não fizeram o sacrifício. Lach-rifício? Ele balançou sua cabeça. — De qualquer forma, papai me disse para rastrear o resto deles, porque não podemos ter pessoas tentando libertar Cronus.

Um pouco da energia saiu dele, e ele franziu a testa para o chão.

— Hermes? — Thanatos cutucou.

Hermes olhou para cima, oferecendo um meio sorriso por um segundo antes de morder o lábio. — Não sei. Algo parecia errado na maneira como ele estava agindo. Se eu não conhecesse papai melhor, eu diria que talvez ele estivesse assim... assustado.

As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas à medida que avançavam, mas, pelo menos por enquanto, Thanatos havia terminado com lutas e conspirações divinas para destruir toda a humanidade. Ele esperava que fosse, de qualquer maneira.

— Se seu pai está nervoso com isso, espero que faça o possível para tomar cuidado, Hermes. Zeus não se assusta facilmente, e eles podem ter sido fáceis de encontrar, mas esses cultistas quase conseguiram convocar Cronus.

Hermes franziu o cenho, mas assentiu. — Eu vou ser. E se as coisas derem errado, eu ligo para você e Lach. Quero dizer, não imediatamente, porque vocês vão fazer isso como...

— Boa noite, Hermes, — disse Thanatos, dando um passo para trás e fechando a porta.

Pouco antes de a porta se fechar, Hermes disse: — Mas é manhã!

Thanatos revirou os olhos e se virou para ver Lach observando-o da cama. Isso estava se tornando um hábito. — Desculpe. Eu esperava que não o acordássemos, mas Hermes é... Hermes.

Lach sorriu com isso. — Ei, eu gosto dele. A maior parte do tempo. Não sabia que ele gostava de mim, mas ele é divertido.

— Não sabia que ele gostava de você? — Thanatos perguntou, olhando incrédulo. — Você não achou que o deus dos trapaceiros, ladrões e viajantes gostaria de você, o ladrão e trapaceiro que passou os últimos milênios viajando pelo mundo em barcos?

Lach não respondeu, apenas deu de ombros e continuou sorrindo para ele.

Foi quando ele se lembrou da estranha história de Hermes sobre o barco dos cultistas. — Você quer se vestir e dar um passeio?

Lach levantou uma sobrancelha. — Um passeio? Por que daríamos um passeio quando temos uma cama perfeitamente útil aqui?

— Meu amor. Você vai ter que se acostumar com isso.

Sem mais discussões, Lach pulou da cama e começou a se vestir. Desta vez não houve luta; parecia que, embora a cura de Gaia não tivesse reabastecido sua energia, definitivamente havia curado o ferimento da faca e o tiro anterior.

Thanatos sempre foi um pouco amargo com Gaia por manter a lealdade de Lach quando ele não podia, mas isso evaporou como orvalho na luz do amanhecer no sorriso brilhante de Lach. Os deuses não adoravam outros deuses, mas Thanatos enviou um pequeno agradecimento mental à Gaia por preservar o homem cujo ele não sabia mais existir.

Melitini

Lach nunca fora do tipo de fazer caminhadas pela manhã ou mesmo caminhadas. Sempre que ele passeava, estava de olho no que ele poderia tirar disso. Agora, seu prêmio estava deslizando os dedos pelos de Thanatos, o que definitivamente valia a pena sair da cama.

Eles pararam em uma padaria no café da manhã e pegaram melitini. A massa era dourada e escamosa, o queijo cremoso e doce derreteu em sua língua. Thanatos insistiu que ele comesse primeiro, e Lach o entregou dando a primeira mordida. Então ele estendeu na frente dos lábios de Thanatos.

— Você tem que superar a ideia de que sou tão frágil que preciso de bolos para me manter vivo — repreendeu Lach, ganhando um leve olhar.

— Você quase morreu. Você precisa aumentar sua força.

— Não tenho certeza se essa é a opção mais nutritiva, Thanatos. — Quando Thanatos franziu a testa, como se estivesse pensando em arrastar Lach por uma dúzia de ovos e uma fatia de bacon, Lach riu. — Está bem. É bom. Experimente alguns.

Observar o prazer florescer no rosto de Thanatos quando ele deu uma mordida fez Lach desejar que eles tivessem comprado uma dúzia em vez de quatro, cuidadosamente embrulhados para mais tarde.

Eles caminharam ao longo da costa e Thanatos estreitou os olhos para a água. Ao longe, Lach conseguiu distinguir a forma de Nea Kameni, mas Palea Kameni estava escondido atrás dela.

— Estamos procurando alguma coisa? — Lach perguntou.

— Não — disse Thanatos. — Talvez.

— Bem, deixe-me saber quando você descobrir. — Eles chegaram ao porto. Lach soltou a mão de Thanatos, mas apenas para extrair outra massa para si.

Ele estava olhando para a fileira de barcos melancolicamente, e um buraco no estômago se abriu quando ele pensou em Mis. Ela deveria estar lá com eles. Como era possível ser tão feliz e tão infeliz ao mesmo tempo? Não parecia justo ter o que queria quando Mis estava...

Mis estava lá. No final da doca, e sem dúvida. Ela estava um pouco diferente do que antes - um pouco mais robusta, um pouco maior - mas não havia nada que ela pudesse fazer que o fizesse confundi-la com outro barco.

Ele emitiu um som alto e tenso no fundo da garganta e deixou cair a sacola de doces. O que ele estava procurando por flocos perdidos no convés. Thanatos piscou para ele. — O que?

— Umpf — disse Lach, o melhor que conseguiu, e correu para o cais. Ele chegou perto o suficiente para tocar o lado dela - branco e brilhante e perfeito. Seu braço não era grande o suficiente para abraçar um barco, mas, maldição, se ele não quisesse.

— Eu estava começando a duvidar que você aparecesse — uma voz divertida disse acima deles. Charon estava sentado, com as pernas cruzadas, todo de preto com um saco de papel marrom ao lado. Parecia o tipo de coisa que você carregaria quando tentava esgueirar-se para o metrô.

— Irmão — disse Thanatos. Sua voz era tensa, como se ele estivesse nervoso. Nos anos em que ficaram separados, ele não considerou que não era apenas Thanatos que ele tinha que impressionar. Thanatos poderia querer ele, mas isso dificilmente significava que mais alguém ficaria satisfeito com a partida.

— Não é um pouco cedo para isso? — Lach perguntou quando Charon levantou a bolsa e tomou um gole do que havia dentro.

Charon zombou. — Não há regras em alto mar. E eu sabia que estaria lidando com você. Certas medidas tiveram que ser tomadas.

— Você veio até aqui para me trazer meu barco, Charon? — Lach perguntou, sorrindo.

Charon fez uma careta, cruzando os braços. — Você é o capitão dela.

O sorriso de Lach desapareceu. Ele tinha certeza de que o que viria a seguir seria a implicação de que Charon não deveria ter *ido* para reuni-los.

Em vez disso, Charon deu de ombros. — Ela me contou o que aconteceu — disse ele, colocando a bolsa marrom ao lado dele novamente.

Se alguém pudesse falar com Mis, Lach supôs que seria Charon, que passara milênios transportando almas através do Styx sem ninguém com quem conversar além de seu barco.

— Você não a abandonou, — disse Charon rigidamente. A maneira como ele evitou olhar para o irmão era tão flagrante como se ele o encarasse diretamente.

— Não, eu não fiz. — Lach queria dizer que ele havia mudado, mas ele já existia a tempo suficiente para saber que as ações eram muito mais importantes. Levaria tempo para provar a Charon. Levaria tempo para provar a Thanatos também, mas ele finalmente percebeu que podia - Thanatos o queria lá, para que eles encontrassem uma maneira de fazê-lo funcionar.

— Eu percebi que vale a pena manter algumas coisas — acrescentou Lach, e ele pousou a mão nas costas de Thanatos. Pelo canto dos olhos, ele viu a pele de Thanatos escurecer, então apertou um pouco o quadril.

— Uh, huh. — Charon levantou-se e virou-se. — Bem, não há nenhum lugar no submundo para guardar a alma de uma embarcação como Misericordia. E por algum motivo, ela queria voltar para você.

Acima deles, Charon lançou um olhar pronunciado e deu um passo para trás para desaparecer no convés.

— Ele ainda não me feriu. Isso significa que estou dentro? Lach perguntou.

Thanatos olhou para ele. — Duvido sinceramente que seja isso o que significa.

— Mas isso definitivamente significa que eu não fui ferido.

Finalmente, os lábios de Thanatos começaram a rastejar em um sorriso. — Avaliação razoável — ele concordou. Lach arriscou adivinhar que, mesmo que Charon estivesse de bom humor, Thanatos não deixaria que seu irmão o machucasse.

— Depois de você — disse Lach, estendendo o braço em direção à rampa de embarque que ligava Mis à doca. Thanatos hesitou, uma carranca ultrapassando seu sorriso suave, mas Lach entendeu - Thanatos queria que Lach tivesse esse momento.

Ele sorriu e balançou a cabeça. — Sério, você vai primeiro — insistiu Lach. — Eu quero assistir o seu espólio.

Se fosse possível parecer encantado e completamente exasperado ao mesmo tempo, Thanatos conseguiu. Eles subiram a bordo. Tudo era basicamente o mesmo, mas o banco em que estavam sentados para assistir ao nascer do sol agora dobrado em ângulo com uma mesa na esquina onde eles poderiam preparar o café da manhã. Lach já estava pensando em abandonar as panquecas irregulares para poder deitar Thanatos de volta no banco e alimentar outros impulsos.

Eles seguiram Charon abaixo do convés. Agora, havia espaço na cozinha para os dois cozinharem, embora Lach imaginasse que eles se esfregariam um no outro com frequência suficiente para se distrair.

E acima do banco da mesa da sala de jantar, havia um pequeno ceifador. Lach começou a rir quando viu. Ele se inclinou para ver melhor a coisa. Era de plástico, nada de especial e completamente perfeito.

— Sim, eu notei isso. É grotesco — disse Charon, como se estivesse determinado a não estar satisfeito com tudo.

— Não é — protestou Lach. Quando ele bateu na cabeça do ceifador, a coisa toda balançou como uma daquelas pessoas hula que estavam presas em seus painéis nos anos 90. Ele sorriu. — É um ícone. — Ele virou-se para Thanatos. — Um pequeno pedaço de morte para que você sempre possa nos encontrar.

— Eu não pareço assim — Thanatos disse suavemente.

É claro que o ceifador da sabedoria comum era aterrorizante. Thanatos era tudo menos doce e gentil, sem feições pálidas e esticadas e promessa de destruição.

Lach deu uma olhada de novo, do paletó de seda nos sapatos pretos polidos. Onde ele era luminoso, o pequeno ceifador estava tão pálido que ele estava quase cinza. O ícone era absurdo em sua diferença, mas esse era o ponto. Não havia nada no mundo inteiro que pudesse espelhar um deus como Thanatos.

— Não, você não — Lach concordou. Ele se aproximou de Thanatos e passou os braços pelos quadris. — Mas você não pode esperar que um brinquedo capture como você é lindo. Enfim, é fofo.

— Não sou assustador ou aterrorizante? — Thanatos perguntou. Seus olhos começaram a brilhar e, quando ele sorriu, Lach pensou que eles poderiam manter o sombrio.

— Nem um pouco.

Ele se inclinou e roubou um beijo. Ele estava quase morrendo, mas ali mesmo no limite, a coisa mais assustadora estava perdendo isso - perdendo Thanatos quando ele tinha apenas uma segunda chance.

— Eu não posso ficar aqui e assistir isso — Charon agarrou, pegando suas coisas, o que equivalia a uma garrafa meio bebida do vinho que Lach havia apanhado em Ibiza.

Lach franziu o cenho. — Você bebeu nosso vinho?

— Trouxe seu barco — respondeu Charon suavemente.

Depois de um momento, Lach deu de ombros. Isso parecia mais do que um comércio justo. Ele olhou para Thanatos e mordeu o lábio. — Você está pronto para outra viagem à Espanha para reabastecer?

Thanatos respirou lentamente e olhou para cima como se estivesse considerando. — *Suponho que* eu poderia arranjar tempo para isso.

Charon gemeu, enfiando a garrafa na jaqueta. Embora ele e Thanatos tivessem um paladar de cores, a aparência de Thanatos era imaculada. Charon parecia um vagabundo e ostentava os tipos de bolsos nos quais você podia colocar garrafas inteiras de vinho. — Thanatos, você vai ficar? — ele perguntou, colocando sua jaqueta de tamanho grande de volta no lugar.

— Sim — disse Thanatos. Lach ficou satisfeito quando ele deixou o braço em volta dele, mesmo que seu irmão estivesse claramente menos do que satisfeito.

Antes de Charon chegar às escadas, Lach o deteve. — Ei, Charon?

O barqueiro se virou e levantou uma sobrancelha.

— Eu imagino que você esteja familiarizado com o conceito de passar muito tempo sozinho em um barco, certo?

Charon olhou para ele como se tivesse enlouquecido. — Certo. Acho que entendi isso.

— Realmente coloca as coisas em perspectiva, você não acha? Muito tempo para refletir sobre as coisas quando você está na água.

Por alguns segundos, Charon o considerou. Finalmente, ele inclinou a cabeça. — Muito tempo para pensar, sim.

— Eu posso estragar tudo, mas não vou cometer os mesmos erros duas vezes. — Lach pretendia que soasse como uma promessa, mas ele mordeu a língua. — Ok, às vezes eu cometo os mesmos erros duas vezes. Mas não aqui. Não com isso. Você sabe. Alguma coisa importante.

Tudo bem, falar francamente sobre suas intenções e fazer promessas que ele pretendia cumprir não eram os pontos fortes de Lach; ele era obrigado a ser estranho nisso. Mas não havia razão para Charon gemer e revirar os olhos como ele fez.

— Thanatos, — disse ele, recusando-se a reconhecer o compromisso sincero de Lach e voltando-se para o irmão, — almoço na próxima semana?

Thanatos mordeu a língua para tentar esconder o sorriso. Ele não conseguiu. — Certo. Eu vou trazer o pirata.

Planos de almoço

— Assim... — Disse Lach.

Charon havia partido algum tempo antes, e Lach estava vagando pela Misericórdia, se familiarizando com todos os seus aspectos alterados e inalterados. Agora, porém, ele se parecia com Hermes quando queria um favor, e isso era perturbador.

— Sim? — Thanatos perguntou quando Lach não continuou.

— Existe alguma maneira de você falar com Gaia? Quero dizer, eu sei que todos vocês podem conversar um com o outro, eu apenas... estou preocupada com Martina.

Por um momento, tudo o que Thanatos pôde fazer foi piscar para ele. Então ele lembrou por que esse era um pedido estranho. — Ela tentou te matar!

Lach deu de ombros meio de coração. — Você tem que dar um tempo para ela. Quero dizer, Charles estava louco. Imagine ter um pai como ele. Ele fez uma careta como se tivesse acabado de lembrar que o pai de Thanatos era a entidade primordial da escuridão e balançou a cabeça. — Enfim, estou preocupado com ela, sabia? Quero dizer, eu amo Gaia. Ela sempre foi incrível para mim. Eu a conheço há muito tempo, mas Martina pode ficar bem lá? Ela teve uma escolha nisso tudo?

Thanatos suspirou e sentou-se no banco na bagunça. — Você está certo.— O olhar que ele recebeu em troca foi muito Lach, tudo o que ele pôde fazer foi suspirar novamente. Ele limpou a garganta e respirou fundo. — Gaia.

Ele nunca imaginou que faria isso. Ele raramente convocava deuses, ou até falava com eles à distância. Ele certamente nunca pensou em convocar uma deusa tão antiga quanto seus próprios pais.

Na verdade, ele não esperava que ela respondesse, muito menos aparecesse. Ela disse que planejava procurar comida, o que Thanatos podia entender. A maioria dos deuses passava o tempo todo perseguindo prazeres mundanos, mas Gaia era o próprio mundo por tanto tempo que ele duvidava que ela realmente entendesse o que o termo significava.

Ele estava tentando decidir se deveria chamar novamente quando ela apareceu no meio da sala.

Ela trocou as pragmáticas calças cargo de Martina por um vestido bege esvoaçante que lembra algo da Grécia antiga, e havia um sorriso sereno nos lábios.

Lach correu para ela, e Thanatos teve que lutar para não detê-lo. Droga, o homem quase morreu, e ele estava determinado a sair por aí agindo como se não tivesse. Como se ele quase não tivesse sangrado ali mesmo na frente de Thanatos e Hermes. Thanatos foi tomado pelo desejo duplo de agarrá-lo e sacudi-lo, e envolvê-lo em tantas camadas de armadura que nada jamais o tocaria novamente. Talvez Hefesto estivesse disposto a fazer algo para ele.

— Estamos felizes em vê-lo bem — Gaia disse a ele, sorrindo e tirando uma mecha de cabelo do rosto da maneira mais maternal que Thanatos já tinha visto.

Sua voz soava menos como uma deusa e mais como uma pessoa, mas ela estava agarrada ao nós real, que parecia um bom sinal para Martina. Pelo menos, para Thanatos, sim. Lach mordeu o lábio e manteve o olhar fixo no chão.

Não houve hesitação em Gaia; ela conhecia Lach e sabia com o que ele estava preocupado. — Você está preocupado com a metade de nós que era Martina.

Lach olhou para ela tão rápido que Thanatos estava preocupado que ele iria se dar chicotadas. — Não quero ser desrespeitoso nem nada. Só que ela é minha amiga, e eu sei como nós mortais tendem a ser divididos em serviço aos deuses - não que eu esteja falando de você ou algo assim, mas...

— Entendemos sua preocupação — disse ela, inclinando-se e acariciando sua bochecha. — A parte de nós que é Martina fica surpresa por você não estar bravo com ela.

— Por favor — Lach dispensou, afastando a preocupação. — Todo mundo que já trabalhou comigo quis me matar pelo menos uma vez, e você nem seguiu adiante. Além disso, vocês meio que salvaram meu bacon.

Gaia inclinou a cabeça para um lado. — Bacon?— Sem nenhuma explicação deles, ela assentiu. — Ahh, bacon. É um coloquialismo. Colocamos você na situação que quase custou sua vida. Nós duas. Era o mínimo que podíamos fazer para extrair você disso.

— Bem, o mínimo que você poderia ter feito

— Ele quer dizer obrigado — Thanatos interrompeu Lach com um olhar. — Ele aprecia sua ajuda. Agora, se pudermos continuar impedindo-o de ser morto com seu próprio descuido.

— Ei! — Lach disse, pronto para protestar.

Gaia virou-se para Thanatos e assentiu. — Você já pensou em alimentá-lo com ambrosia

Thanatos estremeceu, mas ele não iria mentir, não para nenhum deles. Ele assentiu.

O olhar no rosto de Lach teria sido impagável se não tivesse sido tão comovente. — Você tem? Seriamente? Eu?

Gaia assentiu, meio virando-se para Thanatos, para trazê-lo para a conversa. Mais uma vez, ele ficou tranquilo pela continuidade da personalidade de Martina, uma vez que tal coisa nunca teria ocorrido a Gaia, que estava há tanto tempo sem um corpo humano. — Eu posso recuperá-lo, se você desejar.

— Parece bom para mim — concordou Lach sem hesitar um segundo.

O som que Thanatos fez foi um toque embaraçoso, um cruzamento entre um gemido e algo doloroso.

Lach parecia preocupado. — O que? Você está bem?

— Este não é um convite para jantar, Lach. Esta é a eternidade. Pelo menos finja pensar nisso! Considere o que você vai desistir! Thanatos odiava continuar martelando em um único ponto, mas era importante. Fazia milênios desde que Lach vira sua família e, se ele decidisse comer ambrosia, ficar com Thanatos, ele nunca teria permissão para ficar com eles.

— Eternidade em Elysium, certo. Mas você vai lá algumas vezes — Lach apontou contrariamente. Ele não pôde evitar, é claro. Contrário era o núcleo de sua natureza.

Thanatos queria levantar as mãos e se afastar, mas reconheceu que, se o fizesse, acabaria conseguindo exatamente o que queria: um Lach com icor dourado correndo em suas veias. — Acho que você deveria visitar o Elysium antes de fazer uma escolha.

— Mas eu não estaria morto então?

Thanatos finalmente teve que revirar os olhos. — Deus da morte, amor. Se alguém pode modificar um pouco as regras, sou eu.

Lach sorriu como uma criança em um carnaval. — Vamos então. Uma visita com mamãe, papai e Philon e em casa a tempo de um bom almoço de ambrosia. Ele se virou para Gaia. — Qual é o sabor da ambrosia?

Gaia encolheu os ombros e tocou os dedos nos lábios. — Faz muito tempo que eu experimentei uma coisa dessas. Eu não preciso disso. Vamos aprender juntos.

— Mas, hum — disse Lach, voltando-se para ela. — Martina está bem, certo? Ela queria isso? Ela não quer, hum - tossiu -, ela não quer que você volte?

O coração de Thanatos derreteu ainda mais. Ele nunca teria o amor de Lach pela arqueóloga, mas a lealdade de Lach era uma maravilha.

— Você é o melhor amigo que qualquer ser poderia desejar, — Gaia sussurrou para ele, com uma voz ligeiramente mais próxima da de Martina. — E sim. A parte de nós que é Martina escolheu isso. Quando o perigo passou, discutimos a situação sobre 'peixe e batatas fritas' e

decidimos permanecer juntas. Temos muito a ensinar uma a outra. Sua mente se abriu tanto para Gaia que nunca pensamos ser possível. Nós vamos mudar tudo. Não há mais confiança em Deméter, medo de Cronus ou necessidade da foice. Nós vamos fazer o nosso próprio destino.

— Whoa — disse Lach, respirando fundo e esfregando os olhos. — Bem, estou feliz que vocês se gostem tanto. Eu sempre fui fã de vocês duas. Ele jogou os braços em volta delas em um abraço apertado, e depois de um segundo de surpresa, elas retornaram o gesto.

O momento era tão íntimo que Thanatos quase queria desviar o olhar. Exceto que Lach parecia tão feliz, ele teve que assistir. Ele teve que salvar essa expressão na memória e fazê-la retornar o mais rápido possível, pelo tempo que tivesse Lach.

Finalmente, eles se separaram e Lach se afastou. — Está bem então. Estamos indo para o Elysium. Que viagem. Voltem a tempo do almoço, vocês duas. Mal posso esperar!

Thanatos suspirou, mas pegou sua mão e inclinou a cabeça para Gaia antes de chegar ao submundo e puxá-lo.

Espera de Elysium

Para viajar para o submundo, Thanatos não precisava de nenhum voto, oração ou morte infeliz. Ele pegou a mão de Lach e, desapareceu, eles se moveram através dos reinos.

Hades - o lugar, não o deus - não era nada como ele estava antecipando. Não importava que Thanatos lhe dissesse o que esperar - ainda havia aquele sentido animal em seu intestino que dizia que morrer significava perder. Durante muito tempo, ele não teve muito a perder; agora ele tinha tudo.

Quando Lach olhou em volta para o crepúsculo - um brilho difuso que tocou tudo, mas não veio de nenhum ponto discernível acima - ele chupou as bochechas. — É isso? Não sei, Thanatos. Tudo está meio cinza. Não há muito a recomendar o lugar.

Thanatos revirou os olhos. E era isso - naquele lugar todo, seus olhos brilhavam como âmbar, mais brilhantes do que qualquer outra coisa.

— Não é onde eu pertenço — disse Lach.

— Você não vai sair disso tão facilmente, Lach — Thanatos repreendeu. — Eu quero que você veja tudo.

Não havia tempo suficiente para *tudo*, mas Thanatos não quis dizer isso literalmente. Lach mordeu o interior de suas bochechas. Tão irreverente quanto ele poderia ser sobre ver sua família novamente, fazia milênios. Ele fez o possível para cuidar de seu pai e irmão depois que sua mãe morreu. De certa forma, ele conseguiu, mas apenas se você permitisse trapacear, roubar, irritar os deuses e fugir. Conte tudo isso contra ele, e ele deve ter sido uma enorme decepção.

Mas aquela vaca de Helios que ele matou, ele matou porque sua família estava morrendo de fome. Sua família tinha sido capaz de comer, mas o titã o jogou no mar, e Lach apareceu na praia horas depois. Foi a primeira vez que ele conheceu Thanatos, que estava de pé sobre ele com uma sobrancelha franzida e disse que deveria ter morrido.

Até então, ele não entendeu que Poseidon o salvara, não por misericórdia, mas porque divertia o deus do mar irritar Hélios. Depois que Lach ganhou seu favor, os peixes ao redor da

ilha eram abundantes. As chuvas vinham com mais frequência. Eles não passaram fome novamente.

Ele também não havia percebido até mais tarde que ele era imortal. Uma mudança como essa deveria ter sido registrada, mas a imortalidade não era o tipo de coisa que ele podia reconhecer sem experimentar. Levou anos para ele entender. Quando ele viu, Philon era maior do que ele. O rosto de seu irmãozinho havia nascido mais rugas que o dele e os moradores começaram a sussurrar sobre bruxaria e semideuses.

Ele fugiu então, deixando para trás sua vila, sua família, tudo o que já conhecera. E Thanatos.

Ele sentiu o sorriso em seu rosto tremer quando o colocou no lugar. — Certo. Obviamente.

— Se vamos encontrá-los, você terá que pensar neles, — Thanatos disse gentilmente. — Eu não estou conectado a Markos, Alexia e Philon como você é.

Lach fechou os olhos, sacudiu um pouco os ombros. Quando a respiração dele saltou, Thanatos passou o polegar entre os nós dos dedos. — Você pode ficar com eles — ele ofereceu.

— O que você vai me matar? — Lach perguntou, abrindo um olho.

Thanatos apenas parecia angustiado. Melhor acabar logo com isso antes que ele começasse a ter uma ideia errada dos nervos de Lach.

Pensou nas rugas nos cantos dos olhos de seu pai, em suas mãos gentis, na maneira como Philon se agarrava a sua mão quando era pequeno e bateu no ombro com toda a força do poder de Zeus quando começou a se elevar. Ele pensou na última vez que viu sua mãe. Ele era pequeno quando ela morreu, e não se lembrava de muita coisa, mas lembrou-se da barriga redonda dela quando ela estava grávida de Philon. Sua risada suave e a maneira como sua mão repousava sobre a ondulação. Ele sentiu outro puxão. Eles se moveram, e ele manteve os olhos fechados até ouvir o estrondo das ondas.

Sob os pés, a areia estava quente e solta. A água estava mais azul do que a de Thrinacia todos aqueles anos atrás, e quando ele olhou para ela, uma pequena mão bateu em sua perna.

Ele se virou e viu uma garota não mais alta que o quadril, com olhos azuis brilhantes e cabelos escuros como uma mancha de óleo. — Quem é Você? — ela perguntou em grego, o mesmo que ele ouvira enquanto ele era do tamanho dela.

— Lach— Ele se encolheu. Esse nome não era bom aqui, para pessoas que nunca o ouviram. — Glaukos — ele corrigiu, inclinando-se para os sons duros que havia abandonado quando Roma se levantou. — Quem é Você?

— Glykera, — disse ela, erguendo o queixo como se estivesse desafiando-o a desafiá-la. — Não recebemos ninguém novo aqui há muito tempo.

— Realmente? — Lach perguntou. Ele soltou a mão de Thanatos e se agachou na frente dela. — Quão mais?

— Bem, eu tinha sobrinhas e sobrinhos. E suas sobrinhas e sobrinhos. E quase dez gerações depois disso. Mas eles diminuem a velocidade. Cada vez menos vêm. O vovô diz que eles sempre param de vir eventualmente.

Lach franziu o cenho. Isso soou como uma falha no mecanismo, mas quando ele olhou para Thanatos, o deus parecia despreocupado. — As famílias são atraídas uma pela outra, — explicou ele, — mas, à medida que o mundo muda e os laços entre eles diminuem, eles se dispersam. Acabem em outros lugares.

Certo. Lach pode se lembrar de seu avô, mas seu bisavô? Ele nem o conhecia. Se ele acabasse morto nos braços de um estranho, dificilmente seria um consolo.

— Dez gerações em um só lugar são raras — esclareceu Thanatos.

Glykera assentiu. — Temos uma grande família.

— Estou procurando alguém em particular. Você conhece um homem chamado Philon?

Mais uma vez, ela assentiu. Um sorriso apareceu em seu rosto - um tipo complicado de sorriso que Lach gostou imediatamente. — Vamos.

Ela pegou a mão dele e o puxou pelas dunas. Bem onde deveria estar, sua aldeia iluminou a noite escura.

— Glykera! — Uma voz ecoou que fez um arrepio percorrer as costas de Lach.

Ela soltou a mão dele e correu para os braços de um homem enorme, com barba cheia e olhos alegres. Ele parecia ainda mais com o pai deles do que na última vez que Lach o vira.

— Minha garota, o que você está fazendo? — ele perguntou, beijando sua bochecha. Havia outras pessoas na vila - todas cortadas de um molde alegre e saudável. — Quem é?

Philon finalmente olhou para eles, e todo o sangue escorreu da cabeça de Lach. Ele ia desmaiar. Este não era o lugar dele. Ele não tinha o direito de estar aqui.

E então Philon estava com ele. Um braço largo envolveu suas costas e o empurrou, esmagando sua filha contra o lado de Lach até que ela se contorceu para ser decepcionada. Só então ele se afastou.

— Glaukos — disse ele com carinho, lágrimas brilhando nos cantos dos olhos. — Eu estava começando a pensar que você nunca conseguiria.

— Eu não vou ficar — disse Lach apressadamente. Ele sempre achou melhor liderar com decepção, mas não havia um traço disso no sorriso de Philon enquanto segurava as bochechas de Lach nas duas mãos.

— Esqueça isso. Diga-me como você está! Quem você trouxe com você? O olhar de Philon se fixou em Thanatos. O sorriso dele desapareceu. — Eu já te vi antes.

Lentamente, Thanatos inclinou a cabeça. — Quando você estava doente e jovem. Eu vim para você, e seu irmão pediu que eu poupasse você.

Imediatamente, o sorriso de Philon retornou. — Você me salvou!

— Bem, não... — Thanatos começou.

— Ele fez — confirmou Lach. — Ele chamou Hermes para salvá-lo.

Philon abraçou Thanatos, que parecia tão desconfortável quanto qualquer deus seria tratado tão casualmente por um mortal. Ou talvez fosse outra coisa. Philon cresceu com as mesmas histórias que Lach. Ele sabia quem era Thanatos. Agora, em Elysium, ele não fez uma pausa para ter medo dele.

— Eu tenho uma vida maravilhosa para agradecer— , disse Philon, segurando os ombros de Thanatos enquanto se inclinava para trás. Ele olhou entre Lach e Thanatos. — É por isso que você está desaparecido? Papai nunca acreditou nas fofocas sobre Zeus e nossa mãe... Lach estremeceu. Quase todo mundo que tinha Zeus como pai havia sido severamente fodido de uma maneira importante. Ele teve sorte que não. — Vocês são amantes?

Lach mexeu as sobrancelhas. — Claro que somos. Mas não é por isso que não estou aqui. É uma longa história.

— E eu exijo que você conte! — A voz de Philon era alta o suficiente para chamar a atenção de uma dúzia de pessoas e, antes que Lach soubesse o que havia acontecido, ele estava sentado ao redor de uma fogueira com sua família, contando histórias de vacas imortais, cultos nefastos e carros que se dirigiam - que haviam sido um grande sucesso. Ninguém acreditou nele quando ele tentou dizer o quanto o mundo havia mudado. Lach tinha visto tudo isso acontecer, e ainda parecia impossível.

— E você pode falar com alguém em qualquer lugar? — sua mãe perguntou quando Lach mostrou seu telefone flip. Quando ela sorriu, havia um brilho calculado em seus olhos. Ele não tinha conseguido seu traço manhoso do pai.

— Veja? — Lach disse, balançando o telefone na frente de Thanatos. — Ainda é impressionante.

Lach voltou-se para a mãe. — Você pode ficar com ele — disse ele, passando para ela. — Duvido que funcione aqui em baixo, mas quem sabe? — Quando ela hesitou, ele ofereceu: — Eu sempre posso conseguir outro. Eles estão em toda parte agora.

Ela tocou sua bochecha. — Se eu não soubesse melhor, pensaria que você era um mago.

Lach riu alto. — Não. Nem um pouco de magia no meu sangue, e você sabe disso. Seu olhar voltou para o deus ao seu lado. — Mas Thanatos tem muito para nós dois.

Seu pai lhe ofereceu comida que a esposa de Philon havia começado a servir perto do fogo. Ele sentiu Thanatos tenso ao seu lado, mas Lach estendeu a mão para recusar o prato. Todo mundo lá sabia o que aconteceu quando Perséfone comeu aquelas sementes de romã, e Lach não tinha intenção de ser pego. — Não, obrigado.

Markos sorriu suavemente e balançou a cabeça. — Claro que não. Thanatos?

Thanatos também recusou, embora não precisasse. Lach pensou que ele parecia vagamente doente, o que era impossível. Bem, impossível fora de um barco.

Eventualmente, Lach os libertou com a promessa de que ele iria visitar novamente. O único que pressionou para que ele ficasse foi Glykera, que só queria mais histórias.

Pela primeira vez, o desinteresse deles em mantê-lo lá não fez Lach se sentir indesejado. Philon e seu pai o aceitaram sem uma pausa. Sua mãe ficou muito feliz ao vê-lo crescer. Eles não pediram explicações para o comportamento dele, porque não precisavam deles. Se Lach tivesse sido egoísta ou decepcionante, não pareceu reprimir o amor deles por ele.

E agora, se eles não pediram mais, Lach confiou que era porque eles entenderam que ele já tinha o que precisava. Durante todo esse tempo, Elysium não tinha sido um lugar para ele. Mesmo vendo-os agora, isso não mudou. Ficou feliz em saber que eles haviam vivido bem e gostaria de vê-los novamente, mas não conseguia se estabelecer lá.

No momento em que se afastaram, a luz havia desaparecido. Um fac-símile de estrelas espalhadas acima. Lach suspirou quando pisaram na areia.

— Há um lugar para você aqui — Thanatos disse suavemente. — Se você quiser.

Lach lambeu os lábios. Ele sabia que não podia dizer não a Elysium apenas por causa de Thanatos; ele nunca aceitaria isso. Pela primeira vez, ele tentou medir suas palavras antes de pronunciá-las.

— Eu amo Philon. E eu amo nossos pais — começou Lach. O rosto de Thanatos já estava começando a cair. Ele tentou esconder sua decepção, então Lach puxou sua mão e o

puxou para uma parada. — E sim, este lugar poderia ser meu se eu quisesse facilidade e conforto. Mas quando é que eu já fiz o caminho mais fácil das coisas?

Thanatos zombou então, revirando os olhos e pronto para dizer a Lach que ele estava sendo ridículo.

Lach entrou nele, segurando sua bochecha firmemente e arrastando Thanatos ao redor para olhar em seus olhos. — Não existe uma versão do paraíso para mim sem você. Eu não poderia ser feliz aqui.

Os olhos de Thanatos nadaram com preocupação e descrença que Lach não sabia como se afastar.

— Eu não quero isso — ele insistiu. — Não quero viver entre os fantasmas da família do meu irmão. Toda essa evidência de uma vida bem vivida. Estou feliz por ele, mas quero o meu. Você e Mis - pessoas que me escolheram e minha própria família para crescer. Os lábios de Thanatos começaram a tremer. Lach passou a ponta do polegar sobre eles. — Passei tanto tempo querendo as minhas próprias pessoas, pensando que havia gastado minha única chance no meu medo e ego. Thanatos — sua voz engasgou — você é tudo para mim. Eu quero o para sempre com você. Todas as bagunças, todos os erros e todo o sexo. Finalmente, isso deu a dica de um sorriso de Thanatos. Lach sorriu. — Então, sim, se você me quiser, é isso que eu quero. Não conteste.

Thanatos assentiu, suas madeixas deslizando contra as costas da mão de Lach. Lach o atraiu e o beijou profundamente e pensou, talvez pela primeira vez, que o mundo poderia ter mais bênçãos para ele do que ele pensava.

— Vamos para casa — sussurrou Lach. — Eu quero provar ambrosia, e talvez algo mais doce.

Epílogo

Thanatos não frequentava o bar de Dionísio. O Hysteria era adorável, ele tinha certeza, para um clube ruidoso e sombrio, com luzes piscando e mortais bêbados e dançando, mas nada disso era a velocidade de Thanatos. Como Dioniso provavelmente lhe diria, sua única velocidade era lenta.

Naquela noite, terça-feira de abril, o local havia sido fechado para uma festa particular e estava perfeito. As luzes estavam acesas e o barman estava servindo ponche de frutas. Ok, havia uma versão que continha rum para Lach e os outros patifes, mas o fato de haver uma versão apenas para frutas era uma melhoria do material pesado de álcool que Thanatos não entendia.

Essa não era realmente a parte que importava. O que importava era que a maioria das pessoas que Thanatos amava estavam lá, juntos, comemorando. Dionísio chamara isso de celebração do retorno da primavera.

Apropriadamente o suficiente para isso, Perséfone e seus filhos haviam chegado. A deusa estava em seu quinto ou sexto copo de ponche e dizendo a todos que queriam ouvir como, com certeza, ela estava fazendo seu trabalho na superfície, mas hoje à noite ela iria para casa e dormir em sua própria cama, com o marido .

O caçula, Lysandros, seguia atrás dela, certificando-se de que ela não derrubava nada ou deixou cair a taça, o que tentara fazer pelo menos duas vezes. Além disso, se encolhia sempre que ela se referia às proezas de seu pai na cama. Ele estava lançando olhares sombrios para seu noivo, que parecia divertido, e não horrorizado, com as travessuras de sua futura sogra.

A festa foi muito além de uma celebração do verdadeiro retorno da primavera.

Era uma festa dando as boas-vindas a Lach, agora que ele era verdadeiramente um deus, não simplesmente um mortal que havia feito uma escolha questionável. A maioria dos deuses não parecia simplesmente aceitar, mas muito satisfeita por tê-lo.

Hebe ofereceu a ambrosia sem hesitar quando Gaia e Thanatos a procuraram juntos. Ela deu um estalo no chiclete e revirou os olhos. — Oh, por favor. Vocês dois nunca

pedem nada. Pegue ele. Tenha uma dúzia de piratas sujos. Os piratas ainda estão lá, pelo menos.

E com isso, Lach faria parte da eternidade. Thanatos poderia ter fantasiado sobre esse futuro na primeira vez em que se envolveram, mas ele não imaginou isso possível.

Também foi uma festa acolhendo Gaia de volta ao redil. Não que ela realmente tivesse saído, mas ela passou a maior parte de muitos milênios dormindo.

— Está na hora — ela confidenciou a ele depois que eles recuperaram a ambrosia. — Temos permitido que outras pessoas controlem nosso destino por muito tempo. Está na hora de voltarmos atrás e começarmos a escolher nosso próprio futuro.

De alguma forma, ele sentiu como se ela não quisesse simplesmente dizer a recém-formada dualidade de Gaia e Martina Paget, mas sim elas e Thanatos. Era verdade - ele estava à deriva há muito tempo, deixando o tempo passar. Era hora de pegar esses momentos e fazê-los significar alguma coisa.

Ele observou Lach do outro lado da sala, bebendo seu ponche de rum e relatando uma história - algo ridículo e massivamente exagerado, sem dúvida. A maneira como ele usou os braços para pontuar a história a tornou divertida sem nem mesmo saber do que estava falando. Um peixe, Thanatos adivinhou pela maneira como mantinha as mãos afastadas um pouco para indicar algum tipo de medida.

— Ele está falando do seu pau? — Hermes perguntou, se aproximando de Thanatos.

Thanatos lentamente virou a cabeça, dando a Hermes a expressão mais impassível. — Não. Dele.

Hermes quase cuspiu sua bebida em todos os lugares e passou a ter um acesso de tosse. — Você acabou de fazer essa piada. Você realmente fez.

— Eu diria que você deveria vê-lo, mas você provavelmente já viu — disse Thanatos, mas ele descobriu que onde poderia ter havido ciúmes antes, agora havia apenas uma sensação calorosa de que, mesmo que fosse verdade, isso não aconteceria, de novo. Lach estava com ele e para sempre.

O olhar de Hermes se desviou, como se ele tivesse algo para se sentir culpado, mas Thanatos apoiou uma mão gentil no ombro dele. — Como você está, Hermes?

Isso lhe valeu um suspiro. — Eh. Eu tenho a maioria dos cultistas, mas papai ainda está... você sabe, ele é pai. Ele tomou um gole de sua própria bebida, que cheirava muito a rum. — Ei, eu esqueci de perguntar, você pegou Risadas?

— Quem? — Ele estava falando de um palhaço? Isso seria como Hermes, esperar que Thanatos reconhecesse alguma figura moderna popular.

Hermes parecia completamente confuso. — Você sabe, Risadas. Charlie. O cara que tentou comer seu homem com um lado de favas e um bom chianti. Chianti ficaria ruim com os humanos, a propósito. Claro, ele tem ácido para lidar com toda essa gordura, mas um branco seria melhor. Chardonnay, talvez.

Thanatos só pôde encará-lo por um momento de espanto.

— O que?

— Você está recomendando um vinho que devo beber enquanto como Lach.— Thanatos esperou um momento, e Hermes deu de ombros sem jeito, um lado de seus lábios virado para baixo em uma — o que você pode fazer? — expressão. Como se o canibalismo não fosse um dos crimes mais altos de acordo com o Olimpo - e não admira, considerando como Cronus havia comido seus próprios filhos. Thanatos afastou o pensamento e voltou à conversa real. — E você quer saber se eu recuperei a alma do homem que vi pela última vez gritando porque Cronus estava tentando consumi-lo e habitar seu corpo?

— Acho que parece improvável que ele tenha morrido de graça. Embora, no caso dele, a morte possa ter sido uma piedade por si só. Hermes estremeceu e pareceu tentar se livrar do pensamento. — Eu estava pensando, já que não o tinha visto. Talvez Cronus tenha conseguido comê-lo antes de Gaia quebrar a foice. Gostaria de saber se isso significa que eles estão juntos no Tártaro agora, ou se Risadas acabou de, sabe, se foi.

Thanatos considerou as possibilidades por um momento e descobriu que, pela primeira vez em sua existência, não se importava com o que havia acontecido com uma alma mortal. Ele não tentou justificar para si mesmo. Ele não precisava.

Virando-se para o bar, Hermes olhou para a garçonete até que ela teve pena dele e encheu a taça novamente. Ela revirou os olhos para ele, mas sua expressão era tolerante. Ela o conhecia bem, provavelmente, se estivesse trabalhando para Dionísio há muito tempo. Os irmãos eram tão próximos quanto os filhos de Zeus.

— Você fez bem em reunir os cultistas — disse Thanatos. Ele não estava precisamente certo de que era verdade, mas ele assumiu. Hermes fez a maioria das coisas bem. E Thanatos sabia que, não importava o quão bem o garoto fosse, Zeus não daria a mínima.

Hermes se levantou e deu um sorriso a Thanatos. — Obrigado! Alguns deles têm sido otários escorregadios.

— As coisas que escorrem do esgoto geralmente acham mais fácil voltar quando uma luz brilha em sua direção — respondeu Thanatos. Não era de surpreender que eles tivessem corrido para as colinas, mas se havia algo em que os homens que almejavam poder podiam contar, era que eles voltariam quando vislumbrassem uma oportunidade.

— Eu quero saber sobre o que vocês dois estão falando? — Lach perguntou, caminhando até o bar, segurando seu copo vazio. Ele acenou para a garçonete quando ela veio pegar o copo dele. Ela deu uma piscadela para ele e um pouco de sorriso junto com seu refil, e ainda assim, nenhuma queimadura de ciúmes ou possessividade chegou a Thanatos.

— Seu namorado estava tentando decidir se a colocaria para trabalhar como assistente dele ou para contratar alguma coisa nova e gostosa para ajudar — disse Hermes, e ele parecia incrivelmente sincero. A capacidade do deus de enganar era de tirar o fôlego.

Lach ficou menos impressionado. — Okay, certo. Nós dois sabemos que se Thanatos contratar alguém para ajudar, será a avó de 90 anos, e ela misericordiosamente colherá almas enquanto distribui biscoitos e chocolate quente.

Enquanto Lach estivera brincando, isso soou como uma excelente ideia. Alguém que tinha passado por uma longa existência e sabia o quão importante era a vida humana, tanto para aqueles que sobreviveram quanto para os que estavam morrendo, parecia o tipo perfeito de pessoa para ajudar Thanatos. Claro, isso também poderia descrever Lach, e não exigiria tornar ninguém mais imortal.

Ele balançou a cabeça e se inclinou para beijar Lach na bochecha. — Não importa. Enquanto tenho você e Misericordia, não me importo de trabalhar.

— Então, para sempre, então — disse Lach, seu sorriso malandro firmemente no lugar. — Parece um bom negócio para mim e Mis.

Hermes emitiu um som de nojo e se afastou, agitando os braços como se os estivesse abjurando.

— Parece um bom negócio para mim também — Thanatos sussurrou para Lach, passando um braço em volta da cintura. — Só para constar, você estará vagando por Mis usando apenas calças de moletom quando eu voltar?

O sorriso de Lach ficou lascivo e promissor. — Acho que você terá que voltar sempre para descobrir, não é?

— É um acordo.

— Ooooh, — Lach sussurrou, a respiração fantasma sobre a concha do ouvido de Thanatos. — Acabei de fazer um acordo com a morte. Parece que é o tipo de coisa que não deveria me sugerir que você nos mande de volta para o nosso quarto, não é?

— E ainda aqui estamos — respondeu Thanatos, tentando conter uma risada. Aquele pouquinho de tensão remanescente, de imaginar quando Lach iria apontar que Thanatos era a própria morte novamente, começou a se descontrair. Ele era a morte. E Lach o amava.

Lach deslizou as mãos pelos braços de Thanatos, segurando as duas mãos. — Rápido, enquanto ninguém está olhando, por que você não nos faz mais aqui?

— Todo mundo está olhando — apontou Thanatos.

Lach virou-se para dar uma piscada atrevida na sala antes de voltar para Thanatos. — Melhor ainda. Agora eles sabem que sou um sortudo. Vamos para casa foder.

Então Thanatos apertou as mãos e pensou naquele ridículo santuário de cabeças bobas em Misericórdia.

Casa.